

Meu Marido

MAFIOSO

Lorenzo, o ÚLTIMO HERDEIRO



ARY NASCIMENTO

LIVRO V



Meu marido mafioso

- Lorenzo, o último herdeiro -

UM ROMANCE DE
ARY NASCIMENTO

Série Chefes da máfia
Livro 5

(para um melhor entendimento desta história é necessário ler o livro anterior)

FICHA CATALOGRÁFICA

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora e da editora.

Este livro foi composto na ordem em que seu conteúdo foi escrito, não sendo permitida a modificação de conteúdo em sua forma original, nem por seus editores, nem por quaisquer outros elementos pertinentes à obra que não seja a autora.

Proibida a comercialização e reprodução parcial ou integral, em qualquer meio, sem prévia autorização por escrito.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) Câmara Brasileira do Livro.

Revisão de Texto: Ana Terra Bourbon, Christiane Calixto

Diagramação: E. A. Capas & Diagramação

Designer de Capa: Jota Capas

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Nascimento, Ary

Meu Marido Mafioso: Lorenzo, o Último Herdeiro

Literatura Brasileira 2. Romance 3. Máfia

1ª Edição, Rio de Janeiro - RJ

Direitos Reservados © Ary Nascimento • 2021, Rio de Janeiro – Brasil

Copyright © 2020 Ary Nascimento

Sumário

[Aviso da autora](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Prólogo](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 1](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 2](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 3](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 4](#)

[Camila](#)

[Capítulo 5](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 6](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 7](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 8](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 9](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 10](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 11](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 12](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 13](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 14](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 15](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 16](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Bônus Frederico Falcone](#)

[No dia seguinte](#)

[Capítulo 17](#)

[Frederico](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 18](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 19](#)

[Camila](#)

[Capítulo 20](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 21](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 22](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 23](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 24](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 25](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 26](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 27](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 28](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 29](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 30](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 31](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 32](#)

[Lorenzo](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 33](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 34](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 35](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 36](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 37](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 38](#)

[Lorenzo](#)

[Capítulo 39](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Camila](#)

[Capítulo 40](#)

[Camila](#)

[Lorenzo](#)

[Lorenzo](#)

Capítulo 41

Camila

Lorenzo

Lorenzo

Epílogo

Lorenzo

Camila

Lorenzo

"Amo-te como um bicho, simplesmente,
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim muito e amiúde,
É que um dia em teu corpo de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude."

Vinícius de Moraes

Aviso da autora

Eu amo um clichê!

Amo livros com mocinhos arrogantes, super protetores e possessivos... Amo os *bad boys* malvados, com passados conturbados... Amo aqueles homens que, no início, dão trabalho, mas no fim terminam como cordeirinhos. Contudo, eu amo tudo isso **nos livros**. A realidade é totalmente diferente: **um homem violento não vai mudar porque se apaixona por você!**

Na vida real isso NÃO ACONTECE.

Eu amo escrever e ler livros assim. Como escritora e leitora sim, como mulher, NUNCA!

Sou totalmente contra e abomino todo e qualquer tipo de violência.

Não permaneça em um relacionamento abusivo na esperança de que o cara se apaixone por você e mude. ELE NÃO VAI MUDAR!

O Brasil registra um caso de feminicídio a cada 7 horas. A cada 2 segundos, uma mulher é agredida no nosso país.

Não seja a próxima vítima. Ao menor sinal de abuso físico e mental, corra e peça ajuda. Você não está sozinha!!!

Matheo, Enzo, Pietro, Raphael, Romeu, Inácio e Lorenzo são personagens fictícios, totalmente diferentes de homens da vida real.

INFELIZMENTE ELES NÃO EXISTEM!

Proteja-se. Ame com segurança e seja muito feliz.

Esta obra não é recomendada para menores de 18 anos.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes e fatos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

AGRADECIMENTOS

Com o coração totalmente preenchido de amor e de uma enorme emoção, mais uma vez venho aqui agradecer, em primeiro lugar, a Deus. Quero agradecer também a tantas pessoas, tão fundamentais nessa caminhada.

Esse quinto livro da série Chefes da máfia traz consigo uma grande alegria e sensação de dever cumprido. Foram 5 livros lançados em menos de um ano, do jeitinho que eu sonhei.

Teoricamente esse é o último livro da série. Na prática? Não sei!

É difícil demais me despedir dessa família que, apesar de mafiosa, transmite tanto amor. Não estou pronta para dizer adeus, assim como muitos dos meus leitores relatam todos os dias que também não estão. Então, que Deus me dê inspiração para continuar.

Quero mais uma vez agradecer às minhas revisoras, Ana Terra Bourbon e Christiane Calixto, que o trabalho e o elo vão muito além de uma revisão. Meninas, nosso laço é de amor e será eterno.

Quero agradecer a todos os meus amigos, em especial a Rodrigo Pereira e Tamires Rodrigues. Vocês são mais que amigos, são meus apoiadores e incentivadores e embarcaram comigo nessa aventura.

Sempre agradecerei aos meus amados e fiéis leitores, que me fazem feliz. Vocês é que fazem a mágica acontecer.

Quero agradecer também às minhas leitoras betas, Ana Vizentim e Jéssica Moura; à minha capista maravilhosa Jéssica Batista e à minha diagramadora Emily Amite; e minhas amigas do grupo Princesas literárias.

Agradeço, por fim, à minha família e, em especial, ao meu parceiro da vida, Ulisses Cavalcanti, meu amor.

Obrigada a todos por tudo e por tanto. Vocês são um presente.

Boa leitura

Ary Nascimento

Prólogo

Lorenzo

Dezembro sempre foi o mês mais frio do ano na Itália. Naquele dia, particularmente, estava nevando pra caralho e fazendo um frio insuportável, tanto que, mesmo com todas as minhas roupas de inverno pesadas, quase congelei. Como se não bastasse, as ruas estavam um caos, não apenas por causa da neve, mas pela aproximação das festas de fim de ano.

Eu queria estar tranquilo e aproveitando a folga em casa, tomando um vinho com meus primos, mas como eu era um péssimo tio e tinha esquecido de comprar o presente de Natal das crianças, tive que sair para enfrentar a porra do gelo e o tumulto de pessoas descuidadas, como eu, que deixavam tudo para cima da hora.

Dispensei os soldados e fui sozinho, pois queria resolver tudo o mais rápido possível e voltar para casa. Fui direto em uma loja que eu sabia que tinha brinquedos para todas as idades, assim me pouparia de ficar andando de um lado para o outro. Quando entrei, uma vendedora muito receptiva veio me atender.

— Boa tarde, senhor. Em que posso ajudá-lo?

— Boa tarde, querida. Você poderia me ajudar em muitas coisas, mas hoje estou com pressa e vai ter que ficar para a próxima — respondi e dei uma piscadinha.

A morena sorriu, não disfarçando o interesse.

— Eu preciso de presentes para os meus sobrinhos e primos. São crianças com idades variadas, e um deles ainda não nasceu.

— Certo. O senhor pode me dizer o sexo e a idade deles, assim eu indico o que achar mais apropriado.

— Ótimo, então vamos ao trabalho.

Passei a lista para a vendedora, e ela ficou muito animada ao ver o nome de sete crianças, afinal a comissão seria boa. Ela teve

sorte, pois, se tinha uma coisa que a minha família gostava de fazer, era filho. Pareciam coelhos. Quarenta minutos depois, eu saí da loja carregando diversas sacolas com presentes.

Eu deixei meu carro um pouco afastado da loja, por causa da neve e da quantidade de veículos nas ruas, então resolvi cortar caminho. Eu conhecia a cidade de ponta a ponta, sabia que pegando alguns atalhos, evitaria o tumulto e chegaria mais rápido. Entrei por alguns becos e escutei um barulho estranho, então fiquei em alerta.

Diminui o ritmo dos meus passos e, durante alguns segundos, não ouvi mais nada de diferente, mas quando voltei a andar, ainda atento, escutei um pedido de socorro abafado, parecia ser a voz de uma mulher.

Eu quis ignorar e voltar para casa, mas eu não conseguiria. Primeiro porque tudo o que acontecia nesta cidade nos dizia respeito, e segundo porque eu não resistia, nem virava as costas, ao pedido de socorro de uma mulher indefesa.

Silenciosamente, coloquei as sacolas em um canto ao lado de uma caçamba de lixo e resolvi verificar. Aquela parte da cidade estava mais deserta, mas dava para perceber que eu estava próximo a um outro beco, de onde vinham os pedidos de socorro. A neve que caía atrapalhava um pouco a visibilidade, mas não o suficiente para me impedir de ver dois babacas tentando se aproveitar de uma garota. O que eu vi fez meu sangue ferver imediatamente. Um deles a segurava, tapando sua boca, enquanto o outro tentava arrancar a roupa da garota. *Miseráveis! Estupradores são a escória do mundo.*

Uma raiva sem tamanho me consumiu e eu me aproximei, eles estavam tão distraídos que não me viram.

— Larguem ela — falei calmamente.

Os dois se assustaram e me olharam. Nesse momento, percebi que um deles segurava uma faca bem próximo ao pescoço da garota. Assim que me viu, o outro bastardo tirou uma faca da roupa e apontou para mim. Eu quase ri.

— Cai fora, babaca! Não tente dar uma de herói ou vai acabar se machucando. Essa delícia é nossa, nós a vimos primeiro — o imbecil que estava segurando-a falou e passou a mão no rosto dela.

— Eu disse para largar ela — repeti, sem me alterar. — Estou perdendo a paciência e eu acho que vocês não gostarão de me ver impaciente — completei.

— Quem você pensa que é pra chegar aqui dando ordens, garoto?

Eu ri. Ele não imaginava quem eu era, mas iria descobrir da pior maneira possível e, de lá do inferno, ele lamentaria não ter fechado a boca e fugido assim que me viu.

Eu não queria desperdiçar mais tempo com aqueles vermes, então peguei minha pistola que, felizmente, estava com o silenciador e, em dois segundos, atirei na cabeça dos bastardos. Sangue espirrou para todo lado, e os dois caíram no chão, mortos. Estupradores não tinham uma segunda chance comigo e com minha família, pois já havíamos errado uma vez.

A menina gritou e me encarou com os olhos arregalados. Ela parecia aterrorizada, e eu estava acostumado a receber esse tipo de olhar. Não me incomodava saber que alguém estava com medo de mim, na maioria das vezes eu até gostava, mas eu me sentia mais confortável quando via admiração e tesão, ao invés de terror, no olhar das mulheres.

Aproximei-me da garota, e ela se encolheu, então parei há poucos passos de distância para não assustá-la ainda mais.

— Calma, eu não vou machucar você — falei, incomodado com a reação dela.

— Não se aproxime de mim! — ela falou, me fulminando com o olhar. — Você acabou de matar dois caras na minha frente, sem nenhum esforço. Eu não confio em você.

— Da próxima vez, deixo você se virar sozinha, para não te “traumatizar” — falei irônico.

— Você quer que eu te agradeça? O fato de você tê-los matado não torna você um herói, mas sim um assassino, um

criminoso como eles.

— Vai mesmo me comparar a esses fodidos? Eu não sou um cara bom, você está certa, mas também não sou um covarde que estupra mulheres — falei e me virei para sair. Eu não ficaria perdendo meu tempo com as acusações de uma estranha.

— Aonde você vai? — ela perguntou, aflita, assim que lhe dei as costas.

Virei-me novamente na direção dela para responder, embora ela não merecesse.

— Eu vou para minha casa, e você deveria fazer o mesmo, antes que apareça outro babaca e você não tenha um assassino para te salvar. Boa sorte — respondi, decidido a ir logo embora.

— Espera! — ela gritou outra vez.

Eu fechei os olhos, buscando paciência.

— O que foi dessa vez? — perguntei.

— Você não pode me deixar aqui e...

— Não posso? Eu salvei sua pele e você sequer me agradeceu. Você me chamou de assassino e agora quer algo de mim?

— Eu não tenho muitas opções, então... — ela deu de ombros. — Pelo menos, você é um assassino com algum escrúpulo, já que me salvou de dois escrotos. Além disso, se quisesse me fazer algum mal, já teria feito.

— Eu realmente não quero te fazer mal, tampouco quero a sua companhia, então estou indo embora. Feliz Natal — respondi.

Comecei a me afastar, mas ela voltou a falar:

— Você pode, pelo menos, me dar uma carona? Estou com medo de ficar sozinha aqui e, depois de tudo o que passei, também não quero ir sozinha para casa.

— Como assim? Você vai entrar no carro de um assassino? — perguntei com ironia.

— Você levou mesmo isso para o coração?! Não acredito que esteja assim tão ofendido. Não, talvez com o ego ferido,

decepcionado por eu não ser a menina emocionada que vê você como um herói que a salvou. A cena que eu acabei de ver não condiz com um cara sensível e inseguro que não aceita críticas — ela retribuiu a ironia. — Vamos começar de novo então. Desculpa, você é um assassino do bem. Está bom assim?

— Você é maluca.

— Vai rolar a carona ou não vai?

Olhei-a, avaliando a situação. A garota só podia ser louca! Primeiro, ela estava com medo de mim, depois não parecia nem um pouco assustada e se ofereceu para pegar uma carona. É uma mulher problemática, na certa.

— Por favor, estou congelando e com fome — ela falou, tentando me convencer.

Respirei fundo e assenti, sabendo que provavelmente me arrependeria. Ela sorriu, pulou os corpos dos caras caídos e correu na minha direção, sorrindo. Com certeza, aquela garota era maluca, minutos atrás me olhava apavorada e agora pulava corpos como se não fosse nada.

— Vamos, meu carro está aqui perto — falei, mas não retribuí o sorriso.

Passei por onde tinha deixado as bolsas com os presentes das crianças, peguei-as e continuei andando. Ela franziu a testa, interrogativamente, mas não perguntou nada. Quando chegamos ao meu carro, abri a porta para ela entrar, coloquei as bolsas no banco de trás e sentei no banco do motorista.

— Coloca o cinto — falei.

A garota obedeceu, em seguida tirou o capuz do casaco que cobria a cabeça e me olhou. *Porra, ela é bonita.* Sem o capuz enorme tapando todo o seu cabelo e boa parte do rosto dava para vê-la melhor. Ela tinha os olhos verdes e o cabelo castanho claro, liso e bem grande. No mesmo instante, deu-me vontade de sentir a textura daqueles fios.

— O que você está olhando? — ela interrompeu meus pensamentos.

— Nada.

— Engraçado, eu podia jurar que você estava me achando atraente.

— Além de maluca, é convencida.

— Tira o seu também.

— O quê? — perguntei, sem entender.

— Tira o seu capuz também, quero te ver melhor — ela explicou e puxou o capuz da minha cabeça.

— Você é muito bonito para um assassino e isso o torna mais perigoso do que já é. Esse seu cabelo, meio encaracolado, te faz parecer um anjo... do mau.

— E você fala demais para uma menina indefesa — respondi e dei partida no carro.

— Eu não sou uma garota indefesa.

Ignorei o que ela disse e mudei de assunto.

— Para onde eu a levo?

— Pode me deixar perto da sua casa, de lá eu me viro.

— O quê? Eu vou levar você para a *sua* casa, já que você está aqui — falei e, percebendo que ela não ia responder, pois estava fingindo distração olhando para a frente, continuei: — Será que você pode me dar seu endereço? Estou com pressa, minha família me espera em casa para a festa de Natal.

— Eu não posso.

— Como não pode? Dá para ser mais clara? Você não é o tipo de garota que fica dando voltas para falar algo.

— Não posso te dar meu endereço, porque eu não tenho casa, não tenho para onde ir.

— Do que você está falando, garota? Você está muito bem vestida para ser uma moradora de rua.

— Eu não disse que sou uma moradora de rua, só disse que não tenho uma casa... no momento.

— Não tem uma casa ou não quer voltar para ela?

— Na verdade, eu não posso voltar para minha casa. Será que eu posso ficar na sua casa? Só hoje, amanhã eu vou embora.

— Você ficou louca? Eu não vou te levar para minha casa, nem te conheço. Nem sei se você não é uma psicopata — falei, provocando-a, mas ela não riu. — Por que você não pode voltar para casa?

— Não é da sua conta!

Olhei para ela, incrédulo. *A garota diz estar precisando de mim e ainda é abusada.* Parei meu carro no acostamento, liguei o alerta e me debrucei sobre ela para abrir a porta do carona.

— Desce — falei, seco.

— Você vai me deixar aqui, sozinha e desamparada? — ela perguntou, olhando-me espantada.

— Não vou proteger alguém que eu nem conheço e que, ainda por cima, se recusa a falar comigo. Além do mais, você não é uma menina indefesa e desamparada, é uma abusada, isso sim.

— Eu não conheço você. Não posso me abrir para um estranho.

Nessa hora foi inevitável, eu ri mesmo sem a menor vontade.

— Você não quer me dizer a merda em que está metida porque não confia em mim, mas quer ir para minha casa?

— É diferente, você não entenderia — ela disse. — Não tenho opção, preciso da sua proteção até eu conseguir sumir da Itália. Sei que você é perigoso, afinal matou dois caras na minha frente sem hesitar, e talvez seja exatamente de alguém assim que eu preciso nesse momento. O mais sensato seria eu correr para bem longe de você, mas, por algum motivo, sinto que você não vai me machucar. Você me salvou daqueles babacas, afinal.

— Não confie tanto em mim, porque eu não sou um cara bom. Tenho instintos ruins e, como você já viu, sou um assassino. Não pense que estou falando isso porque foi do que você me chamou, só é a verdade.

— Eu sei, mesmo assim eu sinto que posso confiar em você.

— Você não deveria...

— Por favor, só por hoje. Eu realmente não tenho para onde ir. Está muito frio, eu estou com fome e não tenho onde passar essa noite de Natal — ela falou, fitando-me com olhos suplicantes e cheios de lágrimas.

A garota era atrevida e abusada, mas naquele momento enxerguei toda sua vulnerabilidade... *Que caralho, porque eu sou assim? Por que não consigo resistir a uma mulher chorando?*

— Tudo bem, mas só até amanhã e você vai me contar de que porra está fugindo. Ah, e não tente me enganar, porque eu posso descobrir tudo sobre você em um estalar de dedos. Estou te dando a oportunidade de me contar sua versão da história.

— Tá bom, eu prometo. Leve-me para casa, encha minha barriga de comida, me deixe tomar um banho quente e eu te conto tudo.

— Abusada.

Assim que saí com o carro novamente, ela me olhou e sorriu. Ela tinha um sorriso lindo.

Fizemos o restante do trajeto em silêncio e, quando cheguei ao complexo, entrei com os vidros fechados, pois não queria que ninguém a visse, no entanto era questão de tempo até saberem da presença dela aqui. Estacionei o carro na minha garagem e abri a porta para ela, que saiu observando tudo ao seu redor. A essa hora, todos já estavam na casa do Raphael, onde seria a ceia de Natal esse ano.

— Venha — chamei abrindo a porta de casa.

— Nossa, você tem muito dinheiro. Que lugar maravilhoso!

— Entra logo, antes que eu me arrependa.

Dei passagem e ela entrou, curiosa, olhando para todos os lados. Tirei meu casaco, pedi o dela, e os pendurei. Ela se distraiu olhando para os cômodos da casa, e eu me distraí olhando para ela, que usava botas de cano alto e uma calça preta muito apertada. Sem o casaco enorme dava para ver que ela era gostosa pra

caralho, tinha uma bunda perfeita, seios fartos e seus cabelos castanhos eram compridos e bem lisos.

Eu estava tão distraído, reparando em seu corpo, que levei um pequeno susto quando a ouvi perguntar:

— Você mora sozinho?

— Nessa casa, sim, mas toda minha família mora nesse complexo.

— Você tem uma família grande?

— Tenho.

— Eu sempre quis ter uma família grande — ela disse, com ar de desapontamento.

— Venha, vou te levar até o quarto de hóspedes — interrompi aquele clima estranho que começou a surgir.

Fomos para o andar de cima e ela continuava curiosa, olhando tudo por onde passava, e eu só conseguia pensar onde eu estava com a cabeça para trazer essa garota para casa.

— Você pode ficar nesse quarto até amanhã. Tem toalhas limpas no banheiro, tome banho e desça, enquanto isso vou providenciar alguma coisa para você comer.

— Tá bom. Obrigada.

Deixei-a no quarto e desci pensando em como chegar na ceia de Natal com aquela garota que eu... *Minha nossa, eu nem ao menos sei o nome dela.* Quase meia hora depois, ela apareceu na cozinha, onde eu estava terminando de preparar dois sanduíches..

— Tive que vestir a mesma roupa, mas obrigada pelo banho, já me sinto renovada.

— Eu me esqueci completamente disso. Quer uma roupa minha emprestada?

— Para dormir seria legal, ficaria mais confortável. Isso é para mim? — ela perguntou, apontando para o sanduíche.

— Sim, acabei de fazer.

Ela não se fez de tímida, imediatamente se aproximou de mim, pegou o prato com os sanduíches, sentou à mesa e começou

a comer, sem parar nem para respirar direito. Então, peguei uma jarra de suco de laranja na geladeira, servi num copo para ela e sentei também. Na mesma hora ela pegou o copo e bebeu quase todo o suco de uma vez. A garota estava faminta mesmo e isso apertou um pouco meu peito.

— Há quanto tempo você não come?

— Desde ontem à tarde. Eu fugi de casa só com a roupa do corpo, não peguei celular, nem dinheiro, porque não tive tempo.

— Eu quero saber o porquê, do quê ou de quem você está fugindo.

— Posso pelo menos terminar de comer?

— Você já comeu um sanduíche inteiro. Já deu pra saciar um pouco a fome, então pode me contar enquanto come o segundo.

— O mais provável é que eu perca a fome quando começar a falar.

Ela parecia genuinamente triste, e eu estava cada vez mais intrigado com aquela menina.

— Qual o seu nome? — perguntei.

— Camila.

— É um nome muito bonito, eu gosto. Eu li um livro que fala sobre mitologia romana, e conta a história de Camila, uma amazona italiana, filha de Métabo, rei dos volscos. Desde então, gosto desse nome.

— Que homem culto — ela falou sorrindo, e eu acabei sorrindo também.

— Ler não me torna um cara culto, até porque se eu dependesse disso estava fodido. Não é que eu não goste, mas tenho pouco tempo para ler.

— Sei — ela disse, fingindo desconfiança. — E você, como se chama?

— Lorenzo Esposito.

Por um momento, vi sua expressão mudar um pouco. Ela parecia assustada, talvez já tenha ouvido falar sobre a minha

família, mas tentou disfarçar e, em seguida, relaxou novamente.

— Droga, eu não sou culta como você. Não sei nada sobre seu nome, mas vou pesquisar, porque é bonito — ela riu novamente e voltou a comer.

— Não tem nenhuma história por trás do meu nome, é apenas o favorito do meu pai. Agora, Camila, me conte sua história.

— Você não vai desistir, não é?

— Pode apostar que não.

— *Tá, tá*, tudo bem. Eu vou contar.

Capítulo 1

Camila

Eu não queria contar nada sobre minha vida a Lorenzo, pois provavelmente quando ele soubesse de quem eu era filha e a encrenca na qual eu estava metida, ele me mandaria de volta para casa. Entretanto, ele não ia me deixar ficar sem falar o que tinha acontecido.

— Lorenzo, por favor, não tente me obrigar a voltar para casa. Para lá eu não volto, prefiro ficar na rua e...

Antes que eu terminasse o que estava falando, ouvimos uma voz feminina.

— Bebê, você está aí?

— Quem é? — perguntei, assustada, já me levantando da mesa.

— Merda! É a minha mãe. Não quero que ela te veja aqui, me espera lá em cima.

Peguei o resto do sanduíche que ainda estava comendo e corri para o outro andar da casa, mas ao invés de entrar no quarto, fiquei escondida no corredor, ouvindo o que eles falavam.

— Filho, onde você estava?

— Fui comprar os presentes das crianças, minha rainha, primeira dama da máfia siciliana.

Máfia? Então é isso mesmo, eu me lembro. Afastei as lembranças e continuei ouvindo.

— Você está me elogiando muito, Lorenzo Collins Esposito. O que você está me escondendo?

— Falando meu nome completo, mama? A coisa tá ficando séria — Lorenzo respondeu com a voz brincalhona e deu uma risada. — Não estou escondendo nada, princesa do meu pai.

— Sei que você está mentindo, mas vou deixar passar porque estou gostando de ser paparicada — a mãe dele falou. — Eu vim te chamar, já estamos todos na casa do Rapha, só falta você.

— Eu ainda vou me arrumar, vai indo, mama.

— Lorenzo, você está muito estranho.

— Pare de tentar arrumar problemas onde não existem, dona Liliane.

Ouvi um barulho de beijo e, em seguida, tudo ficou em silêncio. Ao ouvir o som da porta bater, corri para o quarto, praticamente engoli o restante do sanduíche e fui ao banheiro da suíte em que eu estava. Em uma das gavetas, encontrei uma embalagem de escova de dentes e abri para usar.

Quando voltei para o quarto, me assustei ao dar de cara com Lorenzo parado perto da cama. Ele já estava vestido com roupas diferentes, provavelmente ia para a casa da família comemorar a véspera de natal. *Isso me dará algumas horas de paz.*

— Sobrevivi a uma noite inteira na rua, a dois babacas que tentaram me agarrar e, agora, você quer me matar de susto? — perguntei irônica.

— Não foi minha intenção. Apenas vim te avisar que eu vou à casa do meu primo e, quando eu voltar, nós conversaremos. Se eu não for a essa ceia, aparecerão outras pessoas aqui me chamando e alguém vai acabar te vendo.

— Não se preocupe comigo. Aproveite seu Natal em família, eu vou ficar bem.

— Caso você sinta fome, fique à vontade para comer o que quiser. Eu tenho uma pequena sala de vídeo aqui, caso queira assistir um pouco de tevê para se distrair. Faça qualquer coisa, mas não apareça lá fora e não apronte nada, porque a casa é monitorada por câmeras. Fique quietinha aqui, eu não quero que ninguém te veja.

— Sim, senhor — falei sorrindo, mas sem achar nenhuma graça.

Lorenzo se virou, saiu do quarto e, instantes depois, escutei a porta da casa batendo. Respirei fundo tentando me acalmar, deitei na cama e fechei os olhos para organizar meus pensamentos. *O destino nunca se cansa de me ferrar. Nos últimos tempos ele transformou minha vida em uma piada de mau gosto.*

Tive uma vida normal até os 15 anos. Eu era uma adolescente muito feliz, extremamente mimada pelos meus pais que tinham muito dinheiro. Minha vida era tranquila e fútil, e eu era uma garota rebelde que não fazia a menor questão de se preocupar com coisa alguma.

Sempre adorei festas e baladas, pois adorava dançar. Por isso, minha amiga Pietra e eu — que não aparentávamos ter apenas 15 anos —, falsificamos nossas identidades para irmos às baladas. Nós bebíamos sem levantar suspeitas, dançávamos e ficávamos com meninos mais velhos. Enfim, aproveitávamos a vida.

Minha família era perfeita. Meu pai, Frederico Falcone, era um renomado juiz, muito conhecido e bem falado em toda Itália. Ele era muito carinhoso comigo e demonstrava todos os dias o quanto me amava, no entanto, meu mundo começou a desmoronar quando minha mãe foi diagnosticada com câncer no intestino. Depois disso, tudo mudou.

Eu nem tive tempo de entender tudo o que estava acontecendo. Em poucos meses, minha mãe passou de uma mulher saudável e feliz para uma pessoa triste e abatida; três meses depois do diagnóstico ela se foi e, junto com ela, levou toda a estrutura da nossa vida familiar. Meu pai se transformou em outro homem: começou a beber descontroladamente, faltou ao trabalho e a várias audiências importantes, e quase foi exonerado ao comparecer alcoolizado em uma outra. Ele foi afastado do trabalho e, depois disso tudo, as coisas só pioraram.

Os anos passaram, ele foi diagnosticado com depressão e passou um longo tempo afastado dos tribunais para se tratar. Meu pai se perdeu. Ele bebia, chorava nos meus braços até dormir e, no

dia seguinte, quando estava sóbrio, me pedia perdão pelos momentos de fraqueza. Ele sempre dizia que me amava muito e que se me perdesse também se mataria, pois depois que minha mãe partiu, eu era sua única razão para viver. Meu pai prometia que não iria beber mais, mas nunca cumpria.

Começamos a ter problemas financeiros, afinal o álcool potencializava o efeito dos antidepressivos que ele usava, e isso o deixava dopado com frequência, incapaz de se preocupar com o sustento da nossa casa. Depois de um tempo, ele parou os medicamentos e já não ficava mais dopado, no entanto, continuava bêbado

Um dia ele entrou em casa cambaleando tanto que eu fiquei preocupada e, quando me aproximei, percebi que ele havia urinado nas calças. Acendi a luz da sala para fazê-lo sentar na poltrona e fiquei chocada ao ver seu real estado. Ele estava com um dos lados do rosto roxo e inchado, seu nariz e o canto da boca tinham sangue seco, e estava todo sujo e descabelado.

Nos encaramos por alguns segundos e, mesmo ciente de que no dia seguinte talvez ele nem se lembrasse das coisas que ouviria, eu explodi.

— *O que você pensa que está fazendo com a sua vida, aliás, com a nossa vida? Pai, olhe para mim, eu só tenho 17 anos. Não foi só você quem perdeu sua esposa, eu também perdi a minha mãe e estou sem chão desde então, morrendo de dor. Era para estarmos nos consolando, vivendo esse luto juntos, mas desde que ela se foi a minha vida é cuidar de você, bêbado, esperar até de madrugada, preocupada, para saber se você vai chegar bem. E eu? Quem cuida de mim?*

Aquela carga era pesada demais para mim, eu não aguentava mais e precisava colocar para fora toda a minha dor ou iria enlouquecer.

— *O senhor não tem ideia de quantas vezes eu chorei até dormir com saudades da mamãe, sem colo, sem abraço. Eu sinto tanta falta dela que tem dias que parece que vou morrer e... nesses momentos eu só queria me aninhar no seu colo e sentir seu amor e*

proteção, sentir que não fiquei sozinha depois que ela se foi. Eu queria sentir que ainda tenho você, pai, mas você nunca está em casa por mim e para mim. Você sempre está na rua ou, quando em casa, está desmaiado de bêbado, me obrigando a ser forte para te consolar nas suas crises.

— Me perdoa, filha!

— Eu não aguento mais! Já faz anos que ela se foi, mas a vida continua e nós precisamos seguir em frente mesmo morrendo de dor. Eu estou tão cansada de tudo que não sei mais onde encontrar forças.

Exausta de sentir e de falar, me deixei levar pelo choro. Instantes depois, meu pai veio até mim, me abraçou e chorou junto comigo, prometendo que dessa vez mudaria de verdade.

— Você tem toda razão, minha pequena, era eu quem deveria estar sendo forte por você, porque eu sou seu pai. Eu vou parar de beber e ser um pai digno novamente, por você. Perdoe-me, filha. Você é tudo o que eu tenho e eu te amo muito.

Eu apenas assenti, já sem esperanças, afinal ele já havia prometido outras vezes e nunca cumpriu.

Aos poucos ele diminuiu a bebida, foi se recuperando e voltou a trabalhar, já se parecendo com o pai amoroso que era. Depois de um tempo, percebi algumas atitudes estranhas nele. Meu pai recebia telefonemas sigilosos constantemente e estava sempre tenso e angustiado.

Eu não sabia o que estava acontecendo, mas tinha consciência de que era algo muito grande. Um dia, vencida pela curiosidade, entrei em seu escritório e encontrei um arquivo em cima de sua mesa. Encostei a porta e voltei para abri-lo. Lá dentro havia dois envelopes, um escrito "*Máfia*" e outro, "*moto clube*". O da máfia me chamou mais a atenção, então abri e vi que era um dossiê. Comecei a ler rapidamente e lembro que, em um dos trechos, tinha o sobrenome do Lorenzo.

"Em evidência, temos a Cosa Nostra,

com uma movimentação financeira na casa dos 150 bilhões de euros anuais (quase 9% do PIB italiano), gerenciando 60% do tráfico global de cocaína e presente em trinta países.

Em cada região, a organização criminosa tem suas peculiaridades e possui uma estrutura específica de atuação nos mais diversos negócios ilícitos, entre eles: jogos de azar e lavagem de dinheiro. A família Esposito lidera esta organização criminosa há anos e é a mais rica e poderosa do mundo."

Eu me lembrava de ter ficado muito impressionada quando li esse trecho e queria ler mais, mas não podia me arriscar, então guardei o dossiê no envelope e saí do escritório do meu pai, pensativa. Para muitos de nós, italianos, a máfia mantém uma aura mágica. Nas lojas do centro, por exemplo, é comum venderem camisetas do poderoso chefão, — de maneira simbólica, claro, sem rostos ou nomes —, também vendem isqueiros em formas de armas e outros objetos que remetem à ideia de máfia.

Eu nunca fui uma garota muito normal. Nunca me senti dentro dos padrões, como o resto do mundo, e nunca consegui deixar de sentir uma fascinação pelo submundo do crime. Sempre amei filmes de máfia e gostava da sensação do perigo na ficção, mas nunca me imaginei vivendo nada disso. Como a vida era estranha... Naquele momento eu me encontrava, muito provavelmente, dentro da casa de um mafioso e não um qualquer.

Apesar de ainda não ter visto nenhum outro homem dessa família de mafiosos, certamente Lorenzo seria o mais bonito e gostoso, afinal era impossível algum ser humano normal ultrapassar sua beleza. Ele era tão bonito que me fazia pensar que, realmente, Deus tinha seus preferidos.

Lorenzo

Quando cheguei na casa do Raphael, realmente já estavam todos lá. A noite estava apenas começando e todos estavam muito animados. As crianças corriam pela sala e, quanto mais crianças tinham na família, mais essa coisa de Natal era levada a sério pelas mulheres. Nessa época do ano o complexo parecia a própria cidade do papai Noel. Não que eu tivesse visitado, mas era exatamente igual às que eu via nos filmes natalinos com Vincenzo. O moleque adorava esse tipo de filme e eu, como o melhor tio do mundo, assistia com ele quando, raramente, tinha tempo.

Não havia uma árvore sem enfeites no complexo, além disso as mulheres caprichavam no mundo da fantasia para as crianças. Eu gostava disso. Gostava de prolongar ao máximo a inocência deles antes de descobrirem a realidade do mundo em que vivíamos. O complexo era a nossa bolha, como naquele episódio de *Os Simpsons*, quando uma cúpula foi colocada em cima da cidade de Springfield. Quando eu era mais novo adorava a série. E quando me tornei adulto, compreendi que nós também colocamos nossas casas dentro de uma "cúpula", tornando tudo calmo e seguro para as mulheres e as crianças. Parece cômico, mas criamos em nossas casas um ambiente tranquilo e familiar.

É claro que sempre estivemos atentos e conectados com o mundo lá fora, mas fazíamos de tudo para não misturar nossa vida pessoal com o mundo da máfia, porque todo mundo precisava de um refúgio na vida. Às vezes, esse refúgio era um lugar outras vezes, uma pessoa. Talvez, para nós, fossem ambos.

Eu ainda estava parado na porta quando vi Maria Eduarda se aproximando, sorridente. Ela era uma morena linda, de jogar qualquer homem aos seus pés, no entanto em mim não causava nenhum efeito, afinal ela era do Raphael e isso me fazia vê-la como

nada mais que uma irmã. Meu primo sempre gostou de morenas, e ele é maluco de amor por ela, assim como aconteceu com todos da família Esposito. A flecha do amor não poupou ninguém além de mim. Eu sou louco apenas por bocetas, todas elas, sem distinção.

— Finalmente apareceu — Maria Eduarda me cumprimentou sorrindo.

Ela estava com uma barriga maior que ela. Nem mesmo na gravidez das gêmeas ela ficou com uma barriga tão grande quanto nessa gravidez do Ethan.

Depois de cumprimentar toda a família, me juntei aos caras para beber e conversar. Falamos sobre assuntos leves e, vez ou outra, eu me lembrava da doida que eu estava hospedando em minha casa. Cheguei a sentir um pouco de pena por ter deixado a menina sozinha na véspera de Natal, mas eu não podia trazer uma desconhecida para dentro da casa do Raphael. Na verdade, se eu tivesse pensado racionalmente, nem para a minha casa eu deveria tê-la levado.

Logo depois da ceia, dei minha noite por encerrada. Deixei os presentes no pé da árvore, pois as crianças só abririam na manhã seguinte, e comecei a me despedir de todos.

— Por que vai tão cedo assim, filho? — meu pai perguntou quando eu estava prestes a sair.

— Estou muito cansado, pai.

Ele me olhou em silêncio. *Porra, ele já sabe. Eu conheço esse olhar sério, ele só o usa quando está chateado comigo ou quando está insatisfeito com alguma coisa.*

Meu pai nunca foi um cara violento dentro de casa, mas ele odiava que a gente escondesse algo dele. Nina e eu tínhamos tudo com ele, na maioria das vezes minha mãe era aquela que tentava colocar ordem na casa e ele nos estragava, mas só tinham duas coisas que ele não tolerava: falta de respeito à nossa mãe ou mentira para ele.

— Quem é ela? — ele perguntou, enfático, confirmando minhas suspeitas.

— Eu ainda não sei ao certo. Quem te falou? — falei, mas ele ignorou minha pergunta.

— Você trouxe, para o meio de nós, uma mulher sobre quem você não sabe nada?

— Pai, eu sei que ela não é perigosa. E eu não a trouxe de boa vontade, depois eu te conto melhor o que aconteceu.

— O problema não é ela, Lorenzo. O problema é de onde ela vem. Essa garota pode até ser inofensiva, mas você nem sabe de que família ela é. Eu já cometi erros assim e eles me trouxeram problemas sérios, meu filho, você conhece a história — meu pai falou. — Saiba com quem está se relacionando antes de tudo, porque às vezes a foda não compensa o dano.

— Ela não está aqui por causa de sexo, pai. A garota estava sozinha na rua, quase foi violentada por dois idiotas. Ela não tinha para onde ir, é só por hoje.

— Tudo bem, filho, eu confio em você. Depois você me conta com calma tudo o que aconteceu. Agora, vá para casa e não faça nenhuma besteira.

— Vou tomar cuidado. Boa noite, pai.

Abraçamo-nos e eu segui para casa, pensando em tudo o que meu pai falou. Eu precisava saber o que essa garota estava escondendo.

Assim que cheguei em casa, fui até o quarto dela e, deixando de lado a educação que meu pais me deram, abri a porta sem bater. Aquela conversa com meu pai me deixou apreensivo. *Não vou manter essa garota na minha casa sem saber de onde ela vem e do que está fugindo.*

Camila estava em pé, parada no meio do quarto, me olhando completamente assustada. Reparei que ela já estava usando uma das minhas camisas e, como ela era baixinha, parecia um vestido. *Porra, ela está sexy pra caralho.*

Desci meus olhos pelo corpo dela e, imediatamente, senti meu pau acordar. Ela era cheia de curvas e metade das suas coxas grossas estavam à mostra, me fazendo querer abri-las e me enfiar

no meio delas. *Que porra de pensamento é esse, Lorenzo? Essa menina deve ter no máximo 18 anos, se é que tem isso tudo.* Camila tinha um corpo de mulher, no entanto o rosto de boneca e o olhar não deixavam dúvidas de que ela ainda era novinha.

O que está acontecendo comigo? Logo eu, que sempre gostei de mulheres mais velhas e experientes, me senti atraído por uma menina. Sacudi a cabeça, tentando espantar aqueles pensamentos sobre ela.

— Achei que você fosse demorar mais, então fui ao seu quarto e peguei uma camisa. Desculpe, eu juro que não mexi em nada, só peguei a roupa e saí. Se eu soubesse que voltaria tão cedo, teria esperado.

— Tudo bem, relaxa. Eu estava ansioso para a nossa conversa, não quis demorar para não correr o risco de você dormir.

Ela suspirou e se sentou na cama, claramente desejando não ter essa conversa.

Capítulo 2

Camila

— Eu sei bem como é complicado confiar nas pessoas — ele me disse e parecia sincero. — Eu entendo que pode ser difícil se abrir comigo porque sou um estranho, mas você caiu de paraquedas na minha vida e está na cara que se meteu em alguma confusão e precisa de ajuda. Não é da minha conta, mas é mais forte do que eu.

Lorenzo olhou fundo nos meus olhos, demonstrando impaciência. Ele queria respostas.

— Eu confio em você, só não acho que possa realmente me ajudar.

— Eu posso tudo, basta eu querer. Diga logo, o que está acontecendo — ele falou com um ar arrogante.

Porra, ele fica absurdamente gostoso assim, me olhando de uma maneira que parece ver até minha alma. Lorenzo era o cara mais lindo que eu já vi na vida. Seus olhos azuis e o cabelo ondulado davam a ele uma aura de anjo, mas o olhar intenso e afiado não deixava dúvida de que, apesar da fachada de bom moço, ele era um cara perigoso. Ele exalava agressividade e isso, ao invés de me assustar, me atraía.

— Camila, estou esperando.

Assustei-me com aquela voz grossa e firme me repreendendo e me apressei em responder:

— Tudo bem, você venceu.

Contei, resumidamente, toda a história da minha vida, inclusive o dossiê que encontrei sobre eles, até chegar ao motivo

que me fez sair de casa. Um nó se formou em minha garganta ao revisitar todos aqueles sentimentos.

Lorenzo não me pareceu impressionado em saber que meu pai tinha um dossiê sobre sua família e nem mesmo pediu detalhes ou me interrompeu.

— Eu já estava desconfiada de que meu pai estava envolvido em algo muito ruim. Meu pai sempre foi um homem muito honesto, um ótimo pai e um juiz renomado, mas a morte da minha mãe, a depressão e os problemas com o álcool o transformaram em outra pessoa, ele se perdeu completamente. Então... — titubeei, mas falei o que precisava —, fiquei mais atenta aos passos dele e tentei ouvir suas ligações. Notei que ele começou a sair todos os dias à noite e chegava em casa de madrugada, então um dia eu o segui.

— Você é maluca! Com certeza ele estava metido com coisas pesadas, você se arriscou muito.

— Ele estava envolvido com jogos, apostando dinheiro muito alto. Meu pai apostava quantias que nós nem tínhamos mais, pois foi tudo gasto depois da morte da minha mãe. Eu não pude sequer fazer faculdade, mal terminei o colegial.

Suspirei antes de voltar a falar, pois aquela ainda não era a pior parte da minha história.

— Na manhã anterior ao nosso fatídico encontro no beco, eu estava no meu quarto, ouvindo música como sempre, quando a campainha tocou. Eu sabia que meu pai não atenderia, pois ele tinha chegado em casa com o dia claro e muito bêbado. Então eu desci e, quando atendi a porta, dei de cara com dois membros de um famoso moto clube da região. Eu já sabia que meu pai estava envolvido com eles de alguma maneira e reconheci as jaquetas de couro que eles sempre usam.

— Então seu pai não estava apenas investigando os Outlaws. Ele estava envolvido com eles.

— Aparentemente, sim, e da pior maneira possível. Meu pai está devendo muito dinheiro a eles e nesse dia eles foram justamente cobrá-lo.

Contei ao Lorenzo que eu mal abri a porta e aqueles homens entraram, mesmo sem serem convidados. Eles eram enormes e eu, mesmo sem querer demonstrar medo, tremi dos pés à cabeça. Um dos homens era bem mais novo e foi justamente esse que me causou mais medo, pois ele me avaliava e me olhava dos pés à cabeça, sorrindo de uma maneira maldosa.

— *Qual é o seu nome, docinho?* — o mais velho perguntou.

— *Quem são vocês e o que querem aqui?*

— *Vimos falar com seu pai. Sabemos que ele está em casa, vá chamá-lo!*

— *Meu pai não está bem, faz pouco tempo que ele chegou, está descansando.*

— *Foda-se que ele não está bem!* — o homem disse, alterando o tom de voz. — *Ele me deve e eu vim buscar meu pagamento. Vá chamá-lo, agora!*

Lembro claramente de que, a essa altura, o cara já estava berrando, sem nenhuma paciência. Sem opção, corri para chamar meu pai.

— Eles eram muito assustadores e exalavam perigo, assim... como você — falei, olhando para Lorenzo. — Entretanto, embora vocês possam ser igualmente perigosos, sinto que você não vai me machucar, mas aqueles homens, eu tenho certeza de que não hesitariam.

— Você tem razão, os Outlaws são criminosos inescrupulosos. Nós não nos metemos uns com os outros, pois temos um acordo de paz onde eles não se metem com a máfia, respeitam nossas leis e praticam suas ações fora do nosso território.

Eu apenas assenti e tomei fôlego para continuar a contar minha história a partir do momento que, com muito sacrifício, acordei meu pai.

— *O que vocês estão fazendo na minha casa? Vão embora, eu vou até vocês mais tarde e acertaremos tudo.*

— *Não, Frederico Falcone. Nossa paciência acabou junto com o nosso tempo, não sairemos daqui sem o nosso pagamento —*

o homem mais velho falou com um tom ameaçador.

— *Suba, Camila.* — Meu pai engoliu em seco. — *Vá para o seu quarto e não saia de lá até eu te chamar.*

— *Mas pai...*

— *Suba agora, porra!* — meu pai gritou, me assustando.

Ele nunca tinha gritado comigo, assustada, achei melhor obedecer. Subi as escadas, correndo e sem olhar para trás.

Eu sabia que algo muito ruim iria acontecer naquele encontro, por isso ao invés de ir para o meu quarto, fiquei escondida próximo à parede no corredor para escutar a conversa. Estava preocupada com meu pai, ao ponto de pensar em chamar a polícia, mas certamente se o fizesse, meu pai também estaria encrencado, afinal um juiz não podia se envolver com homens fora da lei. Resolvi apenas ouvir e depois resolver o que fazer.

— *Nós viemos buscar nosso pagamento* — um dos homens falou, exaltado.

— *Eu disse que precisava de mais um tempo. Se vocês não estivessem colocando a porra dos juro diários, seria bem mais fácil.*

— *Pra cima de mim com essa conversinha, Frederico? Você sabia das nossas regras quando pediu o empréstimo.*

— *Eu vou arrumar a porra do dinheiro, mas vão embora, não quero envolver minha filha nisso.*

— *Pensando bem... Nós não queremos mais o dinheiro, queremos outro tipo de pagamento. Nós sabemos que você não tem e não terá esse dinheiro tão cedo, então vamos facilitar as coisas para você.*

— *Não estou entendendo onde vocês querem chegar*

— *Sua filha é virgem, Frederico?*

— *O quê? Você está maluco! O que minha filha tem a ver com isso? Ela ainda é uma criança, porra!*

— *Nós queremos casar sua filha com meu filho.*

— *Nunca! Vocês só podem estar loucos.*

Os dois homens deram gargalhadas sombrias que me fizeram estremecer.

— *Nós não estamos pedindo, estamos apenas comunicando.*

— *Eu vou pagar a vocês, caralho! Vou arrumar o dinheiro o quanto antes, mas deixem minha filha em paz.*

— *Não queremos mais o seu dinheiro, queremos ela!* — o homem respondeu, enfático. — *Ou você nos entrega sua garotinha ou as consequências serão desastrosas.*

— *Eu não vou entregar minha filha a vocês, seus fodidos.*

— *Você tem 24h para nos entregar a garota, caso contrário todos saberão o juiz de merda que você é. Nós jogaremos toda a merda no ventilador e, de uma forma ou de outra, a menina será de Giovanni. E não tente nenhuma gracinha ou você e ela vão se machucar.*

Lorenzo fez menção de se aproximar de mim ao perceber o quanto aquela lembrança me afetava, eu revivi no meu corpo todas as sensações daquela manhã: a respiração ofegante, o corpo trêmulo e os pêlos eriçados. Aquilo não podia estar acontecendo comigo.

Respirei fundo, acalmei um pouco e voltei a falar:

— Foi horrível, Lorenzo. Eu ouvi barulho de coisas se quebrando, desci as escadas correndo e vi meu pai descontrolado, jogando vários objetos na parede da sala. Aproximei-me dele chorando, e ele me abraçou apertado e beijou minha cabeça. Ele mandou eu voltar para o quarto, trancar a porta e só sair de lá quando ele voltasse.

Naquela manhã, meu pai me deu mais um beijo antes de sair de casa, e eu aproveitei sua ausência para fugir. Eu sabia que meu pai não conseguiria o dinheiro e não podia ir parar nas mãos daquele homem. Fiquei andando pelas ruas, sem saber o que fazer, passando frio e fome, e no dia seguinte eu encontrei você.

Lorenzo não falou nada de imediato, parecia estar avaliando a situação. Eu sabia que era só uma questão de tempo até ele me

mandar de volta para casa, mas eu fugiria novamente antes que isso acontecesse.

— Você não vai falar nada? — perguntei aflita. — Só não me diga para voltar para casa, pois eu não volto até que tudo tenha se resolvido.

— Eu vou resolver sua situação antes de você voltar, não se preocupe.

— Como?

— Vou pagar a dívida do seu pai com os Outlaws.

— Por que você faria isso por mim?

— Porque dinheiro não é um problema para mim, não vai me custar nada.

Encarei aquele homem que estava sentado na cama e não me contive, me joguei para cima dele, pegando-o de surpresa. Lorenzo caiu deitado na cama, e eu por cima dele.

— Muito obrigada! Muito obrigada, mesmo — falei, beijando seu rosto e sorrindo.

Ele estava tenso e estático, parecia nem respirar. Ele me segurou, afastou meu corpo de cima do dele e me sentou novamente na cama de uma forma brusca.

— Não fique tão animada ainda. Como você mesma me contou, o problema dos Outlaws já não é dinheiro, eles querem você — ele falou, chateado.

— Como assim?

— Eles são ricos, Camila, estão pouco se fodendo para o dinheiro do seu pai. Você é virgem e pode trazer muito mais lucro para eles ou, talvez, o Giovanni realmente queira você.

— O quê? — falei arregalando os olhos, assustada outra vez.

— Isso mesmo que você ouviu, mas se acalme, eu vou te ajudar. Agora vamos dormir, amanhã pensamos em como resolver sua situação — Lorenzo falou.

Ele se levantou da cama e saiu do quarto, rápido, não me dando tempo para questionamentos.

Lorenzo

Saí do quarto o mais rápido que pude porque Camila não fazia ideia do quanto me deixou tenso ao pular em cima de mim na cama. *Porra, o meu pau não tem nenhuma noção mesmo. O sobrenome dessa menina é encrência.* Ela era proibida para mim em todos os sentidos: novinha demais, filha de um juiz que há anos está doido para pegar um de nós e ainda tem os Outlaws, que a querem.

Camila ficou muito animada quando eu disse que pagaria a dívida do pai dela, e eu realmente pretendo pagar, mas o fato é que isso não garante que a gangue desista. Eles estão metidos com tráfico de virgens, então talvez nem a querem para o Giovanni, mas sim porque sabem que conseguirão um dinheiro alto com ela, a menina é linda pra caralho.

Tomei um banho e me deitei para absorver toda aquela história. No dia seguinte, eu conversaria com os outros da minha família, exporia a situação e contaria os meus planos.



No dia seguinte, logo cedo, convoquei uma reunião com meu pai, tio Matheo, Pietro, Raphael, Romeu e Inácio. Reunimo-nos na casa do meu tio, pois era manhã de Natal e não pretendíamos ir à empresa.

— Bom dia — cumprimentei a todos.

— Bom dia — Pietro respondeu formalmente. — E então, Lorenzo, presumo que o motivo de estarmos aqui reunidos seja a Camila Falcone, que você está hospedando na sua casa desde ontem.

Não me espantou em nada o fato de ele já saber a identidade dela, pois nosso capo tinha olhos e ouvidos em todos os lugares,

assim como meu pai e meu tio.

— Presumiu certo, Pietro. Aparentemente estou com um problema dos grandes nas mãos.

— Você mesmo arrumou esse problema. Sabia que essa menina é menor de idade? Ela só tem 17 anos, Lorenzo.

— Eu não tinha certeza sobre a idade, mas já imaginava. E é justamente por isso que eu não sou capaz de fechar os olhos para o que está acontecendo.

— E o que exatamente está acontecendo? — Pietro perguntou.

Contei a eles tudo o que Camila havia me contado.

— E o que exatamente você pretende fazer a respeito?

— Eu vou procurar os Outlaws para pagar a dívida do pai e...

— Não seja inocente, Lorenzo. Eles não querem o dinheiro.

— Eu sei, mas vou começar pagando a dívida. Preciso saber a realidade da situação.

— Lorenzo, você vai comprar uma briga com esses bastardos por causa de uma menina que você nem conhece — meu pai falou.

— Pai, você quer que eu a entregue para eles de bandeja? Provavelmente eles querem vendê-la por ser virgem. Pelo amor de Deus, a maioria de vocês aqui tem uma filha. Nós agora compactuamos com injustiça contra mulheres?

— Não é compactuar, e sim comprar uma briga que não deveria ser nossa. Mas você tem razão, ela não é uma menina da máfia, mas de qualquer maneira podemos ajudá-la. — Pietro bateu o martelo, e eu fiquei aliviado.

— Temos um problema — Tio Matheo falou, entrando novamente na sala novamente. Ele tinha saído para atender um telefonema, minutos antes. — Frederico Falcone está desaparecido.

— O quê? — vários de nós falou em uníssono.

— Segundo informações, desde a manhã de ontem. O irmão dele, Francesco Falcone, alega que sua sobrinha, Camila Falcone, teve um surto quando soube do desaparecimento do pai e fugiu. Ele

está oferecendo recompensa para quem encontrá-la e diz estar muito preocupado em manter a sobrinha sobre seus cuidados, até o irmão voltar.

— Ela não mencionou um tio em momento algum, talvez não sejam próximos — retruquei.

— A guarda será dele até o pai aparecer ou ela completar 18 anos — Pietro falou.

— Vamos investigar a vida dele para saber que tipo de pessoa ele é, precisamos saber com quem vamos lidar — meu pai falou, já ligando para o nosso TI.

Eu suspirei, prevendo uma enorme dor de cabeça. Aquela história só se complicava e eu tinha nas mãos uma responsabilidade que não era minha. Um tempo depois, recebemos a ficha de Francesco Falcone. O cara tinha a ficha mais suja do que a minha. Ele foi acusado de roubo e estupro, passou um bom tempo na cadeia, julgado e condenado pelo próprio irmão. *Os dois devem se odiar e esse cara não está preocupado com o bem estar da Camila.*

— Não podemos entregar a Camila para ele. Está na cara que esse bastardo venderá a sobrinha para os Outlaws na primeira oportunidade — falei exasperado.

— Ela é menor de idade, Lorenzo. Algumas leis ainda existem, mesmo para nós — meu pai falou.

— Talvez nós possamos, além de ajudar a menina, usar a situação a nosso favor — Pietro disse.

— Como? — perguntei.

— Eu não acredito que o juiz esteja morto, então a polícia investigaria e descobriria o envolvimento dele com essa gangue e eles, automaticamente, seriam acusados. Os Outlaws não querem os federais na cola deles, devem estar mantendo o cara em cativeiro apenas até pegarem a menina — Pietro esclareceu. — Vamos escondê-la e protegê-la até que complete os 18 anos, assim o juiz ficará nos devendo esse favor. Ele terá uma dívida moral conosco e, talvez, isso garanta que ele saia do nosso caminho.

Seria um ótimo jeito de resolver as coisas com Frederico sem termos dor de cabeça.

— E matamos dois coelhos com uma cajadada só — meu tio concordou.

— Isso é quase um sequestro. Camila é menor de idade — falei.

— Está pensando nisso só agora que já trouxe a garota para casa? — Raphael indagou. — Olha, não é sequestro se ela quiser ficar. A menina veio para sua casa por vontade própria, então explique a situação, diga que podemos ajudar e ela decide se quer ficar.

— Eu vou conversar com ela — falei resignado.

Eu, como sempre, arrumando merda.

— Pense em uma coisa, Lorenzo. Ela só tem 17 anos, é menor de idade e tem dez anos a menos que você, então não faça uma besteira — tio Matheo me alertou.

— Falando assim parece até que Lorenzo é um velho querendo se aproveitar de uma garotinha indefesa — Raphael falou, rindo.

— A situação é séria, Raphael — Pietro se manifestou.

— Eu acho que o Lorenzo deveria levar essa menina para um local seguro até que ela complete a maioridade. É inapropriado e perigoso ela ficar no mesmo ambiente que nossas mulheres e nossos filhos, afinal de contas, os Outlaws vão caçar essa menina — Inácio falou.

— Concordo com o Inácio. Lorenzo poderia levar a garota para a ilha, pois lá é um lugar que ninguém conhece, enquanto isso resolvemos tudo por aqui — Romeu sugeriu.

— Não quero que ninguém descubra aquele lugar — meu tio rebateu.

— Então leva ela para Las Vegas, meu pai certamente te dará apoio lá — Romeu novamente sugeriu.

— Acho uma boa ideia — Raphael concordou.

— E então, filho, é isso mesmo que você quer? — meu pai perguntou.

— Eu não quero ir para lugar algum com ela, prefiro nem tê-la na minha casa porque eu não sou babá de ninguém.

— Lorenzo, como você mesmo disse, não podemos entregá-la para o tio dela, pois nossa consciência não ia deixar. Ela já te conhece, aparentemente confia em você, e você é o único de nós que não é casado e nem tem filhos, então vai cuidar dela — Pietro falou, deixando claro que não estava aberto a discussões.

— Tudo bem, eu vou conversar com ela e contar sobre o desaparecimento do pai, mas não pretendo ir a Las Vegas, pois já colocamos Demétrio em problemas demais por causa da nossa família — respondi. — Eu posso cuidar de nós dois sozinho, até porque ninguém sabe que ela está comigo.

— É só uma questão de tempo até descobrirem, Lorenzo — meu tio falou.

— Não falta muito para ela fazer 18 anos.

— Ainda assim, eles não vão desistir, mas vamos pensar em uma coisa de cada vez — Pietro disse. — Uma coisa é certa, essa menina não pode ficar escondida aqui no complexo, realmente não é seguro para as mulheres e as crianças. Você precisa tirá-la daqui o quanto antes, Lorenzo.

— Eu vou fazer isso, não se preocupe, só preciso de um tempo.

— Leva-a para Seattle. É um local neutro e meu pai tem uma casa simples lá — Romeu comentou.

— É verdade, acho uma boa opção — tio Matheo concordou, e eu assenti.



Encerramos a reunião e eu voltei para casa, decidido a conversar com Camila. Quando entrei, ouvi uns resmungos vindos

da cozinha e fui até lá para ver o que estava acontecendo. Ela estava de costas, usando apenas a porra da minha camisa, e tentava pegar algo no armário. Minha casa tinha sido toda projetada para mim, um cara de quase 1,95m, não para uma quase nanica que não deveria ter mais do que 1,60m.

Encostei no batente da porta e fiquei observando seu esforço, sem que ela desse conta da minha presença. Quanto mais ela se esticava e não conseguia alcançar, mais ela se irritava e xingava; e mais a porra da blusa levantava, moldando sua bunda perfeita e torneada. *Provavelmente ela malha*, constatei.

Subi meus olhos por todo seu corpo e percebi que ela era toda mulher, não parecia uma menina de 17 anos. *Porra, o que está acontecendo comigo? Tô babando na garota.*

Andei em sua direção e parei atrás dela para acabar com a sua saga. Estiquei o braço e abri o armário para pegar o copo que ela queria, mas ela se assustou comigo, gritou e pulou no lugar virando de frente para mim. Acidentalmente, ela acabou fazendo com que eu derrubasse o copo que tinha acabado de pegar.

O copo se quebrou em mil pedaços, espalhando vidro em nossos pés e em boa parte do chão da cozinha. Nesse momento, percebi que ela estava descalça.

Capítulo 3

Lorenzo

— Não se mexa, você vai se machucar.

— Que droga, garoto, você quer me matar de susto? Não custava nada fazer um barulho.

— Você está sempre muito distraída para uma fugitiva — falei.

Para o meu espanto, ela me deu língua. Eu acabei rindo.

— Vou colocá-la sentada no balcão, enquanto eu tiro os vidros do chão.

Quando ela assentiu, eu a segurei pela cintura e a levantei. Com o movimento, a blusa que ela vestia subiu um pouco mais, deixando suas coxas grossas à mostra. Sem que eu pudesse controlar, meus olhos foram direto para lá e, quando eu subi o olhar, ela me fitava sem piscar. *Putá merda, eu conheço esse olhar. Ela está com tesão.*

Camila percebeu que estava mexendo comigo e, muito segura e decidida, manteve o olhar firme no meu, passou a língua em seus lábios carnudos e, em seguida, o mordeu. Eu fiquei hipnotizado. Percebendo minha reação, ela abriu as pernas e as enlaçou na minha cintura, puxando-me pela bunda. Envolvido em uma névoa de luxúria, minhas mãos foram, involuntariamente, para suas coxas, levantando um pouco mais a camisa.

Sem deixar de me olhar, ela inclinou um pouco a cabeça, fazendo-me um convite para beijá-la e, sem pensar direito e totalmente seduzido por ela, eu entrei em seu jogo e a beijei. Quando minha boca encontrou a dela, percebi o quanto seus lábios eram macios, então iniciei o beijo de forma faminta e agressiva.

Camila correspondeu ao meu beijo exatamente da mesma forma, em seguida apertou mais as pernas em volta de mim, aproximando ainda mais nossos corpos. Nesse momento, senti seu calor e subi minhas mãos por dentro de sua camisa, enlouquecendo ao perceber que ela estava sem sutiã.

Que pele macia! Seus pelos se eriçaram com meu toque e, sentindo que eu também mexia com ela, passei meus polegares em seus mamilos. Ela gemeu, safada e deliciosa, fazendo meu pau enrijecer ainda mais. Desci uma das mãos em direção à sua bunda e puxei-a mais para mim, fazendo-a sentir minha ereção furiosa. Nós dois gememos com aquele contato.

Continuei beijando-a, enquanto ela se esfregava mais em mim. *Porra!* Um barulho alto me assustou e eu a soltei bruscamente, me dando conta da besteira que estava fazendo. Quando a olhei, ela estava tão ofegante quanto eu. Ouvi de novo o barulho e só então me dei conta de que era meu telefone. Não atendi, pois primeiro eu tinha que consertar a merda que eu fiz.

— Eu não devia ter beijado você, me perdoe. Não sei onde eu estava com a cabeça — falei, realmente arrependido.

— Eu não vou te desculpar de nada, porque eu quis isso e ainda quero — ela falou, ameaçando descer do balcão.

— Fique exatamente onde está — falei, dando um passo para trás.

— Você está com medo de mim? Francamente, Lorenzo — ela falou rindo, debochada.

— Não estou com medo de nada, só não quero que você se corte nos vidros.

— Então me pega no colo e me leva para o meu quarto — Camila falou com a voz manhosa, tentando me seduzir novamente.

— Para com isso, sua peste, encrenca do caralho. Esse beijo foi um erro, não vai acontecer de novo.

— Por quê?

— Porque você só tem 17 anos, ainda é uma criança.

— Deixa de ser careta, Lorenzo. Até parece que você é um velho! Além do mais, eu faço 18 anos daqui a quinze dias.

— Não sou um velho, mas você é menor de idade.

— Isso é irrelevante, muitos casais têm dez anos ou mais de diferença de idade.

— Isso seria irrelevante se você tivesse 27 e eu, 37. Escuta aqui, Camila, nós não somos e nunca seremos um casal.

— E quem disse que eu quero me casar com você?

— Ninguém quer casar com ninguém, então estamos quites. Agora temos problemas muito maiores com os quais nos preocupar.

Fui até ela e peguei-a no colo, dessa vez com todo cuidado para não encostá-la em mim. Levei-a para a sala e coloquei-a no sofá. Um sorriso sapeca surgiu em seu rosto, mas morreu assim que ela escutou minha frase:

— Seu pai está desaparecido.

— O quê?

— Isso mesmo que você ouviu. Ele desapareceu minutos antes de você fugir. Seu tio foi à imprensa hoje para comunicar essa notícia e está procurando por você. Ele disse que quer cuidar de você até seu pai voltar.

— Isso não pode acontecer, Lorenzo. Eu prefiro morrer!

Camila ficou pálida e, naquele momento, eu tive certeza de que tinha algo de errado entre ela e o tio.

— Legalmente sua guarda é dele até você completar a maioridade.

— Lorenzo, você não pode me entregar a ele. Francesco Falcone é um porco que me assediou quando eu tinha 12 anos. Ele tentou me agarrar e por pouco não me estuprou. Eu prefiro a morte do que viver sob o mesmo teto que esse homem — ela falou, tremendo e quase chorando.

A partir desse momento, odiei Francesco sem nem mesmo conhecê-lo.

— Calma, eu não vou te entregar. Se você quiser, nós podemos te ajudar a continuar escondida.

— É claro que eu quero — ela respondeu, sem pensar duas vezes. — Você acha que mataram meu pai?

Dessa vez, Camila não conseguiu mais controlar as lágrimas que escorriam de seu olhos.

— Nós ainda não sabemos. Eu não quero te dar falsas esperanças, mas não acho que ele esteja morto, acredito que apenas o tiraram de cena para terem acesso mais fácil a você. Você sabe, não é algo inteligente matar um juiz federal.

— E agora, o que vamos fazer? — Camila perguntou.

— Pretendo tirar você da Itália, é muito arriscado ficar aqui.

— E para onde eu vou?

— Ainda não decidi, mas partiremos esta madrugada.

— Partiremos?

— Sim, eu vou com você. Achou mesmo que eu ia te deixar sozinha?

Camila sorriu e se preparou para levantar e vir até mim, mas eu levantei as mãos, parando-a.

— Fique aí! Não venha para cima de mim.

— Eu só quero agradecer.

— Agradeça daí mesmo, bem de longe.

— Mais cedo ou mais tarde, eu vou te agradecer devidamente, Lorenzo Esposito. Não adianta tentar fugir de mim — ela falou, sorrindo.

Eu fiquei tenso ao vê-la levantar, mas ela não veio para o meu lado, ao invés disso, foi em direção à escada.

— Eu vou subir para tomar um banho relaxante. Quer vir comigo?

Ao ver meu olhar enfurecido, Camila me mandou um beijo e subiu as escadas correndo e rindo. *Peste de garota maluca, nem a preocupação com o pai diminui seu atrevimento. Que Deus me ajude.*

Depois de respirar bem fundo para me recuperar dos últimos momentos, peguei meu telefone e fiz algumas ligações para acertar o local da nossa viagem, em seguida retornei a ligação para o meu pai.

— *Lorenzo, você já resolveu a questão da viagem?*

— Sim, pai, nós partiremos esta madrugada. Já pedi para prepararem o jato e a casa onde ficaremos. Lá ninguém nos conhece, então será mais fácil passarmos despercebidos.

— *Não conte com isso.*

— Ficarei atento.

— *O que você tem?*

— Estou me perguntando se estamos fazendo a coisa certa, pai. Essa é uma responsabilidade e tanto para mim.

— *Talvez tenha chegado sua hora, filho.*

— *Que hora?*

— *Nada, esqueça isso. Você apenas está fazendo o que é certo, pois se essa menina for parar na mão do tio, certamente será violentada por ele ou vendida para a gangue. Nenhum de nós quer isso, porque nós protegemos as mulheres, foi isso que eu te ensinei.*

— Eu sei pai, mas e se eu não puder protegê-la de mim?

— *Do que exatamente você está falando, Lorenzo Esposito?*

— Eu a beijei, pai. Puta merda, me desculpe — desabafei, aflito. — Eu perdi a cabeça, mas ela também é encapetada.

— *Lorenzo, não encoste nessa menina se não tiver certeza de que vai ficar com ela. Para você vai ser só uma foda típica, mas nós estamos falando de uma menor de idade, filha de um juiz. Temos que evitar o caos.*

— Você está certo, eu vou me controlar.

— *Eu espero mesmo que sim. Sei que uma proibição paterna é instigante pra caralho, mas você já é um homem, pense nos danos.*

— Tudo bem, pai. Agora vou desligar, preciso me organizar para a viagem.

- *Okay, mas venha falar com sua mãe antes de sair.*
- Certo, eu vou.

Camila

No início da madrugada, embarcamos no jato da família de Lorenzo com destino a Seattle. Eu sentei em uma das poltronas do canto, mas quando vi que Lorenzo sentou do lado oposto, levantei e fui me sentar ao seu lado.

— Está me evitando? — perguntei.

— Não, só achei que você pudesse querer privacidade.

— Sei, vou fingir que acredito.

Lorenzo estava me evitando desde que nos beijamos mais cedo. *Putá merda, que beijo!* Desde então eu não parei de pensar no gosto dele e na sua mão percorrendo o meu corpo. Se eu tinha uma certeza na vida, era a de que eu queria estar com ele outra vez. Eu sabia que também o afetava, tanto que ele estava se mantendo longe de mim, e eu deveria fazer o mesmo, mas não tinha juízo nenhum, então eu o queria.

Estava cansada de carregar o peso do mundo nas costas, além do mais um pouco de diversão não faria mal a ninguém. *Se ele pensa que pode fugir de mim está muito enganado. Tenho certeza de que ele também me quer, e eu não estou disposta a facilitar a vida dele.*

Lorenzo

Eu me mantive quieto, com meus pensamentos, durante todo o voo. Nós estávamos brincando com fogo, mas o foda é que eu sempre gostei dessa brincadeira, sempre me atraiu. Felizmente, Camila me deixou em paz. Ela colocou os fones de ouvido e logo eu percebi que ela estava dormindo.

Muitas horas depois, no início da noite, desembarcamos no aeroporto de Seattle.

— Camila, acorda — falei baixinho, tocando seu ombro. — Chegamos.

Ela se levantou, sonolenta, e foi caminhando na frente. Quando descemos do jato, percebi que fazia muito mais frio do que na Itália, então pus um lembrete na mente de que precisaríamos comprar roupas para ela.

Na saída do aeroporto, um carro alugado estava à nossa espera. Pouco tempo depois, chegamos à casa que Demétrio cedeu para nossa estadia em Seattle. Era uma residência discreta onde ele se hospedava quando precisava tratar de negócios aqui.

— Pode escolher o quarto que você quer ficar — falei para uma Camila quieta demais. — O que você tem? Por que está tão calada?

— Nunca viajei para tão longe da Itália. Nunca saí de perto do meu pai.

— É para a sua segurança.

— Eu só estava pensando nele. Gostaria de ter certeza de que ele está bem — ela respondeu.

— Não ficaremos muito tempo aqui, mas fique tranquila que minha família está trabalhando na Itália para resolver essa situação. Nós não estamos apenas fugindo, porque isso não é do nosso feitio,

vamos enfrentá-los no momento certo. Enquanto isso, vou te proteger até você completar 18 anos.

— Por que vocês estão me ajudando?

— Eu não tive muita escolha, não é?! Você grudou em mim igual a um carrapato — falei rindo, numa tentativa de amenizar o clima.

— E eu acho que você gostou — ela respondeu, assumindo novamente o jeito atrevido.

— Eu vou tomar banho, você deveria fazer o mesmo — falei, mudando de assunto. — Escolha seu quarto, tome banho e então vamos comer alguma coisa.

— Você sempre me ganha quando fala em comida — ela falou rindo, mas eu percebi que, por trás das brincadeiras, ela estava triste.

Subimos até os quartos e ela não se importou em perder tempo escolhendo, entrou no primeiro que encontrou e eu entrei no cômodo ao lado. Joguei minha bolsa no chão, coloquei minha arma e meu celular na mesa de cabeceira e tirei a camisa e o sapato. Quando abri a calça, Camila escancarou a porta do meu quarto, me assustando, e me olhou sem disfarçar.

— Você não sabe bater na porta, garota? Da próxima vez eu vou trancar.

— Não faça isso, pode acontecer uma emergência e eu precisar de você.

— O que você quer, Camila?

— Eu vim te pedir uma camisa, continuo não tendo roupas.

— Amanhã vamos comprar roupas para você.

— Tudo bem, papai, mas enquanto isso eu não posso ficar nua... ou posso?

— Ha ha ha, engraçadinha. Eu não tenho idade para ser seu pai.

— É verdade, então você pode ser meu *sugar daddy*.

— Camila, pegue o que você quiser na bolsa e saia daqui.

Ela me olhava descaradamente, sem se abalar por eu tê-la mandado sair.

— Será que você pode parar de me secar, pegar logo a porra da roupa e sair para eu poder tomar banho?

Ela sorriu sem vergonha, colocou a bolsa em cima da cama, pegou uma peça e saiu. Dessa vez, não arrisquei e tranquei a porta, pelo menos durante o banho.

Quando descii, Camila já estava na sala, sentada no sofá, usando novamente apenas minha camisa.

— Por que você não vestiu uma calça? — questionei.

— Você já viu o seu tamanho? Essa blusa está ótima, fica igual a um vestido.

— E por que não colocou a *sua* calça?

— Está suja, Lorenzo. Eu vou colocá-la para lavar amanhã. Por que está tão incomodado com o que estou vestindo?

— Porque eu prefiro estar preparado para o caso de precisarmos sair daqui rápido.

— Não estamos seguros aqui?

— Por um tempo, sim, mas eu sempre conto com os imprevistos.

— Se um imprevisto acontecer, terei que ir com sua blusa mesmo. Você vai sair? — ela perguntou, notando a chave do carro na minha mão.

— Nós vamos sair para buscar alguma comida, mas você terá que me esperar no carro por causa da sua falta de roupas adequadas.

— O que você diria então, se soubesse que estou sem calcinha? — ela falou como se essa informação não tivesse importância.

— O quê? — respondi, sendo pego desprevenido.

— Eu não tenho roupas, como você sabe, e não ia vestir a mesma calcinha.

— Você não pode ficar sem calcinha.

— Eu não tenho uma limpa.

— Veste sua calça, então.

— Já falei que também está suja.

— Você quer me deixar maluco, porra? — falei, totalmente perturbado.

— Calma! — a peste respondeu, rindo. — Você já tem certa idade, se continuar se irritando assim vai infartar e morrer cedo.

— Fique você sabendo que estou em plena forma, cheio de saúde.

— Muita saúde mesmo, eu percebi.

— Levanta, vamos logo.

Ela levantou animada, e nós fomos para o carro.

Capítulo 4

Camila

Lorenzo ficou visivelmente perturbado com as minhas provocações, e eu gostei disso. *Como vou me comportar diante de um cara absurdamente gostoso e atraente como esse?* Eu sempre gostei de caras mais velhos, no entanto fiquei com poucos.

Não era fácil conseguir sair muito com minhas amigas, porque meu pai dizia que tinha muitos inimigos e era perigoso eu me expor, então eu pedia para dormir na casa da Pietra, ele me levava até lá e nós saíamos escondido.

Quando minha mãe era viva, ela o convencia a me deixar sair uma vez ou outra, por isso eu aproveitei bastante nessa época. Apesar de baixinha, sempre fui fisicamente muito desenvolvida para a minha idade. Aos 15 anos eu ficava com caras de 23 anos, pois já aparentava ter uns 18. Eu entrava nas baladas e bebia usando uma identidade falsa, sem levantar nenhuma suspeita.

Apesar de tudo isso, nunca fui uma completa irresponsável. Sempre, quando a coisa começava a esquentar com os caras, eu pulava fora. Não que eu tivesse o sonho de casar virgem, mas queria ter essa experiência com alguém que valesse a pena, que me despertasse a vontade de ir até o fim.

Eu até conheci um cara que me fez querer ir mais longe, ele se chamava Leonardo, tinha 21 anos e era um cara muito legal. Estávamos nos dando muito bem, de tal maneira que eu me sentia à vontade para deixá-lo me tocar de forma mais íntima. O Leo foi o cara com quem eu tive algo mais perto de um relacionamento, tanto que ele se dispôs até a conversar com meu pai.

Depois de um tempo ficando com ele, quando a coisa ficou mais séria, eu contei sobre minha verdadeira idade. No início, ele ficou espantado, mas depois disse que não iria desistir, pois já estava envolvido. Nesse momento, Leonardo ganhou muitos pontos comigo, afinal ele não foi um covarde que só conseguia me ver como a filha de 15 anos de um juiz renomado, ele gostou realmente de mim e estava disposto a lutar para ficar comigo. Isso era o que eu achava, na época.

De repente, o Leonardo simplesmente sumiu, parecia ter evaporado. Eu não conseguia entrar em contato com ele de nenhuma maneira e isso me deixou muito triste e desiludida com os homens, todos eles. Eu me enganei, ele era apenas mais um babaca covarde, fugindo da batalha.

Não tive muito tempo para me preocupar com isso, pois foi quando descobrimos que minha mãe estava doente, então eu não tive cabeça para mais nada. Consequentemente, meu primeiro romance um pouquinho mais sério foi pelos ares, não só pela covardia de Leonardo, mas porque toda minha vida virou de pernas para o ar desde então.

Lorenzo agia como a maioria dos caras, fugindo da atração que sentia por mim por causa da minha idade e de tudo em que eu estava envolvida, mas diferentemente dos outros, eu sabia que o que mais pesava para ele não era o medo do meu pai, e sim o fato de se envolver com uma mulher dez anos mais nova do que ele e, ainda por cima, menor de idade.

Ele achava que, pela minha falta de experiência de vida, eu não saberia o que era melhor para mim, mas ele estava enganado. Meus pais sempre disseram que eu era muito precoce e madura para minha idade, além de tudo, o sofrimento amadurecia as pessoas, nos obrigava a crescer mais cedo. *Eu sei bem o que quero para mim e não vou abrir mão disso.*

Desde que minha mãe morreu, eu senti que junto com ela morreu uma parte de mim. Primeiro foi o luto, a falta que eu sentia dela era tão grande que eu só queria chorar e dormir para aplacar aquela dor. Minha mãe era minha rocha e quando ela se foi eu fiquei

sem chão, mas meu pai ficou pior do que eu, então tive que arrumar forças para cuidar dele. Deixei minha adolescência para trás e me tornei a mulher da casa para cuidar de nós dois. Na minha certidão de nascimento eu ainda não sou adulta, mas a responsabilidade que eu carregava nos ombros me tornou uma mulher forte.

Se eu entendo o lado de Lorenzo? Entendo!

Se eu vou facilitar para ele? Nunca!

— Você está muito quieta, tenho medo disso — Lorenzo falou, me arrancando dos meus pensamentos.

— Estou pensando em como minha vida era fácil antes da minha mãe morrer.

— Eu imagino que deva ser muito difícil para você e para o seu pai. Minha mãe é a rainha da minha casa também. Eu amo aquela mulher com tanta força que nem sei explicar. Ela é perfeita e passou por tanta coisa ruim, tantos traumas, no entanto está sempre com um sorriso enorme no rosto e uma energia inacreditável. Ela é uma figura, um dia você vai conhecê-la. Ela é a alegria e a dor de cabeça eterna da vida do meu pai, ele fica perdido quando ela não está por perto. Dona Lili é um furacão.

— Agradeça a Deus por ter sua família completa. Você é filho único?

— Não, tem a Nina, minha irmã. Ela já é casada, assim como todos os meus primos, mas mora no complexo também. O único solteiro da família sou eu.

— Você não tem vontade de casar?

— Não, nenhuma — Lorenzo respondeu sem pensar duas vezes.

Ouvir isso dele não me espantou, pois eu já tinha percebido que ele é um espírito livre.

— E você, tem vontade de casar e ter filhos? — ele me perguntou.

— Eu quero é viver, aproveitar todos os prazeres da vida e também poder fazer faculdade, mas meu pai perdeu todo o nosso dinheiro no jogo.

— Você ainda pode fazer, é novinha demais, tem toda vida pela frente.

— Você fez?

— Sim, e acho importante fazer, mas nada supera o que meu pai e minha mãe me ensinaram e ensinam até hoje, então não se sinta menor que ninguém por não ter um curso superior.

— E respondendo à sua pergunta, depois que realizar meus outros objetivos, sim, eu quero casar e ter uns cinco filhos.

— Cinco? Puta merda, isso é que é disposição! — ele falou rindo.

— Eu realmente tenho disposição de sobra — falei, dando uma piscadinha para ele.

— Não falei desse tipo de disposição, sua assanhada — ele me respondeu, rindo.

— É que se algo acontecer comigo ou com o pai dos meus filhos, eles terão uns aos outros. Eu, por exemplo, gostaria de ter um irmão, para dividir comigo a carga que ficou depois da morte da minha mãe.

— Entendi — Lorenzo falou, claramente com pena de mim.

Eu odiava que tivessem pena de mim, então interrompi o papo melancólico e esquentei as coisas.

— Você ligou o aquecedor? — perguntei.

— Claro, se não você ia congelar, vestindo só essa camisa.

— Estranho, de repente ficou quente demais aqui, e eu não gosto de sentir calor.

— Você é louca. Não está calor, o clima está agradável.

— Tudo bem então, mas vou ter que tirar a camisa, não quero suar.

Comecei a levantar a blusa até o limite da minha coxa, quando ele disparou:

— Você ficou louca, para com isso agora.

— Não posso, estou muito quente.

Levantei rapidamente o restante da camisa e isso o assustou. Tivemos sorte de a pista estar vazia, porque Lorenzo perdeu um pouco o controle do carro, antes de parar de qualquer maneira no acostamento. Quando ele se virou e me olhou melhor, vi sua expressão mudar de susto para raiva.

— Você é maluca, porra? Quase provocou um acidente. Como posso te proteger se você mesma se coloca em perigo? Aliás, estou começando a entender que você é mais perigosa do que os Outlaws. Se eu deixar eles te levarem, com certeza pagarão para te devolver na mesma semana.

— Não entendi porque esse susto todo.

— Você me disse que estava sem calcinha e começou a levantar a blusa. O que você queria que eu pensasse?

— Eu disse que estava sem calcinha, mas não disse que estava nua. Peguei uma cueca sua emprestada para usar. Aliás, eu gostei muito, ela é bem confortável, então fique sabendo que não vou devolver.

— Muito espertinha você. O verdadeiro gênio do mal.

— E por acaso você é o anjo do bem?

Sem responder, Lorenzo deu partida e saiu com o carro. Quando chegamos em frente a um restaurante, ele estacionou e se virou para mim.

— Eu vou lá dentro pegar nossa comida. Não saia daqui, o carro é blindado, você estará protegida aqui dentro — ele disse. — O que você quer comer?

— Massa, bastante massa. Estou faminta.

— Saiu da Itália, mas a Itália não saiu de você.

— Sim, sou uma típica italiana que ama massa. Você não?

— Meu gosto é bem eclético, eu como de tudo.

— Será que come mesmo? Achei que você fosse um pouco mais criterioso — falei, debochada.

— Desisto, Camila. Não dá para ter uma conversa adulta com você por mais de 5 minutos.

— Acho que tem coisas melhores que os adultos fazem sem ser conversar.

Ele saiu do carro, batendo a porta, e eu ri. Um tempinho depois, Lorenzo voltou segurando várias sacolas e nós partimos.

— Posso colocar uma música?

— Pode. Conecte o meu celular e escolha o que você quer — ele falou, me entregando o telefone.

— Por acaso eu vou encontrar algum nude aqui? — perguntei, brincando.

— Meu não, talvez de alguma mulher. Melhor não mexer na galeria.

Eu me senti estranhamente incomodada com aquela resposta.

— O que foi, ficou com ciúmes? — Dessa vez foi ele quem me provocou, percebendo que eu fiquei séria.

— Não, mas você está dando uma de certinho comigo quando, na verdade, não presta — falei, de repente me sentindo com raiva.

— Eu não tenho nada de certinho, e é exatamente por isso que quero ficar longe de você.

— E se eu não quiser?

— Você não tem essa escolha, menina.

— Lorenzo, melhor você não me provocar. Todo mundo sempre tem escolha.

— Não estou provocando — ele falou. — Vai colocar a música ou não?

Olhei para ele de cara feia, mas deixei o assunto de lado e escolhi uma música que gostava. Quando *Shallow*, da Lady Gaga, começou a tocar, Lorenzo me olhou. Eu achei que ele fosse reclamar, mas não falou nada.

"Me diga uma coisa, garota

Você está feliz neste mundo moderno?

*Ou você precisa de mais?
Existe algo mais que você está procurando?
Estou caindo
Em todos os bons momentos
Eu me vejo almejando uma mudança
E nos momentos ruins, eu tenho medo de mim mesmo
Me diga uma coisa, garoto
Você não está cansado de tentar preencher esse vazio?
Ou você precisa de mais?
Não é difícil manter toda essa energia?..."*

Eu me identificava muito com a letra dessa música, pois na maior parte do tempo eu estava ansiosa por uma mudança na minha vida. Depois que minha mãe morreu, eu não fui mais feliz e não tive mais paz, mas ali em Seattle, longe de tudo, fugindo com um cara que conheci há menos de uma semana e sem notícias reais do meu pai, eu me sentia estranhamente em paz.

Olhei para Lorenzo e não pude deixar de reparar, mais uma vez, no quanto ele era lindo. Ele estava dirigindo distraído, cantando baixinho a música e batendo no volante com os dedos; o cabelo bagunçado, como se tivesse passado a mão nele várias vezes, deixava-o ainda mais irresistível. As mãos dele eram enormes e faziam uma bagunça na minha libido e estimulavam minha imaginação.

— Você, cantando Lady Gaga?

— A Maria Eduarda é louca por ela, especialmente por essa música, então eu acabei aprendendo a letra — ele respondeu com naturalidade.

Quem é Maria Eduarda? Será que é alguma ex?

— Quem é Maria Eduarda? — perguntei, sem conseguir me conter.

— Esposa do meu primo Raphael.

— Achei que era algum casinho seu.

- Deixa o Raphael ouvir você falar isso.
- Ele é ciumento?
- Muito, beirando a neurose. Na verdade, todos são.
- Todos inclui você?
- Acho que não, mas nunca gostei de ninguém para testar.

Antes que eu falasse mais alguma coisa, chegamos em casa. Enquanto Lorenzo tirava a comida das sacolas, eu arrumei a mesa.



Nossa primeira noite em Seattle foi ruim. Eu dormi muito mal por causa do *jet lag* e, quando finalmente consegui adormecer, tive um monte de pesadelos.

Quando o dia finalmente clareou, fiz minha higiene matinal e descí, mas não encontrei Lorenzo. Quando cheguei na cozinha, vi um bilhete em cima da mesa.

“Fui correr, mas não demoro.

Não saia de casa e mantenha a porta trancada.

L”

O dia mal tinha começado e ele tinha ido correr. *Que disposição!* Abri todos os armários à procura de algo para comer no café da manhã, mas desanimei ao me deparar com todos completamente vazios. *Nossa, tô morrendo de fome.*

— Precisamos sair para comprar roupas e alimento.

Pulei de susto ao ouvir aquela voz grossa...e sexy.

— Você ainda vai me matar, Lorenzo Esposito! Toda hora um susto, caramba.

— Vá colocar uma roupa — ele falou, rindo. — Vou te levar para tomar café da manhã, depois vamos comprar roupas para você. Nos encontramos aqui embaixo daqui a pouco.

Ele subiu para tomar banho e me deixou sozinha na cozinha, então fui até a lavanderia e peguei minha única roupa que eu tinha

posto para lavar no dia anterior. Em seguida, subi para tomar banho também e, quando voltei, Lorenzo já estava me esperando.



Tomamos café da manhã no centro de Seattle, depois andamos à procura de roupas e, para minha surpresa, Lorenzo teve paciência de entrar em todas as lojas que eu quis. Não que ele estivesse realmente me dando atenção, pois ficou boa parte do tempo ao telefone, mas ao menos não ficou reclamando ou me apressando.

Eu me senti como a Julia Roberts, no filme Uma linda mulher, a diferença era que eu não era uma prostituta. Senti-me poderosa em estar naquelas lojas, comprando tudo o que eu queria, na companhia do meu mafioso gostoso. Bom, tecnicamente ele ainda não era meu, mas se eu tivesse paciência e persistência, logo seria.

Quando chegamos em casa, sentei na sala para abrir as bolsas, empolgada. Lorenzo entrou logo depois, e se jogou no sofá, parecendo cansado. Ao contrário dele, eu estava cheia de energia, pois tinha comprado, além das roupas, vários pares de sapatos, todos lindos e caros, e também bolsa, maquiagem e meus produtos de higiene pessoal. Não poupei o dinheiro do meu anjo salvador.

— Por acaso você é uma centopéia para precisar de tantos sapatos?

— Nós ainda nem nos casamos e você já está reclamando dos meus gastos?

— Não é pelo dinheiro, e sim pelo tanto que você me fez andar hoje. E eu não vou me casar com você, italianinha, tire essa bobagem da cabeça.

— Veremos, Lorenzo Coração de gelo Esposito.

— Você parece minha mãe, quando me chama pelo nome completo.

— Não vou mais chamar, não quero que você me associe a ela.

— Você devia se sentir honrada, pois minha mãe é uma mulher incrível.

— Não duvido disso, mas não tenho nenhum sentimento materno por você.

— Eu vou subir para tomar banho, você pode pelo menos guardar as compras nos armários? Eu já coloquei tudo na cozinha.

— Claro, mas antes vou tomar banho também, quando eu descer guardo tudo e preparo nosso jantar.

Lorenzo me ajudou a levar minhas compras para o quarto, e seguiu para o seu quarto, para tomar banho. Apesar de estar muito frio lá fora, dentro de casa ele mantinha um clima agradável ligando o aquecedor, então escolhi um shortinho curto, uma camiseta e uma lingerie nova e fui tomar banho.

Quando saí do banheiro, passei perfume, hidratante da marca que eu gostava e estava acostumada a usar, e resolvi usar um pouco de maquiagem, pois queria parecer mais adulta. Passei rímel, lápis nos olhos, blush para me dar uma cor saudável e um batom nude. *Gostei do resultado, estou bonita e sexy*, pensei me olhando no espelho.

Desci e fui para a cozinha guardar as coisas, separando o material para fazer uma lasanha a bolonhesa, meu prato favorito. Lorenzo só apareceu quando eu já estava montando a lasanha.

— A julgar pelo cheiro delicioso que se espalhou pela casa, você realmente sabe cozinhar. Preciso confessar que duvidei — ele disse.

— Eu posso te surpreender muito com todos os meus dotes, não sou uma criança como você pensa.

— Isso não tem muito a ver com idade. Nina e Mia se casaram bem mais velhas do que você e não sabiam cozinhar, já Amanda, mulher do meu outro primo, casou novinha e já cozinhasse muito bem. Acho que tem mais a ver com gostar.

— Eu não sabia e não gostava, mas tive que aprender a me virar e acabei também aprendendo a gostar. Quando minha mãe morreu, contratamos uma cozinheira, mas depois de um tempo não

tivemos mais como pagar seus serviços e passamos a pedir fast food. Não dava pra viver assim, além de gastar mais dinheiro do que necessário, eu estava engordando e com medo pela saúde do meu pai, que é diabético e hipertenso, então comecei a assistir vídeos na internet e a preparar nossas refeições. Isso foi uma distração para mim e, hoje, já não é mais uma dificuldade cozinhar, eu gosto.

Lorenzo me observava calado. Terminei de montar nossa lasanha, também em silêncio, e coloquei no forno. Minutos depois, quando estava pronta, coloquei a mesa e nos sentamos para comer.

— Por que você não pega o vinho que comprou para bebermos?

— Você não pode beber, não tem idade para isso.

— Corta essa, Lorenzo. Eu amo vinho e já bebo desde os 15 anos, pois tenho uma identidade falsa.

— Além de atrevida, é uma criminosa. Depois quer me julgar — ele falou, brincando, e eu ri.

— Comprar bebida com identidade falsa é muito diferente de matar pessoas.

— Eu não mato inocentes.

— Não estou te julgando, mas independente de quem morre, é assassinato.

— Você está certa, mas esse sou eu — ele retrucou, ficando na defensiva.

— Eu não me importo mais. Tudo o que você tem feito por mim importa muito mais do que o que você faz da sua vida lá fora. Eu não vou me esquecer de nada disso. Muito obrigada, Lorenzo. Não sei o que seria de mim se você não tivesse chegado naquele beco. Provavelmente eu teria sido estuprada, talvez até morta, mas você me salvou e eu serei eternamente grata.

— Não precisa agradecer, fiz o que era certo. Eu não podia ignorar, porque odeio estupradores.

— Ainda assim, eu te devo a minha vida. Obrigada.

— De nada. Eu vou pegar o vinho para jantarmos

Lorenzo se levantou, e eu sorri, sentindo-me feliz de estar ali com ele, apesar de todo o caos que estava a minha vida.

Capítulo 5

Camila

Terminamos nosso jantar e o Lorenzo não me deixou beber. Mas, em compensação, tomou a garrafa inteira de vinho. Fomos para a sala, e eu quase ri ao perceber que Lorenzo sentou em um sofá longe do meu, de certo fugindo de mim. Como ele tinha bebido bastante, devia estar com medo de si mesmo.

Depois de mais alguns minutos jogando conversa fora, vi um baralho na mesinha de centro e tive uma ideia.

— Vamos jogar cartas? — propus, empolgada.

— Por acaso você sabe jogar?

— Claro que sei. Minha família amava jogar cartas, então meu pai me ensinou desde cedo.

— Seu pai não é um bom jogador, afinal ele está devendo aos Outlaws — ele falou rindo.

Em situações normais, eu até acharia graça, mas naquele momento meu sorriso morreu. Eu estava tentando não pensar no meu pai e deixar as preocupações para trás, porém o que ele disse me entristeceu, e ele percebeu.

— Desculpe, eu estava só brincando — ele falou, realmente parecendo arrependido.

— Tudo bem, é só que eu estou tentando não ficar pensando nisso. Eu só queria ser uma garota normal por um tempo.

— Então, vamos jogar! — ele disse, animado.

Ele se levantou, eu sorri e o segui até a mesa de cartas.

— Vamos jogar escopa — falei animada, e Lorenzo concordou. — Quem ganhar tem direito a fazer um pedido.

— Nada de apostas. Quem ganhar, ganhou.

— E onde está a graça nisso? Você está com medo. Será que descobri que Lorenzo Esposito é um péssimo jogador? — falei, provocando-o

— Eu não tenho medo de nada, italianinha.

— Então aceite o desafio.

Eu tinha certeza de que ele era orgulhoso demais para pular fora. Acertei em cheio.

— Tudo bem, fechado.

Eu bati palmas, animada, e nós começamos a jogar.



— Ganhei! — gritei, feliz da vida, levantando da cadeira e fazendo a dança da vitória pela sala.

Lorenzo joga muito mal. Nem precisei de esforço, foi fácil ganhar dele.

— Você roubou — ele argumentou, arrumando desculpa para sua derrota.

— Você sabe que não roubei, então admita logo sua derrota. Não se pode vencer sempre, Lorenzo Esposito. Seus pais não te ensinaram isso?

— Tudo bem, confesso, você é muito boa nisso!

— É, eu sou mesmo. Eu sou a fodona, a melhor! — falei, brincando e sorrindo para ele, que também sorriu para mim.

Eu estava muito mais alegre e corajosa. Se antes eu me sentia quente, naquele momento eu já pegava fogo.

— Bom, eu ganhei e tenho direito a um pedido.

— Tenho até medo de perguntar qual será.

— Que vergonha, Lorenzo Esposito! Um homem desse tamanho com medo de uma garota.

— Com seu pequeno tamanho, você é mais perigosa do que caras grandes que eu já enfrentei.

Aproveitando que ele estava meio alto pela bebida, me aproximei da cadeira onde ele estava sentado, coloquei uma mão em cada ombro dele e sussurrei em seu ouvido.

— Do que exatamente você tem medo? — perguntei.

— Eu não tenho medo de nada — ele respondeu.

Senti seu corpo ficar tenso, em seguida me afastei para olhar nos olhos dele.

— Se é sobre o lance da idade, você não deveria se preocupar tanto com isso, pois faltam menos de 15 dias para o meu aniversário. Eu já estive com alguns caras mais velhos e eles não se preocupavam com a minha idade. Então, por que você não esquece um pouco isso e aproveitamos que estamos sozinhos aqui, longe de tudo? Nós podemos nos divertir um pouco, afinal nem sabemos se estaremos vivos amanhã, Lorenzo. Temos que aproveitar cada minuto — barganhei.

Senti que ele ficou balançado com minhas palavras e nossa aproximação. Lorenzo me queria, tanto quanto eu o queria, ele só precisava de um estímulo e isso eu daria.

— Eu não quero te magoar, Camila. Você já tem que lidar com um monte de coisas na sua vida, não precisa lidar também com um coração partido — ele falou, antes que eu fizesse alguma coisa. — Eu não sou um príncipe encantado, o amor pra mim é uma coisa épica. Eu não curto relacionamentos e nós estamos presos aqui, onde teremos que conviver por um tempo, não quero tornar essa convivência insuportável na hora que você perceber que eu não vou atingir as suas expectativas.

— Eu não tenho expectativas, só quero me divertir um pouco e esquecer tudo lá fora. Eu não quero mais sentir... me faz esquecer, Lorenzo, por favor — supliquei, olhando nos olhos dele.

Lorenzo fechou os olhos por uns segundos e, quando os abriu, percebi que estavam diferentes, incendiários e cheios de desejo. Antes que eu agisse, ele colou a boca na minha e se

levantou da cadeira, levantando-me junto com ele. Eu enrolei minhas pernas em sua cintura, enlacei meus braços em seu pescoço e retribuí o beijo com todo o desejo reprimido que eu tinha desde que o conheci.

Nós continuamos nos beijando e ele subiu as escadas comigo no colo. Entramos em seu quarto, sem nunca interromper o beijo, ele fechou a porta com o pé e me colocou na cama, deitando por cima de mim.

Lorenzo

Eu estava tirando forças do inferno desde que Camila começou a me provocar. A garota era a tentação em pessoa e resolveu me enlouquecer de vez com suas investidas. *Porra, eu não sou de ferro!* Quando ela me pediu para fazê-la esquecer a dor, eu não consegui mais pensar em nada, então apenas beijei-a e levei-a para o meu quarto.

Camila era deliciosamente perfeita e irresistível, toda macia, cheirosa e delicada; o beijo dela não tinha nada de inexperiente, e ela parecia tão faminta quanto eu. Coloquei-a na cama com cuidado e deitei em cima dela, sem soltar o peso do meu corpo. A pele dela estava quente, assim como a minha. Aquela garota me provocava de uma maneira que me assustava.

Muito receptiva, como sempre, ela abriu as pernas, me encaixando no meio delas, e começou a tirar minha camisa. Paramos o beijo apenas para passar a camisa pela minha cabeça e, quando olhei em seus olhos, percebi que nos queríamos com a mesma intensidade. Sem parar de olhá-la, eu também tirei sua camiseta. Camila usava um sutiã de renda preta, cor que ficava fodidamente perfeita nela.

Fitei-a, totalmente seduzido. Eu não conseguia parar de olhar aqueles seios deliciosos, perfeitos para mim. Sem tirar os olhos dos meus, ela levantou um pouco o corpo e tirou o sutiã, se expondo para mim. Sem poder resistir, eu levei minha boca ao seio dela e o suguei. Ela era perfeita.

Assim que sentiu meus lábios, Camila gemeu e arqueou o corpo, me oferecendo mais. Eu chupei seus mamilos, me deliciando com a sensação e dando prazer a nós dois. Fui descendo os beijos pela sua barriga lisinha e desabotoei a bermuda dela. Muito ansiosa, ela levantou o quadril para facilitar.

Quando vi aquela minúscula calcinha de renda, minha boca encheu de água. Lentamente, puxei a calcinha e percebi que a respiração dela ficou mais irregular, assim como a minha. Imediatamente ela arreganhou as pernas, convidando-me. *Porra, essa garota não tem uma gota de timidez, é totalmente segura de si. Ela vai me matar!*

Sem aguentar esperar mais um minuto, eu agarrei suas coxas e lambi aquela boceta deliciosa e totalmente depilada. Camila gemeu alto dessa vez, me deixando louco. Comecei com movimentos leves, brincando com a língua em seu clitóris e senti seu corpo tremer. Girei a língua naquele ponto e ela, mais uma vez, gemeu e levou as mãos ao meu cabelo, puxando-os com ansiedade.

Lambi com mais vontade, estimulando-a, e simultaneamente enfiei um dedo nela com cuidado. No primeiro momento, ela ficou tensa, mas logo depois relaxou. Enquanto eu trabalhava em conjunto com a língua e o dedo, ela enlouqueceu: todo o corpo dela tremeu e ela gemeu enlouquecida. Nesse momento, senti meu pau latejar e doer dentro das calças, a ponto de explodir.

Segurei mais firme as coxas dela e intensifiquei os movimentos, instantes depois senti seu corpo convulsionar e ela gozou, deliciosamente, na minha boca. *Porra, o gosto dela é bom pra caralho.* Lambi até a última gota, até o corpo dela relaxar e ela começou a ficar molinha, então subi o corpo e deitei ao lado dela, com minhas bolas doendo pra caralho do tesão reprimido. Eu precisava gozar.

Olhei para ela, que permanecia de olhos fechados, ainda ofegante e com uma expressão satisfeita no rosto. Aproximei-me, dei um beijo na pontinha do nariz dela e saí da cama. Meu movimento fez Camila abrir os olhos. Observei-a deitada na cama, toda nua e saciada. Ela estava mais linda do que nunca.

— Aonde você vai? — Camila perguntou, levantando e apoiando os cotovelos na cama

— Eu preciso de um minuto, vou tomar um banho e já volto.

Ela apenas deitou novamente, e eu entrei no banheiro. Tirei a roupa e fui para o chuveiro, duro como uma rocha. Eu realmente precisava de algum alívio, então entrei embaixo da ducha, segurei meu pau com os olhos fechados e lembrei daquela buceta perfeita, toda melada e quente. Eu ainda conseguia sentir seu gosto, e foi com esse sabor na minha boca que comecei a me masturbar, imaginando-me enterrado nela.

De repente, escutei o barulho da porta abrindo. Camila acompanhou meus movimentos com os olhos e mordeu os lábios ao olhar para o meu pau e ver o que eu estava fazendo. Eu não parei, e ela não se intimidou, continuou me observando. Percebi sua respiração ficar ofegante e então ela deu um passo à frente, decidida.

Olhando nos meus olhos, ela andou até mim, parou na minha frente e começou a beijar meu peito enquanto eu me masturbava. Camila foi descendo os beijos, se ajoelhou na minha frente e, ainda me olhando, tirou minha mão do meu pau e colocou-o na boca. *Putá que o pariu, essa garota vai me matar.*

Por um momento, fechei os olhos e joguei a cabeça para trás, enlouquecido e dopado de tanto prazer, mas eu queria olhá-la. Abri os olhos e aquela foi a porra da visão mais sexy que já tive na vida. Segurei na cabeça dela e passei a ditar o ritmo de seus movimentos, sentindo que em poucos segundos ia explodir.

— Eu vou gozar — alertei.

Ela não parou, pelo contrário, intensificou os movimentos. Eu não pude mais controlar, gozei com força e ela engoliu tudo, sem o menor pudor. Camila me sugou até a última gota, e eu percebi que ela estava se deliciando com isso.



Tomamos banho juntos, entre beijos e carícias. Eu não conseguia tirar as mãos dela. Estava longe de me satisfazer, mas eu ainda não podia ir mais longe.

Terminamos o banho e Camila foi para o quarto dela colocar uma roupa. Quando ela voltou, eu estava terminando de me vestir, mesmo assim ela entrou, sentou na cama e ficou me observando. Ela queria falar alguma coisa e eu até imaginava o que era, minha dúvida era quantos minutos ela aguentaria antes de perguntar.

— Lorenzo... — ela começou a falar.

Eu ri. Ela não esperou nem um minuto.

— Por que você está rindo?

— Nada. Pode falar, Camila.

— Por que você não transou comigo? — ela perguntou com um tom magoadado.

Eu sentei ao lado dela na cama, antes de responder.

— Não pense que foi fácil parar e também não pense que foi por falta de tesão, porque não foi, mas tem muita coisa em jogo. Eu não quero confundir sua cabeça. Nem era para ter acontecido nada disso, mas você é tentadora demais e eu não consegui resistir.

— *Okay*, então eu vou reformular a pergunta: Por que você não quer transar comigo? — ela questionou, demonstrando um pouco de irritação.

— Eu quero muito, mas não acho certo, acredite em mim. Estou pensando exclusivamente em você, porque se eu fosse pensar em mim, já estaria enterrado na sua boceta até o talo.

Camila não se intimidou com meu jeito rude de falar e continuou seus questionamentos.

— Pensando em mim? Eu já deixei bem claro que quero você, Lorenzo.

— Você ainda não sabe o que é bom para você. Camila, você está confusa, frágil e carente... eu não quero me aproveitar disso. Essa coisa de virgindade é importante para as mulheres, você deve se entregar a um cara especial que possa se casar com você, sei lá... alguém que seja capaz de te amar.

— Você é incapaz de sentir amor ou seu problema é só comigo?

— Não sou incapaz de amar, tampouco meu problema é com você, eu só não penso em me apaixonar por alguém, não quero essa escravidão.

— Quem disse que gostar de alguém é escravidão?

— Ninguém precisou dizer, eu vejo! Todos os dias eu vejo como meus primos são dependentes das esposas. Um bando de marmanjos capazes de fazer as piores merdas que você imaginar, no entanto eles quase morreram quando pensaram em perdê-las. No meu mundo fodido, merdas acontecem todo o tempo, Camila.

— Sentimento não significa fraqueza, Lorenzo. Se apaixonar não faz de você um homem fraco.

— Significa fraqueza, sim. Meus inimigos sempre vão mirar exatamente onde eles sabem que vão machucar mais.

— Ainda assim, é um risco que vale a pena viver, porque às vezes um único dia de felicidade equivale a uma vida inteira, afinal as boas lembranças são eternas. Você acha que amar alguém é só sofrimento, Lorenzo? Você agora é um cara lindo e cheio de vida, tem todas as mulheres que quiser aos seus pés e pode ter uma diferente a cada dia, mas quem vai te restar quando você envelhecer? Ou você vai querer chegar do trabalho e encontrar sua casa sempre vazia? Ninguém nasceu para viver sozinho. Eu não te pedi para me amar e, muito menos, para casar comigo, eu só queria passar momentos bons com você. Pela primeira vez em muito tempo, não sinto todo o peso do mundo nas minhas costas. Eu só queria me divertir e ter a vida de uma garota normal, mas você é covarde demais para assumir que me quer tanto quanto eu te quero — ela falou indignada, enquanto se levantava da cama. Depois saiu do quarto, batendo a porta.

Suspirei, sentindo-me cansado daquela merda toda em que me meti. Olhei o relógio, era quase meia-noite; na Itália, por volta das nove horas da manhã. Peguei meu celular e liguei para o meu pai, pois precisava falar com alguém.

— *Bom dia, meu filho. Para vocês ainda é boa noite. Como estão as coisas?*

— Tudo bem, pai. Alguma novidade sobre o pai da Camila?

— *Ele ainda está desaparecido, mas nós não podemos avançar muito ou vão desconfiar do nosso interesse.*

— Entendi.

— *Lorenzo, o que está acontecendo?* — meu pai perguntou.

— As coisas estão saindo do controle aqui, pai.

— *Em que sentido?*

— Está difícil pra caralho resistir, principalmente porque ela não facilita em nada para mim.

— *Você transou com ela, meu filho?*

— Não, mas quase.

— *Quase?*

— Nós fizemos sexo oral. Eu tive que tirar força do inferno para resistir à tentação de me enterrar nela.

Eu não gostava de expor minha vida sexual, muito menos queria expor a italianinha, mas era meu pai e eu precisava falar. Ele ficou calado por alguns segundos, e eu me arrependi de ter contado.

— *Não se martirize tanto, filho, você é apenas humano. A garota é linda, então eu entendo sua situação. Eu a comeria.*

Eu teria rido, se não estivesse tão confuso. Meu pai era uma figura.

— Não quero magoá-la, pai. Ela já perdeu demais na vida e está perdida, por isso está se agarrando a mim. Não quero me aproveitar disso.

— *Ela já deixou claro que quer transar com você?*

— Sim, mas também já deixou claro que quer se distrair das preocupações, sentir outra coisa que não seja dor. Eu posso dar isso a ela, mas e depois?

— *Se você está preocupado com o depois, isso já quer dizer alguma coisa.*

— Claro que estou preocupado. Nós podemos passar esses dias aqui transando igual dois coelhos e brincando de casinha, mas e quando voltarmos para a Itália? Eu vou simplesmente devolvê-la

para o pai e dizer: " Camila, obrigado por tudo, foi muito bom transar esse tempo todo com você, mas agora cada um vai viver sua vida"? Ela não vai reagir bem a isso, a menina é sozinha, a mãe morreu, e o pai, ao invés de cuidar dela, se tornou um filho pra ela cuidar. Ela não precisa ter que lidar com um coração partido. Eu posso não ser o melhor homem do mundo, mas também não sou um canalha.

— *É claro que você não é, filho, mas não me lembro de você se importar tanto com alguma mulher como está se importando com ela.*

— A Camila é diferente, eu tenho um carinho por ela.

— *Estou vendo.*

— Ela ainda é uma menina, mas ao mesmo tempo é toda mulher, tem um corpo feito para atormentar a cabeça de qualquer homem e ela não tem nada de tímida, é ousada e decidida. É difícil pra caralho resistir. Enfim, vou desligar, preciso dormir um pouco.

— *Descanse, amanhã você saberá o que fazer.*

— Tudo bem. Manda um beijo para minha mãe.

Desliguei o telefone, coloquei na mesa ao lado da cama e deitei com os olhos fechados, quando me virei de lado, senti o cheiro dela no travesseiro. *Inferno!* Rolei na cama por um tempo, até que desisti de tentar dormir e levantei. Troquei de roupa, peguei a arma e minhas coisas e saí do quarto. Ao encostar a porta e me virar, trombei com um pequeno corpo.

— Onde você está indo? — Camila me perguntou.

— Eu vou sair para beber alguma coisa, não demoro.

— Vai me deixar sozinha aqui? E se aparecer alguém?

— Ninguém sabe que estamos aqui.

— Eu quero ir com você!

— Camila, eu preciso ficar um pouco sozinha.

— Nós apenas vamos juntos, quando chegar lá, prometo ficar bem longe de você. Eu sento no bar, bebo alguma coisa, vejo pessoas e me distraio também, já faz tempo que não faço isso. Prometo não te incomodar.

— Isso não vai dar certo.

— Claro que vai. Eu estava vindo falar com você justamente sobre isso. Eu pensei bem e você está certo, é melhor sermos apenas amigos. Você está sendo um cara muito legal comigo, não quero estragar as coisas entre nós, não vou mais te provocar. Eu entendo seu ponto de vista e você está certo na maior parte das coisas que disse. Prometo que de agora em diante vou parar de forçar a barra com você, arrumar um cara mais próximo à minha idade e evitar problemas.

— Como assim arrumar um cara mais novo? Nós estamos aqui com um objetivo, garota! Você não pode apenas se concentrar em me ajudar a salvar sua pele sem ter um cara na equação?

— Até posso, mas qual seria a graça? Eu sou uma mulher, tenho minhas necessidades, preciso distrair minha mente dando prazer ao meu corpo. Conhece uma maneira melhor de esquecer os problemas? — ela falou, piscando para mim.

— Você pode se dar prazer sozinha, não precisa de outro cara. Além disso, você não conhece ninguém aqui, vai acabar se metendo em confusão e arrumando problema para mim.

— Sozinha não tem graça, Lorenzo. Deixa de ser careta, eu sei me cuidar. Espera aqui, eu vou me arrumar rapidinho.

Nem tive tempo de dizer mais nada, porque ela saiu correndo para o quarto e me deixou com cara de idiota no corredor. Sem ter muito o que fazer e já prevendo que ia dar merda, fui sentar na sala para esperar a italianinha maluca.

Eu estava trocando mensagens com Raphael quando ouvi barulhos de salto alto descendo as escadas, levantei a cabeça e perdi o fôlego. Ela estava maravilhosa, usando um vestido preto justo, na altura das coxas, meia calça preta e um scarpin preto de salto altíssimo; também fez uma maquiagem mais pesada que tirou totalmente a cara de boneca que ela tinha e deixou-a sexy pra caralho. Eu ainda estava olhando-a, hipnotizado, quando a ouvi falar.

— Podemos ir?

Levantei num pulo, sem graça pela minha reação de adolescente emocionado e guiei Camila até o carro.

Capítulo 6

Lorenzo

Eu queria ir em silêncio, pois minha cabeça estava cheia de pensamentos e conflitos, mas ela não me deixou ficar quieto, é claro.

— Já sabe para onde vamos? — Camila perguntou.

— Um bar qualquer, não conheço muito daqui.

— Eu gostaria de dançar. Eu amo dançar.

— A maioria dos bares daqui têm pista de dança.

— Ótimo! — ela respondeu, sorrindo animada, e eu sorri também.

— Ainda não tinha visto você usando esse vestido. Ele é muito bonito. Você está linda nele — elogiei, puxando assunto já que ela não me deixaria ficar sozinho com meus pensamentos.

— Foi um daqueles presentes seus. Aliás, a maquiagem, a meia, os sapatos, a lingerie... — ela respondeu, sorrindo. — Obrigada! Posso colocar uma música? — ela pediu.

— Vá em frente — falei, entregando o celular para ela.

Logo que os primeiros acordes de *Janie, Don't take your love to town*, de Jon Bon Jovi, começaram a tocar e Camila cantou a música até terminar. Fiquei olhando os lábios dela se mexendo e a lembrança dela chupando meu pau invadiu minha mente. *Porra, quem diria, tão menina e me deu o melhor boquete da minha vida.* Instantaneamente meu pau começou a acordar. Eu precisava mudar o rumo dos meus pensamentos.

— Acho melhor você não beber essa noite.

— Não se preocupe, eu sei me cuidar. Podíamos parar aqui, parece legal. O que você acha? — ela falou, olhando pela janela.

Reduzi a velocidade e observei o bar, parecia bastante animado.

— Pode ser.

Estacionei o carro um pouco mais à frente, desci primeiro para ajudar Camila a descer, fomos andando para o bar e nos sentamos. A música estava bem alta e o local, realmente muito cheio.

— Um uísque duplo para mim e uma coca-cola para a senhorita, por favor — pedi ao barman.

— Nada disso, a senhorita aqui quer um cosmopolitan, por favor.

— Uma coca para ela mesmo, que ela é menor de idade. Se ela te mostrar algum documento dizendo o contrário, é falso — falei, cortando as asas da Camila.

Camila

Fiz cara feia quanto à escolha da minha bebida. *Será que ele ainda não entendeu que proibições não funcionam muito comigo? Na verdade são até piores, afinal o proibido é mais gostoso.*

Se eu realmente tinha desistido? Claro que não, estava apenas mudando minha tática, pois percebi que se eu queria esse homem, teria que mudar minha abordagem. Enquanto Lorenzo percebesse que eu estava louca por ele, a segurança ia fazê-lo me afastar, mas se ele sentisse que eu não estava mais esperando por ele, com certeza reagiria. Todo mundo é assim, quando tem algo fácil demais, esnoba, mas quando percebe que está perdendo, resolve querer.

O barman trouxe nossas bebidas, e eu olhei ao redor vendo minhas possibilidades. Eu queria deixar o Lorenzo louco, mas dificilmente um cara se aproximaria de mim com ele tão perto. Estávamos sentados no bar lado a lado, então eu pulei para o banco do lado, deixando um assento de distância entre nós, e cruzei as pernas de maneira sexy, tomando minha bebida.

— O que você está fazendo? — Lorenzo perguntou.

— Se ficarmos tão juntos, vão achar que somos um casal. Nenhuma mulher virá até você e nenhum cara chegará em mim, e não é isso que queremos, afinal viemos para nos divertir.

— Você não vai ficar com cara nenhum. Ficou maluca?

— Por que não? Não vejo problema algum.

— É perigoso, você não conhece ninguém aqui.

— Para com isso, Lorenzo. Aqui somos pessoas comuns, você não precisa ficar na defensiva o tempo todo. Viemos aqui para nos distrair e é isso que eu vou fazer.

— Você não sabe se divertir sozinha? Sempre precisa ter um homem no meio?

— Precisa! Fica muito mais interessante e já faz tempo, quer dizer, exceto por hoje mais cedo, que ninguém me toca, eu estou com muito tesão acumulado — falei, totalmente sem pudor.

Eu não costumava ser tão aberta assim com ninguém, mas com Lorenzo eu me sentia à vontade para falar qualquer coisa. Era refrescante e assustador ao mesmo tempo.

— Eu fiz você gozar há poucas horas, você não está necessitada.

— É que eu sou um pouco insaciável. Não me leve a mal, hoje foi muito bom, mas eu quero mais. Eu já entendi que você não pode me dar o que eu preciso, e estou bem com isso, mas não estou disposta a desistir de chegar ao máximo do prazer.

Lorenzo me olhou de boca aberta, sem palavras, e eu achei que fosse a hora certa de dar um momento para ele refletir sobre o que eu queria.

— Com licença, eu vou ao banheiro — avisei e ele fez menção de levantar, mas eu o parei. — Pode me esperar aqui, eu já volto.

Coloquei o copo no balcão e saí andando e rebolando exageradamente em direção ao banheiro. Eu podia sentir seu olhar me queimando.

Quando estava perto do banheiro, percebi um homem me observando. Ele não era tão bonito quanto Lorenzo, mas não era feio, então resolvi começar o jogo. Retribuí os olhares do cara e, quando ele percebeu, deu um passo à frente. Entrei no banheiro para fazer xixi, lavei as mãos e, como imaginei, o cara estava na porta do banheiro me esperando.

Olhei com o canto dos olhos para o bar e vi Lorenzo encarando-nos com cara de quem ia nos matar. Eu quis rir, porque sempre adorei essa sensação de perigo, mas tinha que manter a encenação.

— Boa noite, linda — o carinha falou, mas não me emocionou em nada.

— Boa noite — respondi, fingindo interesse.

— Você tem namorado? — ele perguntou, apontando para onde Lorenzo estava sentado.

— Não, o cara no bar é meu tio.

— Eu me chamo Eliot. Muito prazer — o cara se aproximou para beijar o meu rosto. — Qual o seu nome?

— Prazer, Eliot, sou Camila. Vamos nos sentar lá no bar, assim podemos nos conhecer melhor.

Ele assentiu e nós seguimos para o bar. Lorenzo estava com a cara fechada e ficando muito vermelho como se, a qualquer momento, fosse explodir. Quando chegamos ao bar, não perdi a oportunidade de pirraçar Lorenzo.

— Eliot, esse é Lorenzo, meu tio.

— O quê? — Lorenzo falou, chocado, olhando-me com fúria. — O que você pensa que está fazendo? Seu tio é o caralho!

— Vocês podem me explicar o que está acontecendo aqui? — Eliot perguntou sem entender nada, coitado.

— Não se meta, porque a porra do meu assunto é com ela. Aliás, se você tem algum juízo, some daqui agora mesmo — Lorenzo respondeu por mim.

— Calma aí, cara, não precisa ficar nervoso. Essa princesa me convidou para sentar aqui, achei que não tinha nada demais — Eliot se defendeu.

Lorenzo fechou os olhos por uma fração de segundos e respirou bem fundo.

— Ela não tem noção do perigo, te chamou para me provocar e conseguiu, então se eu fosse você, saía rapidinho daqui — Lorenzo falou, furioso demais.

Nesse momento, comecei a me arrepender de ter colocado um inocente nesse meio. E o pior é que Eliot era tão sem juízo

quanto eu, percebi isso porque, ao invés de obedecer, ele respondeu, atrevido:

— Eu vou sair se ela pedir.

Em um passo, Lorenzo estava em cima dele, segurando-o pela gola da camisa e olhando-o com uma fúria assassina que me fez tremer.

— Você vai sair daqui agora, não vai mais falar ou sequer olhar na direção dela. Some da minha frente ou eu vou matar você. Aproveita que estou te dando mais uma chance — Lorenzo falou, sem soltar a camisa de Eliot.

O rapaz estava vermelho e com os olhos arregalados, muito assustado.

— Lorenzo, larga ele. Ele já entendeu e vai embora — intervim, sentindo-me culpada e percebendo que fui longe demais. — Eliot, desculpe, é melhor você se afastar.

Segurei no braço de Lorenzo e o puxei. Com muito custo ele soltou o cara, que saiu o mais rápido que conseguiu. Lorenzo, então, direcionou o seu olhar assassino para mim e saiu andando.

— Lorenzo, espera! — chamei, seguindo-o. — Para onde você vai?

Ele parou e voltou a me olhar, antes de responder.

— Eu vim aqui para me distrair, não para me estressar. Eu te avisei que isso não ia dar certo e você veio cheia de papinho para o meu lado, me convencendo. O que você quer, porra? Minha vontade era de matar esse cara agora, é isso que você quer?

— Cla... claro que não. Eu só estava seguindo seus conselhos sobre arrumar um cara mais próximo à minha idade e...

— E você acha que vai encontrar esse cara aqui? — ele me interrompeu. — Esses caras só estão procurando a próxima, só estão interessados em sexo.

— Talvez eu só queira isso também.

— Qual é o seu problema, porra? Cismou de transar com qualquer um? — ele falou, exaltado.

— Não quero qualquer um! — gritei na cara dele. — Eu quero você, mas você não me quer e eu já entendi isso.

— Parecia que eu não queria você quando estava chupando sua boceta há algumas horas? E que porra é essa de falar que eu sou seu tio? Eu não era a porra do seu tio quando gozei na sua boca — ele falou, ainda transtornado.

Percebi que exagerei só um pouquinho na minha estratégia de deixá-lo enciumado, então tentei me explicar.

— Eu não queria que o cara se sentisse intimidado por você, por isso inventei essa coisa de tio. Achei que você não se importaria.

— Eu me importei, e muito, porque não quero ver outro cara tocando em você — Lorenzo falou e logo depois pareceu se arrepender. — Olha, nós podemos apenas sentar e conversar como dois adultos, sem envolver outro homem ou mulher na história, ou podemos ir embora. O que você quer? — ele disse mais calmo dessa vez.

— Tudo bem, vamos voltar para o bar, só você e eu.

Voltamos para o lugar em que estávamos e nossas bebidas ainda estavam lá. Peguei meu refrigerante e já ia beber quando Lorenzo tomou, bruscamente, o copo da minha mão, derrubando um pouco do líquido e me fazendo olhá-lo sem entender nada.

— Nunca beba nada que você não sabe de onde vem ou que você saiu de perto por um tempo. Alguém pode ter colocado alguma coisa na sua bebida, não vacila.

— Ah tá. Entendi — respondi, meio aérea, parando para pensar que fazia sentido.

Ele entregou nossas bebidas ao barman e pediu outras duas que logo vieram. Sentamos lado a lado e, depois de um tempo, senti que ele relaxou novamente. Dessa vez, conversamos sobre banalidades. Lorenzo me contou sobre sua família e deu para perceber que ele era apaixonado por crianças, pois me mostrou com orgulho a foto dos sobrinhos e primos e da irmã e não pude deixar de observar o quanto a família toda era muito linda; as crianças

pareciam atores de comerciais de TV, e os homens e as mulheres pareciam todos modelos de capa de revista. No entanto, Lorenzo ainda era o mais lindo entre eles.

Lorenzo me contou algumas loucuras de sua irmã e de sua mãe, e eu morri de rir das histórias. Ele me mostrou ser um cara engraçado e descontraído. Eu não fiquei para trás e também contei coisas que já fiz na vida e falei sobre algumas das minhas preferências. Esse nosso momento no bar me fez perceber que ele era muito mais do que um cara bonito e gostoso, ele era incrível, sem dúvidas.

Alguns refrigerantes depois, precisei realmente ir ao banheiro. Lorenzo se ofereceu para ir comigo, mas eu disse que não precisava. Não demorei a voltar, no entanto ao me aproximar da mesa, tive uma surpresa. Provei do meu próprio veneno ao me deparar com uma mulher linda e com um corpão de matar, conversando e sorrindo, toda oferecida, para ele. Eu parei por um minuto, olhando aquela cena, e em pouco tempo os olhos dele encontraram os meus.

Rapidamente eu me recompus. Vi o quanto Lorenzo ficou perturbado com a presença de Eliot mais cedo, esse era um sinal de que eu estava no caminho certo e não podia colocar tudo a perder novamente. Então, mesmo com o coração disparado e morrendo de ciúmes, coloquei uma máscara de tranquilidade no rosto e voltei a andar em sua direção.

Lorenzo não tirou os olhos dos meus até eu chegar próximo. Ele ainda estava sentado no banco do bar e a mulher estava em pé na frente dele, de costas para mim.

— Olá, boa noite — cumprimentei, sorrindo por fora e morrendo de raiva por dentro.

A mulher me olhou de cima a baixo, sem demonstrar muita simpatia. *Piranha*.

— Camila, essa é a Ana Vizentim, acabamos de nos conhecer.

— Prazer, Ana — falei, esticando a mão para cumprimentá-la, tentando disfarçar ao máximo meu ódio.

Ela apertou a minha mão sem dar muita atenção e voltou a conversar com Lorenzo. Eu me sentei ao lado deles e foquei na minha bebida, fingindo indiferença. Aquela mulher estava claramente interessada nele, e para o meu desprazer, tinha uma conversa agradável, não era uma daquelas mulheres chatas e fúteis. Escutei-a mencionar que era professora de inglês e fiquei ainda mais insegura. *Além de bonita, é inteligente. Que afronta!*

Lorenzo dividiu sua atenção entre ela e eu, tentando me encaixar na conversa dos dois, mas não deu muito certo, pois ela não queria dividir a atenção dele. Um tempo depois, eu fiquei com raiva e entediada.

Começou a tocar uma música que eu amava e, cansada de ficar sobrando ali, me levantei para dançar.

— Aonde você vai? — Lorenzo perguntou, assim que me levantei.

— Vou dançar.

Ele fez menção de se levantar para me acompanhar, mas eu espalmei minhas mãos em seu peito, parando-o.

— Fique aí com sua amiga, daqui você vai me ver. Apenas observe — falei e saí rebolando até o meio da pista de dança.

Ele terá uma surpresinha.



Lorenzo

Depois que Camila se afastou, dizendo que ia dançar, eu me desliguei totalmente da mulher que estava conversando comigo, de quem eu já nem lembrava mais o nome, inclusive. Ela era, sem dúvida, uma mulher gostosa demais e teria atenção exclusiva do Lorenzo de antes, no entanto eu tinha enjoado da mesmice que fadas aleatórias me proporcionavam. Não que eu quisesse me amarrar, me casar ou sequer namorar, longe disso...

Caminhei em direção à Camila, pois eu estava com uma intuição filha da puta de que ela ia aprontar. A mulher ao meu lado, sem perceber, continuou falando sem parar. Ela até tinha um papo agradável, mas a verdade é que eu não estava interessado em conversar com ela, pois uma certa italianinha, abusada, rebelde e espevitada era a única que tinha minha total atenção naquela noite.

Camila parou ao lado de algumas meninas, sorriu para elas, falou algo e logo se enturmou; as meninas abriram a rodinha, incluindo-a, e todas começaram a dançar, rebolando ao som da música. Eu fiquei hipnotizado ao vê-la dançando de olhos fechados, sorrindo espontaneamente, toda linda, deusa e dona de si.

Depois de um tempo na pista e, quando a quarta música começou a tocar, Camila se empolgou ainda mais, assim como as outras meninas. Continuei observando-a e vi quando ela, sem se importar em estar de vestido, subiu em uma das mesas, chamando a atenção de todo o bar. *Putá merda, eu vou matar essa garota.*

Levantei apressado, coloquei um dinheiro em cima do balcão, sinalizando para o barman e, sem me importar em deixar a mulher falando sozinha, comecei a caminhar em direção a Camila. Ela continuava dançando, rebolando, gesticulando com as mãos e fazendo caras e bocas. Os homens a olhavam babando, fazendo-

me querer matar um por um, mas antes que eu fizesse uma merda, segurei suas pernas e a joguei por cima do meu ombro, com cuidado para não mostrar sua calcinha. Camila ameaçou se debater, mas eu dei um tapa na bunda dela e ela ficou quieta. Saí do bar carregando-a até o carro.

A noite tinha acabado ou eu ia acabar perdendo a cabeça, então achei melhor irmos para casa. Já dentro do carro, sentei-a no banco do carona e coloquei o cinto de segurança nela, sentei no banco do motorista e dei a partida. Camila estava sentada de qualquer jeito, quase mostrando a calcinha e visivelmente era para me provocar; e eu estava muito puto com ela mais uma vez. Quando estacionei na garagem de casa, abri a porta do lado do passageiro, mas ela nem se mexeu para descer do carro.

— Você pretende passar a noite aí ou vai entrar? — perguntei, impaciente.

— Você pode me carregar? Estou muito cansada — Camila pediu, manhosa.

— Engraçado, para dar um show em cima da mesa no bar você não sentiu nada — falei ainda mais puto, lembrando de todos aqueles caras babando nela.

— Por favor — ela pediu novamente, fazendo beicinho.

Sabendo que se eu não fosse, ficaríamos ali até amanhecer, eu a peguei de má vontade.

— Nossa, você é tão forte, Lorenzo. Me carrega tão fácil que parece que eu não peso nada. Olha esses braços... Meu Deus, que calor! — ela falou, apertando meus músculos. — Lorenzo, porque você se faz de difícil? Eu sei que você me quer e eu também te quero, então deixa de ser bobo! Porque se você não transar comigo, eu vou transar com um cara aleatório.

— Cala a porra da boca, Camila. Você já me irritou demais essa noite — esbravejei, mas a sem-vergonha apenas riu, deitando a cabeça no meu peito.

Entrei em casa com Camila nos braços, levei-a para o meu quarto e coloquei-a sentada na cama, enquanto fui ligar o chuveiro.

Agora ela me paga! Quem ela pensa que é para se exibir daquele jeito? A essa altura ela já estava descabelada, com a maquiagem dos olhos toda borrada e o vestido bagunçado, ainda assim, continuava incrivelmente linda.

Coloquei o chuveiro na temperatura fria, peguei-a no colo e coloquei-a com roupa e tudo debaixo da água para ver se apacava o fogo dela. Assim que sentiu a água gelada em seu corpo, começou a gritar e se debater para sair.

— Me solta, Lorenzo! Você quer me matar? Estou com muito frio, vou morrer de pneumonia.

— Deixa de ser dramática, garota. Isso é para você aprender a segurar seu fogo.

— Para! Estou com muito frio, quase congelando — ela falou, mais uma vez tentando me bater e me afastar.

— Sossega, Camila, eu não vou te soltar. Você precisa desse banho

Ela parou de se debater e ficou me olhando por alguns segundos, séria.

— Me deixa, eu sei tomar banho sozinha — ela falou, atrevida.

Antes que eu pudesse prever, ela fez uma concha com as mãos, encheu de água e jogou na minha cara, me molhando todo.

— Ah, sua abusada, encrenqueira do caralho...

Eu estava puto com Camila, mas de repente vi sua expressão mudar e toda a rebeldia se esvaír, dando espaço à menina que ela realmente era.

— Me deixa em paz! Eu não quero mais ficar aqui, quero ir pra cama — ela falou, chorando. — Que droga, por que eu nunca posso fazer o que eu quero? Eu sempre tenho que fazer o que os outros acham que é melhor para mim. Eu sou um ser humano com sentimentos e vontade própria, cacete.

Camila chorou copiosamente. *Merda!* Acabei entrando de vez embaixo do chuveiro, abraçando-a forte, deixando-a chorar suas mágoas. A água caía sobre nós, deixando-nos encharcados,

quando ela deitou a cabeça no meu peito e retribuiu meu abraço, entregando-se ao choro.

— Calma, vai ficar tudo bem, ninguém mais vai te obrigar a nada — falei, esfregando as costas dela e tentando acalmá-la, mas ela só chorava, mais e mais.

Depois de algum tempo e um pouco mais calma, Camila me largou, deu um passo para trás e, ainda me olhando nos olhos, tirou toda a sua roupa. Quando ficou completamente nua, ela me entregou o sabonete sem dizer uma palavra, mas eu sabia exatamente o que ela queria.

Peguei o sabonete de sua mão para lhe dar banho, delicadamente. Naquele momento, olhando-a tão pequena, frágil e carente de atenção, meu peito foi tomado por um sentimento diferente. Eu queria apenas cuidar dela, sem nenhum interesse sexual.

Quando eu terminei, ela começou a tirar minha roupa, e eu deixei ela fazer o que quisesse de mim. Ela me despiu e, em seguida, me lavou exatamente como fiz com ela. Ao final do banho, nos secamos e voltamos para o quarto. Ainda sem roupa, entramos embaixo das cobertas, ela se aconchegou em mim, buscando calor, e eu a abracei. Instantes depois, fechei os olhos, tentando entender o que estava acontecendo entre nós, mas desisti de buscar uma resposta e, me sentindo totalmente confortável, dormi.

Capítulo 7

Lorenzo

Camila ainda estava agarrada em mim quando eu acordei. Afastei seu corpo delicadamente, levantei devagar para me vestir e fui ao banheiro, sem fazer barulho para não acordá-la. Ao me deparar com nossas roupas molhadas no chão, lembrei-me de todas as coisas que aconteceram nas últimas 24 horas. Sacudi a cabeça, afastando esses pensamentos, fiz minha higiene matinal, peguei meu celular, minha arma e descii.

Meu celular tocou quando eu sentei à mesa da cozinha para tomar uma xícara de café. Olhei a tela e era Raphael em uma chamada de vídeo. Fui até o escritório, fechei a porta, conectei meu celular ao notebook para ter uma imagem maior e atendi a chamada. Instantes depois, três cabeças sorridentes apareceram na tela; Raphael estava com as gêmeas.

— Bom dia, bonecas! — cumprimentei.

— *Oi, tio Lorenzo!* — elas responderam.

— Não vai me responder também, Raphael? O cumprimento se estendeu a você, afinal eu disse *bonecas*, no plural.

— *Você é tão engraçado, Lorenzo. Só não vou dar a resposta que você merece por causa das minhas filhas* — ele falou, e eu ri.
— *E aí, como está a vida de casado?*

— Agora eu que digo, você é tão engraçado, Raphael.

— *Cara, falando sério agora, você está com uma cara péssima. O que está rolando?*

— Tanta coisa, irmão. Eu me meti em uma furada que você nem imagina.

Antes que Raphael me respondesse, as gêmeas chamaram a atenção dele.

— *Papa, nós vamo bincar. Vem, Raphaela* — Sophia falou, descendo do colo do pai e chamando a irmã.

Raphael levantou, abriu a porta para elas saírem, fechou-a novamente e voltou para falar comigo.

— *Então, o que está acontecendo, cara?*

— A mulher é completamente insana, Raphael. Ela está me deixando maluco, em todos os sentidos. Não sei mais como agir com ela.

— *Peraí que eu acho que não ouvi direito. Lorenzo Esposito, o garanhão da máfia italiana, não está sabendo lidar com uma mulher?* — Raphael disse, abafando uma risada.

— Essa mulher é mais maluca do que eu, cara. Sem contar que ela parece a porra da Medusa, porque eu viro pedra só com o olhar dela, se é que você me entende.

Raphael deu uma gargalhada escandalosa, mas eu não achei a menor graça.

— *Lorenzo, o que exatamente está acontecendo? Você comeu ou não?*

— Não fala assim, porra. Não, eu não comi, mas estou doido para comer e não posso.

— *Não pode por quê? Se a menina quer você, essa questão de idade não deve ser levada tão a sério, cara. Ela está prestes a fazer 18 anos, esquece isso e acaba logo com esse sofrimento.*

— No início estava pesando muito a questão da idade, mas eu já percebi que ela não tem nada de inocente e está louca para me ver perdendo o controle. A questão é que... eu não quero magoá-la, cara. Não quero comer e depois pular fora. A menina vai ficar mal, eu sinto que ela está apegada a mim.

— *Você não costumava se incomodar muito com essas coisas.*

— Ela é diferente.

— *Diferente, hein?!*

— Estou falando sério, Raphael. Ela é uma menina especial, não quero que ela sofra por minha causa, mais do que já sofreu com a vida.

— *Já aconteceu alguma coisa entre vocês?*

— Muitas coisas, mas ela continua virgem, não houve penetração.

— *Então transa logo, cara. Se vocês já se beijaram, se já rolou uma sacanagem, qual a diferença?*

— A diferença é que as mulheres levam muito a sério essa coisa de virgindade, cara. Essa menina não tem praticamente ninguém. Sabe aquela frase do Pequeno príncipe que suas gêmeas adoram? “Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas.” É sobre isso.

Antes que qualquer um de nós falasse mais alguma coisa, a porta do escritório se abriu bruscamente e uma Camila totalmente sorridente entrou no cômodo, correndo em minha direção. Ela pulou no meu colo, sorrindo e sentando de qualquer maneira, quase derrubando nós dois.

— Bom dia, Lorenzo Esposito! — ela me cumprimentou, entusiasmada, sem se dar conta de que eu estava em uma chamada.

— *Bom dia, Camila Falcone* — Raphael, propositalmente, respondeu no meu lugar.

Camila pulou do meu colo, procurando de onde vinha aquela voz, e ficou totalmente vermelha quando viu meu primo na tela do computador.

— Oh, meu Deus, me desculpe! Eu não sabia que ele estava ocupado.

— *Não se preocupe. Sou Raphael Esposito, primo do Lorenzo.*

— Eu sou a Camila. Lorenzo me mostrou fotos da sua esposa e de suas filhas, que por sinal são muito lindas. Você tem uma família encantadora, parabéns.

— *Obrigado. Eu sou um cara de sorte* — Raphael respondeu.

— Bom, eu vou deixar vocês terminarem a conversa, só vim avisar ao Lorenzo que o café da manhã está pronto. Tchau, Raphael, foi um prazer te conhecer.

— *Igualmente. Tchau, Camila.*

Do mesmo jeito que ela entrou — feito uma louca —, saiu, dando mais motivos para Raphael cair na gargalhada.

— *Você está fodido, Lorenzo. Não adianta lutar, tu já cativou, parceiro.*

— Ligou só para zoar ou tem algo a dizer? — falei, não aguentando mais aquele assunto.

— *Tenho notícias sobre a situação da Camila.*

Na mesma hora Raphael ganhou minha total atenção, mas eu o interrompi por alguns segundos, apenas para trancar a porta do escritório.

— Agora sim, pode falar.

— *Em primeiro lugar, como já suspeitávamos, seu sogro está vivo.*

Ignorei a gracinha do Raphael, ao intitular Frederico Falcone como meu sogro, e me atentei ao que realmente interessava.

— Ele está procurando a filha?

— *Não, está no cativeiro dos Outlaws. O plano deles é mantê-lo preso para que a guarda temporária de Camila fique com Francesco e ele assine a autorização do casamento entre Camila e Giovanni. Ele garantiu que tem poder para obrigar a sobrinha a casar com o babaca, desde que Frederico esteja fora da jogada.*

— O bastardo deve ganhar um bom dinheiro se houver esse casamento.

— Com certeza — Raphael concordou. — *Os Outlaws sabem que a Camila é uma figura conhecida no meio jurídico aqui na Itália, por isso não vão sequestrá-la, Eles pretendem fazer tudo dentro da lei, então a saída é Giovanni casar com ela.*

Fiquei chocado com tudo o que ouvi, pois fazia muito sentido. Não seria dificuldade alguma para eles pegarem uma menina na marra, pois os bastardos estavam envolvidos com tráfico de virgens fora da Itália, mas no nosso território e envolvendo a filha de um juiz, eles com certeza fariam as coisas de forma bem diferente.

— *Eles estão fazendo buscas por ela junto com Francesco. Giovanni já se intitulou noivo da Camila, e Francesco confirmou tudo.*

— Por que esse desgraçado está tão obcecado por ela?

— *Eu acho que você sabe essa resposta, Lorenzo. A garota é linda e tentadora.*

— Sério?! Deixa a Maria Eduarda ouvir isso — falei, ligeiramente irritado com os elogios do meu primo em relação à italianinha.

— *Maria Eduarda é única e insubstituível, ela sabe disso. Minha mulher está em um patamar a mais do que qualquer mulher deste mundo. Ela é perfeita e feita exclusivamente para mim.*

— Nossa, quer aumentar minha glicose com essa melação toda?

— *Ah, Lorenzo, eu só estou esperando seu momento chegar, e algo me diz que está muito perto.*

— Vai se foder, Raphael. Meu coração é blindado.

Antes que pudéssemos falar mais alguma coisa, as gêmeas entraram correndo no escritório, chamando a atenção de Raphael.

— *Papai, a Sophia puxou meu cabelo* — Raphaela se queixou.

— *Sophia você não pode puxar o cabelo da sua irmã, o papai já conversou com você...*

— Raphael, outra hora conversamos. Tchau, meninas — despedi-me e desliguei o notebook, sabendo que aquele assunto das gêmeas renderia.

Saí à procura de Camila e a encontrei na cozinha. Assim que me viu, ela sorriu pra mim.

— Fiz panquecas para o café da manhã — ela disse.

— Estou vendo. Na verdade, estou sentindo, o cheiro está maravilhoso.

— Vem, senta pra comer — ela me chamou. — Lorenzo, seu primo ligou para falar sobre o meu pai?

— Sim, Camila. Eu não vou esconder nada para te poupar, porque já percebi que você é uma garota forte e, como é sobre sua vida, você tem o direito de saber. Não precisa ter medo, você está segura aqui comigo.

— Fala logo, Lorenzo.

Contei a ela tudo o que Raphael me contou e, durante algum tempo, Camila ficou calada e triste.

— Sinto muito por ter acabado com sua alegria.

— Eu prefiro sempre saber a verdade, mesmo que não seja boa. Eu odeio mentira.

— Eu também.

— Ótimo, então vamos sempre ser honestos um com o outro, doa a quem doer.

— Você pode começar me contando o que está passando pela sua cabeça agora.

— Estou pensando no meu pai. Não sei o que aqueles imbecis estão fazendo com ele, talvez seja melhor eu voltar e...

— E o quê?

— Voltar e me casar com esse tal de Giovanni para livrar meu pai dessa situação.

— Tá maluca? Você não vai se casar com esse cara, Camila, não fala merda.

— Lorenzo, eu nunca vou me perdoar se eles matarem meu pai por minha causa.

— A culpa não é sua, foi seu pai quem fez dívida com os Outlaws. Além disso, seu pai é um juiz federal, eles não vão arriscar tanto. Eles sabem que, quando soltarem seu pai, ele vai ficar de

boca fechada por ter o rabo preso, então não têm porque o matarem e se complicarem.

— Mas eles podem estar machucando-o. Se eu voltar e aceitar esse casamento, eles vão deixá-lo em paz.

— Você não tem que assumir essa responsabilidade, porra. Seu pai é um homem adulto e conhece, melhor que ninguém, as leis e as regras. Essa carga não é sua, por isso você não tem que se sacrificar. Eu vou dar um jeito nisso. Você confia em mim?

— Confio — ela respondeu.

Camila caminhou em minha direção e me abraçou. Eu retribuí o abraço, sentindo-me aliviado por ela ter desistido da ideia.

— A minha família está empenhada nisso, nós vamos dar um jeito.

— Tudo bem — ela falou, deu um sorriso tímido e sentou à mesa.

— Não fala mais besteira, você nunca vai se casar com esse cara.

— Por que você se importa tanto? — Camila perguntou.

— Porque eu sei que você não quer se casar com ele.

— E desde quando você se importa com o que eu quero? — ela insistiu.

— É claro que eu me importo.

— Então, vou deixar ainda mais explícito: eu quero você. Como é que a gente fica?

— Você quer romance e isso eu não posso te dar.

— Eu quero tudo que eu tenho direito, Lorenzo. Quero o pacote completo: você, seu coração e o seu pau, que é um grande e delicioso bônus. Ah, e quero tudo só para mim — ela falou, como sempre, decidida. — Se você ainda não pode me dar seu coração, eu vou esperar até que possa, pois não vou aceitar menos do que eu mereço, mas se quando você perceber o idiota que está sendo e o quanto está perdendo, eu já tiver desistido de te esperar, então o azar será todo seu.

Camila levantou da mesa e saiu da cozinha sem olhar para trás, me deixando sem palavras. *Essa garota é um furacão decidido a estremecer a minha vida.*

Eu ainda estava distraído com meus pensamentos e sentado à mesa quando meu telefone tocou.

— Oi, pai.

— *Lorenzo, vocês precisam sair daí agora! Eles descobriram que a Camila está em Seattle com você. A essa altura, alguém já deve estar indo atrás de vocês.*

Eu nem tive tempo de assimilar o que meu pai falou, porque de repente ouvi um grito de Camila que fez meu sangue gelar.

Imediatamente, peguei minha arma e subi correndo, deixando meu pai ainda na ligação. Quando entrei no quarto dela, um homem a segurava por trás, tapando a boca dela com uma mão, e com a outra apontava uma arma para mim. A primeira coisa que observei foi que ela estava vermelha e com um olhar muito assustado.

— Larga ela — falei entredentes, antes de gritar. — Agora.

— Se afasta ou a bonitinha morre.

— Você que está morto, seu filho da puta — falei, com mais ódio do que já senti em toda minha vida.

Minha raiva só crescia quando eu olhava para o rosto aterrorizado de Camila. *Eu vou matar esse desgraçado.* Minhas mãos coçaram para apertar o gatilho e, naquele momento, eu tive sede de sangue, mas eu precisava calcular muito bem meus movimentos para que Camila não fosse atingida.

De repente, um barulho vindo do andar de baixo chamou nossa atenção e, por uma fração de segundos, nos distraiu. Esperta como era, Camila aproveitou o momento e deu uma espécie de coice no babaca, acertando seu pau em cheio. O cara largou-a na hora, gemendo de dor, e ela conseguiu correr, se escondendo atrás de mim.

Sem esperar que ele se recompusesse, eu dei um tiro certo no meio da testa do infeliz que ousou tocá-la, matando o filho da puta. Eu queria consolá-la, mas não tínhamos tempo, pois havia

mais alguém na casa. Eu precisava ser rápido para salvar a vida dela e a minha.

Antes de falar com Camila, fui até o corpo do babaca esparramado no chão, e constatei que estava realmente morto.

— Fica aqui. Alguém entrou na casa e eu preciso pegá-lo para a gente conseguir ir embora. Quando eu sair, tranque a porta e espere eu voltar para te buscar. Camila, olha pra mim — segurei seu rosto, desviando seu olhar do corpo estendido no chão. — Não olhe para ele. Ele está morto, não vai mais te machucar. Eu já volto.

Ela não fez escândalo, não tentou me segurar, nem sequer chorou como eu presumi que faria. Camila tinha um olhar assustado, mas a coragem daquela menina me surpreendia.

Saí do quarto e, para o meu alívio, ouvi quando ela trancou a porta. Segui avançando pelo corredor, devagar, até que cheguei à escada. Silenciosamente e com a arma em punho, eu descí e, ao chegar no meio da escada, o cara apareceu no meu campo de visão. Nos vimos ao mesmo tempo, mas eu fui mais rápido e lancei meu corpo para cima dele.

Nós dois caímos no chão e, nesse processo, nossas armas também caíram de nossas mãos, então começamos uma luta corporal, derrubando tudo o que tinha pela frente. Eu consegui uma vantagem, ficando por cima dele e, descarregando um pouco do meu ódio, soquei sua cara quantas vezes eu pude, mas o cara também era grande e me deu trabalho. Olhei na direção em que minha arma caiu no chão e, nessa fração de segundos, ele ficou por cima de mim e me acertou dois socos.

Nós rolamos pela sala, derrubando mais algumas coisas pelo caminho, e paramos próximos à minha arma. O bastardo estava por cima de mim novamente, mas eu estava quase conseguindo pegar minha arma. Para o meu horror, vi um vulto descendo a escada.

Camila descia os degraus, silenciosamente, segurando uma arma apontada para nós. Eu fiquei estático por alguns segundos e, percebendo meu comportamento, meu oponente olhou na direção

dela. Aquela foi a minha deixa. Eu me estiquei mais um pouco por baixo dele, peguei minha arma e estourei os miolos do filho da puta..

Sangue espirrou para todos os lados e ele caiu morto. Levantei o mais rápido que pude e corri até onde Camila estava, aliviado e puto.

— Eu falei para você ficar no quarto, porra.

— Escutei muito barulho e tive medo por você. Eu precisava tentar te ajudar, então peguei a arma do outro cara, caído lá no quarto, e vim.

— Obrigado por pensar em mim, mas nunca mais faça isso. Ele poderia ter machucado você, e eu ia ficar louco. Você não tem experiência com armas — falei, segurando no rosto dela, tentando ser o mais gentil possível diante do caos. — Vamos embora daqui.

Segurei a mão dela e subimos para o quarto dela.

— Coloque suas coisas em uma bolsa, rápido, enquanto eu vou pegar as minhas também.

Camila assentiu, e eu corri para o meu quarto. Felizmente, minhas coisas ainda estavam na bolsa, então peguei-a, joguei minha carteira dentro e voltei para o quarto dela.

Desci as escadas com a arma em punho, protegendo Camila que estava atrás de mim. Passei na cozinha para pegar meu celular que deixei na mesa e nós corremos para a garagem.

— Coloca o cinto — falei e fechei a porta do carona que eu tinha aberto para ela entrar.

Joguei nossas bolsas no banco de trás, entrei no carro e partimos. Só então me lembrei de que deixei meu pai na linha antes de toda essa confusão. Conectei meu celular ao bluetooth do carro para retornar a ligação, mas percebi que ele ainda estava na linha.

— Pai, ainda está aí?

— *Você está ferido, filho? Vocês conseguiram sair da casa?*
— meu pai gritava do outro lado da linha.

— Calma, pai. Nós estamos bem. Já estamos na rua. Dois homens invadiram a casa do Demétrio, mas eu dei um jeito neles,

agora alguém precisa ir lá ajeitar a bagunça.

— *Porra, Lorenzo, que susto do caralho.*

— Pai, você está no viva voz — Avisei, com medo do que Camila poderia ouvir.

— *Lorenzo, presta atenção. Muitos outros aparecerão, agora que já sabem que ela está com você. Os bastardos não tiveram tempo para arrumar mais homens em Seattle, mas com certeza já enviaram mais homens daqui da Itália. Eles não vão desistir, meu filho.*

Meu pai nos orientou a ir para Nova Iorque, onde teríamos o apoio do Bernardo, sogro do tio Matheo. Faríamos a viagem de carro mesmo, nos hospedando em hotéis até chegarmos lá. Imediatamente eu concordei com essa ideia, pois, naquele momento, não seria seguro ficarmos em um local fixo.

— *Dirija até o início da noite e depois pare em algum hotel, amanhã vocês seguem viagem. Quando vocês chegarem em Nova Iorque, decidimos o que fazer, enquanto isso nós vamos resolvendo as coisas por aqui* — meu pai falou.

— Eu vou fazer isso, pai. Agora vou desligar, preciso dirigir com atenção.

— *Tudo bem, me mantenha informado e se cuidem.*

Desligamos a ligação e me concentrei na pista, com a cabeça fervendo em pensamentos. Giovanni estava mesmo obcecado por Camila, pois mobilizou homens da Itália para vir atrás dela. *Ele que vá para o inferno, porque eu nunca vou permitir que chegue perto dela.*

— O que está acontecendo, Lorenzo? — Camila perguntou, dispersando-me dos meus pensamentos.

— Os Outlaws já sabem que você está comigo. Aqueles homens foram enviados por eles — respondi e a olhei, deparando-me com uma Camila pálida. — Você está bem?

— Vou ficar. Só estou nervosa e um pouco enjoada por causa do estresse.

— Eu não posso parar para você vomitar, pois talvez estejam nos seguindo.

— Tudo bem, eu estou bem. Estaremos seguros em Nova Iorque?

— Não ficaremos lá permanentemente, mas lá teremos ajuda do Bernardo, que é da família e tem nossa total confiança. Não se preocupe, nós vamos ficar bem.

Camila apenas assentiu. Era normal porque ela ainda estava assimilando tudo o que aconteceu e, quando estivesse pronta, ela ia voltar a conversar. Ficou um silêncio estranho no carro, mas eu preferia assim porque precisava colocar meus pensamentos em ordem.

Assim como meu pai aconselhou, dirigi até o início da noite. Por mim eu continuaria na estrada para chegar em Nova Iorque o quanto antes. Eu não me sentia seguro em ficar em um hotel com ela, no entanto, só de olhá-la percebi que estava cansada e, provavelmente, com fome.

Depois de mais alguns minutos na estrada, eu dirigi mais devagar à procura de um hotel que me parecesse um pouco mais seguro.

Capítulo 8

Camila

Quase cinco horas de viagem depois, Lorenzo parou em um hotel na estrada. Eu já estava faminta e, como se não bastasse, estávamos tensos durante todo esse tempo, não colocamos nenhuma música e não conversamos. Nos mantivemos durante todo o trajeto, ele com os pensamentos dele e eu, com os meus. Antes de descer do carro, Lorenzo me entregou um boné e pegou um para ele.

— Coloca isso e tenta esconder o cabelo — ele me instruiu. — Não encare os funcionários e tente mostrar o mínimo possível do seu rosto.

Lorenzo esperou eu me ajeitar e, em seguida, colocou seu boné também. Apesar de tudo, não pude deixar de observar o quanto ele ficou lindo, não parecia um mafioso. Ele pegou algumas peças de roupa dele, colocou dentro da minha bolsa e nós entramos no hotel de mãos dadas.

Na recepção, ele falou o mínimo possível. Pagou adiantado nossa estadia, para o caso de precisarmos fugir, pegou a chave de um quarto no sexto andar e me encaminhou até o elevador, com a mão nas minhas costas demonstrando intimidade. Antes das portas do elevador se fecharem, um homem colocou a mão entre elas, impedindo-a de fechar, e entrou. Instintivamente, Lorenzo colocou a mão na arma e me puxou para mais perto dele. Alheio à nossa tensão, o cara apertou um dos botões no painel e o elevador começou a subir.

Eu mal podia respirar. Nesse momento, finalmente me dei conta da realidade que eu estava vivendo e senti o medo se

apossando de mim. Senti-me sufocada e comecei a suar. Imediatamente, senti a mão de Lorenzo apertar minha cintura, provavelmente percebendo meu estado; ele era muito observador.

— Respire fundo e devagar, controle o medo — ele falou baixinho no meu ouvido, e eu fechei os olhos tentando me acalmar. — Está tudo bem, eu estou aqui. Fique calma, senão você vai ter um ataque de pânico.

Eu assenti e, assim que as portas do elevador abriram, nós saímos daquele cubículo que estava me sufocando ainda mais. Escorei-me na parede do corredor, tentando controlar minha respiração e me amparei no toque forte das mãos de Lorenzo e em seu hálito quente, aos poucos minha respiração foi normalizando.

— Está se sentindo melhor? Precisamos entrar, é perigoso ficarmos expostos aqui.

— Já me sinto um pouco melhor. Obrigada.

Lorenzo me guiou até o quarto, sem interromper o contato da sua mão com a minha cintura. Assim que entramos, ele trancou a porta, largou a bolsa, a jaqueta e o boné no chão e me olhou. Eu estava sentada na cama observando o quarto. Havia uma TV grande, a cama era confortável e também tinha uma mesa com duas cadeiras, um pequeno sofá e um armário. Era tudo muito simples.

— Imagino que esteja com fome — ele falou. — Vou pedir comida aqui mesmo, pode escolher enquanto eu tomo um banho rápido?

Concordei com a cabeça e, quando ele seguiu para o banheiro, olhei o cardápio em cima da mesa; escolhi a única massa que tinha disponível. Voltei a me sentar na beirada da cama, ouvi o barulho do chuveiro e tive vontade de me juntar a ele, mas resolvi deixá-lo em paz. Eu tinha consciência de que Lorenzo estava nessa situação por minha causa, tinha largado a vida dele para me proteger e isso eu nunca teria como agradecer o suficiente.

Levantei da cama, fui até a bolsa que ele tinha deixado no chão e decidi separar logo uma roupa para tomar banho também,

assim que ele saísse. Quando abri a bolsa, a primeira coisa que vi foi uma camisa dele e não pude controlar a vontade de cheirá-la. Estava com o cheiro dele, exatamente como eu imaginei. Controlando meus impulsos, joguei a camisa dele em cima da cama e peguei um short larguinho e confortável, uma camiseta e uma calcinha para mim.

Poucos minutos depois, ele saiu do banheiro enrolado na toalha, pegou a camiseta que já estava na cama, procurou outras coisas na bolsa e voltou para o banheiro em silêncio. Quando ele saiu, já vestido, eu peguei minhas coisas e fui em direção ao banheiro.

— Você já escolheu o que quer comer? — ele perguntou antes que eu entrasse no banho.

— Sim, vou comer nhoque à bolonhesa.

— Claro — ele falou sorrindo, e eu retribuí.

Não me apressei no banho, pois queria que a água quente relaxasse meus músculos; lavi o cabelo, sequei com um secador que tinha no banheiro e, pouco antes de terminar, escutei a campainha tocar. Por um momento, fiquei tensa, mas depois lembrei que devia ser a comida.

Quando saí do banheiro, nossos pratos já estavam à mesa e Lorenzo também estava sentado, me esperando, ainda com o cabelo molhado, sem camisa e com uma calça de moletom. *Oh, homem delicioso!* O cheiro da comida também estava bom e fez meu estômago roncar alto.

— Sempre faminta — ele brincou e eu também ri, mesmo morrendo de vergonha.

— A adrenalina me deixa mais faminta, de todas as formas.

Sentei à mesa e notei que ele pediu o mesmo para ele. Comemos calados e Lorenzo, que terminou primeiro, ficou me observando.

— Para de me olhar assim — falei.

— Assim como?

— Eu não sei. Você, às vezes, é indecifrável, mas eu sinto como se você estivesse vendo até minha alma.

— Você é muito fácil de decifrar, porque transparece todas as suas emoções e fica feliz com coisas muito simples, como agora.

— Você tem razão.

Comi a última porção do meu nhoque, limpei a boca e fiquei olhando-o também. Lembrei dele me beijando, de nós dois tomando banho e as mãos dele no meu corpo... comecei a me sentir quente.

— Se é tão fácil para você me ler, no que eu estou pensando agora?

— Você está me olhando como se quisesse tirar a minha roupa, então...

— Você é muito bom nisso, Lorenzo Esposito. É uma pena que eu não seja tão boa quanto você, daria tudo para saber o que está passando pela sua cabeça. Não é justo.

— Você só consegue perceber em mim o que eu quiser que perceba.

— Você pode até ser bom em esconder emoções, mas nós, mulheres, somos muito boas com a intuição.

— E o que sua intuição te diz sobre mim, Camila? — ele perguntou devagar.

Minha nossa, como pode meu nome soar tão erótico na boca dele?

— Minha intuição me diz que quando você parar de sentir medo, teremos momentos inesquecíveis.

— Ela devia te dizer para ser esperta e ficar longe de mim, porque se você continuar me provocando desse jeito, eu vou mandar minha prudência para o inferno.

— Mal posso esperar por esse dia.

— Nada te assusta, não é?! Você é determinada quando quer alguma coisa.

— Ter você dentro de mim não me assusta.

Lorenzo me olhou por um tempo em silêncio. Era difícil saber o que ele estava pensando. Eu não entendia o que estava acontecendo comigo, nem que sentimento poderoso era aquele que eu sentia. Diante dele eu me sentia ousada e poderosa, segura e determinada a ter o que eu tanto queria: ele.

Sempre que eu passava por uma situação que elevava minha adrenalina — qualquer situação de aflição ou perigo — eu sentia a necessidade de extravasar minha energia de alguma forma. Eu queria que ele me beijasse e me fizesse esquecer de todas essas coisas, mas sabia que ele ainda não conseguia aceitar a atração que sentia por mim. Ele ainda não estava pronto, então eu mesma me faria esquecer, e tê-lo ali para me olhar, seria apenas um incentivo a mais.

Ainda olhando-o de forma provocante, andei devagar até a cama. Lorenzo me observava intensamente, sem perder nenhum movimento meu e seu olhar de falcão, ao invés de me deixar tímida, me incentivou ainda mais.

Sentei na cama devagar, nunca desviando nosso olhar, e comecei tirando a blusa, deixando meus seios livres. Lorenzo nem piscava e, embora seu olhar não revelasse muito, eu vi seu pomo de Adão se mexer, evidenciando sua inquietação. Levantei e, em pé, desci meu short até o meio das coxas, deixando-o cair no chão aos meus pés em seguida. Devagar, e ainda olhando para ele, tirei minha calcinha, e notei seu peito subir e descer mais rápido. *Estou mexendo com ele.* Isso só me incentivou mais.

Sentei novamente na cama e me recostei na cabeceira com as pernas bem abertas. A respiração de Lorenzo acelerou e ele ficou vermelho, e meu coração disparou loucamente. Comecei a alisar meus seios e, imediatamente, senti o meio das minhas pernas latejar. Esfreguei as pernas uma na outra buscando algum alívio e desci as mãos devagar, passando pela barriga até chegar no meio das minhas pernas. Com o meu dedo médio, toquei meu clitóris e fechei os olhos, por um momento me perdendo naquela sensação, imaginando que era ele quem estava me tocando.

— Olha para mim — ele falou autoritário e, sua voz grossa e rouca, roubou toda a minha atenção.

Como se eu fosse programada a realizar todos os seus desejos, abri os olhos e me deparei com seu olhar intenso. O peito dele subia e descia rapidamente e foi impossível não notar o volume exagerado do seu pau, ainda escondido na calça de moletom. Continuei me tocando e mordi os lábios morrendo de desejo, imaginando-o dentro de mim. Quando intensifiquei os movimentos, não pude segurar um gemido e ele gemeu também, sofredamente, como se estivesse sentindo dor.

Lorenzo nem piscava e isso tornava tudo ainda mais intenso. O desejo que eu sentia por ele, a vontade de ser dele, a aproximação do orgasmo, toda aquela loucura, meu corpo todo se contraindo, a pele toda se arrepiando... a explosão.

O orgasmo me atingiu com tanta intensidade que, sem nenhuma delicadeza, eu precisei morder minha mão para conter os gemidos. Instantes depois, quando o frenesi passou e eu olhei novamente para o Lorenzo, eu pude ver por alguns segundos algumas de suas emoções: os olhos brilhando, sem dúvida cheios de luxúria e paixão, mas também algo como admiração. Quando os últimos espasmos me atingiram, ele se levantou.

Lorenzo

Era oficial! Eu ia morrer e iria direto para o inferno. Depois que eu fizesse tudo o que desejava com a Camila, não teria absolvição para mim. Eu já passei por tanta merda na vida, mesmo com apenas vinte e poucos anos, mas só agora me via prestes a ter um ataque cardíaco por causa de uma garota. *Nenhuma mulher me impressiona tanto quanto a Camila.*

A ousadia dela ultrapassava todos os limites da sanidade. Ela não tinha nada de tímida ou insegura, nada de menina. Camila era uma mulher que sabia o que queria, uma mulher capaz de enlouquecer qualquer homem. Ela me impressionava e me seduzia de uma maneira que nenhuma outra mulher foi capaz de fazer. A luta era inútil. A batalha estava perdida. Eu não podia mais resistir, na verdade, ninguém resistiria àquela cena erótica e tentadora.

Depois de ter a visão mais magnífica da minha vida — vê-la gozar olhando para mim —, percebi que eu não tinha nada a fazer além de me entregar. Essa garota faria o que quisesse de mim, porque ela me tinha nas mãos, não adiantava mais negar.

Caminhei até ela, decidido que ela seria minha e não tinha mais volta. Quando me aproximei da cama, ela sorriu para mim. Ainda em pé, me delicieei com a visão de Camila ali deitada, linda e nua.

— Você tem certeza absoluta de que é isso mesmo que você quer? — perguntei, morrendo de medo de que ela perdesse a coragem.

Eu a queria numa intensidade que até me assustava, mas relaxei um pouco quando ela se sentou na cama e me puxou pela cintura. Quando ela colocou a mão no cóis da minha calça, eu segurei a mão dela.

— Eu não posso te prometer nada. Não sei o que vai acontecer daqui para a frente, porque não sou capaz de raciocinar direito agora.

— Lorenzo, nunca tive tanta certeza sobre alguma coisa em toda minha vida.

Então eu me rendi. Com a ponta dos dedos, alisei o rosto dela e, ainda olhando para mim, ela abaixou minha calça, liberando minha ereção furiosa, depois segurou nas minhas coxas e levou a boca até o meu pau. Ela lambeu a cabeça com a ponta da língua, em um movimento torturante e vagaroso, e eu joguei a cabeça para trás, totalmente entregue.

Ela lambeu toda a minha extensão e, em seguida, colocou tudo o que consegui dentro da boca. Eu não consegui mais controlar os gemidos e isso a incentivou, pois ela passou a me chupar com mais vontade. Segundos depois, senti meu pau latejar e não pude acreditar no meu descontrole. Eu nunca quis gozar tão rápido. Segurei o cabelo dela e parei seus movimentos.

— Eu queria muito gozar na sua boca, mas para hoje eu tenho outros planos.

Subi o corpo dela e a beijei esfomeado, ela se agarrou no meu pescoço e fez um impulso com o corpo, enlaçando as pernas na minha cintura. Só deixei a boca dela para beijar e sugar seu pescoço.

Deitei-a na cama, delicadamente, e ela abriu as pernas para mim. Continuei beijando-a e ela segurou meu cabelo afoita, se agarrando o máximo que podia em mim, com suas pernas ainda na minha cintura e seu calcanhar me puxando pela bunda.

Abandonei sua boca para beijar novamente seu pescoço e depois desci os beijos para os seus seios. Camila arqueou o corpo ansiosa e gemeu quando eu suguei seus mamilos enrijecidos. Desci os beijos pela sua barriga até chegar na boceta, toda melada do orgasmo recente, onde parei por um minuto, apenas para admirar.

Eu já tive muitas mulheres desde que perdi minha virgindade aos 16 anos, não me impressionava facilmente com uma boceta,

mas a imagem que eu tinha diante de mim era a perfeição e a vontade de me enterrar nela foi incontornável. Segurei nas coxas dela e lambi o pequeno clitóris, ouvindo Camila gemer desesperada, rouca e sexy.

Continuei trabalhando com a minha língua nela, até que senti que ela estava perto de gozar outra vez e subi o corpo até ficarmos cara a cara. Dei um beijo leve em sua boca, nós dois totalmente dopados de prazer e expectativa. A respiração dela estava ofegante e dava para sentir seu coração batendo enlouquecido, assim como o meu.

— Eu vou pegar a camisinha, linda — falei e ela assentiu.

Fui rápido até minha carteira, peguei o preservativo e, quando voltei, mas uma vez ela me surpreendeu.

— Deixa que eu coloco em você — ela sussurrou.

Eu assenti, entreguei a camisinha para ela e fiquei observando. Eu não fazia ideia de quantas vezes transei na vida, mas nunca me senti assim antes, como um adolescente deslumbrado, transando pela primeira vez..

Assim que Camila terminou de colocar a camisinha, ela deitou novamente na cama, esperando por mim, e eu me acomodei entre suas pernas, posicionando meu pau em sua entrada.

— Vai doer um pouco, bebê. Se você não aguentar é só pedir que eu paro na hora. E se eu me empolgar muito, por favor, me pare.

— Só vem, Lorenzo.

— Relaxa para mim.

Camila era absurdamente apertada, mas estava muito molhada, o que facilitou a penetração. Eu fui entrando dolorosamente devagar e sentindo sua respiração acelerar, mas ela não se esquivou, continuou relaxada, recebendo centímetro por centímetro do meu pau. Quando eu senti a barreira, parei e voltei a beijá-la. Forcei mais um pouquinho depois e senti suas unhas cravarem nas minhas costas.

Interrompi o beijo e olhei para ela, buscando algum indício de medo ou arrependimento, mas encontrei apenas desejo e ansiedade. Ela me puxou, me beijou novamente, e eu entrei mais um pouquinho, sentindo novamente ela apertar as unhas nas minhas costas. Eu estava pouco me fodendo se ela ia me machucar, pois estava preocupado com a dor dela.

Fiquei tenso e ameacei parar de beijá-la, mas ela me segurou e murmurou, ainda com a boca colada na minha:

— Não para!

Esse foi o meu fim. Eu respirei fundo e dei um impulso, entrando nela de uma vez só. Camila gemeu e arranhou minhas costas, então eu parei novamente, mas dessa vez todo dentro dela.

— Você está bem? — perguntei.

— Nunca estive melhor. Por favor, continua, eu quero sentir tudo.

— Não está doendo?

— É uma dor bem-vinda — ela respondeu e voltou a me beijar.

Sem poder mais resistir, comecei a me mexer devagar, deixando-a acostumar com a invasão; nós dois gememos juntos. Desci os beijos para o seu pescoço, e ela continuou gemendo no meu ouvido, toda sedutora, enquanto eu entrava e saía dela em movimentos torturantes. Ela passou a se mexer, lentamente, junto comigo, testando as sensações. *Se tenho uma certeza nessa vida é que essa garota vai me matar.*

Nosso beijo se tornou mais afoito, com nossas línguas explorando um ao outro em um ritmo frenético; minha mão passeou por todo seu corpo, enquanto ela segurava meu cabelo, alisando minha nuca. Depois de um tempo, Camila desceu as mãos até minha bunda e me puxou mais pra si, arrancando um gemido de nós dois.

Eu estava todo enterrado nela, me mexendo devagar com movimentos rasos, e ela se mexendo junto comigo. Senti sua boceta apertar meu pau e seu corpo se contrair, anunciando o gozo. Camila

era muito sensível, capaz de se desconectar da dor e se entregar ao prazer. *Essa mulher me surpreendeu mais uma vez, me hipnotizou.*

Eu deixei-a guiar nossos movimentos e senti seus espasmos. Ela gemeu mais, gozando no meu pau e me deixando completamente alucinado por ela. Esperei Camila se recuperar do orgasmo e sussurrei em seu ouvido:

— Eu vou aumentar um pouquinho os movimentos, preciso gozar.

Ela assentiu. Eu sabia que ia doer, mas eu precisava me aliviar, pois minhas bolas já estavam pesadas e doloridas. Intensifiquei os movimentos e, poucas estocadas depois, eu gozei forte dentro dela, de uma maneira que nunca tinha gozado antes. Quando terminei, perdi todas as minhas forças e, para não machucá-la, deixei meu corpo cair ao lado dela na cama, totalmente exausto e saciado.

Depois de uns minutos de olhos fechados, recuperando o fôlego, abri os olhos para observá-la.

— Você está bem? — perguntei. Ela sorriu para mim e me abraçou antes de responder.

— Estou ótima, para de me tratar como se eu fosse uma menina indefesa. Tudo o que aconteceu aqui foi porque eu quis. Nós dois queríamos e foi incrível, mais perfeito do que eu imaginei que pudesse ser. Essa noite ultrapassou todas as minhas expectativas, e olha que eu tinha muitas — ela falou e sorriu.

— Foi incrível para mim também — falei e fechei os olhos novamente, sentindo aquele corpo pequeno e quente enroscado no meu.

Minha mente estava agitada. Eu estava confuso, um pouco assustado e indeciso, mas apesar de tudo, incapaz de me arrepender. Tirei a camisinha que ainda estava no meu pau, dei um nó e joguei no chão. Nesse momento, percebi que Camila estava quase adormecendo e aproveitei para descansar também, afinal sairíamos cedinho no dia seguinte. Fechei os olhos e dormi resolutamente.

Capítulo 9

Lorenzo

Acordei poucas horas depois, assim que o dia clareou e me deparei com Camila ainda dormindo pesado agarrada a mim. Para não acordá-la antes da hora, levantei vagarosamente, recolhi a camisinha usada e minha roupa no chão . Guardei a roupa na bolsa, peguei uma calça jeans e uma camisa qualquer e fui tomar banho. Quando saí do banheiro, ela estava sentada na cama, sonolenta.

— Bom dia. Nós já vamos sair, mas dá tempo de você tomar um banho antes de pegarmos a estrada, enquanto isso eu vou pedir nosso café da manhã.

— Bom dia. Eu acordei, mas a minha alma ainda está dormindo. Precisava acordar tão cedo?

— Quero chegar logo em Nova Iorque, te colocar em segurança.

— Eu estou segura com você — ela respondeu sem titubear.

Camila se levantou da cama completamente nua, deixando o lençol para trás, veio até mim, me abraçou e me beijou. Meu coração disparou, me surpreendendo pra caralho. *Que porra é essa?* Sem ter tempo e nem querendo entender, apressei-a.

— Vá logo tomar banho para não nos atrasarmos. Aposto que você está faminta — aproveitei para usar a palavra mágica.

— Adivinhou. — Ela sorriu e correu para o banheiro.

Camila

Fodona, espetacular, poderosa e apaixonada... Naquele momento, era como eu estava me sentindo. *Porra, estou completamente apaixonada por ele e muito fodida, mas eu não me importo, estou assumindo o risco.*

Lorenzo era mais do que eu poderia desejar. O cara era lindo, absurdamente gostoso e conseguiu tirar minha virgindade e me fazer gozar, tudo na mesma noite. Eu já tinha ouvido muitos relatos das minhas amigas de que isso era algo impossível de acontecer. A Pietra, que já era bem mais experiente do que eu, me contou que sua primeira vez foi traumatizante. Bem, eu descobri que não era impossível ser bom, ela apenas não conheceu Lorenzo Esposito, mas eu sim. *Que sorte a minha.*

Eu não era idiota de pensar que a minha vida passaria a ser um conto de fadas, que nós ficaríamos juntos e seríamos felizes para sempre. É claro que não seria assim, mas eu não me importava. Se não acontecesse mais nada entre a gente ou se não ficassemos juntos, ainda assim eu sempre teria essa noite para lembrar.

Entrei embaixo do chuveiro, feliz da vida, e tomei um banho delicioso e demorado, lavando bem os cabelos e deixando a água fazer meu corpo relaxar. Eu estava dolorida no meio das pernas, mas assim que tivesse a oportunidade, queria tudo de novo.

Quando saí do banheiro, alguns minutos depois, o café da manhã já estava na mesa e meus olhos brilharam ao ver que tinha bastante comida. Lorenzo estava sentado à mesa me esperando, meio calado e pensativo. Eu tinha certeza de que ele estava se questionando sobre tudo o que aconteceu entre nós. Resolvi dar um tempo a ele e me mantive também em silêncio durante a refeição. Terminamos de comer e ele me olhou.

— Eu vou descer primeiro para pagar a conta e conferir se não fomos seguidos, me espere aqui. Tranque a porta e não a abra para ninguém até eu voltar.

— Tudo bem — respondi e ele logo saiu.

Comecei a juntar nossas coisas, fechei a bolsa e levei um susto quando sentei na cama e vi uma mancha de sangue no lençol branco. *Putá merda, todos vão saber o que fizemos aqui.*

Minutos depois, Lorenzo voltou ao quarto, pegou a bolsa e esticou a mão para mim ao falar:

— Vamos.

Eu segurei sua mão, acompanhando-o para fora do quarto. Entramos no elevador e, dessa vez, ninguém mais entrou com a gente. No estacionamento, entramos no carro e pegamos a estrada. Apesar de todo o caos, eu me sentia feliz e animada. Nem a ameaça de estarem atrás de mim conseguiria prejudicar meu humor.

Não conversamos sobre o que aconteceu durante a madrugada e não falamos sobre a ameaça dos Outlaws, apenas cruzamos a estrada ouvindo música, falando coisas banais e comendo algumas porcarias que compramos em uma das paradas no posto de gasolina. Lorenzo estava tranquilo, descontraído, fazendo piadas e eu estava adorando esses momentos com ele.

Quando chegamos a Nova Iorque era madrugada, mas Lorenzo disse que íamos direto para a casa de alguém e não precisaríamos ficar em um hotel, pois já estavam nos esperando. Chegamos em frente a uma mansão e os seguranças, assim que reconheceram Lorenzo, liberaram a entrada para nós.

Ele estacionou o carro em uma garagem e, imediatamente, eu desci para esticar o corpo. Ele pegou a bolsa no banco traseiro, em seguida guiou-me até a porta da casa, que logo se abriu revelando um casal.

— Meu bem, graças a Deus vocês chegaram em segurança. Eu estava tão preocupada — a doce senhora falou, se dirigindo a Lorenzo.

Ela deu um passo para fora da casa e o abraçou apertado durante algum tempo. Assim que o largou, ela olhou para mim.

— E você é a Camila, não é? Você é bonita, muito bonita mesmo — ela disse. — Vamos entrar, eu já preparei os quartos de vocês.

— Obrigada, dona...

— Pode me chamar de vó Elisabete. E esse é meu marido Bernardo.

O homem acenou com um sorriso discreto, e eu sorri de volta.

— Tá bem — Eu sorri para ela, sentindo-me reconfortada.

Entramos na mansão maravilhosa — vó Elisabete ao meu lado e Lorenzo mais atrás com o senhor Bernardo — e fomos para o segundo andar, onde fui conduzida ao último quarto do corredor.

— Esse vai ser o seu quarto. Sinta-se em casa, meu bem. Lorenzo estará logo ao lado e eu e meu marido estaremos no primeiro quarto. Você está com fome?

— Não, nós paramos para comer há pouco tempo, mas obrigada.

— Ótimo, então eu vou deixar você se instalar, tomar banho e descansar. Se precisar de qualquer coisa é só me chamar. — Ela sorriu carinhosamente para mim e deixou o quarto.

Joguei-me na cama e fechei os olhos, exausta da viagem. Pensei, então, no meu pai e fiz uma prece silenciosa para que Deus o protegesse. Ainda estava de olhos fechados, quando ouvi a porta se abrindo e Lorenzo entrou.

— Trouxe suas coisas — ele falou.

Lorenzo colocou a bolsa no chão, depois escondeu as mãos nos bolsos e ficou me observando. Eu sentei na cama para conversar melhor com ele.

— Vamos ficar em quartos separados? Eu me sinto mais segura dormindo com você.

— Não vamos ficar aqui muito tempo, então é melhor assim para evitarmos o interrogatório.

— O que essas pessoas são suas? — perguntei.

— Família. Eles conhecem minha mãe desde criança e me viram nascer, são como avós. Eles são os pais da minha tia Melissa.

— Ele também é mafioso?

— É. Você está segura aqui. Eu estou muito cansado, vou tomar banho e tentar dormir. Faça o mesmo.

— Tudo bem — falei e sorri, mesmo sem vontade.

Lorenzo caminhou na minha direção, segurou meu rosto e me beijou devagar antes de sair do quarto. Resolvi seguir o conselho dele, tomei banho, escovei os dentes e, ainda enrolada na toalha, fui até a bolsa pegar uma roupa qualquer. Quando abri, achei uma camisa do Lorenzo. Peguei-a, senti seu cheiro e resolvi colocá-la. Fui para a cama e tentei dormir.

Lorenzo

Eu estava cansado pra caralho, exausto de dirigir e morrendo de sono, pois tinha dormido pouco na noite anterior. Camila ficou chateada por dormir sozinha, mas achei melhor assim, porque se ela dormisse comigo, nós íamos transar de novo e eu sequer tive tempo para entender o que estava acontecendo entre a gente.

Eu estava com um medo do caralho de me apaixonar pela italianinha e aquilo tudo era muito novo e desconhecido para mim, no entanto eu não fugiria de nada. *Vou encarar de frente tudo o que precisar.*

Era clichê demais toda essa babaquice de não querer sentir, de se assustar e fugir, de se tornar um babaca e afastar a mulher que você queria. Eu não era esse tipo de cara. Nunca procurei a tal mulher que fizesse a mágica acontecer na minha vida, mas se hoje eu sentia algo mudando em mim, não me esquivaria disso.

Entrei no banheiro e foi inevitável não lembrar do banho que tomamos juntos em Seattle. Joguei os pensamentos para o lado, terminei meu banho, coloquei um short e fui para a cama. Eu mal tinha cochilado quando ouvi a porta abrir devagarinho e um pequeno corpo de uma menina muito levada entrar e fechar a porta.

Camila veio andando nas pontas dos pés e ficou me olhando quando chegou em frente à cama, provavelmente achando que eu estava dormindo. Senti vontade de rir, mas não o fiz.

— Vem, encrenca — chamei, levantando o edredom.

Ela não perdeu tempo, pulou na cama, me abraçou e já veio beijando meu pescoço, toda quente e afoita. *Essa mulher é uma força maligna que suga todo o meu bom senso e o pouco de juízo que eu tenho! Porra, adeus noite de sono, mas foda-se, quem precisava dormir?*

No dia seguinte, acordei cedo e a casa ainda estava em absoluto silêncio. Sentei na cama e esfreguei meu rosto, olhei para o lado e Camila dormia serenamente, alheia a tudo o que acontecia ao nosso redor. Levantei e, ao me aproximar da janela, vi uma paisagem branca. Tudo foi coberto pela neve, mas dentro de casa estava um clima agradável.

Resolvi tomar banho e, quando saísse do banheiro, eu a acordaria. Estava embaixo do chuveiro, quando a porta se abriu e Camila entrou já sem roupa, se juntando a mim embaixo do jato d'água.

— Bom dia, italianinha.

— Bom dia, meu italiano mafioso, lindo e gostoso. — ela respondeu sorridente e se esticou toda para me dar um beijo.

Tomamos banho, sem conseguir tirar as mãos e a boca um do outro. Com muita dificuldade, encerrei o banho antes que a *nona* Elisabete viesse procurar por mim. Saímos do banheiro, coloquei uma calça e uma camisa, e ela colocou a minha blusa e a calcinha que estava usando ontem, antes da gente transar.

— Vá para o seu quarto e coloque uma roupa para a gente descer. Bernardo quer conversar comigo e precisamos resolver os próximos passos. Enquanto isso, vou me conectar com a Itália para saber como andam as coisas lá.

— Tá bom. — Ela me deu um beijo rápido e saiu correndo para o outro quarto.

Bernardo e *nona* Elisabete já estavam tomando café da manhã quando descemos.

— Bom dia — Camila e eu os cumprimentamos.

— Bom dia — ambos responderam.

Elisabete, calorosa como sempre, sorriu toda carinhosa para nós.

Sentamos e percebi que Camila estava tímida e comendo pouco, algo incomum para ela.

— Vocês dormiram bem? — Elisabete perguntou, quebrando o silêncio.

— Eu dormi muito bem, obrigada — Camila respondeu, envergonhada.

Eu achei engraçado. Aquilo era novidade para mim, pois comigo ela sempre foi muito descarada.

— Eu também dormi muito bem. Aqui eu me sinto em casa — respondi.

Comemos em silêncio e, quando Bernardo percebeu que eu estava terminando, me chamou, já se levantando.

— Lorenzo, vamos para o meu escritório.

Eu assenti, levantei e o acompanhei. Entramos em seu escritório e nos acomodamos.

— Seu pai me ligou e me deixou a par de toda a situação — ele disse. — Eu conheço os Outlaws, eles estão envolvidos com as piores sujeiras do submundo. Nós sempre evitamos um confronto com eles, embora, se for necessário, não fugiremos da guerra. O que eu quero te dizer, é que se pudermos evitar, é bom. Pelo que sei, um deles está interessado na menina e ele não vai desistir, Lorenzo.

— Eu também não vou, Bernardo. Eu acabo com ele antes que chegue perto dela.

— Isso já é pessoal — ele afirmou e eu confirmei com a cabeça.

— Você dormiu com ela?

— Isso não é relevante — respondi, não querendo expor nossa intimidade.

— Claro que é. Talvez se ele descobrir que ela não é mais virgem, perca o interesse.

— Não faz diferença e eu não posso arriscar. Ele vai morrer!

— Giovanni é filho do líder, matá-lo vai criar uma rebelião.

— Eu estou assumindo o risco. Vou enfrentar quem for preciso para que ninguém machuque a Camila.

— E você?

— Eu, o quê?

— Você não vai machucá-la? Fisicamente, eu sei que não vai, mas eu não precisei trocar duas palavras com essa menina para perceber que ela está apaixonada por você. O que está acontecendo entre vocês, além de sexo?

— Eu ainda não tenho uma resposta para essa pergunta.

— Lorenzo, eu te considero como um neto, então não tem como eu não me preocupar. Você tem ciência de onde está se metendo? Essa menina é menor de idade, filha de um juiz federal, procurada pelos Outlaws e você transou com ela.

— Eu não me arrependo. Não tem como voltar atrás e eu não vou fugir das minhas responsabilidades.

— Você vai casar com ela?

— Se ela quiser e for preciso, eu caso. — Eu mesmo me assustei com as minhas palavras.

Eu não sabia direito o que estava fazendo, mas era homem o suficiente para assumir as minhas responsabilidades. Eu conhecia e assumi todos os riscos quando transei com ela, então teria que lidar com as consequências.

— Você está apaixonado por essa menina o suficiente para casar com ela?

Eu estou? — pensei. Eu não sei o que estou sentindo. Ainda não entendo e nem vou ficar me martirizando com isso.

— No final de tudo, todos nós não nos casamos sem amor? — questionei-o.

— Casamos com mulheres do nosso ciclo e com o consentimento dos pais delas, o que não é o seu caso.

— O pai dela não está em condições de decidir nada, Bernardo. Depois que ela fizer 18 anos, se for preciso, eu caso com ela. A única pessoa que pode me impedir de fazer isso é ela mesma. Uma hora eu teria que casar de qualquer maneira.

— É uma decisão e tanto, meu filho.

— Eu tentei resistir o máximo que eu pude... tentei não prestar atenção no quanto ela é adorável e cheia de energia, no

quanto tudo se ilumina quando ela sorri. Eu tentei evitar de todas as maneiras, mas ela veio com a sua paixão desenfreada e derrubou todas as minhas convicções — respondi resignado.

— É... Como diria seu pai: perdemos mais um soldado — Bernardo falou rindo e em seguida olhou o relógio. — Falando nele, temos uma reunião em dois minutos, vou nos conectar.

Bernardo ligou o computador e, em poucos instantes, estavam todos na tela. Nos cumprimentamos e, antes que eu pudesse me preparar, Pietro soltou a bomba.

— Frederico Falcone foi libertado e nos procurou.

— O quê? Eles o soltaram?

— Isso mesmo que você ouviu. Os Outlaws o soltaram, e ele veio direto nos procurar. Ele quer a filha de volta.

— Está na cara que eles só o libertaram para ele pegar a Camila de volta e eles conseguirem colocar a mão nela — falei, nervoso.

— Sim, você está certo — tio Matheo respondeu.

— Nós tentamos conversar com ele, Lorenzo. Oferecemos nossa proteção, dissemos que ela está bem e que o mais prudente era ela continuar sob nossa proteção até as coisas se resolverem. Falamos que os Outlaws só o libertaram para que ele a trouxesse de volta para cá, mas ele não quer assunto, não quer nossa ajuda e exige a filha. Ele está nos acusando de sequestrar a menina.

— Ele só pode ter ficado maluco — gritei.

— Com toda a paciência do mundo, nós explicamos que tirar Camila da Itália foi a melhor solução na ocasião, mas o imbecil não quis nos ouvir — meu pai explicou.

— Eu não vou devolvê-la para ele.

— O quê? — Meu pai se surpreendeu.

— É isso mesmo, pai. Eu não vou entregar a Camila nas mãos desses bastardos.

Fez-se um silêncio absoluto por alguns segundos, até que Pietro se manifestou.

— Lorenzo... — ele me chamou, respirou fundo e ajustou sua postura na cadeira.

Mesmo pela chamada de vídeo, percebi que ele estava me encarando, então fechei os olhos por um segundo e trinquei o maxilar — já puto da vida —, sabendo que ele ia usar sua autoridade de *Don* comigo, e eu não poderia desobedecer ou, pelo menos, não deveria. Respirei fundo, preparando-me para a sentença, no entanto antes fiz uma pergunta a ele.

— Você devolveria a Amanda?

— Sua comparação não é coerente! Amanda é minha esposa, mãe dos meus filhos e maior de idade. Ela veio para mim com total consentimento do pai dela.

Eu fechei os olhos novamente, tentando controlar a minha raiva. Ele tinha razão, nossas situações eram totalmente diferentes.

— Então, você não vai me apoiar? Você quer que eu a devolva? — perguntei, só para confirmar o que eu já sabia.

— Você está apaixonado por essa menina? — ele indagou, e eu me senti em uma sala de interrogatório.

Eles eram minha família, mas eu não me sentia à vontade para falar com ninguém sobre o que eu ainda não entendia, então optei pela sinceridade.

— Não sei essa resposta, Pietro. Eu ainda estou confuso, a única certeza que eu tenho é de que não posso entregá-la de bandeja para o imbecil do Giovanni. Se for preciso, eu me caso com ela.

Pietro ficou em silêncio por alguns segundos, assim como todos os outros.

— Converse com a menina, Lorenzo. Veja o que ela quer. Se ela quiser ficar com você, providencie um telefone descartável e deixe que ela mesma fale com o pai. Converse e, o quanto antes, me informe qual foi a decisão dela — Pietro falou resolutamente.

— Tudo bem — respondi satisfeito e encerramos a chamada.

Quando deixei o escritório, meu celular começou a tocar. No visor, o nome do meu pai piscava, mas eu não queria conversar com

ele naquele momento, então ignorei. Encontrei Camila na sala com a *nona*.

— Precisamos conversar — falei.

Estiquei a mão para ela, que imediatamente a segurou, e nós subimos para o quarto. Assim que passamos pela porta, ela me perguntou aflita:

— Lorenzo, aconteceu alguma coisa com o meu pai?

Quando eu olhei para Camila, fui invadido por um sentimento estranho de angústia, ou talvez medo, algo que não era familiar para mim. Ela tinha os mesmos olhos de Frederico, e eu odiava essa semelhança entre eles tanto quanto eu amava os seus olhos, pois eu odiava seu pai.

Apreensivo, fui até ela, segurei seu rosto com as duas mãos e a beijei. Ela retribuiu o beijo na mesma hora e me abraçou. Só nos afastamos quando já estávamos ficando sem fôlego.

— O que aconteceu? Por favor, converse comigo.

— Seu pai voltou. Ele foi libertado pelos Outlaws e quer tirar você de mim. — falei, me sentindo estranhamente nervoso e angustiado.

— O quê? Ele está bem? Ele sabe sobre nós?

— Ele está bem e sabe que você está comigo, mas não sabe o que aconteceu entre nós. Ele quer que você volte para a Itália, porém se isso acontecer, os Outlaws vão dar um jeito de colocar as mãos em você. Seu pai está sendo estúpido, pois eles só o soltaram para fazer com que você volte e eles possam pegá-la mais facilmente. Ele está me acusando de sequestrá-la, mas eu estou pouco me fodendo para o que ele acha, pois não quero levá-la de volta — falei, aflito, olhando diretamente nos olhos dela.

— Você acha que eles podem machucar meu pai se eu não voltar?

— Honestamente, eu não sei. Você quer voltar? — perguntei com cuidado.

— Se eu voltar, nós vamos ter que nos separar?

— Seu pai vai querer te manter a quilômetros de distância de mim. Ele sabe sobre a máfia e, certamente, não deseja ver a filha dele envolvida com um mafioso. Você é menor de idade, então ele ainda decide por você.

Camila me abraçou, deitou a cabeça no meu peito e suspirou.

— Nós não podemos fugir a vida inteira, Lorenzo. Por mais tentadora que seja a ideia de largar tudo e ir para o mundo com você, sei que não é tão simples assim. Eu quero voltar, mas não quero ficar sem você, então meu pai terá que te aceitar. Você é a minha escolha.

— Camila, acredite em mim, ele não vai aceitar isso. Por mais que ele tenha cometido alguns deslizes, nós somos opostos: ele é o cara que defende a lei e eu, o que a infringe. Eu sou um criminoso, nenhum pai fora desse meio aceitaria. Mesmo quando você fizer 18 anos, ele continuará sendo seu pai, apesar de tudo, e eu não vou te pedir para enfrentá-lo por mim.

— Então nós vamos desistir antes mesmo de tentar? Você está abrindo mão de mim?

— Não! — respondi, enfático. — Eu não vou te entregar de mão beijada para o filho da puta do Giovanni e também não desistirei de você. O que eu estou te dizendo é que, se a gente voltar para a Itália agora, seu pai vai afastar você de mim e nós não teremos como resolver isso na paz. Eu não me incomodaria de enfrentá-lo, mas eu sei que você não quer isso.

— Então o que você sugere que façamos?

— Não vamos voltar até que você tenha 18 anos. Quando voltarmos, seu pai não terá mais uma escolha e poder sobre você. Eu já sei o que fazer — falei, olhando-a e esperando que ela me desse uma resposta.

— Tudo bem, então eu fico. Qual é o plano? — ela perguntou, eu respirei aliviado e beijei-a mais uma vez, antes de dizer tudo o que tinha em mente.

Capítulo 10

Lorenzo

Comuniquei nossa decisão a Bernardo e, como fui orientado, providenciamos um telefone descartável para Camila ligar para o pai, pois não queríamos que ninguém nos rastreasse. De qualquer maneira, não ficaríamos mais em Nova Iorque. Eu ia aceitar a ajuda do Demétrio.

Depois de pegar o celular, estava voltando para o quarto onde deixei Camila, quando meu telefone tocou novamente. Era o meu pai, e dessa vez achei melhor não ignorar, porque ele já devia estar perto comigo.

— Oi, pai.

— *Lorenzo, porque você ignorou minha chamada, porra?*

— Eu precisava conversar logo com ela.

— *E o que vocês decidiram?*

— Nós vamos continuar longe da Itália até ela completar 18 anos, depois disso, resolvemos o que será feito.

— *Lorenzo, você tem certeza do que está fazendo? Eu não estou te reconhecendo, meu filho. Você mal conhece essa menina! Você não acha que está resolvendo tudo muito rápido, sem pensar?*

— Pai, eu também não me reconheço mais, entretanto já tomei minha decisão, não vamos prolongar essa ligação à toa. Ela vai ligar para o pai dela agora. — respondi, impaciente.

Eu odiava ter que ficar me explicando o tempo todo, dando satisfação da minha vida para qualquer pessoa, mesmo que fosse para o meu pai. Ele já me conhecia e, sabendo que quando eu tomava uma decisão não voltava atrás, não insistiu.

— *Tudo bem, você já é um homem e eu não vou ficar questionando suas decisões. Dê notícias.*

— Obrigado, pai.

Desliguei o telefone e liguei para o Demétrio, a fim de pedir que ele enviasse o jato dele para nos buscar. Nosso próximo destino seria Las Vegas.

Depois de combinar tudo com Demétrio, segui para o quarto e encontrei Camila deitada na cama.

— Trouxe o telefone para você ligar para o seu pai — falei e sentei na cama ao lado dela.

Camila também se sentou, pegou o telefone da minha mão e ficou encarando-o por um tempo.

— Você quer privacidade para falar com ele?

— Não, pode ficar, vou colocar no viva voz. —

Eu assenti, segurei firme a mão dela e dei um beijo. Camila respirou bem fundo, em seguida discou um número e, quando começou a chamar, ela colocou no viva voz.

— *Alô* — Frederico atendeu no terceiro toque.

— Pai, sou eu...

— *Camila, filha, onde você está? Meu Deus, graças a Deus. Aquele marginal fez alguma coisa com você? Eu vou colocá-lo na cadeia.*

— Eu estou bem e em segurança, graças ao marginal que você quer colocar na cadeia. Ele salvou minha vida duas vezes. E eu... — Camila me olhou antes de continuar a falar. — Não vou voltar para casa agora, pai.

— *Filha, você não sabe o que está falando. Ele está te ameaçando, não está? Me diz onde você está e eu vou buscar você.*

— Pai, eu sei exatamente o que estou falando e estou exatamente onde e com quem quero estar. Eu não vou voltar por enquanto, só liguei para que você saiba que estou bem e não se preocupe. Eu vou voltar para a Itália assim que for seguro para mim.

— *O quê? Você só pode estar ficando maluca. Eu exijo que você volte para casa agora, Camila.*

— Dessa vez, eu não vou fazer a sua vontade.

— *Esse marginal está fazendo sua cabeça contra mim.*

— Ninguém está fazendo minha cabeça. Eu posso pensar por mim mesma, pai, e decidi que vou ficar, pelo menos por enquanto. Quando eu me vi sozinha, ele estava lá... Eu quase fui estuprada e ele me salvou. Os homens com os quais você se envolveu estavam atrás de mim, tentaram me pegar, mesmo fora da Itália, e adivinhe quem me salvou novamente? Sim, o marginal que você está ameaçando colocar na cadeia. Então, se você ainda me ama, deixe que ele me proteja, porque o senhor claramente não é mais capaz de fazer isso.

— *Camila, filha...*

De repente, o homem ficou em silêncio. *Contra fatos, não há argumentos, meu camarada.* Quando ela mais precisou, ele não esteve lá por ela. Ele merecia ouvir isso, pois não agiu como um pai, não foi capaz de cuidar dela. Então, eu cuidaria dela a partir de então.

Dava para ver que Camila também estava sofrendo com aquela ligação, pois os dois ficaram calados. Segurei sua mão e ela me olhou com os olhos brilhantes, já querendo chorar.

— Já chega — sussurrei para ela.

Camila assentiu, antes de se despedir.

— Pai, eu vou desligar agora. Por favor, deixe-me tomar minhas decisões e cuide de si mesmo. Tchau.

Ela não esperou pela resposta dele, desligou a chamada e me entregou o celular. No mesmo instante, descartei o aparelho e abracei-a.

— Nós vamos para Las Vegas em algumas horas, arrume suas coisas.

Camila levantou a cabeça e, por um momento, me olhou sem demonstrar nenhum sentimento. Em seguida, ela sorriu, me lembrando aquela menina levada outra vez.

— Nós dois, juntos, na cidade do pecado? Isso não vai dar certo, ou melhor, vai dar muito certo — ela disse, sorrindo ainda mais, e se jogou em cima de mim, deitando nós dois na cama, com a tristeza já esquecida.

Essa é a Camila em seu modo italianinha louca, e eu amo isso.



Naquele mesmo dia, horas depois, entramos no jato rumo a Las Vegas. Camila parecia apreensiva e inquieta, sentada ao meu lado. Eu estava cansado, mantendo meus olhos fechados e a cabeça no encosto do banco, querendo muito relaxar, mas a inquietação dela não deixava.

— O que você tem? — perguntei, ainda de olhos fechados.

— Estou agitada, não consigo relaxar. Esse jato tem uma suíte, não tem?

— Tem. Você quer descansar lá?

— Não, Lorenzo Esposito, eu quero usar seu corpinho para me acalmar, lá. Não existe melhor ansiolítico para mim do que suas mãos, boca, língua e, claro, esse pau mágico. Vem!

A safada levantou e me puxou pela camisa, andando pelo jato até achar a suíte. O resto da viagem eu passei dentro dela, sem roupa, entre sussurros e gemidos, transando a quase dez mil metros de altitude. Essa era mais uma primeira vez para mim.

Chegamos em Las Vegas e, apesar do horário, Demétrio nos recebeu pessoalmente. Uma empregada nos levou até nosso quarto, onde nos acomodamos e descansamos por algumas horas.

Camila

Nossos dias em Las Vegas estavam sendo agradáveis e sem incidentes. A casa de Demétrio parecia uma fortaleza e ele, muito assustador à primeira vista, no entanto em nosso primeiro contato notei que ele era muito agradável.

Inicialmente, Lorenzo queria arrumar outro lugar para ficarmos durante nossa estadia, mas Demétrio insistiu muito para que nos hospedássemos lá e nós acabamos ficando. Ele morava apenas com um sobrinho, o Thomas, que também era um cara muito bacana e engraçado. Os filhos dele já eram todos casados e viviam em suas próprias casas, inclusive, um deles era casado com a prima de Lorenzo e morava no mesmo complexo da família Esposito na Itália.

Já estávamos lá há uma semana. Durante o dia, Lorenzo treinava na academia da casa, me ensinava autodefesa e eu estava amando. Eu também tive aulas de tiro e os rapazes falavam que eu tinha jeito para isso. Nós treinávamos o dia todo e a noite, às vezes, nos divertíamos nos cassinos de Demétrio, que eram os únicos nos quais eu podia entrar sem documentos. Lorenzo estava providenciando documentos novos para mim, eles já estavam para chegar.

Parecia que estávamos em um período de férias antes de voltar para a Itália e encarar a tempestade. Eu nunca estive tão feliz em toda minha vida. Lorenzo era um professor maravilhoso, durante o dia me ensinava a lutar e a atirar, e de madrugada me ensinava todas as posições existentes no sexo. Eu estava ficando uma *expert* no kama sutra.

Não falei mais com meu pai depois daquele dia em Nova Iorque, mas a família de Lorenzo o mantinha informado sobre tudo. Naquele dia em que liguei, meu pai não se convenceu, foi até a

empresa da família de Lorenzo e insistiu em dizer que iria colocá-lo na cadeia, acusando-o de sequestro.

Meu pai não estava em condições de fazer muitas exigências, pois tinha o rabo muito preso, tanto com os Outlaws quanto com os Esposito. *Quando eu voltar para a Itália e se precisar, vou bater de frente com ele para defender Lorenzo.*

Tivemos mais um dia de treinamento. Chegamos cedo à academia e estávamos lutando desde então; eu deitei no tatame por alguns minutos, me recuperando enquanto Lorenzo socava um saco de areia com sua energia infinita. O homem parecia uma máquina, não se cansava nunca. Eu estava tão distraída olhando-o, todo gostoso, numa calça de moletom, o cabelo meio molhado de suor e a camisa colada nos músculos inchados, que me assustei com a voz de Thomas que já estava em pé ao meu lado no tatame.

— Acho que está escorrendo uma baba aí do ladinho da sua boca — ele falou, rindo e me provocando.

— Que susto, garoto! Vocês nunca fazem um barulho? — falei rindo e me sentando no tatame.

— Lorenzo precisa te ensinar a ficar mais atenta, você se distrai muito fácil.

— Eu não me distraio fácil, mas não tem como não me distrair olhando para ele. Fala sério, Thomas, ele é lindo de morrer.

— Bom, ele não faz meu tipo — Thomas falou brincando e eu ri ainda mais.

— Não foi trabalhar hoje? — perguntei, estranhando ele estar em casa tão cedo e com roupas de academia.

— Terminei as coisas mais cedo e resolvi vir treinar, meu tio já está em casa também.

— Nós já estamos acabando aqui. Demos uma pausa para eu descansar, faremos uma última luta e vamos encerrar. Só estou esperando Lorenzo terminar de espancar o saco — falei, observando Lorenzo, que olhava para nós.

— Eu posso fazer a última luta com você, enquanto Lorenzo termina ali.

— Não vai ter vergonha de apanhar de uma garota? — perguntei, rindo.

— De uma garota, não — ele respondeu, também rindo.

— Então, vamos lá, que vença o melhor — falei.

Thomas subiu no tatame, começamos a luta e eu ganhei, porque ele deixou, é claro!

Lorenzo dizia que eu levava muito jeito, tanto para a luta quanto para o tiro, pois não era apenas uma questão de força, mas sim de técnica. Apesar de ser pequena e não ter tanta força, eu era uma aluna atenta, disciplinada e aprendia com facilidade, logo estaria muito boa nisso.

Assim que terminamos a luta, vi que Lorenzo tinha parado de socar o saco e estava levantando peso. Agradei ao Thomas pela luta e fui até o Lorenzo.

— Nossa, como ele é forte! Olha esses músculos... — falei, brincando, assim que me aproximei dele.

Lorenzo não sorriu para mim como costumava fazer. Ele continuou concentrando e sequer me olhou.

— Está tudo bem? — perguntei.

— Tudo ótimo. Já terminei aqui, vou entrar e tomar banho — ele respondeu, largou o peso e saiu.

Eu não estava entendendo nada, então fui atrás dele.

— Lorenzo, espera. O que está acontecendo? Você está chateado com alguma coisa?

— Eu tenho algum motivo para estar chateado? — ele falou, parando de andar.

Pela primeira vez, ele me olhou e percebi que estava com muita raiva de alguma coisa, eu já o conhecia o suficiente para saber.

— Não que eu saiba, mas você está visivelmente puto e eu não estou entendendo o porquê.

— Não tem nada para entender. Já terminamos na academia, você já treinou o suficiente por hoje e eu estou indo tomar banho —

ele falou e saiu andando, novamente me deixando para trás.

Ainda fiquei parada alguns segundos, tentando compreender aquela mudança repentina no humor dele. Resolvi entrar para tomar banho também e, quando passei pela sala, Demétrio estava sentado lá, fumando seu habitual charuto. Então, eu parei para falar com ele.

— Olá! Chegou cedo hoje.

— Olá, menina linda! Hoje é sexta-feira, costuma ser mais agitado no cassino, então cheguei mais cedo para me preparar para a noite. Hoje nós vamos receber alguns convidados.

— Que legal. Também quero ir para o cassino, vou falar com o Lorenzo. Quer dizer, vou tentar. Acho que ele não está muito contente hoje.

— O que aconteceu? — Demétrio perguntou.

Contei a ele o que aconteceu na academia, enquanto um sorrisinho começava a surgir no rosto dele.

— Ah, sim, entendi — Demétrio falou, com ares de riso.

— Entendeu o quê? — perguntei ansiosa.

— Nada. Melhor você ir até ele e conversar. Ele vai superar, não se preocupe — ele respondeu, novamente querendo rir.

Fiquei olhando-o, entendendo menos do que antes, mas resolvi seguir o conselho dele e ir atrás de Lorenzo.

Fui direto para o nosso quarto, onde imaginei que ele estaria, e logo escutei o barulho do chuveiro. Tirei minha roupa e fui me juntar a ele. Lorenzo estava embaixo do chuveiro, de olhos fechados, e não se moveu quando eu entrei, mas tenho certeza de que notou minha presença no banheiro.

Entre no box, me aproximei por trás e coleí meu corpo no dele sedutoramente. Deslizei minhas mãos por seu peito, barriga e, quando me aproximei do seu pau e antes que eu o tocasse, ele segurou minha mão.

— O que está acontecendo? — perguntei, ficando impaciente com a situação.

— Nada, eu só não quero transar.

— Você nunca me rejeitou, tem alguma coisa acontecendo!

— Deixa de ser mimada, Camila. Não é sempre tudo o que você quer, quando você quer. Posso apenas não estar afim de transar?

— É claro que pode, mas tem alguma coisa acontecendo aqui, você está sempre afim de transar, Lorenzo.

— Agora eu não estou — ele falou e voltou a me ignorar. — Eu só quero tomar banho.

Quando terminou, ele saiu do chuveiro e me deixou sozinha. Continuei meu banho, chateada com o jeito como ele me tratou, mas eu não ia ficar implorando sua atenção. Não tive pressa, lavei meu cabelo e tomei banho calmamente. Ao sair do banheiro para vestir a roupa, pensei que ele não estaria mais no quarto, mas encontrei-o sentado à frente da escrivaninha, com o notebook aberto e fones no ouvido.

De onde eu estava não dava para ver a tela do computador, mas imaginei que ele estivesse em uma chamada de vídeo com alguém de sua família. Ele fingiu não notar minha presença, então fui até o *closet*, coloquei uma *lingerie* bonita, mas decente, não era rendada e nem tão pequena. *Vamos ver se ele vai ignorar minha presença agora.*

Saí do *closet* só de calcinha e sutiã e passei bem diante do notebook. Quem quer que estivesse em chamada com ele, com certeza ia me ver, mas eu fingi que estava distraída, olhando para outra direção. De repente, ouvi um barulho alto do notebook sendo fechado violentamente. Eu até me assustei e, quando olhei para Lorenzo, ele estava vermelho, me fuzilando com os olhos.

— Qual é a porra do seu problema, garota? — ele falou, alterado.

— Problema nenhum, estou ótima. Terminando de me arrumar depois do banho.

— Eu estava em uma chamada de vídeo com Pietro e você passou na frente da câmera vestindo essa *lingerie*! Está maluca, porra? Ele viu você assim!

— Ah, me desculpe, é que eu achei que estava invisível, você parecia não estar me vendo.

— É melhor você não me provocar, porque eu já estou puto o suficiente.

Eu fiquei parada, olhando para ele com a sobrancelha levantada, esperando ele falar o que eu tinha feito para deixá-lo daquele jeito. Ele pegou o celular, digitou alguma coisa, provavelmente enviando alguma mensagem e depois se levantou.

— Lorenzo, deixa de ser idiota! Nós vamos ficar nesse clima até quando? Por que você não fala logo que bicho te mordeu?

— Você quer saber o que me deixou puto, além do fato de você ter passado só de calcinha e sutiã na frente do meu primo?

— Quero, afinal estou sendo punida e não sei nem o porquê!

— Punida? Por acaso eu fiz alguma coisa com você?

— Você está me ignorando e isso para mim é pior do que se você gritasse comigo. Me diga logo de uma vez.

— Eu não tenho que ficar te ensinando como se comportar e o que é ou não apropriado para você, Camila. Eu não sou seu pai, sou seu homem, porra — ele explodiu.

— Se eu fiz algo que você não gostou, eu não percebi. Você precisa me dizer, pois não me lembro de ter feito nada de errado.

— Você acha certo ficar rolando com a porra do Thomas no tatame?

Capítulo 11

Camila

— O quê? Esse é o motivo da sua raiva? — Eu quis rir, mas o homem estava possuído de ódio, então não cutuquei. — Se ele fosse um inimigo e eu tivesse que lutar com ele para me defender, não ia dar no mesmo? Você ia ficar com ciúmes e preferir que eu deixasse o cara me levar, só para não ter que rolar com ele em uma luta?

— Eu não estou com ciúmes, só não achei apropriado. Seria diferente se você tivesse feito por necessidade, e não por diversão.

— Eu precisava de uma última luta para fechar o treino.

— Esperasse por mim. Nós paramos porque você estava cansada, mas para lutar com ele você não estava, né?! — ele falou, ainda muito irritado.

— Lorenzo, esse seu ciúme é infundado. — Apesar de querer rir, eu me controlei. — Foi só uma luta, sem maldade. Achei que Thomas fosse seu amigo.

— Ele é apenas um conhecido e, mesmo que fosse meu amigo, você passou dos limites. Eu não quero nenhum outro homem tocando em você.

Lorenzo já estava mais calmo, então me aproximei e coloquei minhas mãos em volta do seu pescoço. Dessa vez ele não me afastou.

— O único homem que eu quero que me toque, e em todos os lugares, é você, Lorenzo Esposito. Não seja bobo — falei e fiz menção de beijá-lo, mas ele se esquivou.

— Eu não vou transar com você agora, Camila. Ainda estou puto, não quero ser bruto com você, descontando minha raiva no sexo.

— Eu quero que você seja bruto. Vem, Lorenzo, desconta sua raiva em mim, me castiga com seu pau e me fode com raiva.

Ele me olhou com uma expressão nova. Era um olhar selvagem que me deixou imediatamente molhada. Aquele homem delicioso andou na minha direção e eu quase perdi o ar de tanta ansiedade. Ele segurou no meu cabelo, virou meu pescoço para ter acesso e começou a beijá-lo e chupá-lo. Aquele excesso de vontade, com certeza, deixaria marcas no meu pescoço.

Lorenzo me empurrou para a parede e levantou uma das minhas pernas me segurando pela coxa. No momento em que senti sua ereção, eu gemi com a sensação.

— Por favor, me fode.

— Cala a boca — ele falou, rude, me deixando ainda mais excitada.

Ele me beijou, faminto e desesperado, depois me suspendeu e eu enrosquei as pernas em sua cintura. Lorenzo deixou minha boca e beijou meu pescoço e meus ombros. Apoiando meu corpo na parede, ele soltou uma das mãos que me segurava pela bunda e segurou meu seio, tirando-o de dentro do sutiã e colocando euforicamente em sua boca. Eu gemi, louca, com aquela sensação. Ele continuou mamando em mim até que colocou seu pau para fora da roupa, puxou minha calcinha para o lado e entrou em mim de uma vez só, me provocando um grito.

— Para de gritar. Você quer que todos saibam que eu estou fodendo você?

— Eu não me importo.

— Safada!

— *Sua* safada. Agora cala a boca e me fode.

Lorenzo fez o que eu pedi, estocou forte e rápido dentro de mim, arrancando gemidos e suspiros de nós dois. Em poucos

segundos, senti o orgasmo chegando forte e precisei morder o ombro dele para não gritar e chamar a atenção da casa toda.

Gozei deliciosamente e, antes que eu me estabilizasse, ele me colocou no chão e me virou de costas para a parede.

— Empina essa bunda para mim — ele falou e me deu um tapa.

Eu obedeci, e ele entrou novamente em mim de uma vez só. Lorenzo segurou na minha cintura e começou a estocar forte e fundo dentro de mim. *Porra, ele é grande, não tem como não sentir um pouquinho de dor, mas eu amo isso.*

— Você gosta de me provocar, não é, sua safada? — ele perguntou, rouco e ofegante no meu ouvido, me comendo sem dó.

— Eu adoro e faço porque eu posso!

— Eu vou te ensinar a não me desafiar.

Lorenzo me tirou da parede e me levou para a cama, onde me colocou de quatro. Ele abriu as bandas da minha bunda e me lambeu, arrancando-me um gemido, em seguida senti seu dedo na entrada do meu ânus, ainda virgem. Fiquei tensa, mas ele não se importou, continuou massageando o lugar com o dedo, até que eu relaxei e ele forçou um pouquinho a entrada. Eu gemi, não de dor, mas de tesão e ansiedade.

Ele entrou em mim outra vez, seu pau me preenchendo até o fundo, e enfiou um dedo em mim, por trás. Eu enlouqueci, porque a sensação de ser totalmente preenchida por ele, nos dois lugares, era surreal. Eu relaxei e rebolei no seu pau e no seu dedo; ele intensificou os movimentos e eu gozei forte, gemendo e gritando.

Eu mal tinha me recuperado quando ele me puxou pelo pescoço, colocou meu corpo de costas para o seu e sussurrou no meu ouvido:

— Eu preciso gozar, mas não vou gozar dentro de você, vou tirar.

Só então eu me dei conta de que, pela primeira vez, não usamos camisinha. Ele tirou o pau de dentro de mim e, quando olhei para trás, eu o vi se masturbando.

— Deixa que eu faço isso — falei.

Levantei-me da cama, sentei à sua frente e segurei firme seu pau. Primeiro, me delíciei com a imagem daquele pau perfeito, grande, grosso e cheio de veias, depois olhei nos olhos de Lorenzo e, sem interromper esse contato, levei a ponta da minha língua até a cabeça. Ele arqueou o corpo para trás e gemeu.

Lambi toda a extensão do seu pau, até chegar na ponta, depois coloquei o máximo que pude dele dentro da minha boca e chubei, enquanto massageava suas bolas pesadas. Os murmúrios de prazer de Lorenzo foram se tornando cada vez mais fortes e me estimulando cada vez mais. Ele agarrou meu cabelo e guiou meus movimentos.

— Eu vou encher a sua boca de porra — ele falou rouco, louco de prazer.

Aquilo me excitou mais e eu aumentei os movimentos até que ele se despejou na minha boca. Senti os jatos fortes e quentes, mas não parei de chupá-lo até engolir tudo. Quando terminei, ele me levantou e me olhou nos olhos.

— Safada... — falou, beijando-me com fome. — Gostosa... — murmurou e levou a boca até minha orelha, onde deu uma leve mordida que fez meu corpo todo arrepiar. — Minha safada... — ele sussurrou no meu ouvido. — Minha gostosa...

— Sua... Completamente sua — sussurrei e o beijei com vontade.



Depois do nosso sexo delicioso e selvagem, Lorenzo parecia mais tranquilo. Tomamos outro banho e descemos juntos para a sala, onde encontramos Thomas e Demétrio. Cumprimentamos os dois e nos sentamos no sofá, de frente para eles.

— Vejo que já fizeram as pazes — Demétrio comentou, querendo rir, e Thomas o acompanhou.

Pelo visto, só eu não tinha entendido o motivo do ataque de Lorenzo.

— Nós nem chegamos a brigar de verdade — falei, sorrindo e olhando para Lorenzo, mas ele não estava achando graça, então achei melhor mudar de assunto. — Demétrio falou que vai receber convidados hoje no Cassino, podemos ir também? — perguntei ao Lorenzo.

— Que convidados? — ele perguntou, se dirigindo a Demétrio.

— Alguns membros da Chicago Outfit.

— Vamos também, por favorzinho — pedi, animada.

— Tudo bem, podemos ir.

— Obaaa! — comemorei, pulando em cima dele e enchendo-o de beijos.

Demétrio e Thomas ficaram nos observando e rindo, enquanto Lorenzo ficou envergonhado, mas eu não me importei.



Olhei-me no espelho pela última vez e fiquei satisfeita com a minha aparência. Eu estava usando um dos vestidos maravilhosos que comprei em Seattle. Ele era vermelho, longo e justo, com as costas nuas e uma fenda generosa; encaixou perfeitamente no meu corpo. Calcei uma sandália altíssima e fiz uma maquiagem mais carregada porque aquele momento pedia. Não tinha nada de menina em mim. Eu parecia uma mulher, a mulher que de fato eu já era... forte, decidida e totalmente apaixonada. Nesse dia, fiz questão de estar linda para o meu homem.

Coloquei uma gotinha de perfume e fui para o quarto me encontrar com Lorenzo, que estava deitado na cama me esperando. Assim que abri a porta do quarto, ele se levantou e me olhou da cabeça aos pés. Ansiosa, dei uma voltinha e perguntei:

— E aí, como estou?

— Você está... Puta merda, você está o pecado em forma de mulher, uma princesa devassa e linda. Estou sem palavras!

— Você também está maravilhoso — elogiei. — Vamos?

Ele levantou da cama e nós descemos de braços dados, encontrando apenas Thomas, na sala, tomando uma bebida; Demétrio já tinha saído.

— Até que enfim os pombinhos desceram. Aposto que foi culpa do Lorenzo, indeciso com a roupa — ele falou, zoando Lorenzo.

— Confesso que eu sou a culpada. Demorei me maquiando — falei rindo.

— Ah, mas valeu a pena, você está absolutamente... — Thomas começou a falar, mas Lorenzo o cortou.

— Cuidado com o que você vai falar, Thomas, não quero ter que desmanchar esse topete lindo que você deve ter demorado horas para moldar.

Thomas deu uma gargalhada, não levando a sério a ameaça de Lorenzo. Eu acabei rindo também, sem me importar que Lorenzo estivesse me olhando de cara feia. Fomos para a garagem e entramos em um carro onde o motorista já nos aguardava. Thomas sentou na frente com o motorista, e eu fui atrás com Lorenzo. Atrás de nós havia um outro carro, com alguns soldados, nos seguindo.

Minutos depois, Lorenzo me ajudou a descer do carro e me guiou até a entrada do cassino com a mão em minhas costas. Assim que entramos, vimos Demétrio em pé ao lado de uma das mesas e fomos até lá.

— Boa noite — Lorenzo cumprimentou a todos assim que nos aproximamos.

Todos os homens da mesa pararam seu jogo para respondê-lo e um deles se levantou e veio até nós.

— Lorenzo Esposito! Que honra ter um membro da Cosa Nostra conosco esta noite. Mande meus cumprimentos ao *Don* Pietro e a todos da família Esposito.

— Obrigado, Jacob. Vou transmitir seu recado.

— Sente conosco para jogar uma partida — o homem convidou-o. — E essa jovem linda, quem é?

— Essa é Camila. Camila, esse é Jacob, capo da Outfit. — Lorenzo nos apresentou, sem dar satisfação de quem eu era.

— Muito prazer, Camila — o homem falou e beijou minha mão.

Lorenzo não ficou muito satisfeito e logo me afastou de Jacob. Ele puxou uma cadeira que estava ao lado da de Demétrio, indicou para eu sentar e, em seguida, sentou ao meu lado.

Na mesa em que sentamos, os homens eram maioria, jogando, bebendo e fumando charuto. Lorenzo os acompanhava na bebida e no jogo. Eu estava distraída quando ele falou no meu ouvido:

— Escolhe um número.

— Vermelho 18 — falei no ouvido dele, esperando que o número nos trouxesse sorte.

Lorenzo apostou todas as suas fichas nesse número. O *dealer* girou a roda central, e eu prendi o ar. Ele jogou a bolinha e, depois de girar um pouco, ela aterrissou em um número: Vermelho 18.

— Não acreditoooo! — eu gritei, sorrindo radiante.

Lorenzo deu uma gargalhada gostosa, me olhou e me deu um beijo. Todos na mesa aplaudiram sua vitória e alguns homens vieram cumprimentá-lo. Depois de receber alguns cumprimentos, Lorenzo sorriu novamente para mim.

— Você me traz sorte! — ele sussurrou próximo ao meu ouvido.

— E você me trouxe de volta à vida.

— Por que 18? — ele me perguntou, após me dar um selinho.

— Porque é a idade que eu terei depois de amanhã.

Lorenzo me olhou por alguns segundos, e eu não consegui decifrar o que ele estava pensando, mas ele não parecia mais tão animado.

— O que foi? — perguntei com uma leve preocupação.

— Nada. Vem comigo

Ele segurou minha mão e se dirigiu a Demétrio.

— Você pode me emprestar sua sala por um momento?

Demétrio tirou uma chave do bolso e a entregou. Lorenzo pegou a chave e me puxou em direção aos elevadores.

Lorenzo

Lembrar que Camila estava prestes a fazer 18 anos e que logo voltaríamos para a Itália me trouxe um misto de alegria e apreensão. Alegria, porque finalmente ela deixaria de ser menor de idade e seria minha mulher, sem precisarmos infringir a lei, e apreensão, porque eu não sabia como ficariam as coisas a partir dali. *Uma coisa é certa, eu lutarei por essa mulher.*

Entramos no elevador e eu grudei seu corpo na parede, devorando sua boca com toda a minha fome. Ela retribuiu o beijo, segurando no meu cabelo e na minha nuca, me puxando mais para ela. Quando o elevador parou direto no andar da presidência, eu a puxei rápido para fora e entrei com ela na sala de Demétrio, trancando a porta atrás de nós e voltando a beijá-la.

Eu estava totalmente louco por essa mulher, completamente insano. Nunca desejei tanto uma mulher como desejava Camila. Eu podia transar com ela o dia inteiro e, ainda assim, eu não me cansaria dela. Ela era perfeita em tudo, linda, inteligente, ousada, gostosa pra caralho e fazia meu sangue ferver.

Abaixei a alça do vestido dela e, assim que seus seios pularam para fora, levei minha boca até eles e os suguei. Enquanto eu mamava em um, acariciava o outro, e ela gemia de prazer, fazendo meu pau latejar de desejo por ela.

Peguei-a no colo, levando-a até a mesa de Demétrio, empurrei algumas coisas da mesa para o chão e a sentei ali. Camila logo abriu as pernas para mim, e eu ajoelhei em frente à sua boceta deliciosa, tirei sua calcinha e coloquei no meu bolso. Abri mais suas pernas e lambi sua boceta cremosa e deliciosa, enquanto ela gemia enlouquecida e segurava no meu cabelo, me incentivando.

Chubei até que Camila gozasse na minha boca e, quando ela se recuperou dos últimos espasmos, eu a levantei, colocando-a de

costas para mim, arriada sobre a mesa. Peguei uma camisinha no bolso, coloquei-a o mais rápido que consegui, levantei o vestido dela e entrei de uma vez só, arrancando um gemido alto de nós dois. Segurando em sua cintura, eu estoquei forte, fazendo um barulho alto dos nossos corpos se chocando, que se misturou aos seus gemidos.

Ouvi um barulho do lado de fora e fiquei em alerta, mas eu não pretendia parar. Continuei metendo nela até que, no exato momento em que eu gozava, alguém tentou abrir a porta. Não parei. Terminei de gozar, tirei a camisinha, amarrei e coloquei no bolso, depois ajudei Camila a se ajeitar. No mesmo instante, alguém bateu à porta.

— Lorenzo, vocês estão aí? — Era a voz de Demétrio.

Olhei para Camila, constatando que ela já estava totalmente vestida, e só então abri a porta.

— Por que vocês estavam trancados aqui? Está tudo... — ele começou a falar, preocupado, mas parou assim que viu sua mesa toda desarrumada e algumas coisas no chão. — Ah, puta merda! Vocês estavam transando na minha sala, porra? — ele falou, sério e em tom de reprovação, e Camila ficou vermelha.

A essa altura, eu já me segurava para não rir, enquanto Camila olhava-o assustada.

— Eu só tenho uma coisa a dizer a vocês... Que inveja! Nada como a juventude. Ai que saudade da minha — ele falou, rindo.

Camila, enfim, soltou a respiração e me olhou surpresa.

— Ah, seu velhinho sem vergonha, você me enganou direitinho! Eu estava esperando ganhar uma bronca e você estava zombando de mim — ela o repreendeu.

Demétrio caiu na gargalhada. Ele era uma figura, a versão mais velha de Romeu, sem dúvida.



Deixei Camila dormindo, tomei banho e desci. Encontrei Demétrio na sala, lendo seu jornal.

— Bom dia — cumprimentei-o, me sentando no sofá à sua frente.

— Bom dia. Os documentos da sua menina chegaram — Demétrio falou, apontando para um envelope na mesa.

Levantei para pegá-lo, abri e nele estavam todos os documentos da Camila, inclusive passaporte. Guardei tudo de novo no envelope e deixei no mesmo lugar.

— A mesa do café da manhã ainda está esperando por você e sua italianinha — Demétrio me avisou.

— Obrigado. Eu vou ligar para Pietro primeiro, depois eu como.

Levantei-me e fui para o lado de fora da casa, onde peguei meu celular e liguei para Pietro.

— *Lorenzo, como estão as coisas por aí?* — ele perguntou de imediato.

— Seguimos sem nenhum incidente, as coisas estão calmas por aqui. No entanto, amanhã Camila faz 18 anos e nada impede nossa volta para Itália, a não ser o pai dela — falei. — Frederico tem se comportado?

— *Tanto quanto o capeta, infernizando nossa vida. Eu achei que, como pai, ele seria grato por salvarmos a vida da filha dele, porque qualquer pessoa nesse mundo teria minha gratidão caso salvasse Julie do perigo, no entanto o orgulho de Frederico é maior que o amor pela filha. Ele não está grato por ela estar viva e segura, mas sim irritado por ser você o salvador.*

— Eu quero que ele vá para o inferno! Ele não cuidou da filha quando deveria, agora não vai mais precisar.

— *Essa função agora será sua, eu suponho.*

— Sim, eu vou continuar protegendo a Camila.

— *Saiba que ele não vai facilitar sua vida. Ele quer você na cadeia, Lorenzo.*

— A filha dele me quer, o que ele quer não me importa.

— *Você terá meu apoio.*

— Obrigado, cara.

— *Quando vocês voltam?*

— Passando de amanhã, o dia que ela quiser.

— *Informe-nos.*

— Tudo bem. Até mais.

Desliguei o telefone e, ao entrar em casa, vi Camila descendo as escadas com cara de sono. Fui ao encontro dela e, quando cheguei ao pé da escada para esperá-la, a maluca se jogou no meu colo. Ainda bem que eu a segurei antes de cair no chão e, antes que eu a repreendesse, ela me beijou e me fez esquecer qualquer coisa que eu tivesse em mente.

— Vamos tomar café da manhã — falei, assim que encerramos o beijo.

— Vamos! — ela respondeu. — Como sempre, estou faminta.

— Nunca vi uma coisinha tão pequena comer tanto.

Ela riu e nós fomos tomar nosso café da manhã. Logo em seguida, Thomas entrou na sala de jantar, vestindo roupas de academia.

— Bom dia, casal.

— Bom dia — nós respondemos.

— E aí, Camila, pronta para uma luta? Vou adorar lutar com você novamente. Topa?

— Eu tenho uma ideia melhor. Que tal lutar comigo, Thomas? Estou mais do que disposto a deixar minha marca nessa sua cara de pau — falei, sem achar graça na babaquice dele.

Eu me tornei aquilo que mais temia: um homem possessivo. Eu fiquei louco quando a vi rolar no tatame com Thomas, um ciúme doentio me cegou e tudo o que eu queria era matar quem a tocasse, inclusive ele. Apenas um olhar malicioso de outro homem em sua direção já me enlouquecia.

— Com você não tem graça — ele teve a audácia de responder.

— Meninos, se acalmem, não quero ninguém morto aqui na minha sala hoje, sujando meu tapete branco de sangue — Demétrio falou, rindo.

— Não precisa ter ciúmes de mim, cara, somos quase família e eu quase virei seu cunhado. Se eu não tivesse sido tão lerdo, hoje eu estaria casado com a Nina — Thomas disse, rindo.

— Eu vou ter o prazer de contar isso ao Inácio, pode ter certeza — falei rindo, mas não estava brincando. Eu contaria, só para colocar lenha na fogueira e me divertir quando Thomas visitasse a Itália.

Capítulo 12

Lorenzo

No início da noite, depois de mais uma tarde de treino de defesa pessoal e aula de tiros, Camila estava no chuveiro e eu me juntei a ela. Nós transamos e depois relaxamos na cama. Ela estava deitada, toda molinha, em cima de mim, enquanto eu passava o dedo pelas suas costas.

— Está chegando a hora — ela falou de repente.

— Hora de que? — perguntei.

— De voltarmos para a Itália.

— Você quer voltar logo depois do seu aniversário?

— Eu não quero, mas nós precisamos. Nunca gostei de ficar enrolando. Quando eu preciso fazer algo ruim, prefiro fazer logo e me livrar daquilo.

— Eu também prefiro enfrentar logo.

— Como vai ser, Lorenzo? A primeira coisa que meu pai vai querer fazer quando chegarmos à Itália é me manter o mais longe possível de você.

— Deixa ele tentar.

— Você sabe que não pode matar meu pai, né?!

— Só por você — falei, rindo com o jeitinho dela de falar, e dei um beijo em sua cabeça.

— Eu deveria ter muito medo de você, mas não tenho. Devo ser meio louca mesmo.

— Eu nunca machucaria você — falei, sério dessa vez.

— Eu sei, confio em você com todo meu coração.

Era muito bom ouvir aquilo. Apertei-a em meus braços e ela aconchegou mais seu corpo no meu.

— Garota, o que você está fazendo comigo? Que magia é essa que você fez, porra? Eu não me reconheço mais — falei, encarando-a. — Não sei o que é isso, só sei que quero te fazer sorrir, te ver sempre feliz, tendo tudo o que quer... e quero te comer todos os dias, claro! Porra, eu quero morar dentro de você, eu amo a sua boceta.

— Tão romântico... Eu também amo seu pau — ela falou, rindo.

— Se você quiser, quando as coisas se acalmarem e você não tiver mais correndo nenhum risco, eu vou pagar sua faculdade...

Eu nem consegui terminar de falar, pois ela deu um pulo, sentando em cima de mim e me olhando incrédula.

— Você vai pagar? — ela perguntou, com o maior sorriso que já vi no seu rosto e isso me fez sorrir também.

— Claro que vou. Você pode escolher o curso que quiser.

— Puta merda, Lorenzo Esposito, você é o assassino mais legal do mundo! — ela falou, eufórica, e beijou meu rosto todo.

Camila levantou novamente e me olhando nos olhos, muito corajosa, ela falou:

— Que Deus me ajude! Eu estou muito apaixonada por você. Eu te amo, Lorenzo.

Pasmo com toda aquela franqueza, eu mudei de posição e me sentei na cama meio atordoado, com ela ainda no meu colo. Provavelmente percebendo que tinha me deixado perturbado, ela falou rápido, se atropelando:

— Eu sei que você já transou com muitas mulheres lindas e que todas elas, provavelmente, se apaixonaram por você, mas você não se apaixonou por nenhuma delas. Eu não espero que você diga que também me ama, porque sei que eu não sou diferente de nenhuma delas, mas...

— Você é — falei e a envolvi em meus braços, abraçando-a forte. Depois me afastei, segurei seu rosto e olhei em seus olhos. —

Nenhuma delas nunca me fez tão bem como você me faz.

Eu a beijei com todo aquele sentimento que tinha no peito. Ainda não me sentia pronto para dizer que estava apaixonado, afinal eu realmente nem sabia se estava, mas de uma coisa eu tinha certeza: ela não era nada igual às outras mulheres com as quais eu já tinha saído na vida. Nenhuma delas chegava aos pés da Camila, não na aparência física, porque isso não era importante, mas porque nenhuma fez eu me sentir como a Camila fez.



Nós transamos e eu levantei para tomar banho, enquanto Camila ficou deitada na cama com preguiça. Depois que terminei meu banho, fui chamá-la.

— Levanta pra tomar banho, preguiçosa.

— Me deixa, Lorenzo! Você acabou comigo depois dessas duas rodadas de sexo.

— Tão novinha e já tão fraca! — falei, provocando-a. — Levante essa bunda gostosa daí e vá se arrumar. Eu vou te levar para jantar.

— O quê? Comida? — ela falou, ainda deitada, abrindo apenas um olho.

— Isso mesmo, comida. Vamos? — perguntei, rindo.

Camila levantou correndo e foi tomar banho. Terminei de me vestir e sentei para esperá-la. Ela saiu totalmente nua e sem vergonha do banheiro e passou por mim rebolando, em direção ao *closet*. Quando voltou, estava linda com um vestido justo e saltos altos.

— O que nós vamos comemorar? — ela perguntou, sorrindo.

— Seu aniversário. Sua maioridade. Que tal?

— Mas é só amanhã.

— Eu sei, mas vamos começar a comemorar a partir de agora e terminar só amanhã. Vamos sair para jantar, depois vou te levar

para dançar, vamos ficar bêbados e transar em todas as oportunidades que tivermos. Só se faz 18 anos uma vez na vida, italianinha, precisamos comemorar em grande estilo.

— Lorenzo, sério... Você é o homem da minha vida! Estou muito animada, vamos! — ela falou, sorrindo e se jogando nos meus braços.

Nós saímos de casa instantes depois, conversando amenidades.



Um barulho irritante me acordou, abri os olhos e senti minha cabeça latejar, consequência do excesso de álcool da noite anterior. Sentei na cama, tentando acordar, e o barulho irritante começou novamente, era meu telefone tocando. Peguei o aparelho, fui até o banheiro para não acordar Camila e atendi a ligação, sonolento.

— Fala cara, espero que seja urgente — falei de mau humor, pois ainda não eram nem 8h da manhã e eu tinha ido dormir às 5h.

— *Lorenzo, você precisa trazer a Camila de volta, cara* — Pietro disse.

— O quê? Por que? — perguntei, já sabendo que alguma merda tinha acontecido.

— *Frederico teve um ataque cardíaco, está internado e o estado dele é grave.*

— Puta que o pariu. Hoje é o aniversário dela, cara.

— *É, eu lembrei de você ter mencionado isso quando recebi a notícia, mas você precisa trazê-la, porque ela vai querer ver o pai. Os médicos não sabem se ele vai resistir. De qualquer maneira, ela já tem 18 anos agora.*

— Tudo bem, Pietro. Nós vamos voltar.

— *Quer que eu mande o jato?*

— Não precisa, Demétrio deixou o dele à nossa disposição.

— *Okay. Avise-me quando saírem daí, vou preparar a segurança para quando vocês pousarem aqui. Venham direto para o complexo.*

— Valeu, cara, eu te aviso.

Voltei para o quarto desnortado e minha cabeça doía. Peguei no chão a calça que eu tinha usado na noite anterior e, quando vesti, senti algo no bolso. Desdobrei o papel para ler e, antes de conseguir assimilar alguma coisa, Camila se mexeu na cama.

— Por que você já está de pé? Volta pra cama — ela falou, sonolenta.

— Precisamos nos arrumar, temos muitas coisas para resolver hoje.

— Hum... por acaso você preparou alguma surpresa para o meu aniversário? — ela perguntou, sorrindo inocente. Meu coração apertou.

— Vem, vamos tomar banho — falei esticando a mão para ela e fomos juntos para o banheiro.

Quando terminamos o banho, nós fomos para o *closet* vestir uma roupa e, enquanto ela terminava de se arrumar, voltei para o quarto para esperá-la. Quando Camila se aproximou, estava desconfiada.

— Lorenzo, você está estranho. O que aconteceu?

— Vem cá — chamei-a para sentar na cama ao meu lado.

Respirei fundo antes de conversar com ela, não adiantava ficar adiando.

— Meu plano hoje era tornar seu dia perfeito. É seu aniversário e, depois de tudo o que nós vivemos e fizemos desde que nos conhecemos, nossa vida está conectada. Apesar de sermos de mundos totalmente diferentes, você agora é minha e não tem mais volta, mas nós dois sabemos que, quando voltarmos para a Itália, teremos uma batalha a enfrentar. Eu não estou mais preocupado com isso, não vou deixar ninguém tirar você de mim,

mas aconteceu um fato que pode te afetar muito, e quero que você saiba que não vai passar por isso sozinha, eu vou estar ao seu lado.

— Fala logo o que aconteceu, você está me deixando nervosa.

— Seu pai teve um ataque cardíaco e está internado. Nós vamos precisar mudar nossos planos e voltar para a Itália ainda hoje.

— Meu Deus! Meu pai... e eu não estava lá, a culpa é minha. Como ele está? Quem o socorreu?

— Calma, Camila. Eu não sei detalhes, mas ele está no hospital. Acredito que o pior já tenha passado.

— Lorenzo, eu sou uma pessoa horrível, imatura e mimada. Deixei meu pai sozinho quando deveria ter enfrentado aquela maldita gangue junto com ele. Eu fui covarde e fugi, mesmo sabendo que ele ainda não se recuperou da perda da minha mãe. Fui tão egoísta, só pensei em mim — ela falou tudo rápido e, chorando, se jogou nos meus braços.

Porra... quando ela chora eu me rendo. Eu daria a porra do mundo todo só para não ter que vê-la chorar.

— Ei, você não tem culpa de nada. Olha pra mim... — falei, levantando o queixo dela, delicadamente. — Seu pai é um homem adulto. Era ele quem deveria cuidar de você, e não o contrário. Você fugiu porque ele não soube te proteger, ao invés disso, ele colocou sua vida em risco. Pare de se culpar. Agora nós vamos voltar, seu pai vai melhorar e, quando ele acordar, vocês vão conversar e vai ficar tudo bem. Se existe um culpado de todas essas merdas que estão acontecendo, esse culpado é ele. Vamos arrumar as nossas coisas, eu vou pedir ao Demétrio para liberar o jato.

— Tudo bem — ela falou, desanimada.

Deixei Camila no quarto e desci à procura de Demétrio, que estava em seu escritório resolvendo alguns assuntos. Contei tudo o que aconteceu e ele me disse que o jato estava passando por uma manutenção de rotina, mas que estaria liberado até a noite. *Difícil vai ser fazer Camila esperar sossegada.*



Sem ter o que fazer, passamos o dia em Las Vegas, esperando a liberação do jato. Camila passou o dia todo aflita, mal comeu.

Pousamos na Itália, treze exaustivas horas depois de sair de Las Vegas, quase cinco horas da tarde do dia seguinte. Meu pai e Inácio estavam no aeroporto nos esperando, junto com alguns soldados.

— Bem-vindo de volta, meu filho — meu pai me cumprimentou assim que saí do jato, me dando um abraço.

— Obrigado, pai. Essa é a Camila. Camila, esse é meu pai, Enzo, e esse é o Inácio, meu cunhado.

Todos se cumprimentaram e Camila logo quis saber notícias do pai. Ela estava aflita por respostas.

— Seu pai passou mal em casa e ligou para o resgate, mas ele já estava desacordado quando o socorro chegou. Ele teve um infarto e está em coma, eu sinto muito — meu pai respondeu.

— Lorenzo, por favor, me leva para vê-lo no hospital — ela pediu, virando-se para mim. — Eu quero falar com o médico, por favor.

— Tudo bem, nós vamos. Agora, fique calma.

— E nós vamos com vocês — meu pai falou.

Camila e eu fomos em um carro com dois soldados, e Inácio e meu pai foram em outro. Assim que chegamos no hospital, conversamos com o médico responsável por Frederico, que nos contou sobre o estado de saúde dele. Apesar de grave, o pai de Camila estava estável e o médico autorizou a entrada dela por 15 minutos.

Chegamos ao quarto em que Frederico estava e ela entrou sozinha. Aquele era um momento dela com o pai, então eu fiquei esperando na porta, acompanhado por meu pai e meu cunhado.

— Pai, eu gostaria de colocar alguns soldados aqui para fazerem a segurança do Frederico — falei. — Ele está muito vulnerável nesse hospital, e alguém pode tentar algo contra a vida dele. Não que eu me importe, mas Camila se importa. Ela ama o pai incondicionalmente, e vai sofrer se algo acontecer a ele. Você pode conversar com o diretor do hospital e conseguir essa autorização?

— Posso, filho, vou lá agora com Inácio.

Eu assenti e eles se foram. Resolvi conversar a sós com o médico antes de Camila voltar, pois eu precisava ver com ele a possibilidade de transferir Frederico para um hospital da máfia, seria muito mais seguro.

Camila

Saí chorando do quarto em que meu pai estava e tudo o que eu queria era me jogar nos braços de Lorenzo para ele me fazer esquecer a dor, assim como fez tantas vezes, mas não o encontrei no corredor e me senti perdida. O pior de tudo foi a visão que tive do final do corredor do hospital.

Francesco Falcone caminhou em minha direção, com um sorriso cínico no rosto e a mesma postura de cafajeste que um dia tanto me intimidou. *Hoje não mais*. Endireitei minha postura e me preparei para o confronto. Suas feições inescrupulosas mudaram, conforme ele se aproximou mais de mim. Quem visse seu sorriso fraterno, poderia até se enganar, mas a mim nunca enganou.

— Minha querida sobrinha, que alegria te encontrar aqui, ainda que em um momento tão inoportuno.

— Pode tirar a máscara, Francesco, comigo ela não funciona. Eu sei que tudo o que você deseja agora é a morte do meu pai.

— Quanta hostilidade, Camilinha. Seu pai não te ensinou bons modos? É assim que você recebe seu tio, depois de tantos anos? Você costumava ser mais educada quando era uma criança.

— Cala a boca, seu porco! Aquela criança, de quem você tentou se aproveitar, não existe mais.

— É perceptível, você se tornou uma linda mulher — ele falou, olhando maliciosamente o meu corpo.

Senti um arrepio ruim na espinha. Ele podia até me assustar, mas eu nunca mais demonstraria isso a ele.

— Você não me intimida mais. Eu não tenho mais medo de você, seu pedófilo de merda. Fica longe de mim!

Pela primeira vez, desde que chegou, vi a máscara daquele nojento cair e ele assumir uma postura mais rígida.

— Sua atrevida, eu vou acabar com essa sua petulância rapidinho. Eu vim visitar seu paizinho e não esperava te encontrar aqui, mas foi ótimo. Vamos sair daqui, você vai ficar comigo até seu papai voltar — ele falou, pegando meu braço para me puxar.

Eu já estava pronta para me defender e pôr em prática o que Lorenzo me ensinou nas aulas de auto defesa, mas não precisou. Eu não o vi se aproximar, mas de repente vi meu tio sendo arremessado para longe de mim e, em dois segundos, o corpo grande e forte de Lorenzo imprensou-o na parede com o antebraço em seu pescoço, impedindo-o de respirar.

— Como você ousa chegar perto dela, seu filho da puta? Eu vou matar você! — Lorenzo gritou na cara dele, exalando fúria e poder.

Nem mesmo quando conheci Lorenzo e o vi matando aqueles dois homens no beco ou no dia do ataque em Seattle, ele estava tão assustador. Ele cedeu o aperto no pescoço de Francesco, apenas para que ele caísse no chão e, em seguida, deu o primeiro golpe: um soco que certamente quebrou seu nariz, pois o sangue espirrou automaticamente e Francesco começou a gritar.

— Frouxo! Gosta de abusar de mulheres, mas cai no primeiro soco — Lorenzo falou, furioso, e deu um chute no estômago do meu tio, fazendo-o se encolher e urrar de dor.

Não satisfeito, Lorenzo deu mais dois socos nele, depois levantou-o do chão e bateu seu corpo violentamente contra a parede, deixando-os cara a cara.

— Presta bem atenção no que eu vou te dizer, seu verme, se você quiser continuar vivo, nunca mais chegue perto da Camila. Esqueça que ela existe. Se eu vir você perto dela outra vez, eu te mato.

Quando olhei para o lado, o pai e o cunhado de Lorenzo vinham pelo corredor, ambos atentos à cena, mas apenas observaram um pouco afastados. Lorenzo, cego de ódio, não tirou os olhos de Francesco.

— Quem você pensa que é para tentar afastar minha sobrinha de mim? — o suicida do meu tio argumentou.

Lorenzo soltou uma risada diabólica antes de responder:

— Eu não penso, eu sou. Lorenzo Esposito, o marido dela, seu covarde do caralho!

— O quê? — Francesco, Enzo e Inácio perguntaram incrédulos.

— Camila é minha mulher. Nós estamos casados e, se chegar perto dela outra vez, você é um homem morto! — Lorenzo falou e, sem vontade, largou meu tio no chão, com sangue escorrendo pelo seu nariz e boca. — Some daqui, seu covarde.

Eu pude ver todo o ódio nos olhos de Francesco, mas ele foi esperto e não ousou falar nada. Ele levantou com dificuldade e saiu sem olhar para trás. Depois que sumiu de vista, Enzo e Inácio se aproximaram de nós. Achei que eles iam nos questionar sobre nosso casamento, que até então ninguém sabia, mas eles não o fizeram.

— Vocês estão bem? — Enzo perguntou.

— Não. Eu só vou ficar bem quando matar esse filho da puta — Lorenzo respondeu com os olhos ainda intensos, cheios de ódio.

— Lorenzo, está tudo bem, ele não fez nada comigo — falei, tentando acalmar as coisas.

Na mesma hora, ele me olhou e seus olhos suavizaram.

— Ele machucou você? — ele perguntou preocupado, vindo me abraçar.

— Não, eu estou bem, mais uma vez você me salvou — falei, e ele me abraçou mais forte e cheirou meu cabelo.

— Lorenzo, eu conversei com o diretor do hospital, como você pediu, e ele permitiu que dois soldados fiquem na porta da UTI, fazendo a segurança do Frederico.

Ao ouvir Enzo falar isso, olhei para Lorenzo emocionada. Eu sabia que ele não se importava com a vida do meu pai, mas estava preocupado com a segurança dele por minha causa, para que eu

não sofresse, e isso aqueceu meu coração. Dessa vez, eu apertei mais o nosso abraço e descansei a cabeça em seu peito.

— Eu gostaria de transferi-lo para o hospital da máfia, mas o médico me explicou que, por enquanto, é muito arriscada essa transferência, então vamos manter a segurança dele aqui, até que se recupere — Lorenzo explicou e seu pai assentiu. — Vamos embora, Camila, você não pode ficar aqui. Os soldados que vão fazer a segurança dele já estão aí fora esperando minha ordem — Lorenzo falou e eu assenti.

Ele se afastou para telefonar e eu me encostei na parede, em seguida vi o pai de Lorenzo me olhando com ares de riso.

— Então você agora é oficialmente minha nora, hein?! — ele falou, sorrindo abertamente.

— Pois é, Elvis Presley nos casou em uma capela em Las Vegas — falei, já com vontade de rir ao lembrar da loucura que fizemos na noite de comemoração ao meu aniversário.

Inácio e Enzo deram uma gargalhada, e eu acabei rindo também.

— Cara, vai ser lindo ver o Lorenzo preso pelas bolas — Inácio falou, satisfeito, e Enzo concordou.

Quando Lorenzo se aproximou, quis saber do que estávamos rindo. Ele ainda parecia tenso.

— Estava aqui falando para sua esposa o quanto sua mãe vai adorar saber que você agora é um homem casado e que ela nem foi convidada para o casamento.

— Ela vai superar — ele respondeu, sério, me deu a mão e me puxou para irmos embora.

Capítulo 13

Lorenzo

Eu estava fazendo um esforço sobre-humano para não largar tudo e ir atrás de Francesco Falcone. Eu queria muito matá-lo. Eu fiquei louco só de imaginá-lo tentando abusar de Camila quando ainda era uma criança.

Nós estávamos indo para o complexo, e Camila estava quieta com seus pensamentos, olhando pela janela. Meu pai e Inácio estavam em outro carro e tinha mais um veículo com alguns soldados fazendo nossa escolta.

Minha mente estava agitada. Eu fiquei cheio de ódio quando cheguei no corredor da porra do hospital e vi o filho da puta segurando o braço da Camila. Uma fúria assassina tomou conta de mim e eu só me acalmaria se o matasse, mas eu não poderia fazer isso naquele instante, não na porra de um corredor de hospital e, principalmente, não na frente da Camila, pois ela já estava frágil demais.

Além de tudo, meu pai acabou descobrindo sobre o meu casamento da pior maneira. Minha intenção era reunir a família e contar a todos de uma vez que eu e Camila estávamos casados. Não foi um casamento planejado, mas eu acordei na manhã seguinte me questionando se fiz a coisa certa. Confesso que se estivesse sóbrio, provavelmente não me casaria, no entanto a cada minuto que passava eu tinha mais certeza de que a nossa loucura foi fodidamente a melhor decisão que nós tomamos.

Tudo aconteceu de maneira muito inusitada. Eu levei Camila para jantar e comemorarmos, antecipadamente, o aniversário dela. Depois, fomos para o cassino-bar de Demétrio e começamos a beber. Camila estava radiante, mais feliz do que eu já tinha visto, e isso me deixou feliz. À meia noite, nós nos beijamos e brindamos

aos seus 18 anos, continuamos bebendo e, quando eu dei por mim, estávamos em uma capela. Michael Jackson entregou-a para mim no altar e nos casamos diante de Elvis Presley.

Eles arranjaram um vestido rosa e engraçado para ela, cheio de rendas e babados, mas ainda assim, ela estava linda com um batom vermelho, os cabelos bagunçados e os olhos brilhantes. Não tínhamos aliança na hora, mas isso não nos impediu de casar e a legítima certidão de casamento que encontrei no bolso da minha calça na manhã seguinte era a prova disso.

Não tivemos nem tempo de assimilar o que tinha acontecido, pois logo recebi a notícia sobre o pai dela e voltamos para a Itália. No jato, colocamos o assunto em pauta e decidimos que, apesar de não ter sido planejado, não anularíamos o casamento. Camila era, oficialmente, a senhora Esposito. *Para o meu próprio espanto eu estou bem com isso.*

Foi ela quem levantou a hipótese da anulação do casamento, deixando claro que se eu quisesse, ela concordaria, mas era nítido que ela não queria aquilo, apenas estava me dando a chance de escolher.

Quando eu disse a ela que não iríamos anular, ela chorou, me beijou e disse que me amava. Eu a abracei e me senti em paz, no entanto não consegui dizer a ela o que eu sentia. No momento certo, eu diria.

— O que você está pensando? — ela chamou minha atenção, me tirando dos meus pensamentos.

— Estava lembrando do nosso casamento — falei, rindo.

— Nada com a gente é normal. — Ela riu também. — Você acha que sua mãe vai gostar de mim?

Camila ainda não tinha conhecido nenhuma das mulheres da minha família e parecia preocupada com a aprovação da minha mãe. Mal ela sabia...

— Minha mãe vai te adorar, mas ela vai adorar, principalmente, o fato de me ver casado ou preso pelas bolas, como o meu pai gosta de dizer. Minha mãe é uma figura e ela vai te amar,

você vai ver. Ela é a mulher mais louca e amável que eu conheço. Quer dizer, agora que conheci você, já não tenho certeza de quem é mais louca — falei, rindo.

Quando cheguei no complexo com a Camila, fomos direto para a minha casa, pois estávamos exaustos de tudo. Primeiro, dormimos muito pouco na noite do aniversário dela, depois tivemos as horas de voo de Las Vegas até a Itália e, quando chegamos, fomos direto para o hospital. Assim que entramos em casa fomos tomar banho juntos.

— Ei, princesa, acho que você está precisando dormir um pouquinho, suas olheiras não negam — falei baixinho com ela.

Estávamos nus e abraçados debaixo do chuveiro. Camila estava frágil, e eu sentia que ela precisava do contato comigo ou ia desabar.

— Realmente estou muito cansada, e pior do que o cansaço físico é o mental.

— Vamos terminar esse banho logo. Eu vou colocar você para dormir e vou sair rapidinho para resolver umas coisas, mas quando você acordar já estarei de volta.

— Ah, não. Por que você precisa sair?

— Prometo não demorar, minha italianinha linda e maluca.

— Tudo bem. Mate quantas pessoas quiser, mas volte inteirinho para mim — ela falou, meio rindo, mas com a voz fraca.

— Sempre vou voltar inteiro para você. Prometo.

Terminamos o banho, Camila vestiu uma das minhas camisas, eu coloquei uma calça e me deitei um pouco com ela na cama; esperaria ela dormir para sair.

Camila estava realmente muito cansada, pois fiz carinho no cabelo dela e, em minutos, ela já estava dormindo.

Terminei de me arrumar, peguei minha arma, dei um beijo de leve nela e saí de casa. Fui direto para a casa da minha mãe, antes que ela descobrisse do meu casamento e fosse até minha casa.

Quando cheguei à casa dos meus pais, entrei sem bater e me arrependi, pois a cena que vi ficaria na minha mente por um bom tempo. Meu pai estava sentado no sofá e minha mãe em seu colo, de frente para ele. Os dois estavam no maior amasso.

— Porra, que desgraça, vocês não sabem o que é um quarto?

Minha mãe deu um pulo do colo do meu pai assim que ouviu minha voz, correu na minha direção e se jogou nos meus braços.

— Meu bebê, você voltou para a mamãe. Eu estava morrendo de saudades...

— Estou vendo a sua saudade, nem lembrava que eu existo.

— Deixa de ser bobo, eu só estava usando o corpo do seu pai para me distrair enquanto você não chegava — ela falou, me abraçando novamente, e deitou a cabeça no meu peito.

— Uma vez empata-foda, sempre empata-foda, né, Lorenzo?! Desde pequeno é assim — meu pai falou para me zoar.

— Para, Enzo! Meu bebê pode vir me ver sempre que quiser.

— Seu bebê tem uma coisa para te contar, Liliane — meu pai soltou a bomba.

— O que você fez, Lorenzo Esposito? — ela perguntou, toda desconfiada.

— Eu me casei, mãe — respondi de imediato. Eu poderia ter enrolado, mas não era do meu feitio.

— O quê?! — ela gritou e me largou na hora, me encarando horrorizada.

— Você se casou sem mim e ainda me fala com essa naturalidade? Não acredito que você tomou uma decisão tão importante dessa e nem me comunicou!

— Foi tudo muito inesperado, mãe, eu não planejei.

— Você sabia disso, Enzo? — ela perguntou ao meu pai.

— Não, amor, eu não sabia de nada. Inclusive, achei uma falta de respeito com você. Isso não se faz, achei um absurdo — ele respondeu, querendo rir. Meu pai estava adorando colocar lenha na fogueira.

— É isso que a gente ganha por criar um filho com todo amor. A gente passa por todos os incômodos da gestação para depois ele crescer e fazer uma desfeita dessa. Eu morria de dores nas costas, porque você mal cabia dentro de mim, se mexia a noite toda e não me deixava dormir... parecia um bezerro, não largava meus peitos. Por causa de você, seu pai teve que pagar meu silicone para eu ficar gostosa de novo! Aí você cresce, se casa e nem me chama.

— Para com esse drama, dona Lili. Eu não planejei esse casamento. Nós bebemos pra caralho e nos casamos em Las Vegas sob a bênção de Elvis Presley — falei e fui abraçá-la.

— Só falta me dizer que ela está grávida.

— Não, ela não está. Prometo que quando ela ficar, em um futuro bem distante, você será a primeira a saber — falei, beijando sua cabeça.

— Como ela é? Bonita e gostosa? Porque você, meu filho, é um príncipe lindo, o homem mais lindo que eu conheço.

— Achei que *eu* fosse o mais lindo, Liliane — meu pai falou, tentando fazer drama, mas minha mãe apenas riu e jogou um beijo para ele.

— Ela é linda, toda maravilhosa e uma menina muito especial, mãe. Você vai gostar muito dela.

— Ah, eu vou! Vou adorar a mulher que te prendeu pelas bolas e te levou pro altar. Agora você vai pagar sua língua, Enzinho, vai virar cadelinha da minha nora. Vou ensiná-la todas as artimanhas que nós, mulheres, devemos ter.

— Você não vai ensinar porra nenhuma. A Camila já é um problema do caralho, encapetada ao extremo, nem inventa ideia. Você é minha mãe ou uma inimiga?

— Sou sua mãe, amorzinho, mas existe um laço muito forte entre as mulheres que se chama lealdade feminina.

— Sua lealdade é comigo, que sou seu filho.

— Relaxa, bebê, é só você andar na linha e tudo vai dar certo. Eu não vou deixar você tirar a menina de casa e fazê-la sofrer.

— Isso não vai acontecer, mãe — respondi, sincero. — Agora eu tenho que ir, só queria te contar logo. Vou resolver umas coisas e, quando eu voltar pra casa, trago Camila para você conhecer.

— Tudo bem, não demora.

Dei um beijo na minha mãe e, antes de sair, meu pai levantou do sofá. Ele já imaginava aonde eu iria.

— Eu vou com você — ele falou, se aproximando de mim, e foi andando comigo até a porta.

— Não precisa, pai, eu vou sozinho, afinal isso é assunto meu — respondi, depois que nos afastamos da minha mãe.

— Lorenzo, eu não confio neles.

— Nem deve, pai. Confie apenas em mim e em tudo o que você me ensinou. Eu sei me cuidar.

— Leve pelo menos dois soldados com você. Eles podem ficar no carro, só para o caso de uma emergência.

— Tudo bem.

Saí da casa dos meus pais, chamei Lino e Rocco para me acompanharem e fui resolver algo que estava me incomodando muito.



Cheguei à sede dos Outlaws, estacionei meu carro e mandei que os soldados me esperassem ali. Todos me olhavam enquanto eu entrava, mas ninguém ousou me parar. Entrei no galpão e vi Giovanni, entre outros caras, mexendo em sua moto. Assim que me aproximei, ele levantou a cabeça e se deparou comigo.

— Eu quero conversar com você — falei sem cerimônia.

— Lorenzo Esposito, há quanto tempo não nos esbarramos por aí! Eu sabia que você viria, mais cedo ou mais tarde, afinal temos algo em comum.

— Nós não temos absolutamente nada em comum.

— Vamos até meu escritório — ele falou e saiu andando.

Eu o acompanhei até uma sala, ele sentou em uma cadeira e me indicou uma outra, mas eu não quis sentar, não estava ali para uma visita. Tudo o que eu queria era dar meu recado e voltar para casa.

— Cansou de esconder a minha noiva de mim? — ele falou, quando percebeu que eu não ia sentar.

Embora estivesse possuído pela raiva por dentro, eu ri da ilusão dele.

— Ela não é sua noiva, aliás ela não é nada sua — respondi, já perdendo a paciência.

— O pai dela me deve muito dinheiro e vai me entregar aquela delacinha como pagamento.

Meu sangue ferveu de tal maneira que eu tive que fazer um esforço sobre-humano pra não dar logo um tiro na cara daquele filho da puta.

— Não, ele não vai! Ela não é uma mercadoria e eu não vou deixar, até porque, agora, ela é minha mulher — falei fulminante de ódio e com o dedo em riste. — Se você der sequer um passo na direção dela, eu mato você.

Dessa vez, foi ele quem riu.

— Então, o lobo se apaixonou pela ovelhinha — ele falou, debochado.

— Um lobo apaixonado é capaz de aniquilar uma matilha inteira de cachorrinhos vira-latas para proteger sua ovelhinha.

— Isso é uma ameaça? — ele perguntou, perdendo a compostura.

— Não, não... Isso é uma promessa. Os Outlaws vivem em paz com a Cosa Nostra há muitos anos, cada um no seu espaço, mas se precisarmos entrar em uma briga para proteger os nossos, estou mais do que disposto. E eu falo não só por mim, mas por toda a organização.

— Eu a vi primeiro, cara — ele argumentou.

— No entanto, foi a mim que ela quis — respondi. — E foda-se, ela é minha agora e se você se aproximar dela, eu mato você, assim como matei os dois cachorrinhos que você mandou atrás de nós lá em Seattle. Está avisado.

— Vamos deixar que ela escolha.

— Ela já me escolheu. Eu sou o marido dela, agora. Se você sabe o que é bom para você, afaste-se.

— O pai dela me deve muito dinheiro, eu não vou ficar no prejuízo.

— A dívida será paga por mim.

— Eu não quero seu dinheiro. O trato que eu fiz com o pai dela foi a garota em troca da liberdade dele.

— Giovanni, minha paciência acabou. Eu já disse o que eu tinha para dizer, agora eu vou embora e você terá o seu dinheiro amanhã, depois disso eu não quero mais ouvir falar de você. Nunca mais chegue perto da minha mulher — falei, sem esperar por uma resposta, e saí.

Giovanni estava puto pra caralho, mas ele não era maluco de me enfrentar, então ficou quieto e me deixou ir embora em paz. Eu estava pouco me fodendo para o ódio que exalava dele, afinal ele não era o primeiro e nem seria o último a me odiar, a única coisa que ele não podia fazer era se aproximar de Camila. *Se ele fizer isso, será um homem morto.*

Camila

Acordei e percebi que estava sozinha na cama; Lorenzo realmente havia saído e, pelo silêncio na casa, ainda não tinha chegado. Levantei mesmo com preguiça, pois minha barriga estava roncando, eu precisava comer. Quando estava descendo a escada para ir à cozinha, a campainha tocou, me assustando.

— Nossa, quem será? — falei comigo mesma. — Estamos em um lugar seguro, duvido que Lorenzo vá se incomodar se eu atender.

Corri até a porta e, quando a abri, dei de cara com uma mulher muito simpática.

— Oi, me chamo Liliane, mas pode me chamar de Lili. Eu sou sua sogra — ela falou, com um sorriso enorme no rosto.

A primeira coisa que notei foi o quanto ela era linda e pequena para ter gestado e parido um homem do tamanho de Lorenzo. Na verdade, isso me trouxe até um alívio, porque Lorenzo era um cara grande igual ao pai, então certamente um filho nosso também seria e, se ela tinha conseguido, quando chegasse a minha vez, eu também conseguiria.

— Oi, eu sou Camila, mas pode me chamar do jeito que você quiser, porque eu não tenho um apelido. Quer dizer, Lorenzo me chama de italianinha, mas eu nunca tive um apelido antes — falei, sorrindo para ela.

Dona Lili me puxou para um abraço. Foi um abraço apertado e caloroso, daqueles que somente uma mãe dá em uma filha. Eu não sentia um carinho desses há tanto tempo que acabei me emocionando. Quando nos afastamos e ela me viu chorando, se assustou.

— Ai, meu Deus, eu te assustei? Eu sou assim meio dada e...
— ela me perguntou, espantada.

— Não, não é isso. Desculpe, é que estou um pouco sensível com essa coisa toda do meu pai e já faz tempo que não recebo um abraço tão materno.

— Prometo te abraçar todos dias, então — ela falou, sorrindo calorosamente.

— Vamos entrar — convidei-a.

Nós nos acomodamos no sofá da sala e, enquanto eu a observava, ela voltou a falar.

— Eu também não tenho mais a minha mãe. Minha sogra é ótima, mas mora lá na Grécia, então eu sei o quanto faz falta uma presença assim. Eu abraço muito meus filhos, neto e marido, todos os dias, porque valorizo cada minuto de vida e felicidade.

— Pois é, a gente nunca sabe quando vai ser a última vez.

— Exatamente. A vida é uma gangorra, mas a gente nunca pode perder a esperança — ela disse, piscando para mim. — Outro dia, li uma frase de um famoso que eu admiro muito, ele dizia que "*sorrir é um ato de resistência*" e eu me identifiquei muito com essa frase. Eu tive um passado muito difícil, Camila, mas nunca deixei de sorrir.

— E a senhora tem um sorriso lindo — falei, sincera.

— Senhora não, pelo amor de Deus, não me faz sentir mais velha do que já estou — ela disse, rindo. — Esse sorriso me salvou muitas vezes. Eu passei por muitas agressões físicas e verbais, desde criança até a idade adulta, mas nunca deixei de ter fé em um futuro melhor, porque a gente atrai o que pensa. Se todo mundo soubesse a força que tem um pensamento, o mundo teria mais esperança. Aliás, houve um momento em que eu quase perdi a fé e a esperança, mas um anjo apareceu na minha vida e me devolveu tudo. Hoje eu sou a mulher mais feliz do mundo e sei que você também será.

Quando ela terminou de falar, nós duas estávamos chorando. Abraçamo-nos outra vez e, quando nos afastamos, ela já estava

sorrindo novamente.

— Chega, vamos parar com esse papo triste — ela disse, limpando o rosto. — Você tem que me amar muito, olha o homem lindo, forte e gostoso que eu fiz para você. Meu filho é um deus grego! Eu o eduquei para que, no futuro, a filha de alguém sentisse paz e segurança ao lado dele. No início, ele estava meio desviado, mas eu tinha certeza que uma hora ia tomar jeito, até porque ele cresceu vendo o pai me tratar como uma rainha.

— Eu já te amo muito — falei, retribuindo o sorriso. — Lorenzo é um pecado de tão gostoso e cavalheiro. Ele é meu príncipe mafioso.

— E nós vamos enlouquecê-lo juntas. Ele me dizia que nunca ia se casar, mas eu sabia que ia e estava ansiosa para vê-lo caidinho por uma mulher.

— Bem, ele não está exatamente caidinho por mim. Nós nos casamos porque estávamos bêbados, embora eu soubesse o que estava fazendo. Eu estava curtindo cada minuto.

— Deixa de ser boba, ele também sabia, se não teria anulado o casamento no dia seguinte — ela disse. — Deixa eu ver seu anel.

— Eu ainda não tenho.

— O quê? Meu filho não te deu um anel? Que absurdo! Só por causa disso, faça ele comprar o mais caro da loja, não aceite menos do que isso. Não o acostume mal, Camila — ela falou, séria. — Presta bem atenção no que eu vou te dizer: nunca deixe seu homem perceber que te agrada com pouco. Deixe que ele se esforce, eles gostam dos desafios. Seja inteligente, difícil e exigente, não dê tudo a ele de mão beijada só porque estão casados. Ele precisa te conquistar todos os dias, portanto não se contente com migalhas, queira sempre o melhor!

Eu não acreditei nos conselhos que estava recebendo. A Lili estava fazendo o papel da mãe que eu não tinha mais por perto.

— Camila, seu marido precisa entender que, se quiser ser bem tratado, tem que tratá-la igual a uma rainha. Reciprocidade, meu bem, um casamento tem que ser feito disso. Ele precisa

aprender que mulher vive de carinho e que não importa se ele é um mafioso fodão, dentro de casa quem manda é você. Deixe claro para ele que, se não te der o carinho que você merece, você vai procurar em outro.

— Dona Li... — interrompi a fala quando percebi que ela me olhou feio. — Lili, será mesmo que o Lorenzo sabe lidar com todas essas exigências? Ele não me parece o tipo de homem que irá baixar a guarda assim.

— Se ele não for capaz de aguentar a potência da mulher que tem, então que se case com um homem. Ele tem que aceitar que você vai dar uns chiliquinhos, que ficará alguns dias de TPM, e isso é super normal. Meu filho é durão, mas tenho certeza de que saberá valorizar você — ela respondeu. — Enzo, por exemplo, me dá uma joia toda semana e me mima todos os dias para receber a recompensa dele. Quando ele chega em casa, encontra uma mulher linda, cheirosa, gostosa, disposta e feliz com sua chegada; encontra amor, carinho e, claro, muito sexo. Ele sabe que, se quiser continuar encontrando isso, vai ter que me mimar, sim!

Antes que eu conseguisse responder ao discurso mais perfeito que já ouvi de uma mulher, Lorenzo chegou em casa. Ele parou por um momento, nos olhando espantado, depois veio para perto de nós.

— Por que vocês estão com cara de que estão aprontando alguma coisa? — Lorenzo perguntou.

Ele foi até a mãe, deu um beijo em sua cabeça e, em seguida, veio até mim e me deu um selinho.

— Por que está desconfiado, está devendo? — Lili perguntou, mas não deu tempo para ele responder. — Eu vim conhecer minha nora, que você parece querer esconder de todo mundo. Vou aproveitar que você chegou e avisar aos dois que teremos um jantar hoje para que todos conheçam Camila Esposito.

— Não, mãe, estamos cansados...

— Eu não estou cansada, acabei de acordar — falei.

Lorenzo me olhou com cara feia e minha sogra percebeu.

— Você já me privou de ver você se casando, vai me privar disso também, Lorenzo?

— Tããão dramática. Tudo bem, dona Liliane, a senhora venceu, estaremos lá mais tarde.

— Ótimo. — Ela sorriu de orelha a orelha e bateu palmas animada.

— Espero vocês às 19h30. Agora eu vou indo, tenho que terminar de organizar tudo.

Ela deu um beijo no filho, me deu um abraço e um beijo rápido e foi embora, nos deixando sozinhos.

Capítulo 14

Lorenzo

Camila demorou pra caralho para se arrumar. Ela não falou nada, mas percebi que estava um pouco nervosa com esse jantar. Ela iria conhecer a família toda e, embora não tivesse nada de tímida, senti que ficou um pouco apreensiva. Eu terminei de me arrumar e fiquei na sala tomando uma bebida enquanto a esperava.

Estava distraído, pensando em mil coisas, quando ouvi o barulho dos seus passos na escada. Naquele exato momento, percebi que toda a espera valeu a pena. Camila estava incrível, linda e gostosa com um vestido justo que ia até abaixo das coxas, um decote discreto e saltos altos. Fiquei no início da escada, esperando-a, e ela desceu sorrindo para mim. Quando ela se aproximou, puxei seu corpo para perto do meu e a beijei, foi impossível resistir.

Chegamos na casa da minha mãe às 21h e, no exato momento em que eu entrei pela porta com Camila, ela parecia um doce no meio de um formigueiro. Todas as mulheres da família vieram em nossa direção, falando ao mesmo tempo, eufóricas, e eu sequer tive tempo de apresentá-la, pois quando dei por mim, Camila já tinha sido levada para longe, sendo o centro da atenção das meninas. Pelo seu sorriso, Camila estava adorando aquilo e a insegurança, aparentemente, tinha ido embora.

Fui sentar no sofá onde estavam meu pai e os outros homens da família.

— Pelo visto, elas gostaram da sua menina — meu pai falou rindo, observando a cena.

— De quem elas não gostam? — observei rindo.

— Como foi lá com os Outlaws? — Pietro perguntou, mudando de assunto.

— Giovanni, com certeza, não gostou do que ouviu, mas não reagiu. Ele é covarde demais pra me enfrentar cara a cara.

— Eles são traiçoeiros, temos que ficar de olho — tio Matheo falou.

— Só estou esperando uma desculpa para acabar com ele, doido para ele arrumar um problema comigo. Eu não vou ficar tranquilo enquanto Giovanni estiver solto por aí, porque ele é uma ameaça para ela — falei, olhando Camila, que estava sorrindo de alguma coisa que Nina falou.

— Vamos continuar vigilantes. Como está seu sogro? — meu tio perguntou.

— O estado dele é grave, mas está estável. Eu conversei com o médico, ele disse que foi realmente um ataque cardíaco, não foi um atentado.

— Menos mal — Pietro falou.

Eles mudaram de assunto, e eu me distraí olhando para as meninas. Vincenzo foi correndo na direção da minha irmã, seguido pelas outras crianças; Noah, que já estava maiorzinho e não curtia tanto a companhia dos menores, passou direto, em nossa direção, e sentou ao lado de Pietro, ele estava sempre atrás do pai. Os mais levados eram o Vincenzo e as gêmeas, esses deixavam os pais de cabelo em pé.

Nossa noite transcorreu tranquilamente. Camila já havia se enturmado totalmente e, depois que comemos, nos reunimos na parte externa da casa dos meus pais. Tio Matheo e tia Mel foram embora, mas nós ficamos sentados, tomando uma bebida e observando as crianças brincarem por perto; as mulheres estavam próximas a elas tomando conta.

Olhei o relógio e resolvi dar nossa noite como encerrada, pois tivemos um longo dia. Despedi-me dos caras e fui chamar a Camila. Quando me aproximei, ela estava rindo da Nina.

— Qual a graça? — perguntei, baixinho no ouvido dela, abraçando-a por trás e beijando seu pescoço.

— As crianças estão deixando as meninas de cabelo em pé — ela respondeu, rindo.

— Crianças? Eles não são crianças, são uma gangue! Inácio fala em ter outro filho, mas por mim, nem pensar, a fábrica está fechada! — minha irmã falou, decidida.

— Aqui também! — Amanda e Eduarda falaram juntas, e eu ri.

— Você ainda vai ter que esperar sair a última encomenda — brinquei com Maria Eduarda.

— Talvez eu ainda tente uma menininha. Chase e Romeu me cobram isso, mas ainda não tive coragem de tentar, na verdade, acho que não terei tão cedo. O próximo bebê da família será o de vocês — Mia falou.

— Isso mesmo, eu quero mais netos! — minha mãe logo se manifestou.

— Camila quer ter cinco — falei rindo.

— Quero mais não, acho que unzinho daqui a uns anos está de bom tamanho — ela falou e nós rimos.



Nos despedimos de todos e fomos embora. Assim que entramos em casa, Camila me deu um abraço apertado, um beijo e, quando nos afastamos, ela continuou me abraçando e sorrindo. *Como é bom vê-la assim, depois de tudo.*

— Gostou da minha família? — perguntei.

— Eu amei cada um deles e adorei estar entre vocês. Há muito tempo não me sentia tão bem em casa. Acho que eu nasci para o crime — ela falou, me arrancando uma gargalhada.

— A filha de um juiz federal falando isso... Deixa o seu pai te ouvir — brinquei com ela e me arrependi, porque logo o sorriso

morreu em seu rosto.

— Minha vida estaria perfeita se meu pai estivesse bem, saudável e em casa.

— Ele vai sair dessa. Vai ficar tudo bem, não se preocupe.

— Vai! E aí, ele vai querer matar você por ter se casado comigo e vai querer me colocar de castigo para o resto da vida, ou seja, não teremos paz.

— Mas, aqui dentro, seremos sempre só nós dois. Vamos deixar as coisas ruins e preocupações lá fora, aqui é o mundo particular de Camila e Lorenzo. Vamos manter nossa bolha — falei e dei um beijinho no nariz dela.

— Sabia que toda vez que eu olho para você sinto um frio na barriga? E isso é maravilhoso, porque o frio na barriga esquentava a vida.

— Maravilhosa é você — falei, totalmente rendido pela minha menina, pela minha mulher.

— Eu te amo — ela falou, me olhando nos olhos.

Eu a beijei, completamente seduzido por ela. O beijo começou lento, mas logo se transformou em necessitado e intenso, como ela era, como nós dois éramos quando estávamos juntos. Peguei-a no colo, subi as escadas para o nosso quarto e, assim que entrei, coloquei-a no chão e fechei a porta. Olhei para ela, toda linda, e constatei que era a visão mais linda que já tive na vida.

Fiquei olhando-a e ela nem se moveu. Dei a volta, parando às costas dela, coloquei seu cabelo para o lado, abri o zíper do seu vestido e descii suas alças, deixando-a nua da cintura para cima. Beijei seu pescoço, seus ombros, suas costas e descii em direção à sua bunda. A respiração de Camila acelerou, a pele dela se arrepiou e meu coração se agitou.

Empurrei-a até a cama, abaixei seu corpo, e ela colocou as mãos no colchão, empinando a bunda para mim. Terminei de tirar seu vestido, depois rasguei sua calcinha, tendo a visão perfeita de sua boceta. Segurei suas duas bandas com as mãos e beijei, depois as afastei e enlouqueci vendo o quanto sua boceta já estava

melada, pronta para mim. Eu a lambi, da boceta até o cuzinho delicioso e virgem, por enquanto.

Camila gemeu gostoso e eu intensifiquei as lambidas, passando minha língua em seu clitóris e chupando-o delicadamente, até que ela se contorceu e gemeu mais alto, descontrolada. Em poucos segundos, ela estava gozando e rebolando a boceta na minha cara.

Descontrolado como um adolescente afoito, tirei meu pau da roupa e me enterrei todo nela, deslizando perfeitamente e sendo engolido deliciosamente pela sua boceta. Nós dois gememos. Comecei a estocar com delicadeza, fazendo um esforço absurdo para não perder o controle, pois Camila me provocava de tal maneira que era difícil me controlar.

Ela era pequena, apertada e tinha perdido a virgindade há pouco tempo, enquanto eu era um cara grande. Eu tinha medo de machucá-la, no entanto ela me olhou com cara de safada e sorriu, me provocando.

— Está cansado ou com dó?

Filha da puta espertinha, provocadora do caralho. Essa mulher será minha morte.

— Ah, sua safada, você vai se arrepender de ter me provocado!

Dei uma tapa na bunda dela e entrei sem dó, até o talo. Ela deu um grito, mas percebi que gostou. Pelo jeito, ela gostava de sexo bruto, assim como eu. Estoquei cada vez mais forte e rápido, enquanto ela gemia, gritava e rebolava no meu pau. Nossa sintonia era perfeita. Ela era perfeita!

Eu tirava o pau de dentro dela, depois me afundava novamente, e ela gostava. Depois de muitas estocadas brutas, senti sua boceta começar a me apertar e seu corpo tremer, então ela gozou no meu pau, gritando e gemendo, totalmente entregue. Eu senti que não ia aguentar mais, então tirando força do inferno, esperei Camila terminar de gozar, puxei meu pau para fora e espalhei minha porra por toda sua bunda.

Deixei meu corpo cair ao lado dela, ainda recuperando o fôlego da nossa foda deliciosa. Alguns minutos depois, tomamos banho juntos e dormimos saciados, nos braços um do outro.



No dia seguinte, acordamos cedo, pois Camila estava ansiosa para visitar o pai. Como ainda não tínhamos feito compras para nossa casa, fomos tomar café na casa dos meus pais e, quando chegamos lá, nós os encontramos já à mesa.

— Bom dia! — cumprimentamos.

— Venham tomar café conosco — minha mãe convidou.

Como sempre, Camila não se fez de rogada e já foi me puxando para a mesa. Afastei uma cadeira, e ela fez uma careta ao se sentar, com certeza sentia um desconforto..

— Cada vez que você se sentar hoje, vai lembrar de mim e aprender a não me provocar mais, sua safada — sussurrei no ouvido dela.

Ela riu, mas não respondeu, porque à essa altura, gulosa como era, sua atenção já estava toda voltada para a comida. O apetite dela, tanto na cama quanto à mesa, era admirável.

— Mãe, você pode ajudar Camila com uma lista de compras para o mercado entregar aqui em casa mais tarde? — pedi.

— Claro, filho, também vou pedir uma indicação à Melissa de alguém que ajude vocês com os serviços da casa.

— Obrigada, sogra — Camila respondeu.

Terminamos nosso café da manhã e fomos para o hospital. Fui em um carro com Camila e um outro, com os soldados, nos acompanhava. Quando chegamos ao hospital, ela entrou no quarto para ver o pai e eu esperei no corredor, mais uma vez. Eu não podia correr o risco de entrar, porque se o cara acordasse e me visse, era arriscado morrer de vez.

Quinze minutos depois, Camila saiu com cara de choro, mas eu não falei nada, porque às vezes não há nada a ser dito. Ela me abraçou e eu a recebi com carinho, dando a ela o apoio de que precisava. Depois que ela se acalmou um pouco, passamos para falar com o médico, que garantiu que Frederico continuava estável e que, assim que ele estivesse em condições, a transferência seria autorizada.

— Você vai trabalhar depois que me deixar em casa? — ela perguntou, assim que entramos no carro.

— Vou. Sei que, teoricamente, ainda estamos em lua de mel, mas eu fiquei fora por muito tempo. Eles precisam de mim na organização e eu também tenho outros assuntos para resolver.

— Eu vou sentir saudades. Estivemos todos esses dias juntos, 24h por dia... Ficarei entediada e triste sem você.

— Você não precisa ficar só dentro de casa, pode ir à academia, passar o dia com as meninas, convidá-las para ver filmes no cinema lá em casa. Só não quero que você saia do complexo até que eu resolva tudo.

— Vou ter que adiar meus estudos — ela falou desanimada.

— Você pode começar estudando online, até poder ter aulas presenciais. Amanda fez faculdade à distância, e acho que já terminou. Pietro e ela preferiram assim, por questões de segurança e também porque Amanda queria estar em casa com as crianças.

— Sério? — ela perguntou, já com o sorriso e animação que eu tanto amava.

— Sim, sério. Pergunte a Amanda como faz e se matricule. Eu vou deixar meu cartão de crédito com você.

— Ótimo, eu vou fazer a matrícula e umas comprinhas também. Você sabe, nada como umas comprinhas para elevar os ânimos de uma mulher.

Eu ri, mas rapidamente um carro que estava atrás de nós chamou minha atenção; quando o carro com os soldados tentava ultrapassá-lo, ele impedia.

A estrada nesse trecho era totalmente deserta, então acelerei o carro e eles aceleraram também. *Merda!*

— Camila, estamos sendo seguidos. Fique calma e se segure.

— O quê? — ela falou, assustada e olhando para trás.

— Se segura, eu vou acelerar. — Pisei fundo no acelerador e, instantes depois, escutei o primeiro tiro.

— Puta merda, eles estão atirando — ela falou nervosa.

Olhei pelo retrovisor e vi que era de um outro carro que estavam atirando. Rapidamente, começou um tiroteio entre meus soldados e os caras que estavam no carro de trás. Eu fiquei dividido entre encarar o carro que nos perseguia e atirar ou tentar fugir. Se eu não estivesse com a Camila, certamente iria enfrentá-los, mas eu não podia arriscar com ela ali, então acelerei o máximo que pude para tentar despistá-los.

Mais barulhos de tiros foram ouvidos e, pelo retrovisor, pude ver meus soldados atirando, tanto no carro de trás quanto no que estava nos seguindo.

— Eles não vão conseguir sozinhos, precisamos ajudá-los — Camila gritou.

— Eu não posso. Estou dirigindo e você está no carro, posso acabar perdendo o controle da direção.

— Então me empresta sua arma que eu vou atirar — ela falou como se não fosse nada demais.

— O quê? Não! Você ainda não tem prática.

— Lorenzo, nós não temos outra saída, além disso você mesmo disse que eu tenho a mira boa.

— Não assim, Camila. O carro está em movimento e você está sob pressão.

— Ao menos, me deixe tentar.

— Para fazer isso, você teria que abrir o vidro. É perigoso, você pode ser atingida. Aqui dentro você está protegida, porque o carro é blindado.

— Nós precisamos tentar, Lorenzo.

— É muito arriscado, deixe que eu faço isso.

— Você precisa dirigir. Nós só precisamos atingir o carro que está atrás de nós para ganharmos distância.

Meu coração estava disparado e minha adrenalina à mil, pois seria muito arriscado confrontá-los. Se eu estivesse sozinho, seria muito mais fácil, mas com Camila no carro tudo mudava, a prioridade era mantê-la segura. O carro, que até então nos perseguia, nos alcançou e bateu na lateral, do lado dela. *Porra!*

— Tire o cinto e vá para o banco de trás — gritei, instruindo Camila. — Agora coloque o cinto outra vez.

— Eu não estou conseguindo, ele está preso — ela respondeu aflita.

—Putá merda! Se segura e se abaixe!

Reduzi a velocidade, peguei minha pistola, abri um pouco a janela e comecei a atirar. Consegui atingir o motorista do carro que nos perseguia, e ele perdeu um pouco da direção, batendo mais uma vez no meu carro. Eu o atingi mais uma vez, e ele rodou na pista, capotando em um barranco ao lado da estrada.

Olhei pelo retrovisor e captei o exato momento em que o motorista do outro carro apontou a arma para nós e conseguiu atingir um dos meus pneus. Eu estava em alta velocidade, por isso meu carro rodou na pista e eu precisei de muito esforço para controlá-lo. Camila estava sem cinto e isso me deixou aflito, mas felizmente eu consegui parar sem capotar.

Ouvi o barulho de mais tiros e pulei de qualquer maneira para a parte de trás do carro, onde me joguei por cima de Camila, protegendo-a caso alguém viesse até nós. Depois de alguns segundos, os tiros cessaram. Eu precisava me preparar para o que viria a seguir, então me levantei devagar e olhei para o lado de fora. Três dos meus homens estavam com a arma em punho, apontando para o carro que me atingiu. Aparentemente, a situação estava controlada a nosso favor.

Só depois que respirei mais aliviado, olhei para Camila a fim de dizer que tinha acabado, mas para o meu horror, ela estava desacordada e com muito sangue escorrendo de sua cabeça. Meu corpo todo ficou tenso e eu nunca fiquei tão apavorado em toda minha vida. Verifiquei a pulsação dela e constatei que estava viva, mas meu desespero não diminuiu.

— Acorda, amor! Não faz isso comigo. Acorda, italianinha!

Ela nem se mexeu. Peguei-a com cuidado e coloquei-a deitada no banco de trás do carro.

— Eu já volto, bebê. Você vai ficar bem — falei, mesmo que ela não pudesse me ouvir, e saí do carro.

— Malone — chamei nosso chefe de segurança.

— Vocês estão bem? — ele perguntou, assim que se aproximou.

— Camila está desacordada e ferida. Eu preciso do carro para levá-la ao hospital. Os bastardos furaram dois dos meus pneus. Arrume essa bagunça e veja o que consegue, preciso de algum deles vivo para abrir o bico — ordenei. — Avise também ao meu pai.

Malone assentiu. Eu peguei Camila no colo, levando-a para o outro carro. Ajeitei-a novamente no banco de trás, dei a volta até o lado do motorista e dei partida. Dirigi como um louco pelas ruas da Itália até que cheguei ao hospital da máfia, peguei-a no colo, ainda desacordada, entrei correndo e chamando um médico.

Capítulo 15

Lorenzo

Uma hora depois, eu estava no quarto do hospital, olhando Camila dormir serenamente. Eles a sedaram, porque foi preciso dar cinco pontos na cabeça e, mesmo com anestesia local, seria ruim se ela acordasse durante o processo. Os médicos constataram, através dos exames, que não era nada muito grave e que ela acordaria em breve, o que me deixou mais tranquilo.

Ao contrário de Camila, eu não fui ferido fisicamente, mas a cabeça estava mais fodida do que já estive algum dia da minha vida. A culpa me corroía, olhando-a naquela cama de hospital. *Consumido pelo ódio, eu não consegui protegê-la.*

Eu não saíria dali, enquanto ela não acordasse e eu tivesse certeza de que estava tudo bem. Eu queria ser a primeira pessoa que ela veria ao acordar, então, só depois eu iria atrás de quem fez isso. *Eu vou até o inferno se for preciso.*

Cheio de culpa, olhei para Camila dormindo, segurei sua mão e dei um beijo terno em sua testa. Ela estava pálida, pois tinha perdido muito sangue, e com um curativo na cabeça.

— Acorda, bebê — falei baixinho, próximo ao ouvido dela, mas ela continuou imóvel. — Você me deu um susto do caralho, italianinha. Preciso te ver acordada, falando sem parar e aprontando todas, como sempre. Quero você me deixando maluco, tirando minha paciência e meu fôlego, me fazendo raiva e me tirando do sério. Quero você me enlouquecendo de amor, me fazendo querer te beijar e te matar ao mesmo tempo. Você chegou na minha vida e bagunçou a porra toda, agora não vou mais deixar você ir embora. Você é minha, italianinha. Eu amo você!

— Finalmente! — ela falou, me assustando, e me olhou sorrindo.

Meu coração parou naquele minuto. Aquele era o sorriso mais perfeito que eu já vi na vida.

— Foi preciso eu quase morrer para você admitir, em voz alta, que me ama.

Eu não resisti e dei uma gargalhada.

— Você me pegou!

— Fala novamente.

— Eu te amo, minha italianinha maluca — falei, olhando nos olhos dela.

— Eu também te amo muito, meu italiano mafioso e gostoso — ela falou, me oferecendo um sorriso brilhante.

Dei um beijo nela e, instantes depois, ouvi baterem à porta. Tinham dois soldados do lado de fora, então mandei entrar, era seguro.

— Você acordou — meu pai falou para para Camila.

— Também sentiu minha falta, meu sogro? — Camila perguntou sorrindo.

— Já vi que está ótima — meu pai respondeu, rindo também. — Você nos deu um susto, menina.

— É bom para que vocês percebam que já me amam — ela falou convencida.

Meu pai e eu sorrimos. Era um alívio vê-la assim, encapetada novamente.



Logo depois que meu pai chegou, o médico passou pelo quarto, fez algumas perguntas a Camila e assinou sua alta. Uma hora depois, chegamos ao complexo.

— Eu vou chamar a minha mãe para ficar aqui com você, tá bem?

— Você vai sair? Já sei, vai atrás de descobrir quem fez isso, não é?

— Eu não posso deixar isso passar, Camila. Você poderia ter morrido.

— Sei que não vai adiantar pedir que você não vá, mas pelo amor de Deus, tome cuidado. Volte inteiro para mim.

— Eu vou voltar.

Dei um beijo de leve nela e me afastei um pouco para ligar para minha mãe. Depois de tudo acertado, voltei para perto da cama.

— Você está sentindo alguma dor?

— Meu corpo está ficando dolorido, agora que o efeito dos anestésicos está passando.

— Eu vou pegar o medicamento que o médico passou para você tomar.

Ela assentiu e eu fui até a cozinha, pegar um copo com água e o comprimido. Antes de voltar para o quarto, alguém bateu à porta de casa. Atendi e logo ganhei um abraço da minha mãe. Subimos juntos e, aproveitando que ela chegou, me despedi das duas e saí de casa. Quando me aproximei do meu carro, meu pai estava chegando.

— Lorenzo, eu vou com você.

Não recusei. Minha cabeça não estava boa, então alguém com a cabeça fria seria bem-vindo. Meu pai acenou para os soldados e nós entramos no carro. Fomos direto até Giovanni, afinal ele era o primeiro suspeito, obviamente.

Quando entrei na sede, não o vi em lugar algum. Havia apenas alguns membros do moto clube que, inclusive, ficaram nos observando, calados.

— Onde está o Giovanni?

— Na sala dele — um deles respondeu.

Fui até a sala do bastardo e entrei sem bater. Ele estava de costas para a porta, com o telefone no ouvido, aparentemente em

uma ligação, mas se virou assim que entrei. Eu o peguei de surpresa quando, sem falar nada, parti para cima dele e soquei seu nariz com toda força que eu pude; ele caiu para trás com o impacto.

— Está maluco, porra? Eu acabei de saber o que aconteceu e não tenho nada a ver com isso, caralho. Eu não machucaria a garota — ele gritou, com a mão no nariz que espirrava sangue. — Você quebrou meu nariz, seu filho da puta.

— E vou quebrar cada osso do seu corpo se você não me convencer de que não tem participação no atentado de hoje.

— Eu já falei que não fui eu. Eu não jogo limpo, mas meu jeito de fazer as coisas não é assim. Eu também não quero que ela se machuque.

Ele parecia sincero, mas o fato de estar defendendo tanto a ideia de que não a machucaria estava me irritando, porque eu podia imaginar o motivo. Então, cego pela raiva, parti para cima dele mais uma vez e segurei-o pela camisa.

— Por que eu devo acreditar que você não a machucaria?

Giovanni não arregou, foi homem o suficiente para sustentar sua defesa, mesmo sabendo que era arriscado para ele assumir suas intenções.

— Eu gosto dela, não quero que se machuque.

— Seu filho da puta, suicida — gritei na cara dele.

Possuído pelo veneno do ciúme, dei uma cabeçada nele e o soltei; ele caiu no chão. Descarregando toda a minha fúria, eu dei um chute em suas costelas e me abaixei para falar com ele.

— Fique longe dela e trate de esquecê-la, se quiser continuar vivo. Eu não vou te avisar novamente. Ela é minha mulher, caralho! Aceite, siga com sua vida, arrume uma mulher solteira para você e nunca mais pense na minha.

O bastardo não respondeu, e eu resolvi ir embora antes que perdesse a cabeça de vez e o matasse. Quando me levantei, meu pai estava em pé à porta, me observando de braços cruzados.

— Vamos embora, não foi ele — falei e saí da sala com meu pai.

Nossos soldados nos esperavam do lado de fora da sede. O pai de Giovanni estava fora da cidade, então não o encontrei nenhuma das duas vezes em que estive ali e foi melhor assim, porque o cara era ainda mais desprezível do que Giovanni.

Quando meu pai e eu entramos no carro, eu não sabia exatamente para onde ir. Minha cabeça ainda estava girando de ódio, por isso apenas sentei no banco do motorista, mas não dei partida no carro.

— Lorenzo, você precisa se acalmar, agir de cabeça fresca.

— Me acalmar? Como, pai? Camila só tem 18 anos, porra, não deveria ter passado por tanta merda na vida. Ela só tem a mim para protegê-la e eu estou fracassando — desabafei. — Ela podia ter morrido hoje e seria minha culpa.

— Por isso mesmo que você precisa se acalmar e raciocinar direito — meu pai respondeu, tentando me acalmar. — Eu também acho que não foi Giovanni. O próximo suspeito é o tio dela ou será que tem mais alguém na jogada e não sabemos?

— Eu não sei. Pietro falou que todos os envolvidos no atentado morreram, não sobrou ninguém para interrogarmos.

— Não tem problema, nós vamos dar um jeito de descobrir, se acalme. Eu não acho que o culpado seja Francesco, porque ele é covarde demais, não faria nada diretamente com vocês, além disso ele não tem dinheiro para contratar ninguém, a menos que não esteja agindo sozinho.

— Eu também acho, mesmo assim vamos fazer uma visitinha a ele — falei.



Meu pai e eu fizemos uma visita a Francesco, tão amigável quanto a que fizemos a Giovanni, e chegamos à conclusão de que ele também não estava envolvido. A partir disso, comecei a pensar que talvez o atentado não fosse direcionado a Camila, e sim a mim; talvez um dos inimigos da Cosa Nostra. Não sabíamos de quem

partiu a ordem do atentado, mas quem quer que fosse, eu ia descobrir.

Deixei meu pai na empresa e resolvi voltar para ficar com Camila em casa, no dia seguinte eu voltaria ao trabalho. Mas, antes, passei em um último lugar.

Um tempo depois, cheguei em casa e não tinha ninguém na sala, então fui até meu escritório, deixei as coisas que havia comprado lá e fui procurar Camila. Comecei a ouvir algumas vozes quando ainda estava subindo as escadas, cheguei à porta do meu quarto e parei um minuto para saber o que elas estavam aprontando.

— O que você acha dessa cor? — era a voz da Nina.

— Eu amo vermelho — Camila respondeu, empolgada.

— Ela é das nossas, Nina, ama um vermelho piranhona — minha mãe falou e eu ri. Meu pai fica puto quando ela fala essa porra.

— Nós temos uma equipe que cuida de nós, vou te incluir na agenda. Toda semana fazemos tratamento de estética e beleza... unhas, cabelo, pele... Antes, nós íamos ao salão, mas agora com a gangue fica difícil sair de casa com frequência. Hoje eu vou pintar suas unhas, mas eles cuidarão semana que vem .

— Para de chamar meu neto e meus sobrinhos de gangue, Nina. Eles são uns anjos — minha mãe retrucou.

— Anjos, né, mãe?!

— Vocês têm uma pele ótima e o cabelo também, lindo e brilhoso — Camila elogiou.

— Genética boa, meu bem.

— A sua genética se chama cremes caros, mãe. Um creme seu custa quase o rim do meu pai — Nina falou e elas riram.

Minha mãe e minha irmã já tinham inserido Camila na família, e eu estava satisfeito com isso. Entrei no quarto e as três me olharam.

— Filhote, que bom que você chegou. Estamos cuidando da beleza da sua esposa.

— Oferecendo um esmalte “piranhona”, dona Lili? — Todos nós rimos. — O desafio é conseguir melhorar alguma coisa nela.

Eu nem me importei em parecer um babaca apaixonado. Depois do que passamos, eu não ia mais privar a Camila de saber sobre os meus sentimentos.

— Ahhhhh, meu bebê está apaixonado. Que lindo — minha mãe falou e levantou para me abraçar.

— Vivi para ver o Lorenzo apaixonadinho — Nina falou, debochada.

Camila não falou nada. Desde que cheguei, ela apenas me olhava, sorrindo, como se não acreditasse em tudo o que ouvia.

— Eu vou tomar banho e deixar as senhoritas terminarem o momento das meninas.



Quando saí do banheiro, minha mãe e Nina já tinham ido embora; Camila estava me esperando no quarto.

— Vamos descer, eu tenho algo para você.

— É uma surpresa? Eu adoro surpresas!

Eu ri da empolgação dela. Essa era uma das coisas que eu amava: Camila ficava feliz com pequenas coisas. Cheguei mais perto dela e dei um beijo em sua testa, com cuidado para não encostar no curativo.

— Ainda está doendo? — perguntei, preocupado.

— Não dói mais nada. Estou novamente em plena forma.

— Huuum, bom saber... — falei, brincando. — Vem, vamos descer.

Peguei a mão dela e levei-a até o sofá da sala.

— Um minuto, eu já volto.

Camila

Lorenzo me deixou sentada no sofá da sala, ansiosa pela minha surpresa. Rapidamente, ele voltou e eu, sem poder me conter, dei um gritinho eufórico quando vi que ele segurava um enorme buquê de rosas vermelhas. *É a primeira vez que ganho flores.* Senti vontade de chorar, mas não me permiti porque aquele era um momento feliz. Nada de lágrimas, mesmo que fossem de alegria.

— Descobri que nenhum outro homem sabe amar tanto quanto um mafioso. Vocês podem até ser durões lá fora, mas sabem amar e satisfazer uma mulher em todos os sentidos — falei, encantada, ainda me esforçando para não chorar. — Eu nunca ganhei flores, e essas são muito lindas. Obrigada, amor — agradei, com todo meu coração.

Peguei as flores de sua mão e lhe dei um beijo cheio de gratidão.

— Que bom que gostou. Nós atropelamos tudo na nossa relação, não houve noivado, nem pedido de casamento, então achei que você merecia ser um pouquinho mimada. Na verdade, todas as mulheres merecem, especialmente a minha. E tem mais uma coisa... — ele falou, sorrindo, cheio de charme. Lorenzo era delicioso de olhar.

Em seguida, ele me fez perder o fôlego quando tirou uma caixinha do bolso e abriu para que eu visse, lá dentro, duas alianças e um anel.

— Meu Deus, Lorenzo. É o anel mais lindo que já vi — falei, mais uma vez tentando controlar a emoção.

Ele sorriu para mim, tirou o anel da caixinha e colocou no dedo anelar da minha mão direita.

— Esse é seu anel de noivado — ele disse, depois pegou a aliança e colocou na minha mão esquerda. — E essa é nossa aliança de casamento.

Ele esperou que eu admirasse minhas mãos, depois esticou sua mão esquerda e me entregou a caixinha.

— Sua vez.

Eu coloquei a aliança no dedo dele e pulei em seu pescoço, me sentindo a mulher mais feliz e sortuda do mundo.



Uma semana havia se passado desde o atentado que sofremos e, graças a Deus, não tivemos mais nenhum incidente. Eu continuava visitando meu pai no hospital todos os dias, no entanto, depois dos últimos acontecimentos, tantos soldados nos acompanhavam que eu não conseguia nem contar. A situação do meu pai era a mesma: ele continuava em coma, mas os médicos diziam que o quadro era estável e que acordaria no tempo dele.

No sábado, eu estava me sentindo mais animada, pois teria um jantar na casa de um dos parceiros da Cosa Nostra, com mafiosos e alguns figurões importantes que também são "associados"; Inácio, Nina, Lorenzo e eu íamos representar a família. Seria a primeira vez que eu apareceria em público como a esposa de Lorenzo Esposito, e estava me sentindo fodona por isso. Eu também estava feliz porque ia rever Demétrio e Thomas.

Dessa vez, eu não me atrasei, pois Lorenzo me contou que era um jantar importante, que ajudaria a unir aliados para descobrir quem estava por trás do atentado que sofremos na semana anterior. Lorenzo tinha razão, afinal com mais gente envolvida no caso, eles cercariam todos os lados e descobririam tudo logo.

Pontualmente às 19h, eu estava descendo as escadas da mansão. Babei com a visão de Lorenzo usando um *smoking* e tomando uma bebida no canto da sala. Quando ele me olhou de volta, eu senti tudo esquentar dentro de mim. Meu corpo estava

totalmente conectado a ele, pois bastava um olhar e tudo se acendia em mim.

Encontrei-me com ele no fim da escada, nos olhamos por um minuto e ele segurou minha mão, fazendo-me dar uma voltinha para que me visse por completo.

— Como estou? — perguntei, ansiosa pelo elogio.

Lorenzo sempre me fazia muitos elogios, e eu amava isso.

— O que eu poderia dizer? Apesar de toda a porra da bagagem que eu carrego, tenho certeza de que Deus existe e que eu sou um dos preferidos Dele, porque você é uma de suas mais perfeitas criações e, por algum motivo desconhecido, mesmo não sendo merecedor, Ele deu você para mim. Não há palavras, você está estonteante.

— Muito obrigada, meu príncipe lindo, mafioso e gostoso. Você também está lindo e eu não vejo a hora de voltarmos, para você arrancar do meu corpo esse vestido caro que comprei com seu dinheiro e arruinar todo meu cabelo e maquiagem.

Lorenzo riu e me beijou, depois me deu o braço e saímos de casa em um carro com dois soldados. Lorenzo estava sentado atrás comigo e segurava minha mão, tenso, como sempre ficava, depois do atentado, quando saíamos de casa. Ele parecia estar sempre esperando que algo acontecesse; Nina e Inácio foram em outro carro e tinham mais dois nos seguindo, fazendo a escolta.

Quando os carros pararam em frente à mansão onde seria o jantar, nós não descemos imediatamente. Esperamos que os soldados vasculhassem as redondezas e, só quando eles deram o *okay*, Lorenzo desceu e, em seguida, me ajudou a descer também.

— Vamos entrar logo — Inácio chamou, aproximando-se de nós.

Lorenzo assentiu, me guiando ao seu lado. Assim que passamos pela porta, o anfitrião veio nos receber.

— Se prepara que você será a atração da festa, cunhada — Nina falou, baixinho.

— Eu, por quê? — perguntei, realmente sem entender.

— Os homens, provavelmente, estão curiosos sobre a mulher que conseguiu prender meu irmão. Todos sabem a aversão que Lorenzo tinha a casamentos e que estava sempre com uma mulher diferente nos eventos. Além disso, você é filha de um juiz e isso desperta a curiosidade. Precisa valer muito a pena, para um mafioso, se envolver com a filha de uma autoridade da lei. E as mulheres... a maioria aqui são putas invejosas. Algumas já tiveram algum casinho com meu irmão, então se prepara para o recalque.

— Vou me comportar bem, farei um esforço para não voar no pescoço de nenhuma delas — sussurrei para minha cunhada e nós duas rimos baixinho.

— A maioria dessas mulheres dariam tudo para ter um homem da minha família, então você será avaliada por todos os lados, mas não se preocupe, você está perfeita e pelo pouco que já te conheço, não vai se deixar intimidar. Você agora é uma Esposito, uma das primeiras-damas, então elas que morram afogadas no recalque.

Fomos interrompidas por Lorenzo, me inserindo na conversa e me apresentando a um homem que não era o anfitrião.

— Nicolo, essa é minha esposa Camila.

O homem era um dos parceiros da organização e capo da Calábria.

— Muito prazer, senhora. Estou encantado com tamanha beleza, com todo respeito ao Lorenzo, é claro. Meu amigo aqui é um cara de sorte — ele falou, dando um tapinha no ombro do meu marido. — Eu tenho uma filha linda e adorável, quase de sua idade, o nome dela é Graziela. Ela também está aqui, você irá conhecê-la a qualquer momento — o homem falou, orgulhoso, e beijou minha mão.

— Tão adorável quanto um limão azedo — Nina falou, de repente, e todos os olhos foram para ela. — O quê? Eu adoro limão, eles são ótimos — ela concluiu, debochada.

— Com licença, vou cumprimentar os outros — o homem pigarreu e se despediu.

— Tinha que soltar uma pérola né? — Lorenzo falou, querendo rir, e Inácio também estava com ares de riso.

— Falei mesmo, porque a garota é um nojo, não a suporto. Além do mais, ela mexeu com a Maria Eduarda, o que significa que mexeu com todas nós.

— O que ela fez? — perguntei, curiosa.

— Ela era, ou é, apaixonada por Raphael, então tem um recalque eterno com a Eduarda. Sempre que a gente se encontra, sai faísca. Mal posso esperar para encontrá-la hoje — Nina respondeu, rindo feliz.

— Essa mulher é muito rebelde — Inácio falou, dando um beijo na cabeça da esposa, e eu ri.

Estávamos tendo uma noite tranquila e agradável, eu tomando vinho, Nina champanhe e Lorenzo e Inácio, bebidas mais fortes. Parecíamos casais comuns em um jantar entre amigos.

Eu observei Nina e Inácio em diversos momentos, eles foram feitos um para o outro, ambos eram muito engraçados. Lorenzo me contou, outro dia, que Inácio era um executor antes de se casar, mas quem o olhava não dizia isso, principalmente quando o via em momentos com Nina e Vincenzo. Ele era, literalmente, um lobo em pele de cordeiro. Inácio também era muito carinhoso com as filhas gêmeas do Raphael, e então recentemente descobri que ele é irmão gêmeo da Maria Eduarda. Nunca imaginei.

Capítulo 16

Camila

Eu estava observando as pessoas conversando, quando Lorenzo falou no meu ouvido:

— Inácio e eu vamos nos reunir com os outros homens no escritório, vamos conversar sobre a nossa situação. Fiquem juntas e não saiam daqui de dentro, eu já volto. Há soldados nossos aqui dentro e outros lá fora, você já os conhece, então qualquer coisa vá até um deles e mande me chamar.

— Tudo bem — falei e pisquei para ele.

Lorenzo apertou minha cintura, me deu um beijo e se foi. Fiquei observando-o se afastar, até que Nina chamou minha atenção.

— Isso é um saco! Eles não deixam de trabalhar nunca, têm sempre algum assunto para resolver. Essa é a parte chata de casar com um mafioso.

— Eu nasci para esse papel, porque acho Lorenzo irresistível no modo mafioso, todo fodão e seguro de si — falei e nós rimos. — Acho incrível o quanto ele é atento, perspicaz e, muitas vezes, hostil. Parece loucura, mas isso não me assusta em nada, ao contrário, me excita. Na primeira vez que o vi, ele matou dois caras na minha frente e, enquanto minha mente me dizia para correr, meu corpo se sentia totalmente atraído por ele, pelo perigo que emanava dele.

Eu realmente achava a autoconfiança de Lorenzo muito sexy, de tal maneira que quando a gente passava por algum momento de adrenalina ou perigo, automaticamente eu queria transar com ele. Nem eu me entendia, mas era assim que me sentia.

— Eu te entendo. Também sempre gostei do perigo, nunca me intimidei... Pronto, lá vem o limão azedo. Prepare-se para o combate — Nina falou, olhando uma mulher que vinha andando e rebolando, exageradamente, na nossa direção.

— Já nasci preparada, amore.

— Olá, meninas. Que prazer encontrá-las aqui esta noite — a mulher falou com a voz enjoada, assim que chegou perto de nós.

— Graziela, querida, tudo bem? Essa é minha cunhada Camila Esposito — Nina me apresentou.

— Muito prazer, Camila. Confesso que estava curiosa para te conhecer. Seu casamento com Lorenzo foi tão repentino que despertou certa curiosidade. Não vai dizer que fez igual a Maria Eduarda e está grávida? — o limão azedo, como Nina dizia, falou.

— Olá, querida. O prazer é todo meu. Respondendo à sua pergunta, não, eu não estou grávida. Lorenzo e eu nos casamos por afinidade, química, entre outras coisas, além do mais não queremos filhos agora, pois ainda temos muito para aproveitar um do outro, só nós dois. E sobre nosso casamento, não tem porque ficar esperando quando você encontra a pessoa certa, não é mesmo? Se, um dia, alguém te quiser, você vai entender do que estou falando.

— Ah, não, para ficar comigo um homem vai ter que me conquistar, porque eu não sou tão fácil — ela disse. — Soube que Maria Eduarda está grávida novamente, será que isso tudo é medo de perder o Raphael?

— Não, isso é porque eles não conseguem tirar as mãos um do outro, até porque filho nenhum prende homem. Raphael claramente ama a Eduarda, por isso eles transam muito, ao invés de ficar com inveja, prestando atenção na vida dos outros — Nina rebateu.

— Colocou silicone, Nina? — a vaca mudou de assunto e perguntou, debochada.

— Claro, querida. Eu amei o tamanho que meus seios ficaram depois que meu filho nasceu, então resolvi manter. E você, colocou

porque os seus já estavam caidinhos?

— Na verdade, não, só quis aumentar um pouco também e...

— Ficaram até legais, mas não adiantou muito, você continua solteira — Nina a interrompeu. — Sabe o que é? A aparência só conta nos primeiros segundos, depois você tem que ter algo a mais para oferecer.

Graziela ficou vermelha, como se estivesse a ponto de explodir, mas quando ela abriu a boca para responder, sua mãe a chamou e ela saiu revoltada.

— Eu tenho a melhor cunhada do mundo, tenho que admitir — Nina falou e nós caímos na gargalhada.

Continuamos conversando durante a meia hora seguinte, depois nos afastamos um pouco da sala e fomos para uma das sacadas da casa, onde conversamos e tomamos uma bebida. De onde estávamos, daria para ver quando os meninos voltassem, então foi uma escolha estratégica.

Algumas mulheres se aproximaram de nós e Nina me apresentou. Felizmente, elas não eram desagradáveis como Graziela. Minutos depois, eu tinha acabado de pegar mais uma taça de vinho quando Nina me avisou:

— Camila, eu vou ao banheiro. Fique aí e termine seu vinho, eu já volto.

Continuei no mesmo lugar, de costas para a festa, olhando a paisagem linda da área externa da mansão que era toda arborizada. Segundos depois que Nina saiu, ouvi alguém se aproximar e me virei para ver quem era. Não poderia me espantar mais ao ver quem estava parado diante de mim, me olhando e sorrindo.

— Leonardo, o que você está fazendo aqui? — perguntei espantada, e ele sorriu mais.

— Nossa, eu esperava um pouco mais de receptividade depois de tanto tempo, mas vejo que você continua espontânea como sempre. Como vai, Camila? É um prazer te reencontrar.

Eu estava tão abismada com aquele encontro que nem percebi quando ele se aproximou ainda mais e deu um beijo na

minha bochecha. Aquilo acendeu um sinal de alerta em mim e eu respondi:

— Estou bem e muito surpresa de te encontrar aqui. Aliás, não esperava vê-lo nunca mais, porque você sumiu...

— Eu também não esperava vê-la. Estou acompanhando meu tio, mas não conheço ninguém aqui, exceto você, é claro. Eu queria muito te reencontrar para me desculpar por ter sumido naquela época. Eu tive alguns contratempos e...

— Não é mais necessário me dar explicações, tudo ficou no passado, não me interessa mais.

— Vejo que guardou mágoa de mim, gostaria de mudar isso.

— Não guardei mágoa. Na verdade, não guardei nada, para mim você é indiferente.

— Você não era indiferente a mim naquela época.

— Eu era uma criança. Muita coisa aconteceu desde então, o que torna todo esse papo desnecessário — falei, sentindo-me um pouco incomodada com o jeito dele.

Olhei na direção em que Nina tinha ido e a vi voltando do banheiro, mas no percurso até mim, ela foi abordada por Thomas. Eu nem vi quando ele e Demétrio chegaram, porém vendo-o ali, me dei conta de que a tal reunião, provavelmente, tinha acabado. Outros homens já tinham voltado para a sala, no entanto Lorenzo e Inácio não estavam à vista.

— Camila, eu gostaria de conversar com você com mais calma. Podemos? — Leonardo falou, chamando minha atenção.

— Não, nós não temos nada para conversar e agora eu sou uma mulher casada, não vai pegar bem ficarmos a sós por muito tempo.

— Você não costumava ligar para o que não pegava bem.

— Corta essa, Leonardo. Olha, eu realmente não estou interessada em ouvir suas explicações ou qualquer coisa que você queira falar.

— Por que está tão na defensiva? Eu não fugi de você naquela época, como você está pensando.

— Qual a parte do “eu não me importo” você não entendeu? Está tudo bem, não faz diferença.

Aquele assunto já estava me cansando e eu só queria que ele me deixasse em paz. Os motivos dele não faziam mais nenhuma diferença para mim e se Lorenzo voltasse e o visse, certamente não ia gostar. O que eu não imaginava era que o cara legal que um dia eu conheci, tinha se tornado um chato.

— Camila, você precisa apenas me deixar falar. Eu esperei tanto tempo para te reencontrar. Apenas me escute, depois eu vou me afastar de você novamente, eu prometo.

— Já que você faz tanta questão, pode falar.

— Eu não fugi de você. Você não sabe, mas eu tenho... tinha um irmão gêmeo e, naquela época, ele sofreu um grave acidente e ficou muito mal no hospital. Isso abalou a minha família e a mim de tal maneira que eu não tinha cabeça para mais nada. Um tempo depois, meu irmão não resistiu e morreu. Foi muito difícil superar essa perda. Eu deveria ter te procurado e contado tudo, mas eu simplesmente não pude, me desculpe.

Naquele momento, eu senti pena do Leonardo, afinal eu não era a única que tinha sofrido uma perda. Ele se afastou, mas eu também não teria tido cabeça para continuar nosso relacionamento com a doença e depois a morte da minha mãe.

— Não se preocupe. Não guardo mágoas nem rancor, está tudo certo. Na época que você sumiu, eu realmente achei que você tinha desistido por eu ser quem era, mas nessa mesma época, minha mãe ficou doente e eu também não tinha cabeça para mais nada. Ela faleceu um tempo depois e, desde então, eu passei por muita coisa. Minha vida virou de pernas pro ar, até que eu conheci meu marido, o homem que me ajudou a colocar tudo de volta no lugar.

— Casou muito cedo. Pelas minhas contas, você fez 18 anos há pouco tempo.

— Na verdade, eu me casei em Las Vegas *no dia* em que fiz 18 anos — falei feliz, rindo.

— Combina muito com você se casar em Vegas. Parabéns, fico feliz que você esteja bem. Eu só precisava tirar isso da minha consciência, pois me sentia um moleque cada vez que pensava em você e na maneira como saí da sua vida. Podemos ser amigos?

Leonardo sorriu, esperando por uma resposta, estendeu a mão e eu a apertei, mas para a minha surpresa, ele me puxou para um abraço, me deixando desconcertada.

— Larga ela, porra! — Lorenzo já chegou gritando, empurrando Leonardo e me puxando para perto dele. Sua voz estava enfurecida. — Quem é esse cara?

— É só um amigo que eu não via há algum tempo.

— E por que porra ele estava abraçando você? — ele perguntou, diretamente a mim, tentando conter a raiva.

— Lorenzo, se acalme. Nós apenas estávamos nos despedindo — falei, tentando amansar a fera.

— Cara, se acalma, eu só estava me despedindo dela — Leonardo repetiu, se defendendo.

— Se despede sem tocar na minha mulher, caralho — Lorenzo retrucou. — É melhor você sair daqui, agora.

Leonardo me olhou, talvez esperando por uma reação típica daquela menina que ele conheceu.

— Você pode nos dar licença? — pedi, com educação.

Ele assentiu e se retirou. Aguardei que se afastasse um pouco e me virei para abordar Lorenzo.

— Precisava fazer esse escândalo todo, homem das cavernas? Vai me arrastar para casa pelos cabelos também?

— Que porra é essa de deixar outra cara abraçar você? — ele perguntou, furioso.

— Lorenzo, ele só quer ser meu amigo.

— Homem nenhum quer ser só amigo de uma mulher, porra. Ele, no mínimo, quer te comer.

— Deixa de ser grosso, seu ridículo. Nem todo homem é safado igual a você.

— Camila, quem é esse cara?

— Eu já te falei. Na verdade, ele é menos que amigo, é um conhecido do passado.

— Você já ficou com esse filho da puta, né?

— Sim, eu já fiquei, mas faz alguns anos, eu nem sonhava em te conhecer. Qual é o seu problema, Lorenzo? Você não era virgem quando eu te conheci.

— E por acaso tem alguma ex aqui me abraçando? Se tivesse, você seria madura e não sentiria ciúmes?

— Eu ia arrastá-la de perto de você, pelo cabelo.

— Se eu vir esse ou qualquer outro homem abraçando você novamente, eu vou matá-lo.

— Lorenzo, por mais que eu ache sexy esse seu modo malvado, para de exagero, não aconteceu nada aqui.

— Eu não gostei do que vi e não gostei dele. Estou te avisando, que esse cara fique longe de você.

— Tudo bem, vamos esquecer isso, porque eu não vou vê-lo outra vez — falei, aproximando-me dele. — Eles não vão servir a comida, não? Eu já estou morrendo de fome.

Eu estava realmente faminta, mas queria mesmo era aliviar o clima entre nós. Lorenzo não me respondeu, pois olhava para a sala, na direção em que o Leonardo estava. Achei melhor deixá-lo quieto.

Afastei-me uns dois passos e, ao lado, vi Inácio e Nina na outra sacada. Eles também pareciam estar discutindo.

— Que bicho mordeu vocês? Sua irmã e seu cunhado estão discutindo.

— Talvez eu tenha contado a Inácio sobre o interesse de Thomas em Nina. Eles estavam conversando quando saímos do escritório.

Lorenzo

Um pouco antes...

Reuni-me com os homens assim que Demétrio e Thomas chegaram. Eu não queria perder tempo, porque nem queria estar ali, mas o jantar aconteceria de qualquer maneira e Pietro decidiu que eu deveria ir representando a família. Além de ser nosso capo, ele tinha razão ao justificar que se o assunto era meu, então eu mesmo deveria lidar com tudo.

— Boa noite, senhores. Eu aproveitei o nosso encontro hoje para expor uma situação. Como vocês já sabem, eu me casei recentemente com Camila Falcone. — Todos eles assentiram e eu voltei a falar. — Apesar de ser um juiz federal, meu sogro não era exatamente um exemplo de virtude e estava envolvido com os Outlaws.

Alguns deles me olharam, claramente surpresos.

— Há uma semana, nós sofremos um atentado quando voltávamos do hospital onde meu sogro está internado e minha primeira desconfiança foi Giovanni, filho do líder dos Outlaws, no entanto eu tive uma conversinha com ele e acredito que, dessa vez, ele não está envolvido. Francesco Falcone era a segunda opção, mas eu também descartei o nome dele por enquanto — falei. — O fato é que eu já não tenho certeza se é algum inimigo meu ou do meu sogro que está por trás desse atentado, então preciso da contribuição de todos vocês para uma investigação mais rápida, ampla e profunda. Eu não posso perder mais tempo. Não posso correr o risco de que algo aconteça à minha esposa.

Continuei explicando tudo a eles, dando as informações necessárias sobre o dia do atentado, e ficou estabelecido que

trabalharíamos em conjunto nos dias subsequentes. Quando a reunião acabou e os demais saíram, Inácio e eu ficamos no escritório por mais alguns minutos, acertando alguns detalhes com o anfitrião da noite. Ao sairmos do escritório, não encontramos as meninas no mesmo lugar, então corri meus olhos pela sala e avistei Nina em uma conversa animada com Thomas; Inácio viu no mesmo instante que eu.

— Cara, eu esqueci de te falar que o Thomas me confessou, durante a minha estadia em Las Vegas, que gostaria de ter se casado com a Nina.

Inácio me olhou incrédulo e saiu puto, indo em direção a eles. Eu ri, mas meu sorriso morreu assim que olhei para uma das sacadas e vi Camila conversando com um cara que eu não conhecia. Imediatamente, andei a passos largos na direção deles e, quando estava bem próximo, o filho da puta a abraçou.

Momento atual

Não engoli o fato de que, quando saí da reunião, flagrei Camila conversando com o ex, tampouco vou esquecer o abraço que ele deu nela. Qualquer pessoa tocando-a me tira do sério, mas esse cara me incomodou de uma maneira diferente.

O jantar foi servido e, depois que comemos, eu já queria ir embora, mas Camila disse que não sairia sem comer a sobremesa, então ficamos mais um tempo. Enquanto eu esperava ela comer, olhei para uma das sacadas e vi o tal do Leonardo lá, sozinho. Aquela era uma ótima oportunidade de resolvermos aquele assunto. Levantei-me e Camila me olhou com um semblante interrogativo.

— Espera aqui, eu já volto.

Fiz sinal para o Inácio ficar de olho nela e me afastei. Leonardo estava debruçado sobre a sacada, olhando para a área externa da casa, quando parei ao lado dele.

— Eu imaginei que você viria — ele falou, sem me olhar.

— Vim apenas te avisar para ficar longe da Camila. Você pode até enganá-la com esse papinho de amigo, mas a mim, você não engana.

— Nós tivemos um passado, cara. Eu tinha algumas explicações a dar...

— Não se aproxime mais dela.

— Eu não vim aqui esta noite para arrumar problemas.

— Bom para você, porque eu estou sempre disposto a isso, principalmente quando se trata da minha mulher — falei e saí de perto do cara antes que eu fizesse o que estava louco para fazer.

Quando voltei para a sala de jantar, Camila já tinha terminado de comer a sobremesa. Ela se levantou e me olhou de cara fechada.

— Aposto que você estava espezinhando o Leonardo.

— Apostou certo. Nenhum homem, além de mim, pode abraçar você. É bom que você saiba disso também.

— Você é tão arrogante, Lorenzo. O pior é que eu gosto —
ela admitiu.

— Vamos embora — Inácio se levantou junto com a Nina.

— Já não era sem tempo — falei.

Nós nos despedimos de algumas pessoas e fomos para casa.

Bônus Frederico Falcone

No dia seguinte

Eu me sentia zozzo, com a boca seca e os olhos pesados. Pisquei várias vezes até conseguir abrir os olhos e, no primeiro momento, não soube onde estava. Instantes depois, eu lembrei de tudo: a dor no peito, o suor excessivo, a falta de ar e as náuseas. Eu tinha certeza de que ia morrer, mas mesmo com dificuldade, consegui ligar para a emergência. Eles disseram que eu estava tendo um ataque cardíaco e tentaram me dar algumas orientações, mas não deu tempo, tudo ficou escuro.

Eu ainda estava me recordando dos últimos acontecimentos quando a porta abriu e um jovem médico, que me parecia familiar, se aproximou do meu leito.

— Meritíssimo, o senhor acordou. Bem-vindo de volta. O senhor pode me ouvir?

Eu estava com a máscara de oxigênio, então apenas balancei a cabeça, afirmativamente.

— Eu sou Fabrício, médico que cuidou do senhor desde que chegou aqui. Está se sentindo bem?

Eu queria puxar aquela máscara que me impedia de falar, mas meu corpo não respondia aos meus comandos, por isso novamente apenas assenti.

— Sente alguma dor ou incômodo? — ele perguntou e eu neguei. — Ótimo. Nós retiramos sua sedação aos poucos, então já era previsto que o senhor acordasse. Seus exames estão bons, mas faremos mais alguns testes antes de retirarmos a máscara de oxigênio.

Por uma fração de segundo, pensei que era melhor ter morrido, pois perdi minha esposa e, como se não bastasse, aquela família maldita roubou minha filha de mim. *Não me restou nada!* Um dia, já fui um homem respeitado, rico e honrado, mas até disso, nada mais me restou. Estava atolado em dívidas por causa da minha fraqueza e do meu vício por jogo e bebida. Eu destruí tudo o que tinha e a única pessoa responsável por eu acordar todos os dias estava perdida no mundo.

Enquanto devaneava, o médico terminou os exames e me olhou animado.

— Eu vou retirar sua máscara. O senhor é um homem muito forte, está muito bem e seus sinais vitais estão todos normais.

Ele tirou a máscara e, em seguida, me entregou um copo com água.

— Beba devagar, pequenos goles para não engasgar — ele me orientou.

Eu segui suas instruções e me senti bem melhor.

— Vou avisar a sua filha que o senhor acordou.

— Camila esteve aqui? — perguntei, espantado e com a voz rouca, pois não esperava que os malditos tivessem avisado a ela sobre o que tinha acontecido comigo.

— Sim, sua filha o visita todos os dias. Ela e seu genro.

Ao ouvir a palavra genro, meu coração disparou e eu tive medo de ter um segundo infarto, dessa vez fulminante.

— Genro?

— O senhor não se lembra do marido dela?

— Marido? — perguntei, chocado.

— Sim, o senhor Lorenzo Esposito.

Senti meu sangue gelar, minhas mãos suaram e uma leve tontura se apossou de mim. *Não pode ser, eu não ouvi certo.*

— O que você disse? Minha filha está casada com Lorenzo Esposito?

— Sim, ela está. Inclusive, ele conversou comigo sobre uma possível transferência sua para um hospital com mais recursos, o que infelizmente não foi possível devido ao seu estado. Nessa conversa, ele deixou claro que era o marido da sua filha.

Meu coração estava muito disparado. *Não posso acreditar nisso. Camila não pode ter feito isso comigo.*

— O senhor não sabia que sua filha tinha se casado? — o médico perguntou, sem entender minha reação.

— Eu não sabia de nada. Esse marginal sequestrou minha filha quando ela ainda era menor de idade, provavelmente obrigou-a a se casar com ele. Eu não posso permitir que continuem casados, preciso sair daqui e dar um jeito de anular esse casamento.

— Senhor, acalme-se. Por mais que o senhor esteja bem, ainda não poderá sair do hospital, precisa de uns dias para se recuperar completamente. Se me permite dizer, sua filha parece estar muito feliz casada.

— Você não sabe de nada! — alterei-me e o médico se assustou.

— Esse moleque é um bandido, um marginal da pior espécie. Ele seduziu minha menina — falei, desolado.

Depois de alguns instantes me recompondo, olhei novamente para aquele jovem médico e perguntei:

— Rapaz, como é mesmo seu nome? Eu tenho a impressão de já te conhecer.

— Me chamo Fabrício e o senhor realmente me conhece. Há alguns anos, muito antes de me formar, meu irmão e eu estávamos em uma boate comemorando minha aprovação no vestibular de medicina. Minha família era muito humilde e isso foi uma grande vitória. Infelizmente, nossa comemoração terminou em tragédia, porque meu irmão se meteu em uma briga com um filhinho de papai mimado e arrogante que estava lá com alguns amigos.

Eu comecei a lembrar de alguns flashes desse caso, mas deixei que ele terminasse de contar sua história.

— O cara sabia lutar e deu uma surra no meu irmão, deixando-o muito machucado. Infelizmente, ele não resistiu aos ferimentos. Na época, o *playboy* alegou legítima defesa. Desculpe, senhor, esse é um assunto delicado para mim — ele falou e eu apenas assenti, dando a deixa para que continuasse. — O caso foi para a justiça e achei que perderíamos feio. Éramos uma família de negros e pobres, não tínhamos sequer um advogado particular, por outro lado, a família do assassino era rica e influente aqui na Itália. O senhor foi o juiz do caso e condenou o cara sem pensar duas vezes. Meu irmão não reviveria, mas a justiça foi feita.

— Eu sinto muito pelo seu irmão, rapaz.

— Quando o senhor deu entrada aqui no hospital, eu pensei que era Deus me dando a chance de retribuir tudo o que o senhor fez pela minha família.

Ele estava muito emocionado. Eu lembrava dessa história e tinha consciência de que tinha feito apenas minha obrigação. Era óbvio que o agressor era culpado, mas a partir daquele momento, eu ia usar aquela situação a meu favor.

Capítulo 17

Frederico

— Eu me lembro do seu caso e fico feliz de ter feito o justo. Agradeço por você ter cuidado de mim com toda sua dedicação, mas acho que agora, realmente, você pode me retribuir com um pouco mais.

— No que mais posso ajudar? Será um prazer.

— Preciso anular o casamento da minha filha — falei, sem rodeios. — Minha filha só tem 18 anos e conheceu esse moleque quando ainda era menor de idade. Eles sabiam que eu nunca permitiria que ficassem juntos, por isso ele a seduziu e os dois fugiram, mas eu não sabia que eles tinham chegado tão longe, a ponto de se casar. O fato é que eu preciso saber como tudo aconteceu para dar prosseguimento no processo de anulação.

— Meu Deus, eu não podia imaginar, eles parecem tão apaixonados. Em que posso ajudar?

— As aparências enganam, meu jovem — falei. — Em primeiro lugar, não diga nada à minha filha sobre essa nossa conversa. Eu vou fingir que não sei de nada. Avise-a que eu já acordei e peça que o procure antes de me ver. Você vai dizer a ela que minha saúde está muito debilitada e que é preciso evitar fortes emoções, isso já me ajuda muito a ganhar tempo para resolver essa situação.

— Senhor, eu... eu fiz um juramento, é antiético e até crime mentir sobre o estado de saúde de um paciente.

— Você não vai mentir, apenas mostrará que é um médico cauteloso e responsável ao extremo. Eu tive um ataque cardíaco, não posso me emocionar muito — falei, fingindo um estado deprimente. — Você quer ou não me mostrar sua gratidão? Pense

que estará fazendo um bem não apenas para mim, mas para minha família. Esse moleque é um *playboy* com dinheiro e influência aqui na Itália, assim como o bastardo que matou seu irmão. Ele tem que ficar longe da minha filhinha.

— Tudo bem, senhor, eu vou fazer o que está me pedindo.

— Ótimo, você não vai se arrepender, rapaz.

Camila

Tateei a cama ao acordar e estava sozinha. Olhei a hora no visor do celular de Lorenzo e não me surpreendi ao constatar que já passava das 10h da manhã. O velhinho, como eu chamava Lorenzo só para provocar, deu um cansaço na novinha durante a noite. Eu quase não dormi, Lorenzo acabou comigo.

Levantei, tomei um banho rapidinho, escovei os dentes e coloquei o conjunto de *baby doll* que usei na noite anterior, antes de Lorenzo arrancar toda minha roupa. Quando ia sair do quarto, ouvi o celular dele tocar. Fui até o criado-mudo e, assim que vi o número do hospital, atendi prontamente a ligação, temendo receber uma notícia ruim.

— Alô.

— Bom dia, gostaria de falar com o senhor ou senhora Esposito. Quem fala é o doutor Fabrício.

— Sim, sou eu. Aconteceu alguma coisa com meu pai? — perguntei, aflita.

— Apesar de muito debilitado, seu pai acordou. A senhora poderia vir ao hospital falar comigo, antes de vê-lo?

— Meu Deus, eu não acredito, graças a Deus. Claro, eu vou sim. Vou comunicar ao meu marido e logo iremos até aí. Obrigada por avisar, doutor.

— Por nada. Não se esqueçam, antes de tudo, venham falar comigo.

— Pode deixar! — respondi, super animada.

Desliguei o telefone, desci as escadas correndo atrás de Lorenzo e ouvi algumas vozes vindo da cozinha, mas isso não me intimidou.

— Amor, você não vai acreditar... — falei, entrando eufórica na cozinha.

— Será que você pode colocar uma roupa mais apropriada, Camila? Esse *babydoll* está curto demais e nós não estamos sozinhos em casa — ele me cortou, puto.

— Deixa de ser careta, Lorenzo. A menina está na casa dela, pode se vestir como quiser — Raphael falou rindo, e Lorenzo olhou para ele de cara feia.

— Vai se foder, Raphael! Olha quem fala...

— Será que vocês podem me ouvir? Eu tenho novidades! Amor, meu pai acordou. Ele acordou! O médico ligou e quer que eu vá lá para conversarmos — falei.

Embora eu estivesse sorrindo, percebi que Lorenzo não ficou tão feliz quanto eu, mas tentou disfarçar. Ele se levantou da cadeira e me abraçou.

— Que bom, fico feliz por você, amor — ele falou e me deu um selinho. — Agora, por favor, coloque uma roupa e desça para tomar café, depois vamos ao hospital.

— Tudo bem. Tchau, Raphael — falei, sorrindo.

Ele acenou para mim, sorrindo de leve também, e eu voltei correndo para o quarto. Estava ansiosa para ver meu pai.

Lorenzo

— Acho que você não ficou realmente feliz com a novidade — Raphael comentou, assim que Camila saiu da cozinha.

— É claro que não fiquei. O cara me odeia, vai criar problemas assim que souber do casamento. Eu estou pouco me fodendo para a opinião dele, mas ele é pai da Camila, então fica mais difícil resolver as coisas da maneira que eu gostaria.

— Eu te entendo, cara...

— *Papa...* — ouvimos uma voz infantil chamando.

— Estou aqui na cozinha, amor — Raphael respondeu.

Em poucos instantes, uma das gêmeas apareceu junto com Carlos.

— Senhor, sua esposa pediu para te chamar — o segurança falou assim que nos viu, e uma das meninas correu para o Raphael.

— Oi, tio *Lorenzo* — ela falou, fofa.

— Oi, boneca — respondi, meio confuso, tentando adivinhar qual delas era.

Eu nunca acertava quem era quem, porque elas eram idênticas. Eu não entendia como Raphael e Duda conseguiam distinguir.

— É a Raphaella, cara — Raphael falou, rindo, se levantando e pegando a filha no colo.

— Tchau, Raphaella — falei, me despedindo, e ela sorriu para mim.

A garota era linda, uma mistura perfeita do meu primo com a esposa. Era moreninha clara como a mãe, mas tinha o cabelo loiro e os olhos iguais aos do Rapha. Levei-os até a porta, depois subi para falar com Camila. Quando entrei no banheiro, ela estava colocando a lingerie.

— Você me deixou assada, seu maníaco — ela falou e deu uma gargalhada.

— Não vou me desculpar por isso. Você devia pensar antes de me provocar.

Ela terminou de se vestir e me abraçou animada.

— Vou trocar de roupa para irmos — falei, dei um selinho nela e fui para o *closet*. Quando voltei para o quarto, minha mulher já estava pronta. Peguei meu celular e a chave do carro, coloquei a arma na cintura e nós descemos. Camila estava tão ansiosa que nem quis tomar o café da manhã direito, comeu apenas uma fruta, bebeu um suco e saímos de casa.

Fomos no meu carro, escoltados por alguns soldados em outros dois veículos. Quando chegamos ao hospital, fomos procurar o médico como nos foi solicitado. Ele nos cumprimentou com uma expressão diferente, me olhando de maneira avaliativa, e isso me deixou em alerta.

— Doutor, como ele está? — Camila perguntou.

— Ele acordou há algumas horas. Fizemos alguns exames de rotina e, na medida do possível, ele está bem, mas um paciente cardíaco sempre inspira cuidados. Precisamos mantê-lo calmo, pois um aborrecimento pode agravar novamente o seu quadro, podendo ser fatal. Eu vou deixar que vejam ele, mas aviso, ele não pode ter nenhuma emoção forte.

— Eu entendi, doutor. Ele ainda corre risco de morte? — Camila perguntou.

— O quadro dele é estável, porém ainda não está cem por cento, por isso meu conselho é evitar aborrecimentos.

— Doutor, ele ainda não sabe que me casei, porque nós estávamos viajando quando tomamos essa decisão, não foi nada planejado. Eu acredito que ele não será a favor dessa situação, então o senhor acha melhor não contar nada, por enquanto?

— Absolutamente. Se ele não sabe sobre o casamento e não aprovaria, é melhor não falar, pois ele pode ficar agitado e ter complicações.

Camila me olhou desanimada, e eu segurei sua mão para confortá-la. Olhei para o médico e, ao notar que ele parecia estar nos analisando, me senti incomodado e intrigado. Resolvi esclarecer as coisas.

— Casamento não é uma coisa que possa se esconder por muito tempo, uma hora ele vai ter que saber. Se existe o risco de algo acontecer, então acho que a melhor opção é contar para ele aqui mesmo no hospital, onde poderá ter assistência — falei, olhando para o médico.

— É um risco muito alto, senhor Esposito, pois ele ainda está bastante debilitado. O senhor Frederico acordou agora há pouco, então afetá-lo nesse momento pode gerar danos irreversíveis — ele respondeu.

Eu não estava convencido sobre a justificativa dele, mas antes que eu o respondesse, Camila apertou minha mão, chamando minha atenção.

— Vamos esperar mais um pouco e, quando ele estiver mais forte, nós contamos — ela disse.

Eu assenti, embora não concordasse com aquela decisão. Esconder esse casamento era adiar o inevitável, mais cedo ou mais tarde ele teria que saber.

Saímos do consultório do médico e fomos até o quarto onde o pai de Camila estava. Quando chegamos à porta, os dois soldados que estavam lá fazendo a segurança acenaram para mim.

— Eu vou te esperar aqui fora para que ele não me veja. Qualquer coisa, você me chama — falei, dando um beijo na testa dela.

Afastei-me da porta e ela entrou. Naquele momento, uma sensação ruim tomou conta do meu peito. Eu não sabia o que era, mas alguma coisa muito estranha estava acontecendo.

Camila

Entrei no quarto do meu pai em silêncio, para não assustá-lo. Aproximei-me da cama e ele parecia estar dormindo, então observei-o por um instante e percebi o quanto ele estava magro, pálido e abatido, com o cabelo precisando de um corte e a barba, por fazer. Meu pai era um homem tão charmoso e elegante, antes de tudo. Ele sempre foi vaidoso, gostava de andar bem vestido, com ternos sob medida, cabelo sempre bem cortado e a barba sempre aparada. Minha mãe dizia que ele era um tipão... Sorri com o pensamento e, em seguida, assustei-me com uma voz fraca me chamando:

— Filha, você veio?

— Sim, pai, eu estou aqui e está tudo bem. Você vai ficar bom e logo vai sair daqui. Como você se sente?

— Eu estou me sentindo tão fraco, filha. Acho que o coração do seu velho pai não é mais o mesmo, mas só de saber que você está aqui, já me sinto melhor. Vamos esquecer tudo o que passou e, quando eu sair daqui, começar uma nova vida, uma vida feliz, só nós dois. Aquele homem fraco e derrotado que eu era antes de você sair da Itália foi embora, eu nunca mais vou agir daquela maneira. Eu preciso que você esteja sempre ao meu lado e, então, eu vou superar tudo isso.

— Pai, independente de qualquer coisa, eu sempre serei sua filha e sempre vou te amar. Agora, não se preocupe com nada, apenas em se recuperar.

— Tudo bem, vamos esquecer os problemas. Eu só quero poder voltar pra casa com você e me redimir de toda a minha negligência dos últimos anos.

— Está tudo bem, pai. Eu fui protegida e bem cuidada enquanto estive fora e...

— Camila, eu não quero saber, isso tudo ficou no passado. Só de me lembrar, eu já me sinto mal. Ai... — ele falou e gemeu,

fazendo cara de dor e esfregando o peito.

— Pai, fique calmo, não pense em nada agora. O senhor quer que eu chame o médico?

— Não, filha, só fica aqui comigo mais um pouquinho, só sua presença é capaz de me curar. Nunca mais eu vou deixar você sair de perto de mim.

Ele segurou minha mão e a beijou. Meu coração estava muito apertado, tanto por ver o meu pai tão frágil e debilitado, quanto por pensar no meu marido. Cada vez que eu omitia para o meu pai que o Lorenzo estava permanentemente na minha vida, que eu o amava e que tínhamos nos casado, parecia que eu o estava traindo.

Fiquei mais um tempo com meu pai, sem falarmos mais nada, e ele foi se acalmando. Quando percebi que estava sonolento outra vez, me despedi.

— Pai, eu já vou. O senhor está com sono e precisa descansar. Prometo que amanhã eu volto.

— Esses medicamentos me deixam mesmo sonolento — ele disse. — Filha, por favor, não deixe de voltar todos os dias. Tudo o que eu preciso para melhorar é a convivência com você.

— Eu venho, paizinho. Te amo — respondi, beijando sua mão.

— Eu também te amo. Te espero amanhã.

Saí do quarto, sentindo-me triste e preocupada. Assim que cheguei no corredor, Lorenzo veio andando na minha direção.

— Como seu pai está? — ele perguntou.

— Nada bem. Ele está fraco, frágil, debilitado e com dores. Foi muito ruim vê-lo assim — respondi, entristecida. — Eu não posso contar a ele sobre nós, até que se recupere totalmente.

Percebi que Lorenzo não gostou da minha resposta, pois não estava satisfeito em esconder nosso casamento. Isso o incomodou desde a hora que o médico me alertou sobre ele não poder ter nenhuma emoção forte. Eu entendia o lado dele, mas não poderia arriscar prejudicar a saúde do meu pai.

— Me leva pra casa, por favor — pedi, depois de um tempo em silêncio.

Ele segurou minha mão e caminhamos, calados, até o estacionamento do hospital. O clima estava estranho entre nós. Eu tinha certeza de que Lorenzo tinha algo a dizer, mas não falou para não me chatear.

— No que você está pensando? — perguntei, tentando quebrar o clima tenso.

— Você não vai querer ouvir — ele respondeu sério.

— Eu quero saber. Você sabe que eu sempre prefiro a sinceridade.

— Estou pensando que seu pai fará tudo para te manipular, se aproveitando da situação — ele falou, sem fazer questão de esconder sua raiva.

— Lorenzo, você ouviu o médico falando, e eu vi com meus próprios olhos o quanto ele realmente está debilitado.

— Eu quero a opinião de outro médico, porque esse não me convenceu.

— Você acha que o médico está mentindo e que o meu pai fingiu que teve um ataque cardíaco, só para eu voltar para a Itália? — perguntei incrédula. *Isso é impossível.*

— Eu não duvido que ele infartou, mas achei o médico diferente hoje. Além disso, não tenho nenhuma dúvida de que, se seu pai puder, vai usar essa doença para nos separar — ele falou curto e grosso.

— Você está falando besteira! Meu pai não sabe que a gente se casou — falei, irritada com tanta desconfiança.

— Seu pai não é idiota, Camila. Ele pode até não saber que nos casamos, mas vocês se falaram por telefone e você se negou a voltar. É claro que ele imaginou que estava acontecendo alguma coisa entre a gente.

— Lorenzo, você tem que parar um pouco com essa sua mania de perseguição, porque o mundo não gira em torno de nós dois. Meu pai quase morreu, está fraco e ainda não se recuperou

totalmente. Eu não posso jogar na cara dele, de repente, que nos casamos.

— E o que você vai fazer quando ele tiver alta do hospital? Ele vai ter que saber que você não está mais morando na casa dele, que agora é uma mulher casada — ele falou, totalmente irritado.

— Até lá, ele já estará mais forte e recuperado, então eu conto com cuidado — falei e Lorenzo riu, debochando.

— Vamos ver o que vai acontecer, Camila. Vamos ver se eu tenho mania de perseguição ou se estou certo.

— Como quer que eu confie em você, se você não confia em mim? Eu estou te dizendo que, na hora certa, eu vou contar.

— Eu confio em você, não confio nas atitudes do seu pai.

— Vamos encerrar o assunto, não quero discutir com você — falei.

Deitei a cabeça no encosto do banco do carro e fechei os olhos. Eu me sentia exausta de tudo, não queria pensar em mais nada.

Quando chegamos ao complexo, desci do carro sem esperar por Lorenzo e fui rápido para dentro de casa, direto para o quarto. Entrei debaixo do chuveiro para tomar banho e refrescar minha cabeça.

A verdade era que eu estava com medo e me sentindo encurralada no meio de duas pessoas que eu amava. Lorenzo tinha razão de se preocupar com o dia que meu pai tivesse alta, pois eu não sabia como contaria sobre nós e nunca me perdoaria se alguma coisa ruim acontecesse a ele.

Capítulo 18

Lorenzo

Ao chegarmos em casa, Camila não esperou por mim como sempre fazia, e eu não fui atrás dela, pois também precisava de um pouco de espaço. Eu não confiava no pai dela e também não achava difícil que o filho da puta estivesse fingindo estar pior do que realmente estava, só para manipulá-la. É claro que Frederico não era idiota e sabia que estava rolando alguma coisa entre a gente.

E ainda tinha esse médico. Até o dia anterior, eu não via nada de suspeito nele, pelo contrário, parecia muito profissional e dedicado, porém percebi que alguma coisa mudou, ele me olhou de uma maneira diferente. Eu fui treinado para perceber esse tipo de coisa e tinha certeza de que alguma coisa estava errada nessa história.

Fui para meu escritório, liguei o computador e fiz uma rápida pesquisa sobre o tal Fabrício. Com uma busca superficial, nada me chamou a atenção, mas liguei para o nosso TI e pedi uma investigação completa sobre a vida do médico.

Depois da ligação, percebi que já havia passado a hora do almoço e Camila mal tinha comido no café da manhã. Desliguei meu notebook, saí do escritório para procurá-la e encontrei-a no nosso quarto, deitada na cama.

— Você está bem? — perguntei da porta do quarto.

— Estou bem, só com um pouco de dor de cabeça, logo melhora.

— Deve ser porque você ainda não almoçou e mal tomou café da manhã. Vou pedir comida em um restaurante que gosto muito.

— Eu não estou com fome — ela falou emburrada.

— Bom, eu estou, então vou pedir assim mesmo, você come se quiser.

Fui ao banheiro, tirei a camisa e, antes de tomar banho, liguei e fiz o pedido no restaurante. Em seguida, mandei uma mensagem para o soldado que ficava na portaria do complexo, autorizando-o a receber a comida.

Minutos depois, quando saí do banheiro, Camila continuava deitada e de olhos fechados, então vesti uma roupa e desci para esperar a comida. *Se ela quer ficar sozinha, vou deixá-la quieta.* Assim que a comida chegou, pensei em chamá-la, mas se ela não desceu ao ouvir a campainha, era porque não queria.

Comi sozinho e puto. *A porra do pai dela já está nos afastando.*

Estava no meu escritório, resolvendo sobre um carregamento que chegaria na segunda-feira, quando escutei uma movimentação na sala e soube que Camila tinha acordado. Terminei o que estava fazendo e fui vê-la.

— Está se sentindo melhor? — perguntei, mas a cara com que ela me olhou não precisava de resposta.

— Estou com fome, vou comer e depois conversamos.

— *Okay* — respondi e fui para a sala.

Camila ainda estava mal-humorada, então achei melhor deixá-la quieta. Eu estava puto com a situação e o fato de ela estar me ignorando só piorou as coisas. Fui para a sala, peguei uma bebida e, algum tempo depois, Camila apareceu.

— Eu quero ir na casa do meu pai. Você ou algum dos soldados pode ir comigo?

— O que você quer fazer lá? — perguntei.

— Quero pegar meu celular, algumas roupas, sapatos, maquiagens, enfim, coisas que eu gosto.

— Certo. Eu levo você até lá.

— Pode ser agora? — ela perguntou e eu assenti.

Fizemos o trajeto até a casa de Frederico calados. Quando estacionei em frente à casa, ela desceu do carro e foi entrando.

— Camila, espera. Deixe os soldados entrarem primeiro.

Achei que ela ia me ignorar, mas ao contrário disso, parou e esperou. Fiz sinal para os soldados que estavam nos acompanhando, eles entraram para revistar a casa e, assim que indicaram que estava tudo bem, nós entramos.

Quando chegamos à sala, Camila olhou em volta e depois me encarou. Eu estava parado, observando-a.

— É estranho pensar que vivi aqui a vida toda. Não me sinto mais em casa, esse não é mais o meu lugar. É uma sensação estranha, sabe? Eu fui muito infeliz aqui nos últimos anos. — Ela se aproximou de mim e me abraçou.

Eu alisei suas costas e beijei sua cabeça com carinho.

— Minha casa agora é onde você estiver, na verdade a minha casa é você.

— E eu sempre estarei aqui por você. Agora, vamos pegar suas coisas e voltar para nossa casa.

Camila não demorou a pegar o que queria, parecia realmente estar com pressa para sair da casa do pai. Minutos depois, no caminho de volta para casa, notei que ela estava pensativa e calada em quase todo o trajeto.

— O que você tem? No que tanto pensa? — Não consegui me conter e perguntei antes de chegarmos em casa.

— Eu só queria que, às vezes, fôssemos uma família comum. Se as coisas fossem diferentes, quando meu pai saísse do hospital, poderia ficar na nossa casa até se recuperar totalmente. Como vai ser quando ele tiver alta?

— Nós podemos contratar uma enfermeira para cuidar dele.

— Orgulhoso como ele é, vai me dar trabalho.

— Meu único medo é ele fazer chantagem emocional com você.

— Você não acredita mesmo que ele esteja mal, não é?! Você sempre desconfia de tudo, Lorenzo.

— O que eu acredito é que ele vai fazer tudo o que puder para nos separar e eu já não sinto tanta resistência da sua parte.

— Você está insinuando que eu não te amo mais? — ela perguntou, ficando irritada novamente.

Eu mantive a calma, pois não queria mais brigar. Depois de alguns instantes, respondi:

— Você me ama, mas talvez o ame mais e tudo bem, ele é seu pai. Não estamos em uma competição, a diferença entre nós é que eu não vou usar o amor que você sente para te manipular.

— Ele não vai fazer nada disso, Lorenzo. Você acha que eu sou alguma idiota?

— Apesar de esperta, você é boa e o ama. Os sentimentos confundem a nossa percepção sobre o caráter das pessoas, Camila, e o amor é um sentimento perigoso em todos os sentidos. Os meus instintos me dizem que seu pai vai afastar você de mim e, se isso acontecer, eu vou ficar na merda porque já não me importo mais comigo, eu temo pela sua segurança, pois sei que ele não é capaz de cuidar de você como eu cuido. E sabe por que você está tão irritada desde que saiu do hospital? Porque você também está com medo e no fundo sabe que eu tenho razão — falei.

Parei o carro na garagem de casa e olhei para ela, que continuava pensativa. Pelo visto, Camila não ia falar nada, então desci do carro, abri a porta para ela, peguei a mala e nós entramos em casa.

Camila foi para a cozinha, enquanto eu colocava minha carteira e minha arma na mesa da sala. Instantes depois, quando me virei para ir em direção ao sofá, eu a vi correndo em minha direção. Antes que eu pudesse prever seus movimentos, ela me puxou pela camisa e me beijou, engolindo minha boca desesperada.

Suas pequenas mãos tiraram minha camisa de qualquer jeito e sua boca percorreu meu pescoço, depois meu peito e meu abdômen, até que chegou ao cócs da minha calça. Ainda afoita,

Camila abriu meu cinto, desabotoou minha calça e puxou meu pau para fora. Arrancando-me um gemido, ela segurou-o na base e me masturbou. *Porra, essa mulher ainda vai acabar comigo.*

Abaixada à minha frente e me olhando com cara de safada, Camila lambeu a cabeça do meu pau, me deixando maluco, e brincou com a língua, quase me fazendo gozar igual a um adolescente descontrolado. Segurei em seu cabelo e a estimulei a colocar meu pau na boca; eu não podia mais esperar, meu pau estava necessitado dela. Ela o engoliu o quanto conseguiu. Apesar de delicada, sua boca também era gulosa.

Camila me chupou com vontade e massageou minhas bolas, deixando-me insano.

— *Baby*, eu preciso muito gozar. Eu vou encher sua boca de porra — eu falei, quase incapaz de me segurar.

Ao me ouvir, minha mulher intensificou os movimentos, dando-me permissão e, então, eu gozei forte e ela bebeu até a última gota da minha porra, deixando-me ainda mais maluco por ela. A minha respiração nem tinha voltado ao normal quando ela se levantou e me beijou novamente, fazendo-me provar do meu próprio gosto. Em seguida, interrompeu o beijo e olhou nos meus olhos decidida, como sempre foi, e falou:

— Eu te amo e ninguém vai me tirar de você, entenda isso.

— Eu também te amo e não vou suportar se um dia tiver que ficar longe de você.

Camila me beijou novamente e, dessa vez, foi eu que tomei conta da situação. Virei-a de costas para mim, inclinei seu corpo sobre a mesa, e ela empinou sua bunda gostosa para mim. Levantei seu vestido, coloquei sua calcinha para o lado e, sem preliminares, me enterrei nela até o talo. Ela gritou, mas eu sabia que gostava dessa brutalidade tanto quanto eu.

Estoquei forte, enquanto Camila gemia e rebolava no meu pau, deixando-nos malucos de tesão. Enquanto eu a penetrava por trás, massageava seu clitóris com os dedos, ouvindo seus gemidos ficarem mais altos e sentindo seu corpo tensionar, anunciando o

orgasmo. Então, intensifiquei os movimentos do meu pau e dos meus dedos, e ela gozou, pronunciando meu nome e me levando junto com ela.

Ficamos na mesma posição por um tempo: eu abraçando seu corpo por trás, respirando seu cheiro gostoso, meu pau ainda dentro dela e nossas respirações aos poucos se acalmando. Devagar, Camila se virou para mim e me abraçou. Eu a peguei no colo, levei-a para o nosso quarto e tomamos banho juntos sem dizer mais nada. Eu ainda não sabia como ficariam as coisas, pois com certeza ainda teríamos muitas batalhas para lutar, mas eu estava pronto para todas elas, desde que minha mulher estivesse ao meu lado.



Uma semana havia se passado e as coisas estavam mais calmas entre Camila e eu, pois decidimos deixar de lado a preocupação precoce em relação ao que aconteceria quando Frederico tivesse alta do hospital. Ela visitava o pai todos os dias no hospital e, quando eu não podia levá-la, Dimitri — o soldado escolhido a dedo para fazer sua segurança pessoal — a acompanhava, junto com alguns outros homens.

Eu estava na minha sala, terminando de analisar os dados sobre uma carga que chegaria no dia seguinte, já doido para ir para casa, quando Pietro entrou.

— Lorenzo, preciso que você vá até Alcatraz, verificar as novas meninas que estão chegando hoje.

— Sério, Pietro?

— Sério, cara. Eu não posso ir até lá agora e o Raphael não pode deixar a Eduarda sozinha por muito tempo, pois o bebê vai nascer a qualquer momento.

— Onde estão Romeu e Inácio?

— Já foram para casa, Lorenzo. Por que você não pode ir até lá?

— Não é que eu não possa...

— Ótimo, então me ligue quando chegar.

Pietro não me deixou nem terminar de falar, determinou a missão e saiu da minha sala, sem me dar opção. *Merda!*

Eu nunca me incomodei de fazer meu trabalho, afinal, quando solteiro, eu vivia na boate de qualquer maneira. Sempre que chegavam meninas novas para trabalhar em alguma de nossas boates, nós fazíamos questão de lidar pessoalmente com elas, ao menos no primeiro momento. Gostávamos de deixar as regras claras, para que elas soubessem, antes de começar o trabalho, quais eram seus direitos e deveres. Também checávamos se estavam lá por livre e espontânea vontade.

Algumas meninas acabavam lá contra a vontade, vendidas por seus pais ou até por seus maridos, e nós não tolerávamos. Quando isso acontecia, nós as libertávamos e, sem estresse, matávamos quem as obrigou. Fim de papo.

Quase sempre era eu que tinha essa missão e achava até divertido, mas com Camila em casa, eu não estava disposto. Saí da empresa resignado, peguei meu telefone e liguei para ela.

— *Oi, delícia* — ela atendeu animada.

— Oi, mulher da minha vida. Está tudo bem por aí? — perguntei.

— *Está sim. Amanda esteve aqui mais cedo e me ajudou a fazer a matrícula na faculdade. Estou tão feliz! Agora só falta você chegar para eu te agradecer devidamente. Vou te esperar nua!*

Porra! Fechei os olhos, imaginando a cena, e quase mandei tudo pro inferno para voltar correndo pra casa. Cheguei ao carro, coloquei o telefone no suporte e dei partida, saindo do estacionamento da empresa, seguido por outro carro com meus dois seguranças.

— *Amor, você ainda está aí? Ficou calado... Aposto que estava me imaginando nua.*

Eu ri, antes de responder:

— Eu realmente estava.

— *As meninas saíram daqui agora e só foram porque estava chegando a hora dos maridos voltarem. Foi uma tarde muito divertida, o papo estava muito bom* — ela falou, em um tom sapeca, e eu já sabia que tinha alguma coisa por trás.

— Posso saber qual era o assunto interessante? — perguntei, mais para dar atenção a ela, porque eu não estava realmente interessado.

— *Ah, o de sempre... Mulheres quando se juntam, o papo sempre começa sobre promoções das nossas marcas favoritas na internet, uma cor nova de batom que saiu. Falamos um pouco da parte difícil dos relacionamentos e terminamos falando sobre técnicas para fazer sexo anal sem dor* — ela me explicou despreocupadamente, e eu dei uma gargalhada.

— Contou para elas o quanto você tem sido uma garota malvada que ainda não liberou esse cu gostoso para o seu homem? — provoquei.

— *Então, com as novas técnicas que aprendi, até posso pensar no assunto. Quem sabe hoje você se dê bem?*

— Porra, mulher, você quer me matar? Lembre-me, depois, de comprar um presente foda para as meninas.

— *Você já está chegando?* — ela perguntou toda manhosa e meu pau deu sinal de vida.

— Na verdade, não. Eu vou precisar chegar mais tarde hoje, mas prometo demorar o mínimo possível.

— *Por que?*

— Preciso trabalhar um pouco mais.

— *Lorenzo, a essa hora a empresa já fechou e seus primos estão chegando, estou vendo o movimento no condomínio. Por que só você vai trabalhar?*

— Tenho que fazer hora extra para sustentar seus luxos, princesa. Joias não caem do céu. Você é uma mulher cara e sabe que faço todas as suas vontades. Preciso aumentar meu salário, agora que sou um homem de família — falei, brincando.

— *Não seja cínico! Antes mesmo de nascer, você já tinha uma fortuna na sua conta. Além disso, sua família é dona de quase toda a Itália, vocês são a família mais rica daqui.*

— Andou pesquisando sobre meu dinheiro, italianinha?

— *Para de me enrolar. Aonde você está indo?*

— Eu vou ter que ir a Alcatraz... — Antes de terminar, quase fiquei surdo.

— *O quê?! — Camila quase me deixou surdo ao gritar do outro lado da linha. — Todo mundo sabe que essa boate é de striptease e que os homens pagam para ter sexo com as mulheres. Que porra você vai fazer lá, Lorenzo Esposito? — ela perguntou gritando.*

— Trabalho, Camila. Hoje chegarão novas meninas, preciso dar algumas instruções a elas. Nós não gostamos de terceirizar esse serviço para evitar problemas futuros.

— *Então eu vou com você. Venha me buscar.*

— Nem fodendo. Lá não é lugar para você.

— *Lorenzo, se você não vier me buscar, vai se arrepender.*

— Que porra é essa, Camila, você está me ameaçando? Eu não vou demorar, logo estarei em casa. Agora preciso desligar, sossega que você não tem com o que se preocupar.

— *Tudo bem, marido, então eu te espero* — ela falou, mansa.

Eu estranhei aquela rápida mudança de humor, mas resolvi deixar para me entender com ela mais tarde. Despedimo-nos e desliguei o telefone. Com a atenção totalmente voltada ao trânsito, acelerei o carro, pois queria resolver logo aquela porra e voltar para casa.

Fiquei semanas longe do trabalho, só aproveitando com a Camila, e isso me deixou desacostumado à rotina. Sem contar que antes eu mal parava em casa, mas depois que tive essa mulher em meus braços, contava os minutos para chegar em casa e vê-la.

Assim que entrei na boate, já mal-humorado, Sasha — a líder das meninas — veio ao meu encontro. Ela trabalha conosco há

anos sem fazer programas; é uma mulher muito competente e madura, além de linda e conservada no auge dos seus 40 anos. Nós até transamos algumas vezes, afinal eu, ironicamente, gostava de mulheres mais velhas.

Sasha também me introduziu em um estilo diferente de sexo, o BDSM, pois ela gostava de ser submissa. Eu achei interessante e praticamos algumas vezes, mas ela começou a se envolver demais e a misturar as coisas, então eu pulei fora.

— Lorenzo, meu querido, que saudade! — ela falou toda sorridente, assim que chegou perto de mim.

— Sasha — respondi ao cumprimento apenas com um aceno de cabeça e passei direto, mas ela me seguiu.

— Veio falar com as meninas?

— Sim, quero resolver isso rápido para ir embora. Onde elas estão?

— Soube que você se casou e fiquei chocada, foi tão de repente. Além disso, você não me parecia adepto à famosa instituição familiar falida.

— Não vim aqui para falar sobre o meu casamento, vá buscar as meninas agora, por favor.

— Está mal-humorado, chefe? Posso fazer você relaxar bem rapidinho. Podemos relembrar os velhos tempos.

— Eu pedi para você buscar as meninas, estou com pressa.

— Lorenzo, eu sinto saudades...

— Porra, vai implorar? Isso não combina com você, caralho. Nós já não tínhamos nada há um bom tempo e, agora que estou casado, não existe nenhuma chance. Vá buscar as meninas, estou com pressa — falei, irritado, e ela finalmente se tocou.

— Tudo bem, já volto.

Sentei no bar e pedi uma bebida. A casa ainda estava fechada e eu pretendia ir embora dali antes que abrisse. Minutos depois, Sasha voltou acompanhada de dez meninas, todas lindas e muito jovens, algumas deviam ter a idade da minha mulher e isso,

de alguma maneira, me incomodou. Algumas me olhavam mais tímidas, outras mais ousadas e curiosas.

— Boa noite — cumprimentei-as. — Em primeiro lugar, quero que sejam honestas comigo. Não precisam ter medo e não quero mentiras, pois eu não vou mandá-las embora, nem deixar vocês em perigo. Seja lá o que for, resolveremos a situação e vocês não sairão daqui até que estejam seguras. Alguma de vocês foi obrigada a estar aqui? Se alguém estiver aqui contra vontade, levante a mão.

Nenhuma delas se manifestou. Continuei observando-as para tentar perceber um traço de insegurança ou medo.

— Vocês não precisam ter medo de falar a verdade. Se alguém as obrigou, apenas digam, assim eu posso me entender com o filho da puta e deixar vocês livres. Vocês estão aqui por vontade própria? — perguntei, mais uma vez.

Todas elas assentiram, então eu pude prosseguir com os protocolos de admissão das garotas.

— Ótimo. Amanhã vocês passarão por uma consulta médica. Nossos clientes sempre usarão preservativo, mas se algum deles se negar, vocês deverão denunciá-lo, imediatamente. A médica dará a quem quiser um método contraceptivo, mas caso não queiram usá-lo e venham a engravidar por acidente, o contrato será rescindido. Aqui tudo é permitido, mas vocês não precisam ter medo de denunciar um cliente, pois terão nossa proteção. Sobre o salário, moradia, folga, alguns direitos e deveres, Sasha já deve ter conversado com vocês. Alguém tem alguma pergunta?

Nenhuma delas falou nada e, antes que eu terminasse de falar, meu celular tocou. Fiz um sinal para Sasha aguardar com as meninas e me afastei para atender.

Capítulo 19

Camila

Minutos antes

Desliguei a chamada com Lorenzo morrendo de raiva. Alcatraz era a boate mais comentada da Itália, todo mundo sabia que rolava de tudo ali dentro. Eu não ia ficar em casa igual a uma idiota, esperando ele voltar, então coloquei minha mente para funcionar e, rapidamente, formulei um plano. Corri até o quarto, vesti o primeiro vestido que vi pela frente, calcei uma sandália de salto e desci. Assim que saí pela porta, Dimitri veio na minha direção.

— Aconteceu alguma coisa, senhora?

— Precisamos sair agora. Ligaram do hospital, é uma emergência. Lorenzo nos encontrará lá — falei, fingindo nervosismo. Na realidade, eu estava nervosa mesmo, mas por outro motivo.

— Senhora, eu vou ligar para o chefe...

— Você está duvidando da minha palavra, Dimitri? Cala essa boca e vamos agora, não posso perder tempo. No caminho, ligamos para o meu marido — falei, decidida.

Ainda receoso, meu segurança assentiu e se afastou para pegar o carro, mas fui atrás dele, com medo de que ligasse para o Lorenzo. Chegamos juntos à garagem, ele acenou para os outros soldados que estavam lá e eu fui entrando no carro que ele sempre usava para me levar ao hospital. Mais quatro soldados entraram em outro carro para nos escoltar e saímos do complexo. Dimitri continuava apreensivo.

— Não se preocupe, vou ligar para o meu marido assim que estivermos mais perto.

Por sorte, o caminho para o hospital e a boate era o mesmo, sendo a boate localizada um pouco antes.

— Mudança de planos. Lorenzo está na Alcatraz, me leve até lá — avisei quando nos aproximamos da boate.

Dimitri pisou no freio, fazendo o carro dar um solavanco, e o jogou para o acostamento.

— Desculpe, senhora, mas não posso levá-la até lá.

— Pode sim. Não se preocupe, eu me entendo com meu marido.

— Eu realmente não posso, ele vai me matar. Vou levá-la de volta pra casa.

— Não ouse fazer isso. Eu vou ligar para ele e avisá-lo que estou chegando. Aguarde um instante — falei, percebendo que o homem era cagão e não iria desobedecer às ordens de Lorenzo.

Eu não teria outra saída, senão convencê-lo, já que estávamos próximos à boate. Peguei meu celular e liguei para meu marido.

— Camila, você realmente está precisando de mim? Estou ocupado, resolvendo as coisas rápido para ir embora.

— Lorenzo, estou praticamente em frente a Alcatraz e preciso que você diga ao Dimitri que me deixe entrar. Ele está se cagando de medo de você e quer me levar para casa.

— Você está de brincadeira comigo?! Eu não acredito que você está aqui, porra. Dimitri tem razão de estar com medo.

— Não foi culpa dele. Você sabe como eu sou quando quero alguma coisa, então ele nem sabia que estávamos vindo para cá. Agora, autorize minha entrada, vou colocar no viva-voz.

— Traz ela — foi só o que o Lorenzo falou.

Ele estava muito puto, e eu estava muito encrencada, mas nada que um anal não fosse resolver.

Entrei na boate me sentindo poderosa, a dona da porra toda, mas minha pose murchou um pouco quando vi a cara do Lorenzo, ele parecia possuído. Todos, sem exceção, pararam o que estavam fazendo para me olhar e, apesar de eu gostar dessa atenção, fiquei tímida por uma fração de segundo.

— Por dentro quase uma garotinha assustada, mas por fora, a mulher do chefe, pleníssima em cima dos saltos — balbuciei para mim mesma e caminhei na direção do meu marido.

Quando cheguei perto dele, pensei em beijá-lo, mas eu era esperta o suficiente para saber quando não atizar aquele homem. Lorenzo me amava, mas ele era um mafioso e não gostava de nos expor em público, nós já tínhamos conversado sobre isso. Olhei para a frente, me deparando com o olhar das meninas, algumas com admiração e curiosidade e outras claramente com inveja.

Lorenzo pegou minha mão e me conduziu para perto de uma mulher loira, da qual eu não gostei de cara. Ela estava bem vestida, tinha um olhar superior e sua pose não me enganava, era uma puta autônoma.

— Sasha, essa é Camila, minha esposa. Leve-a para o meu escritório, eu vou terminar aqui e a encontro lá.

— Lorenzo, eu não...

— Vai, Camila — ele falou, frio, e me olhou muito sério.

Eu sabia que estava encrocada, então achei melhor não contrariá-lo mais e segui a piranha farsante, assim que ela me chamou com uma simpatia forçada.

Chegamos a uma sala ampla e muito bem organizada, onde havia uma mesa enorme com um notebook e alguns papéis, um sofá grande e, aparentemente, muito confortável. *Será que Lorenzo já transou com alguém neste sofá? Merda, não quero pensar nisso.* Fui até a cadeira dele e me sentei, enquanto a piranha ficou em pé, me olhando.

— Então você é a menina que algemou o Lorenzo? Quem diria, nunca achei que ele gostasse de ninfetas.

— Ele gosta de mim e eu gosto dele, independente da idade.

— Que bom, queridinha. Você gosta das mesmas coisas que ele? — ela perguntou com um sorrisinho cínico.

— De que coisas você está falando? — perguntei, sem rodeios.

— Bem que eu desconfiei que ele não te contou. Lorenzo é adepto ao BDSM. Ele gosta muito de uma submissa e você não me parece preencher os requisitos. Já praticamos algumas vezes aqui — ela falou, tranquilamente, e eu fiquei possuída pelo veneno do ciúme.

Lorenzo nunca mencionou isso. Ele que me aguarde.

— Pelo visto você não sabia. Não sabe o que está perdendo, Lorenzo é um dominador incrível, capaz de deixar qualquer mulher louca.

— Escuta aqui, sua piranha invejosa e oxigenada, a minha vida sexual com meu marido não diz respeito a você, assim como não quero saber das aventuras dele antes de se casar comigo. Agora, pare de viver de lembrança e vá arrumar um homem para você, porque no meu homem você não cisca mais.

— Que garotinha desaforada...

— Você ainda não viu nada, então não me provoque!

Ela ia responder alguma coisa, mas Lorenzo entrou na sala, nos intimidando com sua presença imponente. Meu homem era gostoso demais, mas naquele momento eu estava muito puta com ele.

— Sasha, me deixe a sós com a minha mulher — ele falou, sem deixar margem para discussão.

A biscate saiu com o rabinho entre as pernas, e eu continuei sentada na cadeira dele. Meu marido se aproximou da mesa, do lado oposto em que eu estava sentada, apoiou as duas mãos e se abaixou, ficando com o rosto próximo ao meu. Seus olhos demonstravam toda a sua raiva, mas não me intimidaram.

— Por que você nunca me obedece? — ele questionou.

— Porque eu não sou sua filha, sou sua mulher.

— Eu sou seu marido e sei o que é bom para você. Se eu digo para me esperar em casa, faça isso.

— Por quê? Tem alguma coisa aqui que eu não possa ver? — perguntei, confrontando-o.

— Aqui não é lugar para você! Não é lugar para uma mulher casada.

— Mas é lugar para um homem casado?

— Eu estou trabalhando, Camila. Aliás, eu já terminei, vamos embora.

— Eu não quero ir. Na verdade, quero que você me mostre.

— Mostrar o quê?

— Quero que me mostre do que você gosta.

— O quê? Do que você está falando? A casa já abriu, vamos embora, agora.

— Eu quero ficar — respondi, decidida.

— Camila, pare de testar minha paciência, nem era para você estar aqui. A casa mal abriu e já está cheia, acontece muita coisa aqui que você não sabe.

— É, eu estou sabendo. Eu quero ver o que acontece aqui. Me mostre, por favor.

Lorenzo me olhou, sério, parecia estar avaliando meu pedido.

— O que a Sasha te falou?

— Ela disse que você é adepto ao BDSM e que, inclusive, já praticaram juntos.

— Eu não sou um dominador, apenas experimentei. Não é mentira que já praticamos, mas não é algo que faça parte da minha rotina, foi apenas um momento, uma curiosidade que eu já deixei de lado — ele falou, um pouco mais calmo.

— Eu também estou curiosa, quero que você me mostre.

Lorenzo apenas me olhou, mas seu olhar não entregou nada do que ele estava pensando, como sempre. Em seguida, ele veio até mim em silêncio, segurou minha mão e me puxou. Achei que fosse me levar para casa, mas me enganei.

Nós saímos do escritório, caminhamos por um corredor até chegarmos a uma escada, subimos e entramos em uma sala grande onde havia um bar e vários homens e mulheres, todos muito bem vestidos. Eu olhava tudo, curiosa, e ele continuava segurando minha mão firmemente e, às vezes, me olhando de esguelha. Algumas pessoas nos olhavam e sorriam, maliciosamente.

— Eles vêm para socializar. Aqui eles tomam uma bebida, conversam e montam os pares, trios ou grupos. Não olhe para baixo! — ele me alertou, parecendo irritado novamente. — Todos estão se analisando e, se uma mulher fica com a cabeça baixa, isso significa que ela é uma submissa e aqui está cheio de dominadores procurando por uma. Vamos evitar que alguém morra esta noite.

— Tudo bem, entendi.

— Alguns casais já estão na cabine, venha — ele falou e voltou a me puxar.

Chegamos a um novo corredor e entramos em uma sala não muito grande e com uma iluminação fraca. Lorenzo trancou a porta, acendeu uma luz e apertou um botão na parede, enquanto eu observava o lugar. Tinha divã, cama, espelho e alguns acessórios — chicotes, algemas e várias outras coisas que eu sequer sabia o que eram. Quando olhei para a outra parede, vi uma cruz com fivelas de couro em cada ponta, provavelmente para prender os pés e as mãos. Meu corpo todo se arrepiou de medo e desejo. Era tudo novo e assustador para mim, mas sem dúvida, muito excitante.

De repente, Lorenzo apertou um outro botão e uma das paredes clareou, mostrando o quarto ao lado onde duas mulheres e um homem se beijavam. Eu arregalei os olhos, assustada, e me deparei com um sorriso diabólico no rosto de Lorenzo.

— Você não queria ver? — ele falou, próximo ao meu ouvido, como se estivesse se divertindo com minha reação. — Eu não queria mostrar nada disso a você, queria apenas te levar para casa, mas você é teimosa e quis ficar, então aprecie, Camila. Ah, e não se preocupe, eles não podem ver você, eu bloqueei a visão da nossa cabine assim que entramos.

Observei novamente o trio que se beijava sem nenhum pudor. As mulheres, que já estavam nuas, se beijavam e se alisavam, enquanto o cara participava da brincadeira, acariciando-as também. Dava para perceber que os três estavam sentindo muito prazer.

Uma das mulheres deitou na cama de pernas abertas, a outra ficou de quatro no meio das pernas dela e começou a chupá-la. Enquanto isso, o homem se aproximou por trás e começou a chupar a mulher que estava de quatro. Eu nem pisquei vendo a cena. Eu não queria estar com outro homem que não fosse Lorenzo e sequer podia imaginar outro homem me tocando, mas não podia negar que foi excitante ver as pessoas sentindo prazer. As duas mulheres gemiam enlouquecidas.

De repente, o homem foi até uma das paredes, pegou um chicote, beijou a bunda da mulher que estava de quatro e, em seguida, lhe deu uma chicotada, e não foi de leve. Eu me assustei, dei um passo para trás e esbarrei no corpo de Lorenzo, que me segurou firmemente pela minha cintura, me acalmando. Ele colocou meu cabelo de lado e sussurrou no meu ouvido:

— Por que está nervosa? — ele perguntou.

Só então, percebi que eu estava um pouco trêmula, suada e com a respiração ofegante.

— É só sexo, amor. Sexo cru entre duas pessoas que buscam apenas prazer, sem sentimentos. É tudo consensual.

— Você sente prazer em bater em mulheres? — perguntei, com medo da resposta.

— Eu sinto prazer em dar prazer. Bater em uma mulher não me excita, a menos que ela queira, que ela sinta prazer com isso e peça — ele sussurrou.

Eu senti sua respiração quente no meu pescoço, seguida de um beijo lento, e fiquei mole nos braços dele. Sua boca continuou atijando minha pele e meus pensamentos começaram a ficar desorientados, deixando-me entregue à sedução do meu marido.

Lorenzo usou uma das mãos para pegar nos meus seios, enquanto beijava meu pescoço, me deixando toda quente e

excitada. Com a outra mão, ele pegou a minha e levou ao seu pau, rijo. Ele estava duro, muito duro. Fechei os olhos e me entreguei totalmente a ele, enquanto masturbava seu membro com a minha mão e sentia sua língua quente em meu pescoço. Eu já não me importava mais com o trio ali à minha frente.

Virei meu pescoço procurando a boca de Lorenzo, e ele me beijou esfomeado, assim como eu. Ele roçou seu pau na minha bunda e eu gemi. Em seguida, ele levantou meu vestido, colocou a mão dentro da minha calcinha, parou de me beijar e sussurrou:

— Porra, você está molhadinha. Que garotinha safada, doida pelo meu pau.

Eu não tive forças para falar nada, estava enfeitiçada pelo prazer. Eu ainda podia ouvir os gemidos vindos da outra sala, mas não conseguia mais olhá-los, estava hipnotizada por Lorenzo. Ele continuou tocando meu clitóris com uma mão e com a outra, segurou em meu cabelo e puxou minha cabeça para o lado.

— Você não faz ideia do quanto eu preciso te comer agora. — Sua voz estava rouca e, perturbadoramente, sensual.

Incapaz de articular uma palavra sequer, eu apenas empinei minha bunda para ele, fazendo o convite. Lorenzo gemeu e, sem tirar o dedo do meu clitóris tão necessitado, com a outra mão afastou minha calcinha para o lado, posicionando seu pau em minha entrada. Sem que eu me preparasse, ele entrou de uma vez, me arrancando um grito e, em seguida, começou a estocar forte em mim, levando nós dois à loucura.

Nosso prazer era tão intenso que chegava a ser perturbador. Minhas pernas ficaram fracas e meu coração bateu muito forte enquanto ele estocava na minha vagina e, com seus dedos, acariciava meu clitóris. Instantes depois, sem poder me controlar, eu gozei feito uma louca, gemendo e gritando, dopada de desejo. Eu mal tinha força nas pernas para continuar em pé.

Lorenzo saiu de dentro de mim, me virou de frente para ele, em seguida me pegou no colo e me levou para a cama, onde me colocou deitada. Ele se despiu completamente, depois entrou no

meio das minhas pernas, levantou-as, colocando em seus ombros e me deixando arreganhada para ele. Sem desviar nossos olhares, ele iniciou um vai e vem gostoso em mim, metendo fundo. Senti o orgasmo chegando novamente e fechei os olhos.

— Olhe para mim enquanto eu estiver fodendo você — ele falou, rude, me deixando mais excitada.

Então, sem desviar os olhos dele, eu gozei gemendo e chamando seu nome; ele gozou também, olhando para mim. Depois, continuamos deitados na cama, em silêncio.

— Você não queria saber do que eu gosto? Eu gosto de você, de te dar prazer em qualquer lugar e a qualquer hora. — Lorenzo falou, quase me matando de amor. — Mas não pense que esqueci sua rebeldia, Camila Esposito. Sua desobediência terá consequências.

— Mal posso esperar pelo meu castigo, Lorenzo Esposito.

Meu marido ia responder, mas o celular dele tocou, então ele levantou para pegar o aparelho no bolso da calça que estava jogada no chão e atendeu.

— Fala, Sasha — ele falou e, em seguida, ficou apenas ouvindo. — Eu ainda estou aqui, eu vou até aí.

Lorenzo desligou o telefone e me olhou.

— Algum problema? — perguntei.

— O resultado dos exames que as garotas fizeram ficou pronto e uma delas está grávida, mas insiste em continuar aqui e tirar o bebê. Eu vou até lá resolver isso. Coloque sua roupa, tranque a porta e me espere aqui. Não saia daqui, Camila, estou falando sério — ele falou, encarando-me.

— Não vou sair, prometo.

Lorenzo hesitou em me deixar sozinha, mas seria mais fácil e rápido resolver suas coisas sem mim, era compreensível. Ele se aproximou, me beijou e apertou o botão que escurecia a parede, me impedindo de olhar o outro quarto.

Levantei-me junto com ele, lhe dei mais um beijo e, assim que ele saiu, tranquei a porta e fui me vestir.

Capítulo 20

Camila

Quando eu comecei a me vestir, me dei conta de que estava toda melada. Lorenzo gozou dentro de mim sem camisinha, e eu precisaria comprar uma pílula do dia seguinte quando saíssemos dali. *Ainda bem que sempre carrego lenços umedecidos em minha bolsa.* Peguei-os, me limpei e me vesti, depois peguei meu celular e sentei na cama para me distrair enquanto Lorenzo não chegava.

Minutos depois, eu estava de costas para a porta, olhando curiosa os acessórios que estavam na parede, quando ouvi a porta sendo destrancada. Só podia ser Lorenzo, pois ele devia ter outra chave disponível. Antes que eu me virasse para olhá-lo, senti duas mãos me abraçarem e agarrarem meus seios com força. Eu paralisei. Não eram as mãos de Lorenzo.

Tentei me esquivar do toque daquele homem, mas não consegui. Ele era muito forte e me apertou mais em seu corpo antes de falar:

— Calma, gatinha, tudo faz parte do jogo. Eu sei que você quer...

— Jogo?! Se afaste de mim, eu sou casada e não estou aqui para isso — falei, tentando me acalmar, sem demonstrar meu desespero.

— Eu adoro as que fingem resistência. Porra, eu vou te foder muito.

— Me larga, porra! Eu vou gritar! Quando meu marido voltar, ele vai te matar, é melhor você sair logo daqui enquanto pode.

— Pode continuar com seu show, mas eu sei que você quer, sua vadia.

Que desgraçado, filho da puta! Eu tentei me debater para me livrar dele, mas foi em vão, porque o cara era um armário, muito maior que eu. Com sua força, ele me arrastou e deitou meu corpo no divã, abriu minhas pernas e se enfiou no meio delas. Eu lutei, tentei arranhá-lo e gritei, mas a música alta impedia qualquer pessoa de me escutar.

Em um único golpe, ele arrancou minha calcinha e, naquele momento, eu pensei que seria o meu fim... De repente, seu corpo foi tirado de cima do meu, tão violentamente que eu acabei caindo no chão. Lorenzo segurava o homem pelo pescoço, socando-o. Quando ele soltou o cara, o filho da puta caiu no chão.

Lorenzo deu mais alguns chutes nele, depois sacou sua arma e apontou na cabeça do homem. O olhar do meu marido era puro fogo, ele estava possuído pela fúria.

— Como você entrou aqui, seu miserável? — Lorenzo perguntou, com a voz transformada. — Quem te deu a chave?

O homem parecia assustado demais para falar qualquer coisa, então limitou-se a baixar a cabeça e desviar seu olhar do de Lorenzo.

— Responde, porra! — Lorenzo gritou, batendo com o cano da arma na cabeça dele.

— Foi a loira, cara, ela me deu a chave...

O homem não conseguiu terminar de falar, pois Lorenzo destravou sua pistola, apontando-a diretamente para ele. Eu não me movi, mas tentei impedi-lo, mesmo de longe:

— Lorenzo, não!

Ele não me ouviu e deu cinco tiros no cara, sem nenhuma cerimônia.

— Ela disse não, porra! Mesmo assim você tocou nela, seu filho da puta, estuprador de merda! — meu marido gritou e deu mais três tiros no cara.

Eu comecei a tremer, descontroladamente, e me arrependi de ter saído de casa. *Lorenzo tem razão, independentemente de qualquer coisa, esse lugar não é para mim.*

— Você está bem? Ele machucou você? — Lorenzo perguntou, colocando a arma novamente na cintura.

— Eu estou bem. Ele... Ele não conseguiu o que queria.

— Vamos embora daqui. Vou deixar você em casa, voltar para arrumar essa bagunça e me entender com a Sasha.

Lorenzo segurou na minha mão e me tirou de lá. Quando chegamos do lado de fora da boate, ele me colocou no carro, mas ainda consegui ouvir ele falar com seus soldados.

— Tem um corpo na cabine 7, tirem-no de lá, arrumem a bagunça e, o mais importante, não deixem a Sasha sair daqui. Mantenham-na na minha sala até eu voltar. Eu vou levar minha mulher em casa e volto para resolver meu assunto com ela.

Os soldados assentiram e Lorenzo entrou no carro. Fomos calados durante todo trajeto até em casa, pois eu sabia que ele ainda estava muito puto e não quis piorar a situação. Quando entramos em casa, ele me levou até o quarto e, sem falar nada, virou as costas para sair.

— Lorenzo, espera! — pedi. Ele parou no lugar e olhou para trás. — Você precisa mesmo voltar agora, não pode deixar para amanhã?

— Não...

— Olha, a culpa é minha. Eu não devia ter ido até lá e...

Sem deixar eu terminar, ele chegou perto de mim a passos rápidos e me olhou nos olhos.

— Você realmente não deveria ter ido até lá e era sobre isso que eu falava quando disse que não era lugar para você. Estou puto pra caralho com a sua teimosia, mas a culpa do que aconteceu não é sua. Nenhuma mulher tem culpa de se encontrar com um estuprador de merda no caminho — ele falou e deu um beijo na minha testa. — Tome banho e durma um pouco, eu já volto. Preciso mesmo resolver essa situação com a Sasha, não posso deixar passar.

Lorenzo saiu, me deixando em casa com o coração apertadinho.

Lorenzo

Eu não me lembrava de um dia ter sentido tanto ódio na vida. Quando eu vi aquele infeliz em cima de Camila, eu enxerguei tudo vermelho e só quis matá-lo imediatamente, ver seu sangue nas minhas mãos. *Eu não podia deixar passar e não deixei.*

Nunca tive dificuldades em matar, não me importava. Eu poderia torturar e matar alguém, depois sair para uma noite de comemoração tranquilamente, como se nada tivesse acontecido. Matar filhos da puta era uma rotina para mim, mas eu nunca usei tanto ódio para matar alguém como nesse dia. Minha vontade era ter feito algo muito pior, como torturar o cara, mas não deu tempo. *Não me arrependo!*

Eu sabia que Pietro iria me questionar por ter matado alguém dentro da Alcatraz, mas foi inevitável. Além do mais, eu não agi por impulso, sabia exatamente o que estava fazendo.

Camila achou que eu não a queria naquele ambiente por machismo, mas não era isso. Aquele, simplesmente, não era ambiente para uma pessoa como ela, mas, tinhosa como era, minha mulher não quis me escutar. Camila era uma mulher totalmente empoderada e eu até gostava disso, foi o que me conquistou.

No entanto, em certos momentos e para o estilo de vida que eu tinha e que ela passou a fazer parte, isso era uma dor de cabeça do caralho. Eu sabia bem como funcionava a cabeça dos homens, principalmente os que frequentavam lugares assim.

Tudo ali era propício para a tentação. As músicas, as luzes, tudo era escolhido propositalmente para deixar o ambiente mais excitante para os nossos clientes. Por esse motivo, nenhuma das mulheres da família nunca havia pisado na Alcatraz, até aquela noite. A teimosa da minha mulher resolveu me desafiar, como sempre.

Com a Camila eu me entenderia depois, minha prioridade naquele momento era resolver a situação com Sasha. Aquela vagabunda me pagaria caro pelo que fez.

Assim que entrei na boate um dos meus soldados veio ao meu encontro.

— Sasha está no meu escritório? — perguntei, e ele assentiu.

Caminhei a passos largos e pesados até minha sala e, assim que abri a porta, ela se levantou e veio andando na minha direção.

— Lorenzo, estão cometendo uma injustiça comigo, eu não fiz nada.

— Para o seu próprio bem, fique longe de mim, porque eu estou controlando os meus demônios para não matar você agora mesmo.

— Querido, eu juro que...

— Cala essa boca, porra! — eu explodi e ela paralisou no lugar.

Sasha ainda não conhece esse meu lado, mas hoje ela vai conhecer.

— Eu odeio mentiras e você está tentando mentir para mim? Você acha que eu sou algum idiota? Acha mesmo que vale a pena mentir? Eu posso olhar nas câmeras agora e terei provas de que foi você! — gritei.

Ela recuou um passo e eu respirei fundo, buscando por uma calma que eu não tinha.

— Eu sempre soube que você era falsa, invejosa e ardilosa, mas nunca imaginei que você fosse tão burra. Você acha que, só porque um dia foi fodida por mim, tem o direito de armar para a minha mulher? De todas as mulheres do mundo, a minha era a que você nunca deveria ter mexido.

— Lorenzo, eu não queria...

— Corta esse papo, sua vadia barata. Você fez exatamente o que queria e só está arrependida porque foi descoberta, mas suas lágrimas não vão me convencer. Você tem sorte, porque se aquele

babaca tivesse conseguido tocar na minha mulher, você já estaria morta! Eu não costumo machucar mulheres, mas você excedeu todos os limites hoje. Eu não consigo imaginar o que você pretendia quando armou essa porra toda!

— Lorenzo, por favor...

— Por favor, o quê? Você não imagina o ódio que estou sentindo de você! Eu queria apertar seu pescoço e vê-la morrendo nas minhas mãos, lentamente...

Sasha se assustou e deu outro passo para trás, mas mesmo com medo, resolveu colocar as garras de fora.

— Você está muito cego por essa garotinha. Lorenzo Esposito está deslumbrado pela menininha virgem e inocente? Deixa de ser trouxa, essa garota não tem nada de inocente, se bobear nem virgem era. Nunca imaginei que você pudesse se enganar tanto. Está aqui, me humilhando por causa dessa garota, e daqui a pouco ela estará te trocando por um cara da idade dela.

Antes que ela pudesse piscar, minhas mãos já estavam em sua garganta.

— Você não tem mesmo nenhuma noção do perigo, não é, sua piranha? Você não vai conseguir me envenenar contra a minha mulher, porque eu não sou um amador. Não tente me manipular, Sasha, pois você não faz ideia do que eu sou capaz de fazer com você. Eu não vou te matar, mas te deixarei na miséria e garantirei que ninguém na Itália te contrate nunca mais. O único emprego que vai conseguir é de puta, que é o que você é. Se cruzar com meu caminho ou o da Camila mais uma vez, eu vou esquecer que você é mulher e vou matá-la.

Ela estava vermelha, pois eu apertava o seu pescoço, não o suficiente para matar, mas o suficiente para ela sofrer. Quando soltei a Sasha, ela caiu no chão, tossindo. Fui até a porta, chamei meu soldado e dei ordem.

— Levem essa vagabunda daqui e joguem-na na rua. Ela nunca mais vai entrar aqui.

O soldado se aproximou, e ela começou a gritar e espernear.

— Lorenzo, você não pode fazer isso comigo. Eu vou acabar com você, seu cretino! — ela gritou, enquanto o soldado a arrastava para fora. — Você vai me pagar caro por essa humilhação!

O desespero dela era música para os meus ouvidos.



Quando cheguei ao complexo, notei uma movimentação estranha. Eu mal estacionei em frente à minha casa, quando vi três SUVs passando por mim em alta velocidade. Aproximei-me do soldado que estava fazendo a segurança da minha casa e perguntei:

— O que está acontecendo?

— A senhora Maria Eduarda entrou em trabalho de parto.

— Porra!

Peguei meu celular e liguei para o Raphael.

— *Lorenzo, não posso falar agora, cara. Eduarda está tendo contrações.*

— Só queria saber se ela está bem.

— *Tirando as ameaças que ela está fazendo de cortar meu pau cada vez que uma contração vem, está tudo bem.*

— Boa sorte, então — falei rindo e desliguei o telefone.

Estava tudo silencioso e apagado quando entrei em casa. Já me dirigia às escadas para subir para o quarto, quando o abajur da sala se acendeu e eu vi Camila, com cara de sono, no sofá.

— Você demorou — ela falou e parecia triste.

Eu preferia que ela já estivesse dormindo, pois não queria conversar naquele momento. Eu ainda estava puto pra caralho e não queria ser grosso com ela.

— Você não deveria ter me esperado até agora.

— Eu estava aflita. Como você acha que eu poderia dormir?

— Vamos dormir agora, Camila. Estou cansado, só quero descansar um pouco a cabeça. Amanhã conversamos.

— O que você fez com ela, Lorenzo?

— Eu não a matei, se é isso que você quer saber. Eu queria muito, mas não fiz isso porque é contra meus princípios. Já fiz muita merda na vida, mas não machuco mulheres e crianças — respondi.

— Posso tomar banho agora, ou você vai continuar com o interrogatório?

— Para de me tratar assim! — ela falou, irritada.

— Assim como, Camila? — me irritei também. — Como uma menina mimada que só faz o que quer, sem pensar nas consequências? Como a esposa que não ouve o marido e que não é capaz de acatar sequer uma coisa tão simples que ele fala, para a própria segurança dela? — explodi.

— Nunca pensei que ia acontecer isso — ela falou e se encolheu. — Eu só queria ver como eram as coisas lá e fiquei com ciúmes...

— Ciúmes de quê, porra? Olha pra mim. Eu faço tudo o que você quer! Sou praticamente a porra de um fantoche na sua mão, nem eu me reconheço mais. Nunca fui tão ligado em nenhuma mulher, mas tudo o que eu faço na porra da vida agora é pensar em você, em proteger você, em te manter feliz e segura. E o que você faz? Eu te peço para me esperar em casa e você faz tudo ao contrário! Vai atrás de mim e se coloca em perigo. Porra, aquele maldito estava no meio das suas pernas, ele quase tocou em você. Então, me dá um tempo, porque a minha cabeça está muito fodida agora. Você quase foi estuprada!

— Eu estou bem, você me salvou mais uma vez...

— Mas eu não estou bem, porra!. E se eu não chegasse a tempo? Eu podia não estar lá para te salvar. E se um dia eu falhar e alguma coisa acontecer a você... Porra, eu não quero conversar agora.

Encerrei o assunto e subi, deixando Camila sozinha na sala. Fui direto para o banho e tentei me acalmar. Minutos depois, ela

entrou no banheiro.

— Amor, me desculpe. Eu não queria causar tanto estresse — ela falou, parecendo mesmo arrependida.

— Você precisa começar a me ouvir, Camila. Não estamos num joguinho de quem manda ou quem é mais forte. Eu gostaria de fazer todas as suas vontades, mas quando eu te digo "não", é realmente necessário e para o seu bem. Se você não conseguir entender isso, teremos muitos problemas — falei muito sério e percebi que ela estava fazendo força para não chorar.

Terminei de tomar banho, coloquei um short e fui para a cama. Minutos depois, ela se deitou ao meu lado e, claro, não ficou quieta.

— Eu coloquei você em problemas com sua família?

— Certamente — respondi. — Pietro já sabe de tudo o que aconteceu e não está satisfeito por eu ter matado um civil lá dentro, mas ele vai entender que eu não tinha outra saída. Posso dormir agora?

— Lorenzo, me desculpa — ela pediu, manhosa.

— Eu não quero suas desculpas, quero poder confiar que você não vai fazer algo quando eu te disser para não fazer — eu disse, um pouco mais calmo.

— Eu prometo que vou tentar pensar mais antes de agir.

— Tentar? — perguntei incrédulo.

— Sim, tentar. Você precisa entender que eu não faço por mal, quando vejo, já agi por impulso.

— Então comece a pensar antes de agir. Meu pai sempre me disse que se você não controla seus atos, eles é que vão controlar você.

— Tudo bem, vou tentar, mas seja paciente comigo.

— Mais? Você entrou na minha vida com tudo, mudando tudo. Eu pareço outra pessoa, minhas prioridades mudaram totalmente... você me enlouqueceu desde o primeiro momento. Camila, você não mudou só meu status de solteiro, você me transformou em outra

pessoa e eu nem percebi. Antes eu só pensava em mim mesmo, agora eu só penso em você e nem sei como isso aconteceu. Porra, eu caí tão rápido por você! Ninguém tem o meu amor e minha paciência como você tem — falei sinceramente.

— Me desculpe... — ela falou e me abraçou. Eu suspirei e retribuí o abraço.

— Agora vamos dormir — falei, dei um beijo na cabeça dela, e ela se agarrou mais em mim.

Fechei os olhos e senti uma mãozinha tocar meu pau. Camila era assim, toda vez que passava por um estresse, ela queria sexo, mas eu estava disposto a castigá-la para que percebesse o quanto eu estava chateado, mesmo que eu também fosse sofrer com esse castigo.

— Camila, para. Eu ainda estou puto, me deixa dormir para esfriar a cabeça — falei, fazendo esforço para não ceder.

— Amor, por favor, eu preciso sentir você, suas mãos, seu toque na minha pele. Preciso esquecer a sensação terrível do toque daquele homem em mim.

Meu corpo ficou tenso na mesma hora e aquela maldita cena voltou à minha cabeça. Então, eu cedi, porque percebi que eu também precisava esquecer.

Capítulo 21

Lorenzo

— Vem cá, vem. Você me estressa com uma facilidade imensa, mas também é a única capaz de me acalmar — falei e a abracei apertado. Ela logo se animou.

Soltei seu corpo e ficamos deitados, de frente um pro outro, por alguns segundos. Olhei para o seu rosto de boneca — cílios grandes, bochecha rosada, boca vermelhinha mesmo sem batom, olhos tão expressivos e fáceis de ler. Eu conseguia ver a alma dela só no seu olhar.

Como pode uma criatura tão pequena me derrubar desse jeito? É assustador demais. Eu nunca imaginei que uma mulher fosse capaz de me dominar dessa maneira, era desesperador e, ao mesmo tempo, gostoso pra caralho. Minha mulher não desviou os olhos de mim enquanto eu a olhava e essa autoconfiança dela era sexy pra caralho.

Toquei seu rosto de leve e ela fechou os olhos, totalmente entregue ao meu toque. Devagar, aproximei-me de sua boca e a beijei. Não foi um beijo faminto como costumava ser, mas um cheio de sentimentos; ela retribuiu da mesma maneira.

Desci meu dedo por suas costas, sentindo sua pele se arrepiar, depois segurei firme em sua bunda e a puxei mais para mim, fazendo com que sentisse que meu pau já estava duro para ela. Nós dois gememos com o contato. Passei meu dedo pela lateral do seu corpo e tirei sua camisola. O corpo de Camila estava quente, assim como o meu.

Coloquei minha mão em um de seus seios e apertei de leve; ela jogou a cabeça para trás, se deliciando com meu toque, então

beije seu pescoço cheiroso e me debrucei sobre ela, me apoiando no cotovelo para não soltar o peso. Beije novamente sua boca, depois desci os beijos pelo seu pescoço, ombro e seios.

Camila abriu as pernas e eu me acomodei no meio delas. Continuei beijando seus seios e ela gemeu mais, instantes depois desci os beijos até que cheguei em sua calcinha e a tirei devagar, torturando a nós dois. Por um momento eu só olhei para ela, totalmente hipnotizado pelo seu corpo nu na minha cama, esperando por mim. Ela já tinha mudado muito desde que se tornou minha mulher. Ela não parecia mais aquela menina sapeca que conheci, agora ela era toda mulher, toda maravilhosa e me deixava ainda mais maluco por ela. Agora eu entendia meus primos, porque eu estava tão fodido de amor quanto eles.

Olhei para a boceta perfeita que a minha mulher tinha e não resisti mais. Segurei em suas coxas, lambi sua boceta deliciosa, e ela gemeu alto. Brinquei com minha língua em seu clitóris e enfiei um dedo nela. Camila começou a ficar inquieta e eu soube que logo ela iria gozar, então intensifiquei meus movimentos de dedo e língua, e logo ela gozou deliciosamente na minha boca.

Assim que se recuperou do orgasmo, ela se sentou na cama, me fez ficar em pé, me puxou pela bunda e colocou meu pau na boca. O orgasmo tinha despertado e deixado minha mulher elétrica, por isso ela começou a me chupar sem nenhuma calma, faminta, afoita, gulosa.

Camila era perfeita em tudo e estava me deixando louco com os movimentos da sua boca e língua no meu pau. Ela fazia movimentos circulares, depois o colocava todo na boca e me masturbava com seus movimentos, me puxando pela bunda.

Minha mulher era deliciosa pra caralho e estava me deixando descontrolado, doido para gozar. Segurei em sua cabeça, incentivando-a, e ela começou a me chupar mais forte. Eu não resisti e gozei forte na boca dela.

Ainda estava zozinho pelo orgasmo, quando ela levantou o corpo e começou a me beijar, me dominando com a sua ousadia. Toda calma foi deixada para trás e eu comecei a beijá-la com força,

passando minhas mãos em todas as partes do seu corpo, eu precisava desse contato.

Cessei nosso beijo, a virei de costas para mim, segurei meu pau e entrei nela de uma vez só, arrancando um grito dela e um gemido meu. Comecei a estocar nela até o fundo, levando nós dois à loucura, enquanto tocava seu seio e estimulava seu clitóris. Ela se empinou mais para mim, fazendo-me ir mais fundo e me deixando insano, louco por ela e enterrado até o talo.

Senti que ela ia gozar novamente, pois seu corpo todo começou a tremer e convulsionar. Ela logo gozou e eu gozei junto com ela. Quando nossas respirações se estabilizaram, eu saí de dentro dela e a puxei para tomarmos banho. Assim que entramos no box, ela me assustou.

— Lorenzo, acabei de me lembrar de uma coisa muito séria.

— O que foi? — perguntei, em alerta.

— Você gozou dentro de mim lá na Alcatraz e, novamente, eu ia tomar uma pílula do dia seguinte, mas esqueci, com tudo o que aconteceu — ela falou com os olhos arregalados.

— Porra, Camila, que susto. Achei que era algo sério.

— E não é? Eu não estou pronta para ter um mini Lorenzo.

— Muito menos eu. Quem aguenta uma mini Camila? Amanhã você toma.

— Droga! Quanto mais o tempo passar, menor a eficácia.

— Você precisa procurar uma ginecologista, porque eu não quero mais usar camisinha. Vamos ver isso amanhã.

— Quando eu for visitar meu pai, vou procurar lá no hospital.

— Prefiro que você vá ao hospital da máfia. Nossa família faz tudo lá. Maria Eduarda, inclusive, está tendo o bebê lá agora.

— Sério? Que lindo! Podemos visitá-la amanhã e já aproveito para tentar me consultar.

— Tudo bem, agora vamos para cama.



No dia seguinte, resolvemos primeiro visitar Maria Eduarda e ver o ginecologista para Camila, e só à tarde visitar o pai dela. Quando chegamos ao quarto do hospital, encontramos Raphael, tia Mel e tio Matheo, as gêmeas e Maria Eduarda com o bebê.

— Bom dia — cumprimentamos e todos responderam.

Raphaela estava no colo do meu tio e Sophia estava emburrada no colo de Raphael, fui até eles.

— Por que essa menininha está emburrada? — falei, rindo para a Sophia, mas ela realmente não queria assunto, logo escondeu o rosto no pescoço do pai e não me respondeu.

— Ela está com ciúmes do bebê — Raphael me respondeu sorrindo, esfregou as costas da filha e deu um beijo em sua cabeça.

— Meu irmãozinho nasceu — Raphaela falou sorridente, me olhando toda orgulhosa. Pelo visto não estava chateada como a irmã.

— Nasceu, princesa, e agora vocês terão um irmãozão para cuidar de vocês quando crescerem — falei.

Camila se aproximou de mim, depois de ter ido até Maria Eduarda olhar o bebê.

— Ei, Sophia, por que você está assim? Não está feliz com o irmão? Sabe, eu nunca tive um irmão, é tão triste. Você é muita sortuda por ter Raphaela e, agora, mais um irmãozinho. Pensa pelo lado bom: agora, além de ter os seus brinquedos, você terá os dele também para brincar e os brinquedos dos meninos são muito mais legais — Camila falou e Sophia, que até então continuava enfurnada no pescoço do pai, levantou a cabeça e olhou para ela.

— Você gosta de carrinhos também? Eu sempre quero brincar com os brinquedos do Chase, mas ele nunca deixa. Ele é um chato.

— Sim, os meninos mais velhos são meio possessivos com seus brinquedos, mas os mais novos não, principalmente sendo seu irmão. Você vai sair no lucro.

Sophia sorriu e olhou para Raphael que estava sorrindo também.

— Eu vou poder brincar com os brinquedos do meu irmão, papai?

— Claro, filha — Raphael falou e Sophia abriu um enorme sorriso.

— Viu, tudo tem seu lado bom — Camila falou e piscou pra ela.

Senti meu telefone vibrar no bolso, olhei a tela e pedi licença antes de sair do quarto para atender.

— Alô.

— *Lorenzo, onde você está? Estou esperando por você, precisamos conversar* — Pietro falou, sem rodeios.

— Eu vim ao hospital ver a Maria Eduarda e o bebê. Camila também veio se consultar, depois vou deixá-la em casa e sigo para a empresa.

— *Não demore, pois tenho outros assuntos para resolver à tarde. Você criou uma confusão do caralho.*

— Okay, Pietro. Eu não vou demorar.

Desliguei o telefone, voltei para o quarto e apressei a Camila. Meu tio disse que ia levar tia Mel e as gêmeas para casa, então combinamos que minha mulher iria com eles depois da consulta.

Na consulta, a médica não fez o exame em Camila porque fizemos sexo na noite anterior e isso alteraria o resultado, então ela apenas conversou, solicitou alguns exames e receitou pílulas anticoncepcionais. Ela orientou minha mulher a esperar primeiro a menstruação vir para começar a tomar a pílula.

Pelas contas que a ginecologista fez, Camila não estava fértil quando transamos sem camisinha e, provavelmente, não tinha engravidado, então não era necessário tomar a pílula do dia seguinte. Quando a consulta terminou, levei Camila até o carro do meu tio, me despedi e fui para a empresa.

Quando cheguei, fui à sala de Pietro, bati à porta e ele mandou eu entrar.

— Bom dia, Pietro.

— Bom dia, Lorenzo. Como está Maria Eduarda e meu sobrinho?

— Estão bem, o moleque é loiro igual ao Raphael. A Sophia está com ciúmes dos pais.

— Normal, Noah também ficou com ciúmes quando a Julie nasceu, mas depois passa — Pietro falou e ajeitou a postura em sua cadeira. — Agora vamos ao que interessa.

Eu já sabia exatamente do que se tratava, mas deixei que ele falasse.

— A minha pergunta não é porque você matou um cara na Alcatraz na noite passada, pois isso eu já sei e também sei que você colocou a Sasha na rua e foi muito merecido. Na verdade, entendo que ela merecia coisa pior. A minha pergunta é o que sua esposa estava fazendo em um clube de sexo com você na noite passada? — ele perguntou e cruzou os braços, esperando uma resposta.

Eu suspirei e respondi:

— Eu não levei a Camila, como você deve estar pensando. Eu sequer queria que ela tivesse ido lá. Eu ia lá para trabalhar e mandei que ela ficasse em casa, mas a garota é obediente igual a uma porta, enrolou o soldado e conseguiu chegar lá. Deixei-a na cabine, por um momento, para resolver um problema e aconteceu o que você já sabe. Eu matei o cara e não me arrependo. Quanto a Sasha, eu queria não ter um pinga de escrúpulo para matá-la também.

— Lorenzo, nós precisamos evitar esse tipo de situação. Eu sei que, diante do que aconteceu, não tinha como você não matar o cara, mas ele era um civil e morreu dentro da Alcatraz. Por causa da rebeldia da sua mulher, estou tendo trabalho com os federais. As mulheres, às vezes, nos dão uma dor de cabeça do caralho, porque parecem não ter nenhum senso de segurança e gostam de agir por

conta própria. Até a Amanda, que nasceu na máfia, quase matou nós dois e nosso filho com sua teimosia, mas você não pode mais deixar esse tipo de coisa acontecer. Por mais apaixonado que você esteja, não pode perder sua autonomia. Como seu *Don*, eu te digo que isso não pode mais acontecer, porque prejudica a toda a nossa família. Como seu primo, eu te digo que se algo acontecer a ela, você vai enlouquecer. Eu sei do que estou falando. Proteja a sua mulher dela mesma.

Camila

Depois que Matheo me deixou no complexo, eu fui almoçar com a minha sogra e a Nina. Eu amava passar um tempo com elas, pois ambas tinham um jeito muito parecido com o meu, então nos dávamos muito bem.

Acabou surgindo o assunto da boate na noite anterior, e eu me senti envergonhada por tudo o que tinha causado. Elas não me culparam, é claro, mas eu sei que fui impulsiva e acabei dando trabalho ao meu marido. Não era nenhum sacrifício para ele matar um abusador de mulheres, mas o fato de o cara não ser da máfia e ter sido morto dentro da boate chamaria a atenção da polícia. *A partir de agora, vou tentar ser menos impulsiva.*

À tarde, despedi-me delas e voltei para casa.



No dia seguinte fui visitar meu pai no hospital. Por causa da minha rebeldia anterior, só consegui sair de casa depois que o soldado ligou para Lorenzo e ele autorizou. Contorci-me de vontade de dar uma resposta para o babaca do soldado que estava regulando minha saída, mas eu já tinha colocado o cara em maus lençóis na noite anterior, então controlei meu gênio e esperei, pacientemente, que ele falasse com Lorenzo.

Quando cheguei ao hospital, achei meu pai com uma aparência melhor, mas para minha decepção, não foi isso que ele e o médico relataram.

— Oi, pai. O senhor está com uma carinha bem melhor — falei empolgada.

— Estou me esforçando por você, filha. Você é o único motivo que eu tenho para viver. Quando você fugiu com aquele marginal, eu quis morrer, acho que foi por isso que infartei. Nunca mais deixe seu pai, Camila. Eu não suportaria — ele falou, quebrando meu coração em mil pedaços e acabando com todo meu entusiasmo.

— Pai, você sempre me terá, independente de qualquer coisa. Eu sempre vou te amar e ser sua filha, mas você sabe que eu não sou mais uma menininha, uma hora eu vou me casar, construir uma família e te dar netos.

— Camila, não vamos falar sobre isso agora, você ainda está muito jovem para casar, tem muito o que viver pela frente. Eu espero não te ver casada tão cedo, seria uma decepção muito grande para mim. Só de pensar nisso, já sinto um aperto no peito.

— Fique calmo, pai. Pense apenas em ficar bom e sair daqui.

— É isso que eu quero, filha. Sair desse hospital, voltar para casa e reconstruir minha vida com você, só nós dois. Eu te prometo, Camila, que vou voltar a ser o homem que eu era antes e nunca mais você vai passar por nada daquilo que aconteceu no passado.

Ouvir meu pai falar isso me trouxe, ao mesmo tempo, alívio e agonia. Era reconfortante saber que ele queria reconstruir sua vida, ser de novo o homem que já foi um dia, mas o fato de ele não aceitar o Lorenzo estava destruindo meu coração. *Como eu posso ficar entre meu pai e o homem que eu amo?*

Toda vez que eu visitava meu pai, saía do hospital completamente exaurida, sem energia para nada. Encerrei a visita, conversei com o médico e fui para casa, desanimada como sempre. Estava se aproximando o momento em que eu teria que tomar uma decisão e eu, definitivamente, não estava pronta.

Cheguei em casa com dor de cabeça e me sentindo exausta, então tomei banho e fiquei na sala, tentando me distrair com a televisão e esperando Lorenzo chegar. Quando ele finalmente chegou, muito mais tarde, sua expressão era tão cansada quanto a minha.

Assim que passou pela porta da frente e me olhou, ele soube que algo estava errado comigo. Era incrível como meu marido me conhecia tão profundamente e em tão pouco tempo.

— O que aconteceu? — ele perguntou, deixando o celular, a chave do carro e a arma em cima da mesa.

— Não aconteceu nada. Eu fui ao hospital visitar meu pai, achei-o melhor, mas ele negou e o médico reforçou que o coração do meu pai ainda está muito fraco — contei.

Lorenzo suspirou, sentou ao meu lado e me olhou por alguns segundos antes de falar.

— Camila, na minha opinião, seu pai deveria saber que estamos casados enquanto ainda está internado, pois lá ele terá todo o suporte, caso algo aconteça.

— Lorenzo, você ouviu quando o médico falou que ele ainda não aguenta uma emoção forte. Eu não posso arriscar. Como eu serei feliz se acontecer algo a ele por minha causa? — falei nervosa.

— O que você pretende fazer? Quando ele tiver alta, como você vai justificar o fato de não morar na casa dele? — ele argumentou, perdendo a paciência.

— Eu não sei. Eu realmente... não sei. — falei, quase chorando.

— Vamos procurar uma segunda opinião médica. Meus instintos estão gritando para não confiar naquele médico — Lorenzo falou, um pouco mais calmo.

— Você não confia em ninguém, Lorenzo. Talvez seu julgamento esteja comprometido, já que você e meu pai são inimigos.

— Meu único problema com seu pai é a negligência dele com você. De resto, estou pouco me fodendo para o que ele pensa sobre minha família. Eu não me importo com a opinião dele sobre mim, e não espero que ele me aceite como genro, mas ele precisará aceitar que estamos casados, que eu amo você e que nada vai nos separar. Ele não precisa sequer aprovar, basta não interferir. Você é

minha mulher agora e não há nada que ele possa fazer em relação a isso.

— Eu sei, amor, mas vamos com calma. Você sabe que eu estava disposta a enfrentar qualquer coisa para estar com você, mas agora é diferente.

— Estava? O que mudou?

— Lorenzo, eu amo você e isso nunca vai mudar. Nunca! Você é o homem da minha vida, minha pessoa favorita no mundo, meu amor, meu único amigo, meu salvador... mas nesse momento, meu pai está precisando de mim e eu não posso virar as costas para ele.

— Eu nunca te pedi isso. O que exatamente você quer me dizer?

— Talvez, só nos primeiros dias que ele tiver alta do hospital, eu precise ficar com ele. Só no início, até ele ficar mais forte e eu puder contar sobre nós.

— Você está dizendo que vai me deixar? — ele perguntou chocado e partiu meu coração em mil pedaços.

— Claro que não, eu nunca vou te deixar, seria só por uns dias.

— Camila, o seu pai não tem como te proteger como eu. Eu não posso permitir isso!

— Ele é meu pai, Lorenzo. O que eu posso fazer?

— Vamos procurar uma segunda opinião antes de você tomar qualquer decisão. Eu posso te ajudar e apoiar em qualquer coisa, contrataremos a melhor enfermeira da Itália, montamos uma UTI na casa dele. Eu faço qualquer coisa, só não me peça para deixar você voltar a morar lá, longe de mim e da minha proteção! — ele falou, aparentemente calmo, mas eu nunca vi ele falar tão sério.

Lorenzo parecia estar fazendo um esforço tremendo para controlar seus demônios e não explodir. Ele parecia estar muito decepcionado e isso foi o que mais me doeu. Depois de nos encararmos por um tempo, eu apenas assenti e não falamos mais

nada. Ele virou as costas e subiu, deixando-me sozinha na sala, com o coração despedaçado e sem saber o que fazer.

Capítulo 22

Lorenzo

Depois da conversa que tive com Camila, eu tinha certeza de que ela ia querer voltar para a casa do juiz, pelo menos temporariamente, para cuidar dele. Eu não duvidava do amor que ela sentia por mim, mas sabia que, apesar de muito novinha e de toda essa loucura que demonstrava em muitos momentos, minha mulher tinha um lado muito maduro e ponderado, que a fazia achar que a responsabilidade pela vida do pai era dela.

Apesar do médico afirmar que Frederico estava com a saúde frágil, eu podia apostar que ele estava manipulando a filha. Ele não era idiota, sabia que a Camila estava envolvida comigo, então queria garantir que ela se afastasse de mim.

Se pudesse ter uma conversa com Frederico, eu ia ter certeza se ele estava mentindo, mas eu não podia correr o risco de me aproximar e piorar a saúde do cara, caso realmente fosse verdade sua fragilidade. *Eu não vou ficar de braços cruzados, preciso tomar uma atitude. Vou procurar o médico e arrancar a verdade dele.* Deixar a Camila voltar para a casa do pai, que nunca soube cuidar dela, não era uma opção para mim.

Desde a primeira vez que a vi, eu soube que ela seria um problema dos grandes, por isso tentei evitá-la, mas foi em vão. Camila dominou tudo dentro de mim, me tirou o fôlego e a razão e, quando eu dei por mim, estava dentro de uma capela me casando com ela, completamente rendido aos seus encantos. Ela quis isso tanto quanto eu, então precisava entender que era minha mulher, não mais a garotinha negligenciada pelo pai. *Eu não posso permitir*

que ela fique longe da minha proteção. Não posso permitir que ela se coloque em perigo.



No dia seguinte, quando o médico do meu sogro entrou no consultório dele, eu já estava sentado em sua cadeira, esperando-o. Ele se assustou e ficou pálido ao se deparar comigo.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, visivelmente nervoso.

— Bom dia, doutor. Vim saber notícias do meu sogro — falei, encarando-o. — Incomodo?

— Você não deveria ter entrado aqui sem ser convidado!

— Não? Por quê? Eu sou apenas um genro muito preocupado que quer saber, exatamente, como anda a saúde de Frederico.

— Eu já conversei com sua esposa, ela está a par de tudo.

— Ah, mas você vai conversar comigo também porque eu quero ouvir de você. Então, vamos conversar, de homem para homem.

— Eu já expliquei para sua esposa que o estado de saúde dele é delicado e que precisamos evitar emoções fortes.

— Gostaria de ver os exames pelos quais você está baseando o seu prognóstico.

— Eu sou médico, não preciso de mais exames, estou me baseando no diagnóstico do Frederico Falcone desde que ele chegou aqui.

— Já se passou muito tempo desde que ele deu entrada nesse hospital. O quadro clínico dele, certamente, já mudou — falei, perdendo a paciência. — Onde estão os exames, doutor Fabrício?

— Eu não fiz novos exames e nem preciso fazer, sei do que estou falando.

— Eu quero os resultados dos exames amanhã. Voltarei aqui e você vai me mostrar as evidências do que está dizendo. Se você não puder me mostrar, vou entender que estou sendo enganado e isso me deixará muito nervoso.

— Está me ameaçando? — ele perguntou, visivelmente assustado.

— Eu detesto mentiras, doutor Fabrício. Pense bem antes de mentir para mim! Você não me conhece, por isso não me subestime. Você tem até amanhã — falei e saí da sala, antes que eu perdesse a cabeça e desse um tiro naquele filho da puta.

Estava claro para mim que aquele médico estava mentindo. Saí do hospital puto e fui trabalhar. Desde que Camila entrou na minha vida, minha cabeça ficou fora do lugar; eu mal conseguia trabalhar, constantemente preocupado com o bem-estar e a proteção da minha mulher.

Meu pai sempre me dizia para evitar distrações, pois homens como nós não podiam se dar a esse luxo. Tínhamos que estar sempre alertas, mas... eu nunca estive apaixonado antes e a única coisa em que eu pensava era que Camila era a própria porra do ar que eu respirava. *Às vezes me pergunto como pude cair tão fácil, mas acho que qualquer homem no meu lugar cairia.* Eu enfrentava uma porrada de problemas no trabalho, com alguns dias de paz e muitos de guerra, mas quando eu chegava em casa e olhava para a Camila, tudo ficava para trás.

O sexo era louco e selvagem, um tesão do caralho. Nunca foi tão intenso antes. Eu era totalmente viciado na italianinha e, quanto mais eu a tinha, mais eu a queria. A gente transava toda noite, às vezes mais de uma vez por noite e, mesmo quando meu corpo pedia um descanso, meu pau ainda a queria e ela também não se cansava. Éramos insaciáveis juntos.

Depois que casamos e passamos, definitivamente, a morar juntos, descobri que sua alegria contagiante iluminava meus dias, por vezes tão escuros. Pensar em não tê-la por perto me causava um caos enorme no peito, então não era uma opção, eu nunca a

deixaria ir. Eu faria qualquer coisa para mantê-la segura e feliz ao meu lado.

Quando cheguei à empresa, para minha surpresa, encontrei Raphael. Vi a porta da sala dele aberta e fui até lá. Achei que não o encontraria no trabalho, já que Eduarda teve alta no dia anterior e ele ainda estava de licença paternidade.

— Bom dia, cara. Não esperava te encontrar aqui hoje. Que cara horrível é essa?

— É a cara de um pai que não dormiu a noite toda.

— O bebê não deixou vocês dormirem?

— Se fosse só o Ethan, estava bom, mas Sophia está dando trabalho, morrendo de ciúmes do irmão. Ela agora só dorme se for na cama com a gente, grudada em mim. Eu mal me mexi com medo de machucá-la. O bebê chora querendo mamar e acorda a Sophia, depois ela não quer mais dormir. *Tá foda.*

— E o que você está fazendo aqui? Vai tirar sua licença, irmão?

— Aproveitei que minha mãe está lá em casa, ajudando Eduarda, e vim buscar meu notebook.

— Entendi. Boa sorte! — falei, rindo da cara de acabado dele.

— Ri, filho da puta. A sua hora vai chegar.

— Eu não pretendo ter filhos tão cedo.

— Nunca pretendemos, Lorenzo, mas a gente adora foder e quem fode muito faz neném — ele falou brincando, e nós rimos.



No dia seguinte, acordei cedo e minha primeira parada foi no hospital. Fui até a sala de Fabrício, e ele arregalou os olhos quando entrei sem bater.

— Você não pode entrar aqui assim! — ele falou, se alterando e tirando o resto da minha paciência.

— Me impeça — falei entredentes, controlando meu gênio.

— O que você quer? — ele perguntou, parecendo mais controlado.

— Você sabe o que eu quero.

— Que tipo de pessoa é você, que exige o que acha que tem direito e ameaça as pessoas?

— E você, que tipo de médico é? Aquele que quebra o juramento e mente sobre o diagnóstico de um paciente?

— Eu não sei do que você está falando...

— Ah, você sabe sim e mente muito mal. Eu posso acabar com você sem nem te encostar um dedo. Você está violando o código de ética médica, e eu posso te denunciar para o Conselho de Medicina e ferrar com a sua carreira.

— Não estou fazendo nada de errado.

Então, a minha paciência se esgotou. Eu fui até ele, segurei-o pelo colarinho e o encostei na parede, deixando-o cara a cara comigo.

— Para de mentir para mim, porra. Eu conheço um mentiroso a quilômetros de distância. Não sei o que Frederico fez para te convencer, mas se você tem um pinga de sanidade e quer preservar sua vida e sua carreira, vai me contar tudo agora! E aí, o que você decide?

O cara ficou pálido. Achei que o fracote ia desmaiar antes de responder.

— Me larga. Eu vou te contar — ele falou gaguejando, com muito medo.

— Foi o que pensei — falei, soltando-o e me sentando na cadeira à sua frente.

Ele me contou toda a história e o meu ódio por Frederico só aumentou. Eu podia explicar algumas coisas a ele e mudar a imagem que meu sogro fez de mim, mas eu estava pouco me fodendo para o que ele pensava. Então, apenas dei meu aviso:

— Você não vai dizer ao Frederico que me contou isso, muito menos vai falar algo a Camila. Deixe ele pensar que continua me

enganando e que o planinho de vocês continua valendo. Só por você ter me contado a verdade, eu vou poupar sua vida, mas se você fizer qualquer coisa diferente do que estou te falando, eu volto aqui e acabo com você. Entendeu? — ele ficou me olhando cheio de ódio e não respondeu. — Eu vou perguntar pela última vez, Fabrício. Você entendeu?

— Entendi — ele respondeu puto.

— Ótimo. Amanhã eu volto — falei e saí da sala dele, fervendo de ódio.

Resolvi não acertar as contas com Frederico naquele momento, seria perigoso. Com a raiva que eu estava sentindo desses dois miseráveis que tentaram fazer a Camila de fantoche, eu mataria meu sogro em uma piscar de olhos. Pensando somente em minha mulher, eu não o fiz. Eu precisava conversar com ela sobre o que estava acontecendo, mas não queria decepcioná-la.

Saí do hospital de cabeça quente. Eu estava furioso. Trabalhei o dia inteiro me controlando, querendo muito matar alguém e, qualquer pessoa que viesse falar comigo e dissesse algo errado, iria morrer. Para a minha frustração, isso não aconteceu.

Mais tarde do que o costume, saí da empresa. Parei em frente à minha casa, fiquei uns minutos dentro do carro tentando organizar minha mente e, quando finalmente entrei, me surpreendi.

Camila

Depois que cheguei da visita ao meu pai, à tarde, mais uma vez triste em saber que o estado de saúde dele não havia mudado, resolvi fazer uma surpresa para Lorenzo.

Meu coração estava apertado com a possibilidade de eu precisar me afastar dele por um tempo para cuidar do meu pai e meu peito doía só de pensar naquilo. Então, resolvi fazer algo por ele que pudesse compensá-lo pelas decisões que eu precisaria tomar no futuro. Eu nunca poderia compensar Lorenzo por tudo o que ele fez por mim, mas jamais deixaria de tentar.

Meu marido tinha muitas personalidades e, considerando a vida que levava, ele realmente precisava disso. Eu já o tinha visto em ação como a fera enlouquecida, o assassino impiedoso, o homem frio e o mafioso fodão, mas também já vi o filho, irmão e tio carinhoso.

Comigo, precisava confessar que ele era diferente de todos, e usava a sua melhor versão. Seu sorriso fácil, sua paciência para ouvir sobre o meu dia, seu interesse pelos meus sonhos... Eu o amava muito. Ele era o sonho de toda mulher, mas era todinho meu. Meu homem, meu protetor, meu marido.

Fiz uma massa com molho quatro queijos, peguei o vinho mais caro que ele tinha em sua adega e arrumei uma mesa bem bonita. Tomei banho, lavei os cabelos, sequei e deixei solto como ele gostava. Também me perfumei, fiz uma maquiagem leve e fui para o *closet* escolher uma roupa.

Fiquei na dúvida sobre a escolha: meu anjinho dizia para colocar um vestido bonito e elegante; meu capetinha dizia para escolher apenas uma lingerie minúscula e sexy. Meu diabinho venceu a batalha no ato! Escolhi uma lingerie vermelha, que contrastava bastante com minha pele clara, coloquei um scarpin da

mesma cor e, me sentindo poderosa, desci para surpreendê-lo na sala, assim que ele entrasse em casa.

Ele demorou um pouco mais que o habitual e eu quase cochilei e arruinei meus planos. Quando escutei o barulho da fechadura, acertei minha pose e esperei ele entrar. No primeiro momento, achei sua expressão cansada, mas assim que me viu, seu rosto mudou, seus olhos brilharam e ele sorriu para mim. Lorenzo não se mexeu durante alguns segundos.

— Vai ficar aí parado, só me olhando? — falei, querendo provocar.

— É que você me deixa hipnotizado. Olhar para você é quase tão prazeroso quanto te foder.

— Você já teve tantas mulheres, desconfio que dizia isso a todas. — Eu sabia que não, mas queria que ele babasse um pouco mais.

— Nunca disse isso a nenhuma outra mulher porque, de fato, eu nunca senti — ele falou, ainda parado no mesmo lugar.

— Como posso saber que não está mentindo?

— Eu não minto para quem eu amo. E, bem, eu não me casei com nenhuma delas, nunca nem cogitei essa possibilidade, a não ser quando fosse obrigado. Você quebrou todas as minhas regras, Camila Esposito.

— Eu fui feita para isso, quebrar todas as suas regras — falei e fui andando até onde ele estava.

Lorenzo me apreciou da cabeça aos pés, com aquele olhar do Lobo mal quando queria comer a Chapeuzinho vermelho. Decidida, cheguei bem perto dele e, ainda olhando em seus olhos, tirei seu blazer, desabotoei sua camisa devagar, botão por botão, e quando abri todos, contemplei seu peito musculoso e sua barriga trincada.

Minhas mãos foram atraídas para ele como imã e eu alisei seu peito e desci a mão até chegar à sua calça. Quando alcancei seu pau, não me decepcionei, estava duro igual a uma rocha. Massageei-o e Lorenzo fechou os olhos. Vê-lo sentindo prazer me excitava de uma maneira absurda.

Com água na boca, desci o corpo até ficar frente a frente com o volume de sua calça. Meu marido abriu os olhos e me encarou ali, ajoelhada diante dele, com o olhar brilhando. Sem quebrar nosso contato visual, abri sua calça devagar, puxei seu pau para fora, segurei-o pela base e percebi uma gota de sua excitação na ponta. Com a ponta da língua, lambi seu pré-goço e Lorenzo jogou a cabeça para trás, resmungando:

— Ah, caralho!

Eu já iniciei, faminta, meus movimentos. Coloquei tudo o que eu consegui do seu pau dentro da boca e chupei com vontade. Lorenzo agarrou meu cabelo e começou a controlar meus movimentos, fazendo-me levar seu pau quase todo à boca. Eu saboreei tanto quanto eu pude e, quando ele estava perdendo o controle, prestes a gozar, ele me levantou, me puxou para o seu colo e eu enrosquei minhas pernas em sua cintura.

Lorenzo me levou até o sofá, me colocou de costas e fez eu empinar a bunda para ele, apoiando-me no encosto do sofá. Empinei o máximo que pude, louca para sentir o seu pau em mim, toda molhada e quase pingando de tão excitada. Então, senti seu dedo mexendo no meu buraquinho proibido e quase me encolhi com o susto, mas estava tão gostoso que eu logo relaxei e até comecei a me mexer, incentivando seus movimentos.

— Porra, Camila. Eu quero muito comer sua bunda, mas primeiro preciso sentir essa sua boceta deliciosa — ele falou e, sem esperar, entrou em mim de uma vez só, selvagem como ele era, me arrancando um grito.

Em segundos, eu me acostumei com seu tamanho e comecei a ajudá-lo com os movimentos. Nossos corpos se chocavam e nós gemíamos alucinados, ele empurrando em mim e eu me forçando para trás para senti-lo cada vez mais dentro de mim. Nós gostávamos disso.

Quanto mais eu gemia, mais ele investia em mim, sem dó. Depois de algum tempo, Lorenzo diminuiu um pouco seus movimentos e voltou a mexer, lentamente, no meu cu. Ele colocou o

dedo em mim, enquanto metia forte na minha vagina. E, porra... Eu fiquei louca com a sensação de ser preenchida nos dois lugares.

Senti um orgasmo intenso começar a se formar em mim, meu corpo todo começou a tremer e eu gozei, gemendo feito uma louca. A sensação foi tão intensa que me deixou zonzá, com o corpo totalmente mole e relaxado. Sem que eu esperasse, senti Lorenzo forçar seu pau no meu ânus e, antes que eu conseguisse absorver as sensações, ele entrou, me arrancando um grito.

— Shiii... Calma, amor. Você vai se acostumar e vai ficar bom — ele sussurrou no meu ouvido, sem se mexer, deixando eu me acostumar com a invasão.

Porra, dói pra cacete.

— Aí, está doendo — falei dengosa, sentindo dor, mas também querendo experimentar a sensação.

— Eu sei, bebê, relaxa que já vai passar. Me deixa entrar, vai... Eu quero muito comer essa sua bunda apertada e deliciosa — ele falou, roçando sua boca em meu ouvido. — Estou morrendo aqui. Posso me mexer?

— Pode, gostoso!

Ele parecia o deus do sexo falando. Sua voz grossa e gostosa me deixava completamente rendida. Lorenzo começou a entrar e sair devagarinho enquanto, com uma das mãos no meu clitóris, ainda melado pelo gozo, começou a me acariciar, espalhando meus próprios fluídos. Aos poucos, fiquei mais excitada e relaxada. À medida que ele me masturbava e aumentava seus movimentos, eu me acostumava com seu pau me rasgando.

Dessa vez, não foram só os meus gemidos que preencheram o silêncio da nossa sala. Os gemidos dele se misturaram aos meus e isso me excitou de tal maneira, que eu esqueci a dor, relaxei completamente e comecei a sentir apenas prazer. Lorenzo percebeu isso e intensificou suas estocadas na minha bunda. Eu estava sem ar, de tão intensa que era a sensação de ser preenchida por ele em todos os lugares. Então, novamente aquela sensação se construiu dentro de mim.

— Amor, eu... eu vou gozar — falei entre gemidos.

— Goza, gostosa! Eu também vou encher a sua bunda com a minha porra.

Então, gozamos juntos, gemendo enlouquecidos de prazer, e caímos exaustos no sofá, sem ar, sem conseguir raciocinar, sem forças e totalmente saciados.

Depois de um tempo, Lorenzo se ajeitou no sofá e me puxou para mais perto dele.

— Você ainda vai me matar, italianinha. Eu sou um mafioso e vou morrer nas mãos de uma mulher. Que humilhante! Não que eu esteja reclamando, mas... posso saber o motivo da recepção tão calorosa? O que estamos comemorando?

— O nosso amor. Só queria que você entendesse o quanto eu te amo.

— Eu também amo você e sei que você me ama, nem precisa se esforçar.

— Me esforçar por você dessa forma é sempre um prazer — falei rindo. — E tem mais, eu preparei nosso jantar.

— Uau, eu sou mesmo um cara de sorte. Posso tomar banho antes?

— Claro que pode. Eu também vou subir para tomar um banho rápido, você me deixou toda melada.

— Hum, eu adoro você assim, melada e pelada — ele falou rindo e me beijou, me deixando mole outra vez.

Depois de um banho delicioso a dois, nós jantamos e fomos para cama, onde conversamos, fizemos amor e dormimos. Apesar de todo o caos que estava a minha mente e meu coração, nos braços dele, eu dormi em paz.

Capítulo 23

Camila

Acordei com meu celular tocando e, quando atendi, o doutor Fabrício, me avisou que meu pai teria alta do hospital na manhã seguinte.

Meu coração deu um salto, feliz por saber que meu pai estava voltando para casa, mas despedaçado por prever todas as mudanças que aconteceriam dali por diante. Decidi não visitá-lo, tiraria o dia para preparar meu coração para tudo o que estava por vir, organizar minha mente e tomar decisões preciosas.

Tudo mudaria dali para frente, pois eu precisava tomar uma decisão muito importante. Não seria uma escolha fácil e seria impossível passar por tudo ilesa, mas era um afastamento necessário. Pensei muito em que caminho seguir.

Meu pai nunca aceitaria meu casamento, mas por outro lado, eu não me arrependia nem por um momento de ter me casado. Lorenzo era lindo e protetor, o homem da minha vida, era impossível me arrepender de tudo o que vivi até aqui. A única certeza que eu tinha na vida era de que, independente de qualquer coisa, eu poderia sempre contar com o amor e proteção do meu marido mafioso, e isso confortava meu coração.

Depois do almoço, me encontrei com a mulher que minha sogra indicou para cuidar da casa do meu pai dali em diante. Ela ficaria responsável pela arrumação da casa, por cuidar de suas roupas e cozinhar. Gostei dela de cara. Era uma senhora de meia-idade e parecia muito correta e atenciosa. Ela seria de grande ajuda para mim.

Depois de acertarmos todos os detalhes de seu novo emprego, fomos juntas ao mercado, sob a supervisão dos meus seguranças, e fizemos compras de alimentos e produtos de limpeza, suficientes para um bom tempo. Lorenzo era um homem tão perfeito, que estava pagando por tudo, independente de eu ainda não ter contado a ele o que eu havia decidido.

Saímos do mercado, minutos depois, e fomos para a casa do meu pai. Senti um nó se formar em minha garganta e uma enorme agonia no peito, uma vontade insuportável de chorar, assim que passei pela porta, mas eu engoli o choro, ergui a cabeça e fiz o que tinha que fazer. Eu e dona Anita organizamos toda a casa, deixando meu antigo quarto por último. Tantas lembranças vieram à minha mente quando entrei naquele cômodo, afinal eu passei os piores momentos da minha vida ali.

Sem querer deixar as lembranças virem à tona, respirei fundo e abri as janelas para arejar o ambiente. O quarto estava fechado há muito tempo e precisava de um pouco de ar puro, pois seria usado novamente. Trocamos a roupa de cama, organizamos tudo e, quando terminamos, já era início da noite e meu coração estava com um misto enorme de sentimentos.

Ao chegar em casa, Lorenzo ainda não estava lá. Segui para nosso quarto, tomei banho, vesti uma roupa bonita, fiz nosso jantar e, antes mesmo de meu marido chegar, abri uma garrafa de vinho enquanto esperava por ele. Quando Lorenzo chegou em casa, percebi que estava cauteloso ao falar comigo.

— Oi — ele falou. — Você está bem?

— Estou. Estive na casa do meu pai com dona Anita a tarde toda, mas você já sabe disso — respondi e ele suspirou.

— Camila eu...

— Toma um vinho comigo? — Eu o interrompi, oferecendo uma taça a ele, pois ainda não queria conversar.

Lorenzo aceitou o vinho e ficamos bebendo por um tempo, depois jantamos e, antes de irmos para a cama, eu contei a ele sobre a minha decisão.



No dia seguinte, bem cedo, eu estava no hospital esperando pelo meu pai. O tribunal disponibilizou um carro com seguranças para buscá-lo, ainda assim os soldados de Lorenzo nos seguiram de perto. Se meu pai percebeu, não falou nada. Ele tentou puxar assunto comigo durante todo o trajeto até em casa, mas eu permaneci calada. Quando chegamos, ele parecia muito satisfeito de, finalmente, estar em casa. Seguimos para a sala e nos sentamos no sofá, um de frente para o outro.

— Está feliz, pai? — perguntei, sem ânimo.

— Muito. Estou em casa com a minha filha, finalmente as coisas estão voltando ao normal — ele falou sorridente.

— Você me ama, pai?

— Que pergunta é essa, Camila? Claro que eu amo você, eu sou seu pai.

— Quem ama trai, pai? Quem ama mente, manipula, engana? — perguntei, me esforçando para segurar o choro.

— O quê? Por que você está me perguntando isso?

Ao invés de responder suas perguntas, eu continuei com as minhas.

— Quem ama pensa só em si, sem se importar com o bem-estar do outro? Quem ama impõe sua vontade, mesmo sabendo que fará o outro sofrer? Se esse é o tipo de amor que você tem para me oferecer, eu dispenso! — falei, me alterando pela primeira vez.

— Do que você está falando? — ele perguntou, também começando a se alterar.

Nesse momento, a porta da sala se escancarou e Lorenzo entrou com toda sua imponência e poder, deixando meu pai chocado.

— Bom dia, meu sogro. Como você se sente hoje? — Lorenzo perguntou, aparentando uma calma que eu sabia que ele

não tinha e parando de frente para nós.

— O que significa isso? O que esse marginal está fazendo na minha casa, Camila? — Meu pai gritou e se levantou, realmente alterado.

Temendo que os dois comesçassem uma briga, eu também me levantei e me posicionei entre os dois.

— Você mentiu para mim, pai! Você me usou e tentou me enganar usando a sua saúde! Em nenhum momento, você pensou em mim, no meu bem-estar, pelo contrário. Se eu voltasse a morar aqui para cuidar de você, quem morreria aos poucos seria eu, por estar longe do meu amor — falei, colocando para fora toda minha raiva e frustração. — Que amor é esse que você diz que sente por mim, mas me usa sem se importar com meus sentimentos?

— Eu não criei filha para se casar com um marginal! — ele gritou, apontando o dedo na minha cara.

— Abaixa a porra desse dedo — Lorenzo falou, entredentes.

Meu marido ameaçou ir para cima do meu pai, mas eu estava em sua frente e me mantive firme no lugar, impedindo-o. É claro que se ele realmente quisesse fazer algo, eu não conseguiria segurá-lo.

— Você pensou em mim em algum momento da sua vida? — perguntei, mas antes que ele abrisse a boca eu mesma respondi: — NÃO! Porque estive o tempo todo mais preocupado com você mesmo, com o que você queria! Agora chega, não vou mais ser manipulada.

— Esse moleque está fazendo sua cabeça contra mim.

— A única coisa que coloca sua filha contra você são suas atitudes egoístas. Seja melhor e terá para sempre o amor dela. Camila sabe amar como ninguém, quem não sabe é você — Lorenzo falou.

— Quem você pensa que é para me dizer como tratar minha filha?

— Eu sou o marido dela! E ao contrário de você, estou aqui para protegê-la de qualquer pessoa, inclusive de você.

Meu pai riu de maneira sarcástica e eu fiquei com medo de que isso irritasse ainda mais meu marido.

— Nós estamos casados, e ela escolheu ficar comigo, não há nada que você possa fazer — Lorenzo respondeu.

— Apesar de você não merecer, pai, eu contratei uma pessoa para te ajudar. Ela vai morar no meu antigo quarto para cuidar da casa e da sua alimentação. Não ouse recusar, assim será melhor para todos nós — falei, sem deixar margem para discussão.

— E você? — ele perguntou.

— Eu preciso de um tempo longe de você, mas venho te visitar quando puder. Agora eu vou para minha casa com meu marido, e o senhor vai desistir dessa ideia louca de nos separar.

— Eu nunca vou permitir que você fique casada com um marginal.

A soberba dele me irritou. Eu não podia ficar calada, pois, mesmo sabendo que Lorenzo não se importava com o que meu pai pensava ou falava dele, eu me importava.

— Lorenzo é um homem muito mais íntegro do que você, senhor juiz. E, acima de tudo, ele me respeita e não me engana — joguei na cara dele, sem dó.

Assim que eu terminei de falar, o inferno aconteceu. Sem que esperássemos, meu pai deu um tapa no meu rosto e eu não tive tempo de entender o que estava acontecendo, pois quando me dei conta, Lorenzo já tinha se jogado em cima dele. Os dois caíram no chão, derrubando tudo, e Lorenzo acertou um soco em cheio na cara do meu pai. Eu gritei, mas ele não me ouviu.

— Seu filho da puta, você bateu nela — Lorenzo falou, levantando meu pai pelo pescoço e encurralando-o na parede. — Eu vou te matar!

Meu marido estava possuído pelo ódio quando pegou sua pistola e colocou na cabeça do meu pai. *Ele vai matá-lo, assim como matou o cara na Alcatraz.* Eu sabia que Lorenzo era selvagem, capaz de matar uma pessoa e depois me levar para

jantar como se nada tivesse acontecido, e geralmente eu não tinha medo dele, mas nesse dia eu tive medo pelo meu pai.

Meu pai já estava vermelho pela dificuldade de respirar, então antes que uma desgraça acontecesse, eu me aproximei de Lorenzo, devagar, e falei suavemente:

— Amor, vamos embora. Eu estou bem. Por favor, me tire daqui.

— Não está nada bem, porra. Ele bateu em você. Não peça pela vida desse covarde de merda — ele falou, sem me olhar.

— Lorenzo, ele é um covarde, mas é meu pai. Por favor, não o mate.

— Não me peça isso, Camila — ele respondeu, respirando profundamente, mesmo com o rosto ainda torcido pela raiva.

— Por favor — pedi mais uma vez.

Meu marido fechou os olhos por alguns segundos, respirou fundo e balançou a cabeça em negativo. Ele estava por um fio.

— Amor, por favor, me leve para nossa casa... me tire daqui — falei, quase chorando, e percebi que ele travava uma luta interna.

Lorenzo estava vermelho, assim como meu pai, mas por motivos diferentes. Coloquei a mão no braço dele, que ainda estava segurando meu pai pelo pescoço e, então, ele respirou fundo.

— Mais uma vez, sua filha salvou sua vida. Se ela não estivesse aqui, agora, você seria um homem morto. Nunca mais chegue perto dela. Esqueça que um dia teve uma filha, porque você não a merece! — ele falou, com o rosto a centímetro do rosto do meu pai e o soltou.

Seu Frederico caiu no chão tossindo, aos pés de Lorenzo. Meu marido ainda estava com a arma na mão quando me olhou, me deu a mão e nós saímos de lá.

Lorenzo

Desde que cheguei à casa de Frederico, eu estava me controlando. Cada vez que ele falava alguma merda, eu tinha que fazer uma força enorme para não pegar minha arma e atirar em sua boca.

Ele podia falar o que quisesse para mim, porque eu estava pouco me fodendo para ele, mas magoar Camila daquela maneira, ninguém podia. E quando eu vi a mão dele estapeando o rosto delicado dela, eu quase enlouqueci e só não o matei porque minha mulher pediu, mas o ódio que estava sentindo por ele estava perturbando meu juízo. Eu sabia que não ia esquecer aquilo e uma hora qualquer eu acertaria minhas contas com ele. Foi muito difícil contar tudo a Camila, pois eu não suportava a ideia de vê-la sofrendo. Infelizmente, eu podia protegê-la do mundo inteiro, mas não da falta de amor do seu pai. Quando eu contei a verdade à minha mulher, primeiro ela ficou calada e sem reação, como se estivesse assimilando as informações. Depois do susto inicial, ela abriu as comportas e chorou muito. Eu apenas a segurei em meus braços e deixei que ela colocasse para fora toda sua dor e decepção.

— Não posso acreditar que meu pai desceu tão baixo — ela falou, entre soluços. — Eu estava despedaçada, Lorenzo. Destruída. Eu não sabia o que fazer, porque não podia deixar você, mas também não sabia como dizer isso a ele, pois tive medo de ele se emocionar demais e piorar seu estado de saúde. Pensei em ficar com ele nas primeiras noites... Eu não sabia como dizer a ele que eu queria ficar aqui com você e isso fez eu me sentir tão culpada...

— Eu sei, amor. Não chora, eu não consigo te ver assim.

— Não se preocupe, eu vou superar. Já superei tanta coisa.

— Eu sei que vai, porque você é uma mulher forte — ele disse, me confortando. — O que você vai fazer?

— Ainda não sei, mas quando eu decidir, prometo que você será o primeiro a saber.

— Tudo bem, eu confio em você. Agora, tente dormir um pouquinho — falei.

Puxei seu corpo para bem perto do meu, encostei sua cabeça no meu peito e fiz um carinho em seu cabelo. Logo ela estava dormindo.

Camila

Momento atual

Lorenzo abriu a porta do carona para mim, depois deu a volta, entrou no veículo e deu partida no carro, arrancando em alta velocidade. Nós não dissemos nenhuma palavra no trajeto, pois eu estava magoada, e ele, lutando para controlar sua raiva. Meu marido acelerou tanto que deixou os soldados que nos seguiam para trás, e eu comecei a ficar incomodada.

— Lorenzo, diminui um pouco a velocidade, por favor.

— Sei exatamente o que estou fazendo, Camila. Eu nunca colocaria sua vida em risco. Fique tranquila, estou acostumado a dirigir em alta velocidade.

— Você não precisa descontar sua raiva na direção, é perigoso.

— Descontar minha raiva? — ele perguntou puto. — Eu teria que matar pelo menos uns três filhos da puta para diminuir um pouco minha raiva.

— Não há motivos para tanta ira, eu estou bem...

Lorenzo nem me deixou terminar e me assustou com a sua explosão.

— ELE MACHUCOU VOCÊ, PORRA! Isso é motivo suficiente. Eu não vou esquecer que esse filho da puta bateu em você bem na minha frente, ele vai pagar por isso. E pare de se conformar com tudo que seu pai faz com você. Meu pai nunca encostou um dedo na Nina. Nunca! Muito menos depois de adulta. E sabe o que me deixa mais puto? Eu não pude mandá-lo pro inferno porque ele é seu pai. Raiva é pouco, eu estou louco!

— Meu pai já fez coisas piores, Lorenzo. Estive sozinha durante muito tempo, quando tudo o que eu tinha na vida era ele. Enquanto eu precisava de um pai, ele chegava em casa bêbado e se envolvia com o moto clube. Se não fosse por você, agora eu estaria nas mãos de um deles. Esse tapa doeu menos, acredite.

Ele me ouviu em silêncio, deixando que eu colocasse para fora tudo o que estava sentindo, pois apesar de seu ódio por meu pai, aquele momento de dor era mais meu do que dele, afinal era o meu pai.

— Eu só queria resolver logo essa situação. Ontem, quando você me contou o que ele tinha feito, eu me permiti chorar e ficar triste por alguns minutos, não mais que isso. Hoje, acordei decidida a dar um basta nessa história. Nada do que ele tenha feito vai mudar o fato de ele ser meu pai, mas as atitudes, a negligência e o egoísmo dele não me afetam mais. Não preciso mais sofrer com isso, não preciso mais dele. Agora eu tenho você, que é um homem de verdade, capaz de tudo para me proteger e me salvar.

— E eu sempre estarei aqui para te proteger.

— Eu sei, por isso converso com você, te conto meus sonhos e meus planos, com a mesma confiança que eu converso com Deus. Sei que foi Ele que me deu você, porque antes eu não tinha ninguém.

Quando terminei de falar, duas lágrimas teimosas desceram pelo meu rosto. Lorenzo parou o carro no acostamento e me olhou.

— Vem cá, vem — ele me chamou.

Na mesma hora, soltei o cinto de segurança e pulei para o colo dele, aninhando-me em seu abraço forte.

— Por onde andei quando você precisava de mim? Gostaria de ter te conhecido antes. Desculpe se me atrasei um pouco — ele falou, enquanto cheirava meu cabelo.

— Você fugiu de mim quando eu já estava prestes a fazer dezoito, imagina se me conhecesse antes, nem ia me olhar — falei rindo, já me sentindo melhor.

— Eu ia ficar puto comigo mesmo, mas sem dúvida, ia te olhar. Toda maravilhosa como você é, nunca passaria despercebida por mim.

— Então me leve para casa e me mostre o quão maravilhosa eu sou. Vamos recuperar o tempo perdido.

Saí do colo dele, sentei novamente no meu lugar e coloquei o cinto de segurança antes de ele dar partida no carro e irmos para casa.

Capítulo 24

Camila

No dia seguinte, depois de ter passado boa parte da madrugada acordada, pois Lorenzo levou muito a sério a proposta de recuperarmos o tempo perdido, eu acordei tão tarde que ele já tinha saído há bastante tempo. Levantei-me, tomei banho, vesti uma roupa confortável e desci para tomar café. Minutos depois, quando eu estava saindo da cozinha, a campainha tocou e eu fui atender.

— Bom dia, sogra! Entra.

— Bom dia, Camilinha. — ela falou, sorrindo lindamente, e já entrando junto comigo.

— Aposto que Lorenzo te contou tudo o que aconteceu ontem e, por isso, você veio me visitar, não é? — perguntei, sabendo a resposta.

— Ele está preocupado com você. Meu filho nem queria ir trabalhar para não te deixar sozinha, mas como precisava ir, me pediu para vir ficar um pouquinho com você. Meu bebê é tão cavalheiro e lindo. Eu acho até que ele deveria ser considerado a oitava maravilha do mundo — ela falou rindo, e eu caí na gargalhada.

Se a intenção da minha sogra era me animar, ela estava conseguindo. *Essa mulher é perfeita.*

— Estou rindo, mas você está certíssima, meu marido é tudo de bom — falei orgulhosa.

— Espera aqui que tenho uma surpresa para você.

Lili saiu, me deixando empolgada, e voltou segundos depois carregando uma coisinha. Eu fiquei em êxtase e completamente

surpresa.

— Eu não acredito! É para mim? — perguntei, pulando de alegria.

— É sim. Você gostou? — ela perguntou, ainda segurando aquele pacotinho de amor.

— Eu amei muito! — falei, gritando empolgada.

Lili segurava no colo um cachorrinho lindo da raça Pug. Eu me apaixonei, instantaneamente.

— Me dá ele aqui — falei, já pegando dela.

— Não é ele, é ela. Uma menininha.

— Que linda, meu Deus, eu estou apaixonada — falei, dando vários beijinhos na minha nova cachorrinha.

— Os donos dela viajaram, deixaram-na no *pet shop* e não voltaram mais para buscar. Essa lindeza foi abandonada, acredita? — minha sogra falou triste.

— Quem é o monstro que abandona um ser puro de amor como esse?

— Eu também não entendo. Há muitos anos, tive um cachorrinho que eu amei muito, ele se chamava Alcapone e foi meu fiel companheiro por muito tempo. Lorenzo já era grande quando ele morreu. Eu sofri demais — ela falou, deixando uma lágrima solitária escapar do seu olho. — Só quem ama muito os animais sabe o que é essa dor.

— Vamos escolher um nome para ela? — perguntei, para quebrar o clima.

— Escolha você que é a mãe.

Fiquei observando minha nova companheira, tentando encontrar nos olhos dela um nome que realmente a identificasse, e depois de alguns minutos, decidi.

— Ela vai se chamar Charlotte. O que você acha?

— É um nome muito lindo e exótico. Uma cachorra italianinha com nome francês. Adorei!

— Então, está decidido! Seja bem-vinda a nossa família, Charlotte Esposito. — falei animada, e minha sogra bateu palmas.

Lorenzo

Passei a manhã na rua, fazendo cobranças com Romeu, depois almoçamos próximo à empresa. Quando ele voltou ao trabalho, eu decidi sair para resolver algo que ainda estava entalado na minha garganta.

Cheguei à casa do juiz, toquei a campainha, e a senhora que minha mulher contratou para ajudar o traste do pai abriu a porta para mim.

— Bom dia, Anita — falei, entrando na casa

— Bom dia, senhor — ela respondeu, um pouco assustada.

— Onde está o Frederico?

— Ele chegou agorinha, depois de passar a manhã na rua, disse que ia tomar banho.

— Ótimo, eu vou falar com ele.

Segui até seu quarto e, ao ouvir o barulho do chuveiro, sentei em uma poltrona para aguardá-lo. Não demorou muito, ele adentrou o quarto, distraído. Nesse momento, duas coisas geraram em mim uma enorme satisfação: seu olho roxo e o susto que levou ao se deparar comigo.

— O que você está fazendo aqui? — ele perguntou, na defensiva.

— Ontem eu tive que ir embora rápido, nem deu para a gente ter uma conversinha, sogro — falei debochado.

— Não tenho nada para conversar com você, meu assunto é só com minha filha.

Quando ele mencionou a Camila, eu levantei rápido e, em dois segundos, estava cara a cara com ele.

— Você não tem assunto nenhum com a Camila, porque só faz mal a ela. Eu vim aqui justamente te dar um aviso: fique longe

da minha mulher!

— Camila é minha filha, Lorenzo — ele falou calmo, e eu estranhei o tom. — Eu estou disposto a parar de lutar contra vocês, porque não quero perdê-la. Não gosto de você e, para mim, você nunca servirá para minha filha, mas pelo visto ela está deslumbrada e disposta a me excluir da vida dela, caso eu não aceite essa união, então eu vou ter que engolir — ele falou e suspirou.

— Eu não acredito em uma palavra sua! Você não mudaria de ideia tão fácil assim.

— Não preciso que você acredite, porque só me interessa que minha filha acredite. Eu sei que ela, nesse momento, está muito magoada comigo, mas também sei que Camila não guarda rancor, então quando ela estiver pronta, eu quero conversar com ela.

— Vocês conversarão apenas quando *ela* quiser. Não se aproxime sem ser convidado ou você vai se ver comigo.

— Se você já acabou com seu showzinho de ameaças, pode sair da minha casa.

— Eu vou embora, Frederico, mas estarei sempre de olho em você — falei, encarando-o. — E se você machucar a Camila novamente, ninguém vai me segurar, nem mesmo ela.

Ele assentiu como se realmente estivesse conformado, mas ele não me enganava. *Frederico está tramando alguma coisa, e eu vou descobrir o que é.*

Saí da casa dele e voltei para a empresa. Pietro estava nervoso por conta de uma carga atrasada, então tive de passar o resto da tarde e início da noite na rua com Inácio, tentando resolver essa merda. Acabei voltando para casa mais tarde do que o normal.

Quando entrei em casa, me deparei com uma cena um tanto inusitada. Camila estava deitada no chão, fazendo farra com uma cachorra. Eu nem sabia que nós tínhamos uma.

— Essa cachorra está usando... um vestido? — Camila se assustou comigo, e sua nova pequena defensora latiu para mim.

— Calma, filhinha, é só o papai e ele não vai machucar a mamãe. Olha bem pra esse rostinho. Ele tem esse jeito de bandido,

mas ele é um... bom, ele é um bandido mesmo, mas ele também é um anjo — ela falou.

Minha mulher se levantou, pegou a Pug no colo e caminhou em minha direção, sorrindo.

— Ela não é uma cachorra qualquer, amor, é Charlotte Falcone Esposito, nossa filhinha — Camila falou, beijando a pequena criatura que deu lambidas nela como resposta.

— Então agora eu sou o pai de uma cachorra que usa laço e vestido cor de rosa? Aposto que isso é coisa da minha mãe — falei, beijando minha mulher.

— Sim, meu bebê foi um presente da sua mãe, a melhor sogra do mundo. Os vestidos e lacinhos vieram junto.

— Desde que ela não destrua a casa inteira, ficaremos bem.

— Ogro. Isso é jeito de falar? — ela retrucou, tapando os ouvidos da cachorra como faria em uma criança. — Estou te testando, Lorenzo. Se você for um bom pai para Charlotte, então estará apto a ser pai dos meus cinco filhos.

— Achei que você tivesse desistido do quinteto. Cuidado, acima de três é formação de quadrilha e nós já somos da máfia, então... — falei, e ela riu.

— Você demorou. Onde estava? — ela perguntou, colocando Charlotte no chão, que correu para os brinquedos que estavam no chão da sala.

— Trabalhando. Às vezes, eu preciso ficar até tarde.

— Você parece tenso. Quer uma massagem? — ela falou, passando a mão no meu peito, e meu pau logo acordou.

— Massagem é bom.

Puxei-a para mim e a beijei, mas o som da campainha nos interrompeu.

— Deixe que eu abro, vá tomar banho — Camila falou e caminhou em direção à porta.

Antes de subir, esperei para ver quem era. Nina entrou em seguida.

— Irmão e cunhada, vim vê-los. Interrompi alguma coisa? — ela falou, agitada como sempre, em seguida deu uma olhada nada discreta para o meu pau que ainda estava duro e caiu na gargalhada. — Irmão, me desculpe por atrapalhar a brincadeira de vocês. Vá tomar um banho frio que passa.

Nina sentou no sofá da sala e, nesse momento, entendi que ela não estava de passagem.

— O que aconteceu, Nina? Por que você está aqui em casa? Achei que seu marido já estivesse em casa também — perguntei, levemente irritado por ela ter interrompido o início da minha foda.

— Eu fugi de casa. Inácio me bateu — ela falou e fez cara de choro.

Em dois segundos eu estava ao lado dela no sofá.

— O que você disse? — falei, levantando seu rosto para que me olhasse, e ela fez beicinho. — Eu vou matar esse desgraçado.

Levantei-me, sentindo meu sangue correr rapidamente nas veias, e Nina segurou meu braço. Quando olhei para ela, eu soube.

— Sua cínica, você está mentindo! Ficou louca? Não brinca com uma porra dessa, que você fica viúva, caralho — falei puto, e ela caiu na gargalhada.

— Você acha mesmo que algum homem ousaria me bater, Lorenzo? Não me subestime, irmão. Eu sou filha de Enzo Esposito. Está tudo bem, Inácio e Vincenzo estão em casa e eu saí fugida, pois queria me deliciar com a comida da Camila novamente. Então, botem mais um prato à mesa, porque eu vim jantar.

— Você não está convidada, principalmente depois dessa brincadeira idiota. — falei para mexer com ela.

— Está sim, cunhada. Venha quando quiser. Aproveite para conhecer Charlotte — Camila falou e chamou a cachorra.

As três começaram a interagir, e eu resolvi subir para tomar meu banho. Minutos depois, quando desci, nós três jantamos juntos. Nina e Camila falando sem parar e eu, quieto. A conversa que tive com Frederico ainda estava na minha cabeça. Saí dos meus pensamentos quando a campainha tocou novamente.

— Deixa que eu vou — falei, mas as duas mal me deram atenção.

Quando abri a porta, me deparei com Inácio segurando Vincenzo no colo.

— Oi, tio *Lorenzo* — meu sobrinho me cumprimentou. Ele era fofo pra caralho.

— Oi, carinha — respondi, pegando-o do colo do meu cunhado

Fomos andando até a cozinha e, no caminho, cumprimentei meu cunhado.

— Boa noite, Inácio, já jantou? — Camila perguntou sorrindo, assim que entramos na cozinha.

— Sim, obrigado. Vim só buscar minha mulher fujona — Inácio respondeu, sentando ao lado de Nina.

— Amor, eu falei pro Lorenzo que fugi para cá porque você me bateu e ele acreditou. Por pouco ele não saiu correndo para te matar — Nina contou, rindo.

— É ela que me bate, Lorenzo. Ultimamente essa mulher anda mais brava do que nunca, só sossega quando eu pego ela de jeito.

— Eu não quero saber, Inácio. Se vocês não me respeitam, pelo menos respeitem a criança — falei, e os sem-vergonha riram.

— Já comi bastante e estou satisfeita, vamos para casa, amor — Nina falou, se levantando.

Minha irmã pegou Vincenzo do meu colo e puxou Inácio pela mão, deixando Camila e eu a sós.

— Eu amo a sua irmã e todas as mulheres da família, mas elas já são casadas, têm filhos e tal... Às vezes sinto falta de ter uma amiga mais como eu, para sair um pouco e me divertir.

— Você também é casada, Camila.

— Mas não tenho filhos. O fato delas terem crianças em casa, torna mais difícil poderem sair comigo.

— Ainda assim, você não pode ter uma vida completamente normal. Sendo minha mulher, é perigoso se expor muito.

— Eu sei, mas não seria nada demais sair para respirar um pouco, ir a um almoço ou ao shopping, sei lá.

— Você não tem nenhuma amiga?

— Eu tinha duas amigas inseparáveis, antes da minha mãe ficar doente, mas depois nos afastamos. Vou ligar para elas e convidá-las para virem aqui.

— Tudo bem, mas elas não devem saber nada sobre a máfia.

Camila

No dia seguinte, depois do almoço, liguei para Pietra, minha amiga de infância e adolescência. Nós éramos inseparáveis até que minha mãe morreu e minha vida virou de pernas para o ar.

— *Alô.* — Ela demorou, mas atendeu.

— Oi, Pietra, é a Camila.

— *Meu Deus, não acredito que é você, sua louca!*

— Já faz tempo, não?!

— *Bota tempo nisso. Por onde você andou? Garota, que saudade!*

— Tanta coisa aconteceu na minha vida, tudo mudou. Você não faz ideia...

— *Podemos nos encontrar? Eu posso ir até sua casa, se você quiser.*

— Eu quero muito te encontrar, na verdade estou ligando justamente para isso. Vou te passar o endereço por mensagem.

— *Você não mora mais com seu pai?*

— Não, eu me casei. Te conto tudo quando nos encontrarmos.

— *Eu não acredito! Camila, sua louca. Você se casou aos 18 anos?* — *ela falou rindo, muito animada.*

Pietra sempre foi a mais louca de nós, e eu adorava essa energia dela.

— Casei e não me arrependo, porque meu marido é um homem maravilhoso, além de muito gostoso.

— *Quero saber de tudooo.*

— Vou te passar o endereço e você vem passar a tarde comigo — falei animada, e ela concordou na hora.

Quando desligamos, fui até a cozinha preparar um lanche enquanto esperava minha amiga. Avisei sobre a chegada dela aos seguranças da portaria e aos que ficavam na minha porta, e fiquei sentada na sala, aguardando-a.

Pouco tempo depois, a campainha tocou e eu já sabia que era ela. Ao abrir a porta, dei um longo abraço na Pietra.

Junto com minha amiga, vieram as recordações da vida fácil e feliz que eu levava, quando ainda tinha minha mãe e uma vida regada a festas e garotos. Quando nos afastamos, ela foi a primeira a falar.

— Amiga, você está um mulherão. Você mudou muito, Camila. Quer dizer, você sempre foi bonita, mas agora está lindíssima.

— Obrigada, Pietra. Você continua tão linda quanto sempre foi. — Retribuí o elogio de forma sincera. — Eu senti saudades.

Fiquei levemente emocionada com esse nosso reencontro e queria aproveitar ao máximo a companhia da minha amiga.

— Vem, vamos sentar.

Fiz sinal para ela me acompanhar e fomos até a sala, onde nos acomodamos. Charlotte estava deitada em sua caminha, de barriguinha para cima e feliz da vida com seus brinquedos.

— Você sumiu, Camila. Tentei entrar em contato depois que sua mãe morreu, mas não consegui.

— Eu me isolei mesmo. Primeiro por causa do luto, depois porque eu sentia muita vergonha da vida que começamos a levar. Meu pai virou um bêbado, totalmente desequilibrado.

— Você não precisava ter vergonha de mim, eu poderia ter te ajudado a passar por isso.

— Já passou — falei e sorri para ela. — Agora eu estou bem, casada e muito feliz.

— E eu estou muito curiosa para saber mais sobre isso. Para começar, você é casada com uma celebridade ou algo assim? Eu nunca vi tantos seguranças em toda minha vida.

— Não, meu marido não é famoso, mas eles têm muito dinheiro, então preferem manter a segurança.

— E como isso aconteceu?

— Eu conheci o Lorenzo aqui na Itália mesmo. Nós viajamos juntos e, quando eu fiz 18 anos, nós nos casamos em Las Vegas — contei, parcialmente, minha história e nós demos boas risadas.

A tarde passou voando e, quando eu percebi, já estava na hora do Lorenzo chegar. Como se estivesse conectado comigo, assim que pensei no meu marido, ele abriu a porta e se espantou ao ver Pietra comigo na sala. É claro que ele sabia da visita dela, pois seus cães de guarda davam o relatório completo de todos os meus passos a ele, mas provavelmente ele não esperava que ela ainda estivesse em nossa casa.

Por um momento, me distraí observando a gostosura dele. Lorenzo estava sem o paletó, como quase todos os dias quando chegava em casa à noite, e com sua calça feita sob medida, que se ajustava perfeitamente ao seu corpo forte, grande e másculo; a camisa de manga estava dobrada até o cotovelo, sem a gravata e com os primeiros botões abertos, e seus cabelos desgrenhados, como quem tinha passado a mão nele várias vezes no dia. *Meu marido é perversamente delicioso!*

Por um momento, esqueci da presença de Pietra na sala. Quando me dei conta disso e olhei em sua direção, vi que ela também babava meu marido. *Sempre foi descarada!*

— Amor, a hora passou tão rápido, nem vi que já estava na hora de você chegar. — Andei até ele, beijei-o e puxei-o pela mão. — Venha conhecer minha amiga. Pietra, esse é meu marido, Lorenzo. Amor, essa é minha amiga descarada, Pietra.

Eu sabia que ela não se incomodaria com o comentário, então aproveitei para dar um toque para ela parar de babar e fechar a boca. Minha amiga riu e esticou a mão para cumprimentá-lo.

— Prazer, Lorenzo.

— Como vai, Pietra?

Lorenzo retribuiu o aperto de mão que recebeu, mas rapidamente se afastou e abraçou minha cintura.

— Estou ótima, principalmente agora que reencontrei essa menina aqui. Bom, vou deixar vocês em paz. Camila, nunca mais suma da minha vida. Lorenzo, foi realmente um prazer te conhecer. — ela falou, se despedindo.

— Eu vou levar você até a porta, amiga. Você vai chamar um táxi?

— Não, eu vim de carro.

Nós nos despedimos, ela foi embora e eu voltei para a sala onde Lorenzo estava encostado na parede, com as mãos no bolso, me olhando.

— O que foi? Está com uma cara estranha.

— Estranha é essa sua amiga. Ela não me parece de confiança.

— Ela é meio piranha, mas é uma garota legal. Eu que não gostei dela babando em você.

— Não se preocupe, ela não tem a menor chance — ele falou, sem dar importância.

Lorenzo já estava acostumado com o assédio das mulheres, claro.

— Pietra é muito bonita, não sei se posso confiar — falei, brincando.

Eu realmente não confiava nela, mas confiava de olhos fechados nele.

— Ela não é você, então, não se preocupe!

Meu marido começou a sair da sala, mas antes se abaixou e passou a mão na cabecinha de Charlotte, que abanou o rabinho para ele.

— Amor, eu acabei não preparando o jantar por causa da visita de Pietra. Podemos jantar na casa da sua mãe?

— Eu tenho uma ideia melhor. Vou tomar banho e te levar para jantar.

— Ideia *muito* melhor! — Aproximei-me dele e o beijei.

Charlotte começou a latir com ciúmes do pai, eu ri e me afastei dele.

— Vamos tomar banho juntos, então.

— Ótima ideia, mas vamos deixar a cachorra aqui embaixo. Ela é uma pequena ciumenta e empata-foda, não quero levar uma mordida na canela quando você gritar no meu pau — Lorenzo falou, e eu ri.

Capítulo 25

Camila

Lorenzo me levou ao restaurante mais badalado da Itália. Eu amava aquele lugar, pois tinha ido lá muitas vezes quando minha mãe era viva. Aquele era nosso restaurante favorito. Eu já tinha comentado isso com Lorenzo, em uma das nossas muitas conversas, por isso não sei se ele lembrou ou era só uma coincidência.

Assim que entramos, o *maître* nos recebeu e nos indicou a mesa. Enquanto caminhava, senti a mão enorme de Lorenzo na base das minhas costas, um toque sempre firme e possessivo. Eu amava isso, me sentia aquecida e protegida.

— Eu amo esse restaurante — falei animada, assim que nos sentamos.

— Eu sei, é por isso que estamos aqui. Eu estaria mais tranquilo em algum dos restaurantes da família, mas como você disse que esse era o seu favorito, eu quis te fazer esse mimo.

— Obrigada, amor, você é o melhor.

— Eu sei disso também — ele falou e piscou para mim, cheio de charme.

Como sempre, eu me derreti por aquele jeito galanteador do meu marido.

— Está gostando da faculdade? — ele perguntou, assim que fizemos nossos pedidos.

Minhas aulas tinham começado há apenas uma semana, mas já dava pra sentir o quanto aquela experiência iria me fazer feliz.

— Estou adorando, eu sempre quis estudar e gosto muito de ler.

— Então, eu serei marido de uma advogada e genro de um juiz. Que ironia!

— Só vejo vantagens para você, pois terá uma advogada fodona à disposição.

— Isso é verdade — ele respondeu rindo.

— O que você achou de Pietra? — perguntei, trazendo o assunto de volta.

— Não achei nada, ela não faz diferença para mim.

— Você já está acostumado com mulheres quase tirando a calcinha quando te veem, não é? — perguntei, em tom de brincadeira, mas ele não riu, apenas ficou me olhando atentamente.

— Se isso está te incomodando, tire-a novamente da sua vida, afinal ela claramente não é sua amiga — ele disse.

— A Camila bobinha, adolescente inocente, achava que era, agora eu percebo que não é. Eu percebi o olhar dela para você e aquilo me incomodou, mas desde que ela não avance o sinal, eu vou levando porque a companhia dela ainda é divertida — falei, sincera. — Você não a encontrará mais lá em casa, nem deveria ter encontrado hoje, foi um descuido. Tinha muito tempo que não nos víamos, então o assunto rendeu e não vi a hora passar.

— Em relação a mim, não precisa se preocupar.

— Se você desse abertura, então ela poderia ficar com você para ela... Depois que eu desse uma boa surra nela, é claro.

— Não esperava menos de você — ele falou, sorrindo, e deu um gole na taça de vinho que o garçom havia nos servido.

Lorenzo

O final de semana chegou e eu fiquei satisfeito de poder ficar um pouco em casa, já que cheguei tarde todos os dias naquela semana por causa dos problemas com alguns compradores e cargas. Sempre tinha algum filho da puta pra nos irritar, dessa vez estavam vendendo coca de péssima qualidade em nosso nome. *Essa porra tem que acabar.*

Eu estava tenso, na verdade, todos nós estávamos. As coisas saíram um pouco de controle, pois a Rússia estava tentando foder a Cosa Nostra mais uma vez e nós sabíamos que estávamos perto de entrar em uma guerra. Durante muito tempo, conseguimos evitar o confronto, mas as coisas estavam tomando um rumo perigoso. Nós não podíamos permitir que eles continuassem nos afrontando e, para isso, nós os enfrentaríamos.

Era só uma questão de tempo até a guerra começar, então estávamos nos preparando. Pietro contratou novos soldados, vindos de Atlanta, Calábria, Nova Iorque, Las Vegas e Albânia. Tínhamos que reforçar a segurança no complexo e preparar nossos homens para a batalha, porém isso nos deixou tensos, porque sempre no meio de novos soldados, poderiam vir ratos traidores. Era cansativo e estressante pra caralho.

Depois que me casei, consegui entender um pouco mais o comportamento dos homens da minha família. O peso que carregávamos era muito maior, porque sabíamos que o inimigo era covarde e iria direto nas nossas fraquezas, ou seja, nossa família. Estávamos todos neuróticos e a guerra ainda nem tinha começado.



Quando levantei da cama, Camila já não estava mais, pois foi à sua aula de direção, lá mesmo no complexo. Ela estava empenhada em aprender a dirigir e, na medida do possível, eu não queria privá-la de nada que ela tivesse vontade de fazer.

Tomei um banho rápido, vesti uma roupa e saí de casa à procura da minha mulher. Ela estava fazendo baliza a alguns metros de casa, sob o olhar atento de Dimitri que, ciente do problema que estava se aproximando, olhava tudo de perto, como um cão feroz. Aquilo era exatamente o que eu queria e esperava dele.

Camila ganhou o respeito e a lealdade do meu soldado. Ela dava muito trabalho a ele e, ainda assim, ele meio que gostava dela. Dimitri era um cara bruto, sem nenhum tato e que não gostava de muita conversa, mas levava muito a sério o seu trabalho e eu sabia que ele protegeria minha esposa com sua própria vida, se fosse necessário.

— Como ela está indo? — perguntei, quando me aproximei dele.

— Está indo bem, chefe. Ela aprende com facilidade.

— O instrutor é paciente e respeitoso com ela?

Eu não conseguia acompanhar as aulas durante a semana, mas Dimitri me passava todo o relatório. Tive que mexer meus pauzinhos para que ela tivesse aulas dentro do complexo, pois não queria a Camila exposta na rua, mesmo cercada de segurança, afinal em público o risco era muito maior. O instrutor foi escolhido a dedo, mas ainda assim eu não confiava.

— É sim, chefe. E eu estou sempre de olho — Dimitri respondeu, sem me olhar.

Continuamos acompanhando a aula, até que meu pai se aproximou com Vincenzo.

— Bom dia, pai — cumprimentei-o e, em seguida, falei com meu sobrinho: — Oi, garotão.

— Bom dia, filho — meu pai respondeu, mas Vincenzo não me deu muita confiança.

Era incrível, o moleque era idêntico a Nina quando estava enraivado. Ele era a cara do Inácio, mas tinha o gênio igual ao da mãe.

— Por que essa criança está emburrada?

— Ele quer a mãe, mas sua irmã não está se sentindo bem, então ele veio dar uma volta com o vovô — Meu pai falou, dando um beijo no neto.

Vincenzo se agarrou ainda mais ao pescoço do meu pai e deitou a cabecinha em seu ombro.

— O que a Nina tem? — perguntei.

— Essas merdas de mulher, acho que está no período dela do mês.

— Coitado do Inácio. Não sei como ele aguenta a minha irmã. Acredita que esses dias ela inventou para mim que ele tinha batido nela?

— Não gosto de ouvir isso nem de brincadeira. A Nina não é fácil — meu pai falou e acabou rindo.

— Não sei o que fiz para merecer, mas sou um dos preferidos de Deus, pois minha mulher não tem TPM. Ela até fica meio nervosa, às vezes, mas é só eu dar comida que ela melhora — falei rindo.

Antes que falássemos mais alguma coisa, Camila terminou a aula, desceu do carro e veio andando na minha direção.

— Bom dia, amor. Bom dia, meu sogro — ela nos cumprimentou, sorrindo, linda pra caralho.

— Bom dia — meu pai respondeu.

Ao invés de falar, eu a segurei pela cintura, puxei seu corpo para mim, dei um beijo em sua testa e ela me abraçou.

— E aí, como acha que está se saindo? — perguntei.

— Não é tão difícil quanto eu imaginei, estou indo bem — ela respondeu, antes de apontar algumas pessoas a uns metros de nós. — Olha lá, a Maria Eduarda tomando sol com o Ethan e as gêmeas. Vamos até lá.

Camila me puxou pela mão em direção a eles, então meu pai também resolveu ir para Vincenzo se distrair com as primas.

— Tio *Lorenzo* — elas gritaram, assim que me viram.

— Oi, bonecas.

— Chegou o primo mais bonito da família — Raphael falou sorrindo, chegando logo depois de nós.

— Você sabe que não é! Eu nunca me gabei de ser o Esposito mais bonito da família, embora eu seja, graças a Deus — falei, entrando na brincadeira, e eles riram.

— No dia que você tiver filho, vai ser, e não só da família. Quer ver? — ele disse e se virou para uma das gêmeas. — Raphaella, quem é o homem mais bonito do mundo? — ele perguntou para a filha, que olhou para ele sorrindo.

— É você, papai!

— Viu?

Raphael pegou a garota no colo e a encheu de beijos. Ele era um paizão, e eu me orgulhava do meu primo.

O sábado foi tranquilo e passamos o dia em família no complexo. Nós fazíamos o possível para não levar as merdas para casa e, naquele dia, nada tirou nossa paz, até que chegou a noite.

Eu estava no meu escritório, concentrado na tela do computador, quando um furacão escancarou a porta e entrou me assustando. Camila nunca batia na porta e sempre entrava igual a um foguete. Até pouco tempo atrás, eu morava sozinho, então não estava acostumado com essas invasões, no entanto, por ser ela, eu não me importava.

Minha mulher correu em minha direção, puxou minha cadeira e sentou no meu colo, toda animada.

— Amor, nós vamos sair!

— Eu não sabia. Posso saber para onde vamos?

— Vamos sair para dançar, beber, comemorar, ser feliz...

— Achei que você tinha dito que ia estudar hoje.

— Eu estava estudando, mas Pietra me ligou convidando, e eu me animei.

— Pietra, hein?! Eu preferia ficar em casa com você.

— Engraçado, quando era solteiro, você vivia em boates, às vezes até durante a semana. Agora, comigo, adora ficar em casa.

— Pois é, se eu tenho você aqui comigo, as noites na rua não são tão atrativas quanto antes — respondi sincero.

— Eu também amo ficar com você em qualquer lugar, mas sair um pouco também é bom. Vamos?! Chama algum colega seu, vai ser legal.

— Meus colegas sempre estão lá, não preciso chamar — respondi. — Tudo bem, Camila, se é isso que você quer, vamos sair.

Mesmo sem a menor vontade, resolvi dar isso à minha mulher, já que ela não saía para lugar nenhum durante a semana.

Camila

Chegamos a uma das boates dos Esposito às 21h. Lorenzo não se recusou a ir, mas parecia meio tenso, aliás, ultimamente ele andava muito tenso. Ele chegava tarde do trabalho, nós jantávamos, depois íamos para a cama, conversávamos um pouco e fazíamos muito sexo, mais do que o habitual.

Lorenzo era como eu, gostava de usar o sexo para relaxar e se distrair e, ultimamente, eu sentia que ele vinha precisando mais do que nunca. Ele não me falou o que estava acontecendo e eu não o pressionei, porque sabia que na hora certa iríamos conversar.

Entramos na boate sob cumprimentos dos conhecidos do meu marido e fomos direto para o camarote mais reservado, onde encontramos alguns de seus colegas. Quando Lorenzo entrou no lugar, os rapazes vieram logo ao nosso encontro.

— Cara, você sumiu. Que bom te ver — um dos meninos falou, empolgado, apertando a mão de Lorenzo.

— Pois é, eu andei ocupado — ele respondeu. — Pessoal, essa é a minha esposa, Camila.

Percebi que todos me olharam espantados. Ninguém sabia que Lorenzo havia se casado e também não sabia quem eu era.

— Amor, esses são Alessandro, Luigi, Dante, Antonella, Paola, Kiara e Milena.

— Esposa? Cacete, os homens da sua família são estranhos, do nada aparecem casados. Primeiro, Raphael, agora você. Qual é o problema de vocês? — a tal Milene falou indignada.

Essa é, provavelmente, a venenosa do grupo. Sempre tem uma. Naquele momento, lembrei de ficar de olho nela.

— Não temos problema nenhum, apenas não perdemos tempo. Quando encontramos a mulher perfeita, a gente casa e

pronto — Lorenzo respondeu, meio impaciente com a garota.

— Então, parabéns, parceiro. Muito linda sua mulher — Alessandro falou rindo, e Lorenzo agradeceu, mas sem achar muita graça.

Meu marido parecia estar meio impaciente, então tirou logo nosso casamento da pauta. Nós sentamos com os amigos dele e falamos de assuntos aleatórios. Antonella, Paola e Kiara pareciam legais, só a tal da Milena que ficava me olhando com cara de inveja, mas eu resolvi ignorar.

Meu telefone vibrou com uma mensagem da Pietra, avisando que havia chegado. Fiz menção de levantar para ir encontrá-la, mas Lorenzo me segurou.

— Onde você vai? — ele perguntou.

— Pietra chegou, eu vou buscá-la na entrada.

— Não vai não, deixa que ela venha até aqui. Diga que estamos no camarote Boss e ela vai nos achar.

— Lorenzo, eu só vou buscá-la e volto, vai ser mais rápido — argumentei.

— Camila...

Ele não falou mais nada, mas o tom que usou para pronunciar meu nome deixou claro que ele já havia decidido e não estava aberto a discussões. Fiquei com raiva, mas não discuti e me segurei para não fazer birra. Assenti e mandei uma mensagem para minha amiga.

Lorenzo andava mais neurótico ultimamente. Depois que ele percebeu que eu ficaria, voltou a conversar com os caras e eu fiquei quieta para controlar minha raiva. Pietra logo entrou no camarote, veio até mim, e nós nos abraçamos. Meu marido a cumprimentou com um seco aceno de cabeça e não fez menção de apresentá-la aos outros, então eu o fiz. *Pelo visto ele realmente não gostou dela.*

Pietra, como sempre muito comunicativa, logo se enturmou com os outros e nós engatamos uma conversa com as meninas; Milena falava pouco, mas observava muito, e eu continuei a ignorá-la.

Todos estavam bebendo muito — alguns, inclusive, pra lá de bêbados, principalmente Pietra —, mas percebi que Lorenzo pediu um uísque e enrolou, com o mesmo copo, há bastante tempo. Eu estava um pouco mais alegre que o habitual, mas me mantive sóbria, porque a tensão de Lorenzo me deixou apreensiva.

Algumas vezes, enquanto estava conversando com as meninas, flagrei o Alessandro me olhando e vi que Lorenzo também percebeu, pois quando eu olhava para o meu marido, ele estava encarando, furiosamente, o cara. A cada copo que Alessandro bebia, ficava mais indiscreto nos olhares e isso começou a me incomodar. Fiquei com medo de que aquilo terminasse mal, pois Lorenzo o fulminava com os olhos, e o cara não se dava conta.

As meninas se levantaram e me chamaram para dançar, então achei que era uma boa oportunidade para sair dali e evitar um problema. O camarote não estava muito cheio, além do nosso grupo, tinha só mais umas cinco pessoas, que eram conhecidas dos meninos, mas não estavam com a gente.

Começamos a dançar e eu esqueci de tudo. Eu amava dançar.

Lorenzo

Precisei de poucos minutos na boate para perceber que não sou o mesmo homem de antes. Eu não me sentia mais no meu ambiente, como costumava ser.

Ninguém ali era meu amigo, mas já nos conhecíamos há alguns anos e, embora eles não soubessem sobre minha vida na máfia, eu sempre fui um cara estourado e eles sabiam disso.

Nunca tivemos atritos por causa de mulher. Nenhum de nós, na verdade, nunca se importou em pegar uma mesma mulher em uma noite ou até dividir. Se estava tudo bem para elas, nós não íamos nos opor, mas todos eles, em algum momento, tiveram namoradas e respeitávamos isso. No entanto, Alessandro estava testando minha paciência naquele dia. *Esse cara só pode estar ficando louco.*

Eu não gostei quando ele elogiou a Camila quando chegamos, porque não foi um elogio inocente e, depois, ele ficou admirando, descaradamente. Minha mulher era uma tentação do caralho com aquele rostinho e sorriso de boneca, aquele corpo esculpido pelo capeta para atentar o juízo de qualquer homem... uma combinação extremamente perigosa. Não era qualquer um que resistia, principalmente depois de beber. *Eu estou a um segundo de me descontrolar com ele.*

As meninas estavam dançando mais à frente, e o desgraçado não parava de olhar para a minha mulher. Dante já tinha percebido a situação e estava tenso porque sabia que ia dar merda, apesar de Alessandro ser primo dele.

Alessandro, de repente, se levantou e foi andando na direção das meninas; eu também me levantei. Antes que ele chegasse nelas, Camila o viu se aproximando, parou de dançar e veio até mim. Quando chegou perto, minha mulher me abraçou e me beijou

apaixonadamente. Ela era esperta, já me conhecia e estava tentando me acalmar. Retribuí seu beijo, mas a tensão não foi embora.

— Acho melhor encerrarmos a noite — falei, e ela assentiu.

Pietra caminhou em nossa direção, ainda balançando o corpo no ritmo da música.

— Ei, Camila, vamos continuar dançando — ela chamou animada.

— Não, nós já vamos embora — Camila respondeu.

— Eu não acredito! Eu acabei de chegar, não faz isso comigo. Fica só mais um pouquinho, por favor — ela pediu.

Camila me olhou com um olhar pidão, e eu percebi que ela também queria ficar. Então, mesmo contra minha vontade, assenti.

Capítulo 26

Lorenzo

Alessandro voltou pro seu lugar e se sentou perto dos caras, enquanto Pietra puxou Camila para dançar e ela foi. Dante sentou ao meu lado, assim que Camila saiu, e iniciou uma conversa.

— E aí, cara, como está sendo a experiência com o casamento?

Percebi que ele queria me distrair do filho da puta do primo dele, que ainda estava dando umas olhadas para as meninas, porém um pouco mais discreto. Dante estava tentando apaziguar, não por maldade, mas para evitar confusão; ele sempre foi assim.

— Casar é bom se você encontra a mulher certa — respondi, sem deixar de prestar atenção em tudo ao meu redor.

— Vocês se conhecem há muito tempo?

— Não. Nós nos conhecemos aqui na cidade, viajamos juntos e acabamos nos casando em Las Vegas.

Dante deu uma gargalhada, chamando atenção dos outros, e eu acabei rindo também.

— Gente, o Lorenzo se casou em Las Vegas — ele falou para as outras pessoas ouvirem. — É muito a sua cara mesmo.

Dante justificou sua gargalhada, os caras riram também e continuaram bebendo e observando o camarote.

— Você está feliz, cara? Parece tenso e diferente, nem quis beber hoje.

— Isso não tem nada a ver com meu casamento, pelo contrário, é ela quem me mantém. Eu só estou com alguns problemas no trabalho — respondi. — Chega uma hora que as

prioridades mudam para todo mundo, nossa visão do mundo e da vida se modifica e as responsabilidades se acumulam.

— Entendi. Cara, é impressão minha ou a amiga da sua mulher está te dando mole? — Dante perguntou espantado.

Não era impressão dele, Pietra aproveitou a distração de Camila e estava se insinuando para mim, descaradamente. Ela me olhava, dançava, rebojava e fazia caras e bocas que não tinham nada de sexy e não me atraíam nem um pouco. Para mim, ela era menos que nada e não despertava nenhum interesse em mim, aliás, depois que me casei, nenhuma outra mulher me interessou.

O Lorenzo de antes, mesmo sem achar a garota atraente, entraria no jogo e, até o final da noite, estaria transando com ela no banheiro. O atual só queria ir para casa, lamber o corpo inteiro da mulher e depois se enterrar nela, na única que amava e que era só dele.

De repente, Alessandro levantou novamente e foi dançar com Pietra. Eu me levantei e Dante acompanhou. Esperei para ver se Camila vinha para mim, como na outra vez, mas ela estava distraída dançando com Kiara e nem viu o cara se aproximar. Ele e Pietra começaram a dançar, e eu fiquei observando-os. *Será ótimo se ele a pegar, resolverá dois problemas e terminará a noite comendo alguém, ao invés de com a cara arrebitada.*

Eles dançaram juntos por alguns segundos, até que Camila se virou e notou a proximidade dele. Na mesma hora, nossos olhares se cruzaram, ela viu que eu estava atento e, provavelmente, viria novamente para mim, mas antes que ela saísse do lugar, Alessandro a puxou para perto dele, sorrindo e dançando. O bastardo segurou na cintura da minha mulher, mesmo ela tentando se esquivar, e Pietra sorriu, incentivando.

Em segundos, cheguei até onde eles estavam e uma ira insana tomou conta de mim, talvez pela pressão dos últimos dias. Eu estava completamente desgovernado. Nem conversei e já empurrei Alessandro para que soltasse a Camila. Levei meu punho, violentamente, até seu rosto e ele caiu no chão. Eu o levantei,

deixando-o cara a cara comigo, e em poucos instantes Dante e Luigi já estavam perto, tentando me segurar.

— Ficou maluco, porra? Quer morrer? Está dando em cima da minha mulher na minha cara, seu merda!

— Eu só estava dançando com ela, cara. — Ele tentou se defender.

— Dançando é o caralho! Você está comendo minha mulher com os olhos desde que chegamos. Acha que eu sou idiota?

— Não foi minha intenção — ele respondeu, passando a mão no nariz ensanguentado.

Meu punho já estava fechado, pronto para socá-lo novamente. Eu conhecia Alessandro há anos, mas isso não iria me parar porque ele ultrapassou os limites.

— Lorenzo, larga ele, cara. Está tudo bem, ele não vai fazer outra vez — Dante falou, tentando amenizar as coisas.

— Amor, vamos embora — Camila me chamou.

Eu estava tentando controlar a fúria dentro de mim, porque minha vontade era socá-lo até deixá-lo desacordado ou até matá-lo. Ele não me conhecia e mexeu com a mulher errada.

— Nunca mais faça uma porra dessa. Você não sabe a força que estou fazendo para não acabar com você agora, seu babaca de merda.

Soltei-o, peguei a mão de Camila e saí de lá sem olhar para trás. Meus soldados me seguiram e, no estacionamento, eu abri a porta do carro para minha mulher entrar, dei a volta e entrei também. Saí de lá cantando pneus, irado pra caralho, e os soldados vieram no carro atrás.

— Lorenzo, não precisa ficar assim, não foi nada — Camila falou.

— “Não foi nada” é o caralho. Ele está pensando que eu sou algum idiota? Como ele ousa flertar com você bem diante do meu nariz? Ele deu sorte que eu não o matei, mas eu queria muito.

— Toda vez que a gente sai de casa alguma coisa acontece.

— Eu não queria vir porque sabia que ia acabar acontecendo alguma merda. Você é tentadora demais, então esse tipo de coisa sempre vai acontecer, porque tem sempre um babaca escroto, nesses lugares, achando que pode fazer o que der na telha.

— Não tenho culpa se vocês, homens, não conseguem controlar a porra dos seus hormônios.

— A culpa não é sua, eu não disse isso. Você falou que sempre que a gente sai acontece alguma merda, então eu te dei um exemplo. Essas coisas acontecem em lugares onde as pessoas vão, exclusivamente, pensando em sexo. Os caras bebem, perdem a noção e acaba acontecendo merda. É isso, a culpa não é sua.

— Por que você anda tão tenso ultimamente? — ela perguntou, mudando de assunto.

— Falar sobre isso agora só vai piorar as coisas, outra hora a gente conversa.

— Eu não gosto de ficar no escuro.

— Você não vai, só não quero conversar agora.

Ela cruzou os braços emburrada, olhando para frente. Eu não me importei, porque só queria mesmo esquecer toda essa merda por uma noite.



No domingo, passamos o dia em paz. Almoçamos na casa do tio Matheo com toda família, à tarde levei Camila para treinar defesa pessoal na academia do complexo, depois ela fez aula de tiro e, à noite, ficamos em casa, sem tocarmos no assunto da noite anterior.

Na segunda-feira, começamos o dia agitados na empresa. Descobrimos um laboratório clandestino de coca, aqui mesmo na Itália. *Eles estão fabricando a droga falsa bem debaixo do nosso nariz, porra!* Aquilo era uma afronta do caralho, mas nós íamos acabar com a festa deles, por isso passamos a manhã inteira traçando nossos planos.

Eu tinha acabado de almoçar quando bateram à minha porta. Mandeí entrar e era Carlotta, minha secretária.

— Com licença, senhor, tem uma mulher aí fora insistindo em falar com o senhor, mas ela não tem hora marcada. Ela se chama Pietra, disse que é amiga da sua mulher.

Era só o que me faltava. Eu ia acabar com aquela palhaçada o quanto antes.

— Pode mandar entrar, Carlotta.

— Sim, senhor.

A secretária pediu licença para se retirar e, logo depois, Pietra entrou, toda sorridente. Eu estava sentado e permaneci na mesma posição.

— Como vai, Lorenzo? Eu estava passando aqui em frente e resolvi fazer uma visitinha para saber como você está.

— Eu estou ótimo. Por que o interesse? — falei grosso, e ela riu sem graça.

— Interesse nenhum, eu só queria saber se estava tudo bem depois do incidente na boate...

— Você deveria ter ligado para sua amiga, não vindo aqui. Eu não sou seu amigo, Pietra.

A garota ameaçou perder a pose, mas logo se recompôs. *Ela é perigosa.*

— Nossa, por que você sempre fica tão na defensiva? Eu não sou uma inimiga, vim com boas intenções apenas para te alertar. A Camila é meio bobinha às vezes. Ela se acha esperta, mas é inocente. Ontem, por exemplo, ela deveria ter tido mais postura e cortado logo o mal pela raiz, assim você não precisaria ter se metido. Eu vou conversar com ela depois, tentar dar uns toques, até para evitar problemas entre vocês, mas ela ainda é muito infantil, muito menininha para dar conta de um homem tão intenso como você...

— Antes de me casar, eu me formei em putaria e tenho experiência em reconhecer uma puta barata como você, de longe — falei, sem deixar ela terminar o que quer que fosse dizer.

Que garota burra! Ela achou que ia passar uma conversa em mim e me colocar contra minha mulher para, em seguida, dar o bote... inacreditável. Eu me levantei da cadeira de forma brusca, assustando-a, me aproximei da cadeira onde ela havia se sentado sem ser convidada e falei em um tom calmo:

— Não ouse falar da Camila. Você tem razão em dizer que ela é inocente, mas é uma das coisas que amo nela: não ser ardilosa como você. Some da nossa vida, garota, porque você não merece estar perto dela. Você achou mesmo que ia me seduzir com esse seu papinho?

Eu vi que Pietra me olhava ontem enquanto dançava e, desde a primeira vez que a vi, percebi que não prestava. Camila também percebeu, mas não levou tão a sério, pois sabe que pode confiar em mim.

— A única coisa que você conseguiu despertar em mim foi nojo. Agora, vá embora daqui e nunca mais se aproxima de mim e da minha mulher.

Ela ficou me olhando chocada, pálida e com os olhos arregalados. Estava acostumada a lidar com moleques, não imaginava com quem estava se metendo.

— Some daqui, porra! — falei, mais enfático, ao perceber que ela não fez menção de se levantar.

Só então, Pietra pareceu se ligar de que eu não estava para conversinha. Ela se levantou, imediatamente, e saiu correndo.



Fui o último a chegar à sala do Pietro para a reunião, e o clima já estava tenso no ambiente.

— Eles montaram um laboratório no nosso território, estão debochando de nós! Eles trabalham à noite, então hoje vamos explodir tudo com quem estiver dentro — Pietro falou. — Eles vão querer retaliar, então entraremos em guerra. Hoje chegam 80 soldados novos. Vamos triplicar a segurança do complexo e a nossa

também. As mulheres e crianças não devem sair de casa até segunda ordem.

Nosso capo olhou sério para mim, para Raphael e Inácio, antes de continuar a falar.

— E vocês, principalmente — ele falou, apontando para nós três. —, segurem suas mulheres em casa, porque a última coisa de que precisamos agora é a porra de um sequestro para lidar.

Pietro tinha razão, afinal as três eram as mais rebeldes e escorregadias. Nenhum de nós gostou de ouvir aquilo, no entanto Raphael foi o único a se manifestar.

— Maria Eduarda está de resguardo e meu filho está muito novinho ainda, então eles só saem para a consulta de revisão.

— Nem para o médico, Raphael. Levamos o médico até nossas casas se for necessário. Estou falando para o bem de todos — meu primo falou enfático, nos olhando firme, e nós assentimos.

Passamos a tarde lidando com o mesmo assunto, de tal maneira que eu já estava com uma dor de cabeça do caralho. A explosão aconteceria naquele mesmo dia, mas nenhum de nós estaria lá. Durante o dia, o lugar era vigiado apenas por câmeras, então nossos *hackers* manipularam as imagens para que ninguém notasse que implantamos as bombas mais cedo.

Saímos da empresa mais cedo e fomos para casa, de onde controlaríamos toda a ação. Queríamos estar com nossas mulheres quando tudo acontecesse, nos sentiríamos mais seguros assim.

Camila estava na sala estudando, eu estava no meu escritório esperando o momento em que tudo aconteceria e Charlotte se dividia entre nós dois. Nossa filha, como Camila costuma chamar, ia ao escritório para me olhar, depois voltava para a sala para fazer companhia à minha mulher. Em umas dessas andanças de Charlotte, a campainha da minha casa tocou e eu fui atender.

Estranhei ao me deparar com Dimitri àquela hora. Sabia que alguma coisa tinha acontecido, por isso mandei ele entrar e fomos para o meu escritório.

— O que aconteceu?

— Luciano me ligou agora para dizer que o pai de Giovanni foi assassinado. Tudo indica que foi um moto clube rival que o matou durante uma viagem que ele fazia com alguns membros. O corpo chega amanhã à Itália.

Eu tinha mandado Dimitri colocar um homem de olho em Giovanni, pois eu não confiava nele e preferia ficar atento.

— Certo. Mande Luciano continuar de olho neles e qualquer novidade me informe. Outra coisa, mais tarde eu vou comunicar à Camila que ela está proibida de sair de casa sem a minha ordem, seja por qual motivo for. Como você já sabe, estamos em guerra, então espero que você não a deixe te enrolar outra vez. Não me decepcione, Dimitri.

— Claro que não, senhor.

— Ótimo! Agora, pode ir.

Quando Dimitri saiu do escritório, eu tranquei a porta e conectei meu computador às câmeras que tinham sido, estrategicamente, instaladas no laboratório construído pela Bratva. Através dessas imagens, nós poderíamos ver como tudo aconteceria. Vi o movimento em que alguns carros chegaram, mas os vidros eram tão escuros que tornaram impossível identificar qualquer rosto.

No momento marcado, houve uma enorme explosão e tudo foi para o ar. Uma das nossas câmeras parou de funcionar com o impacto da explosão, mas as outras registraram tudo. Não sobrou nada.

O incêndio, com certeza, chamaria a atenção dos federais, mas como os russos eram os responsáveis pelo laboratório, a merda iria para a conta deles. Nós já tínhamos garantido que tudo fosse visto como um acidente, então depois era se preparar para a retaliação dos malditos russos.

Capítulo 27

Lorenzo

Quando saí do escritório, Camila ainda estava sentada no chão da sala estudando. Com as pernas cruzadas e rodeadas por algumas folhas espalhadas, minha mulher apoiou o lápis na boca, concentrando-se na leitura de um livro enquanto Charlotte, deitada perto dela, mastigava uma borracha.

— Você já viu sua adorável cachorra comendo sua borracha?
— falei rindo.

— Charlotte, não pode comer a borracha da mamãe. É feio. Só pode comer as meias do papai — ela repreendeu a cachorra, rindo.

— Engraçadinha. Estou com fome, você não fez o jantar, não é?

— Não, amor, perdi a hora estudando. Faz você — ela respondeu e deu de ombros.

— Eu até faria um jantar especial, se soubesse cozinhar, mas eu mal me viro com um sanduíche. Espera, vou fazer um para a gente — falei. — Minha mãe ficou de arrumar uma pessoa para trabalhar aqui e acabou não arrumando, né?

— Ela chamou a Anita, mas eu a deixei para o meu pai. Eu não me incomodo de cozinhar, mas hoje não tive tempo.

— Tudo bem — eu disse, dando a volta para me sentar no sofá. — Eu queria conversar com você quando acabar seus estudos.

— Pode falar, estou mesmo precisando respirar — ela respondeu, se levantando do chão e sentando ao meu lado para me

dar atenção.

— Nós tivemos problemas com a máfia russa, Bratva, e estamos em guerra. Camila, eu preciso que você fique em casa. Você não deve sair para nada e não tente enrolar o Dimitri, porque é muito arriscado.

— E você?

— Eu o quê?

— Você vai sair?

— Claro que vou. Nós precisamos enfrentá-los.

— Mas é perigoso, Lorenzo.

— Camila, essa é minha vida. Eu estou acostumado, não é a primeira vez e nem será a última, então não se preocupe com isso. A única coisa que eu te peço é que fique em casa para que eu tenha paz. Eu preciso estar com a cabeça tranquila, não posso me distrair nesse momento. Então, por favor, colabore. Não apronte nada e nós ficaremos bem.

— Tudo bem, eu vou ficar em casa, quietinha.

Minha mulher arrastou o corpo pelo sofá e se sentou no meu colo, colocando uma perna em cada lado meu.

— Você vai ser uma boa menina, não vai?

— O que eu vou ganhar se eu for?

— Quando eu chegar em casa e te encontrar segura e comportada, você terá tudo o que quiser.

— Qualquer coisa? — ela perguntou, safada.

— Você é perigosa...

— Está com medo de uma garotinha, Lorenzo Esposito?

— Você não tem nada de garotinha, Camila Esposito. Você me seduziu e se aproveitou de mim até conseguir o que queria... você me levou ao limite. Não tive a menor chance contra o seu feitiço, eu fiquei maluco. Você quis e me pegou. Você entrou no meu carro, depois na minha casa, na minha mente e, por fim, no meu coração.

Ela deu uma gargalhada gostosa e, no processo, se esfregou no meu pau. *Safada!*

— Pobrezinho — ela falou, fazendo biquinho, e me beijou.

Imediatamente, segurei em sua bunda deliciosa e puxei-a mais para mim. Mesmo eu de calça e ela de short, era possível sentir o calor da sua boceta no meu pau. Levantei sua blusa, encontrei seus seios empinados sem sutiã, e coloquei um deles na boca; ela gemeu gostoso. Tirei sua blusa toda e fiquei mamando em seus seios, alternando entre massageá-los e chupá-los, enquanto ela rebojava no meu pau.

Nosso contato foi me deixando maluco, eu precisava sentir seu gosto de verdade. Joguei-a no sofá, arranquei seu short junto com a calcinha e, sem que eu precisasse pedir, ela arreganhou as pernas para mim. Salivando, fui direto para sua boceta perfeita e lambi suas dobras meladas, deliciosas. Camila gemeu alto. Chupei-a até que ela gozou na minha boca.

Levantei meu corpo, tirei meu pau da calça e entrei nela de uma vez só, me enterrando até o talo e estocando com necessidade. Nós dois gememos com a sensação. Minha mulher era quente, apertada e molhada pra caralho, e me deixava insano. Continuei socando meu pau nela até sentir que ela ia gozar novamente, então me deixei levar e gozamos juntos.

Enquanto nossas respirações se estabilizavam, percebi que toda a tensão do meu dia de merda tinha ido embora. Até lembrei da visita de Pietra e quis contar tudo à minha mulher, mas não quis estragar nosso momento.

Camila

Na manhã seguinte, eu sequer vi quando Lorenzo saiu, pois estava com o sono muito pesado. A situação com a Rússia devia estar realmente muito séria, porque quando meu marido ficava mais tenso e preocupado, ele precisava ainda mais de mim. No dia anterior, depois da nossa rapidinha no sofá, nós transamos mais duas vezes, uma delas com direito a sexo anal e tudo mais. O homem estava insaciável, e eu não podia reclamar, porque nunca tinha o bastante dele. Eu também sempre queria mais.

Levantei, tomei banho e desci para comer, estava faminta. Enquanto tomava café, meu celular tocou. Era meu pai. Ele tem me ligado desde o dia seguinte ao que estive em sua casa e, apesar de eu não atender, ele não desistia. Suspirei, cansada de toda essa merda, e resolvi atendê-lo, não adiantava ficar fugindo.

— Alô.

— Filha, graças a Deus você me atendeu. Eu preciso te ver, conversar com você...

— Pai, eu preciso de um tempo, não quero ver o senhor por enquanto. Essa sua insistência de me separar do Lorenzo só vai me afastar mais e mais de você.

— Camila, me escute. Eu não vou mais tentar te separar dele. Eu já entendi que, se eu não aceitar, você vai escolhê-lo, então eu aceito.

— O senhor está certo. Se minha única opção for escolher um de vocês, eu escolho meu marido, pois ele nunca me deixou desamparada. Além disso, não acredito que o senhor tenha aceitado assim, tão fácil.

— Não foi nada fácil, aliás, não é fácil... Estou passando por cima de muita coisa para aceitar esse casamento, mas você não vai

deixá-lo, então eu respeito a sua decisão.

— Fico feliz que finalmente o senhor tenha entendido, mas por enquanto prefiro manter as coisas como estão.

— Camila, não faz assim, filha. Depois desse problema de saúde, eu percebi o quanto a vida é frágil. A gente nunca sabe quando vai ser a última vez, e eu não quero morrer brigado com você. Não consigo me perdoar por ter batido em você, eu não tenho um minuto de paz, minha filha. Me perdoa, por favor. Deixe eu te ver e te dar, pelo menos, um abraço.

— Pai, não força. Por favor...

— Por favor, digo eu, filha. Vamos nos encontrar, depois eu prometo te deixar em paz. Eu estou aqui, perto da casa desse... do seu marido. Vem me encontrar na portaria para almoçarmos juntos, por favor.

— Você está perto da minha casa?

— Estou, praticamente, no portão. Não me aproximei muito, porque tem um exército aqui fora.

— Eu não vou sair com você, mas vou na portaria autorizar sua entrada e...

— O quê? Não! Eu não vou entrar aí. Vamos sair...

— É assim que você aceita minhas escolhas de vida? Ou você entra ou vai embora. Eu não posso sair agora.

— Tudo bem, então eu vou entrar. Te espero aqui.

Desliguei o telefone, tremendo. *Será que estou fazendo a coisa certa? Lorenzo pediu para eu ficar em casa, e eu estarei em casa. Além disso, a segurança do complexo está muito maior.*

— Para de pensar nessas coisas, Camila — falei em voz alta, tentando me convencer de que ficaria tudo bem. — Ele é meu pai e não vai me fazer mal. Aquele tapa que ele me deu foi uma coisa atípica, afinal ele nunca foi violento. De qualquer maneira, estarei cercada por seguranças.

Quando passei pela porta da minha casa, já dei de cara com Dimitri. Eu podia dizer a ele o que estava acontecendo, mas meu

lado independente e rebelde ainda odiava dar satisfação a qualquer pessoa, então apenas fui andando em direção à portaria, sem olhar para trás. Ele viria atrás de mim e saberia. Essa era a minha expectativa, mas o que aconteceu mesmo foi que depois de poucos passos, Dimitri me questionou:

— Senhora Esposito, onde a senhora vai?

— Até a portaria receber meu pai. Ele veio me visitar.

— Senhora, eu vou ter que ligar para o chefe antes.

— Ligue para quem você quiser, mas eu estou indo para a portaria.

Continuei andando rápido e ouvi Dimitri xingar um *merda*, bem baixinho. Senti vontade de rir, pois o homem não sabia se ligava para Lorenzo ou me acompanhava. Quando cheguei à portaria, me assustei com a quantidade de homens que havia lá. Eram muitos e, todos fortemente armados e com escutas. Parecia cena de filme de ação. Aproximei-me do portão, e eles me olharam atentamente; a maioria deles já me conhecia. Olhei para o outro lado da rua, mais à frente, e vi o carro do meu pai. Instantes depois, ele desceu do carro e todos os homens colocaram a mão em suas armas. Puta merda, eu me senti a Lady Di.

— Aquele homem é meu pai, autorizem a entrada dele — falei com o queixo erguido, tentando me impor.

Os soldados olharam para mim, depois para Dimitri, que estava com o celular no ouvido.

— Aguardem um minuto, estou entrando em contato com o chefe — Dimitri falou, e eles assentiram.

— Dimitri, esse homem é meu pai, ele não vai me machucar e, mesmo se tentasse, estaria morto em dez segundos com tantos seguranças que tem aqui.

Meu segurança me olhou e não me deu ouvidos, mas finalmente Lorenzo atendeu a ligação e eu fiquei prestando atenção na conversa.

— Chefe, o pai da sua esposa está aqui, e ela quer que a gente autorize a entrada dele — Dimitri falou e, logo em seguida,

precisou se justificar. — Eu sei, chefe, mas ela insiste. Estamos aqui na portaria do complexo.

Depois de alguns segundos de silêncio, o segurança esticou a mão com o telefone na minha direção.

— Ele quer falar com a senhora.

— Amor, meu pai me ligou, disse que está disposto a nos aceitar, porque sabe que minha escolha é você e não vai mais lutar contra nós. Ele está aqui no portão, queria que eu fosse almoçar com ele, mas eu disse que não podia e que se ele realmente quisesse me ver que fosse aqui... — falei tudo rápido e afobada.

— *Camila, não! — ele me interrompeu, decidido. — Eu não posso largar tudo e ir aí agora. Me desculpe, mas eu não confio no seu pai sozinho com você.*

— Sozinho, Lorenzo? Tem um exército inteiro aqui no complexo, ele não vai ser louco de fazer nada. E, Lorenzo, ele é meu pai, não um inimigo.

— *Ele te bateu, porra! Eu estava com você e ele ousou te bater! — meu marido explodiu.*

Eu me esforcei para não explodir também, porque a raiva dele tinha fundamento.

— São situações diferentes, amor. Você precisa confiar no meu julgamento e autorizar a entrada dele. Por favor, vai ser só hoje. Nós vamos conversar e ele vai embora. Nada vai acontecer. Apesar de tudo, ele ainda é meu pai — falei, da forma mais calma que consegui. — Se ele ousar fazer qualquer coisa, eu grito para o Dimitri, ele vai estar na porta, atento.

Ouvi Lorenzo suspirar, do outro lado da linha, antes de responder.

— *Dimitri vai entrar com você em casa e seu pai será revistado. É isso ou nada — ele falou, enfático.*

— Eu aceito! — respondi sorrindo. — Obrigada, amor. Eu te amo.

— *Não me agradeça, porque estou deixando com uma má vontade do caralho. Não prolongue essa visita e, assim que ele for*

embora, me ligue. Agora, passe o telefone para o Dimitri.

— Ele quer falar com você — falei, estendendo o celular para Dimitri e dando língua.

O homem me olhou, chocado, antes de pegar o telefone da minha mão, e eu sorri. Lorenzo falou rápido com o segurança e, em seguida, autorizou a entrada do meu pai, que olhava tudo de braços cruzados e cara fechada, encostado em seu carro.

Meu pai era um coroa muito bonito. Minha mãe sempre dizia que ele se parecia com o Richard Gere, e realmente parecia, principalmente como estava nessa situação, com o cabelo cortado e a barba aparada. Ele estava usando seu terno de três peças habitual e sapato de couro italiano lustrado, além de estar com uma aparência saudável. Isso me deixou feliz.

Eu o chamei com as mãos e ele veio, de cara emburrada. Aquela era uma situação muito difícil para ele, eu sabia. Ele estava entrando na casa do inimigo por mim, e eu tinha que dar crédito a ele por isso. Quando ele chegou no portão, os soldados se aproximaram.

— Pai, eles vão te revistar, mas é um procedimento padrão, para minha segurança.

Ele não gostou e fechou ainda mais a cara, mas não se opôs.

Depois que o revistaram e não encontraram nada, os soldados autorizaram a entrada dele. Meu pai nunca andou armado, embora tivesse porte para isso. Quando minha mãe era viva, nós andávamos com segurança, mas depois que ela morreu, ele nem se preocupou mais em nos manter protegidos.

Assim que meu pai se aproximou de mim, eu senti vontade de chorar. Ele tinha me magoado muito, mas ainda era meu pai e, há pouco tempo, eu quase o perdi. Nunca fui uma pessoa rancorosa, se ele queria fazer as pazes e ia aceitar meu casamento, então fui até ele, abracei-o e ele retribuiu, me abraçando forte.

— Meu bebê — ele falou, enquanto me abraçava.

Eu o soltei e sorri, porque ele costumava me chamar assim nos bons tempos.

— Vamos entrar — chamei, segurando sua mão e puxando-o pelo complexo.

— Pelo visto, a vida desonesta é muito lucrativa — meu pai falou, emburrado, olhando a riqueza ao nosso redor.

Dimitri, que nos acompanhava de perto, fechou mais ainda a cara ao ouvir aquele comentário.

— Para com isso, pai. Você prometeu...

— Tudo bem, não está mais aqui quem falou.

Quando passamos em frente à casa de Raphael, Maria Eduarda estava com as crianças tomando o sol da manhã na porta.

— Bom dia, Duda. Esse é meu pai, Frederico — apresentei.

— Bom dia — Duda sorriu, enquanto amamentava Ethan. Ela estava com uma fralda cobrindo os seios e a cabecinha do bebê.

— Bom dia, senhora — Meu pai respondeu, olhando a cena familiar e, aparentemente, estranhando.

As pessoas não imaginavam que, por trás dos muros altos desse complexo e dos homens armados até os dentes no portão, poderia haver um lugar tão familiar e cheio de amor, mas quem olhasse por dentro, só veria isso. O clima exalava amor. Era tudo verde, cheio de jardins com flores, pássaros cantando e crianças brincando em um ambiente de paz.

Tirando os soldados espalhados por todos os lugares, coisa que nós nem víamos em dias normais, pois eles se camuflavam ao longo do complexo, tudo o que podia ser visto, era um ambiente familiar. Naquele momento, no entanto, o clima estava um pouco tenso, afinal meu pai era um estranho entre eles. Os seguranças da Maria Eduarda logo se aproximaram e ficaram em alerta.

— Vamos, pai. Tchau, Duda — falei, tirando logo meu pai dali.

Quando chegamos em casa e entramos, Charlotte começou a latir e meu pai se assustou. Eu ri.

— Calma, bebê. Fica calminha que é o vovô — falei para acalmá-la e ela parou de latir, mas ficou desconfiada, rosnando para ele.

— Você agora tem um cachorro? — meu pai perguntou, pois nunca me deixou ter um.

— Sim, é uma menina que se chama Charlotte. Aqui eu posso ter tudo o que eu quero. Meu marido me ama, me mimar e faz todas as minhas vontades — falei para alfinetá-lo.

Eu já o tinha perdoado, mas não podia perder a oportunidade de dar só uma pequena espezinhada.

— Vem, pai, senta aqui — Convidei-o.

Ele aceitou o convite, se sentou em um dos sofás e, curioso, começou a olhar tudo ao redor.

— Eu vou buscar um café para nós, enquanto Dimitri te faz companhia — falei, sorrindo, e meu pai olhou para o soldado em pé à porta.

— Tem mesmo necessidade disso? Eu nunca vou machucar você — meu pai perguntou indignado, olhando para o meu segurança.

— Tem, pai. Você me bateu da última vez e meu marido não confia em você sozinho comigo. — Não o poupei da verdade, porque ele merecia ouvi-la. — Lorenzo quer assim e eu vou dar isso a ele, é o mínimo que posso fazer diante de tudo de bom que ele faz por mim. Meu marido é muito zeloso e protetor, pai. O senhor deveria achar isso bom.

Apesar do meu sorriso doce, meu pai sabia que eu estava espezinhando.

— Tudo bem — ele falou, por fim, resignado.

Fui à cozinha rápido e arrumei uma bandeja com café e biscoitos para nós dois. Quando voltei para a sala, tomamos o café em silêncio, com um clima estranho no ar, até que meu pai resolveu falar.

Capítulo 28

Camila

— Camila, você sabe o quanto é difícil para mim estar aqui. Eu cometi alguns deslizes dos quais não me orgulho, fui um péssimo pai depois que sua mãe faleceu e não estou aqui para justificar minhas fraquezas, mas hoje você é uma mulher que, aparentemente, descobriu o amor. Você está apaixonada por esse garoto e tenho certeza de que pode imaginar a dor que eu passei quando perdi sua mãe. Ela se foi e eu me perdi. Sua mãe era meu chão.

— Em momento algum eu minimizei a sua dor, pai, até porque ela também era meu chão. Eu só precisava de um pai, do meu pai. Achei que enfrentaríamos aquela dor juntos.

Não sei se minhas palavras chegaram ao coração dele, mas a impressão que tive foi de que a conexão que tínhamos se perdeu depois dos últimos acontecimentos. Ficamos em silêncio por alguns minutos, até que ele voltou a falar.

— Em relação à dívida com o moto clube, ela não existe mais. Seu marido a pagou, mas eu faço questão de pagá-lo em breve — meu pai disse. — De qualquer maneira, o líder dos Outlaws foi assassinado, então eu vou procurar Giovanni para finalizar essa história de uma vez por todas.

— Lorenzo já fez isso, pai.

Meu marido realmente já tinha resolvido com o Giovanni, mas o que eu queria mesmo era manter meu pai longe daquela gente.

— Eu sei, mas esse é um assunto meu. Eu comecei essa história.

— É perigoso e desnecessário. Eles sequestraram você naquela época, por favor, esqueça isso — pedi.

Meu pai era bom em mudar de assunto, principalmente quando tinha algo que o incomodava mais.

— Camila, para mim é muito difícil aceitar que você está casada com um criminoso. Ele pode até ser bom para você, mas isso não o isenta de seus crimes e pecados.

— Eu não só estou casada, como também o amo com todo meu coração. Pai, me separar dele iria me destruir, arrancar um pedaço de mim. Lorenzo é o homem da minha vida para sempre, e nem o senhor e nem ninguém vai nos separar.

— Ele é um bandido! — ele falou, se alterando.

Naquele momento, vi Dimitri passar a mão na arma e respirei fundo.

— Se o senhor veio aqui para isso, pode ir embora! — falei calma, mas decidida. — Lorenzo me protegeu quando ainda nem me conhecia. Ele me ama sem me sufocar e não me decepciona. Não apenas ele precisa de mim, mas eu também preciso dele. Meu marido me deu voz, me ouve, me fortalece e pensa em mim, acima de tudo, enquanto você quase me perdeu para uma dívida. Ao contrário de você, ele daria a vida por mim, caso fosse preciso. Inclusive, quando você praticamente me colocou nas mãos do Giovanni, foi o Lorenzo quem me salvou — acusei.

Aquelas acusações fizeram meu pai chorar. Ali, diante de mim, estava o homem que deveria ser meu porto seguro, meu herói. Ele foi o homem que eu mais amei a vida inteira, em quem eu confiava, e só me decepcionou.

Ficamos um tempo nos olhando, até que ele quebrou o silêncio.

— Tudo bem, eu não vou mais me opor. Você o ama e eu vou respeitar seus sentimentos, porque quero te ver feliz, mas por favor, não saia da minha vida, filha.

Quando eu ia respondê-lo, a porta da sala se abriu bruscamente. Até Dimitri, que parecia sempre estar preparado para

tudo, se assustou, mas logo se recompôs ao ver que era Lorenzo. Ele sabia que meu pai estava ali, mas a cara que fez quando o olhou me deixou confusa e assustada. Eu conhecia meu marido e percebi que ele estava com muita raiva e não era pelo fato do meu pai estar na nossa casa. Levantei rápido e fui até ele.

— Amor, você disse que estava ocupado. O que aconteceu?

Ao invés de me responder, Lorenzo me puxou, deu um beijo na minha testa e segurou na minha mão, conduzindo-me até o sofá, onde nos sentamos de frente para o meu pai.

— Bom dia, Frederico — ele cumprimentou meu pai com sua voz letal.

— Bom dia — meu pai respondeu de má vontade.

— Então agora você resolveu aceitar nosso casamento? Você entendeu que ela me ama e vai respeitar os sentimentos dela porque tudo o que você quer, como um pai exemplar, é vê-la feliz?

Meu pai engoliu em seco, mas assentiu.

— E você entendeu isso antes ou depois de ir ao consulado para tentar anular nosso casamento? — Lorenzo cuspiu as palavras.

Eu encarei meu pai, boquiaberta, e vi que ele estava pálido e com os olhos arregalados.

— O que você fez? — perguntei indignada, já começando a tremer, nervosa.

— Eu não fiz nada. Por favor, me ouve primeiro, filha... — ele começou a se defender.

— Não fez nada porque eu estou sempre um passo à sua frente. — Lorenzo o interrompeu. — Assim que eu soube que você tinha acordado, fui ao consulado e validei nosso casamento, caso contrário você teria usado sua influência, se é que ainda tem alguma, para anular nossa união.

— Ele não está mentindo — meu pai falou, de cabeça baixa.

— É claro que não está! — gritei. — Eu confio totalmente no meu marido, porque ele é honesto comigo e me respeita. Eu estava

disposta a esquecer tudo o que passou para ter uma boa relação com o senhor, mas aí eu descubro que, mais uma vez, fui apunhalada pelas costas — falei, totalmente desanimada e decepcionada com ele.

— Camila, eu tinha que tentar, pois eu não me conformava. Eu fui até lá, sim, e eu ia tentar anular esse casamento se desse tempo, mas seu marido foi mais esperto. Isso me deixou irado, transtornado, mas também me fez entender que não adiantava mais lutar, essa batalha já estava perdida. Então, eu me acalmei, te liguei e fui totalmente honesto quando disse que não iria mais me opor. Acabou, eu cansei de lutar contra. Me perdoe, filha. Não me tire da sua vida, por favor.

— Como deixá-lo na minha vida se não posso confiar em você?

— Eu lhe dou minha palavra de que não vou mais me meter no seu casamento. Não vou dizer que estou feliz com ele como genro, mas também não vou mais tentar separá-los.

— Pai, por favor, vá embora.

— Camila, filha...

— Vá embora, pai. Me deixe em paz.

— Tudo bem — meu pai falou, baixando a cabeça e levantando do sofá. — Vou dar um tempo para você pensar e, quando for capaz de me perdoar, me ligue.

Eu assenti e ele saiu sem ninguém acompanhá-lo. Assim que a porta bateu, Lorenzo me abraçou.

— Você está bem? Eu não queria ter que falar nada disso, mas você tinha que saber.

— Eu estou bem. Acho que nada que o meu pai faça, me espantará.

— Eu preciso voltar para a empresa. Você vai ficar bem mesmo?

— Vou sim, pode ir tranquilo.

Lorenzo assentiu, me beijou e saiu de casa, me deixando sozinha com meus pensamentos.

Lorenzo

Quando saí de casa, encontrei com Inácio também saindo. Nós tínhamos vindo no mesmo carro para o complexo, e um outro carro com cinco soldados fazia nossa escolta. Eu tinha colocado meus homens vigiando Frederico e, assim que terminei a ligação com Camila, um deles me avisou de sua visita ao consulado. Eu já imaginava o que ele tinha ido fazer, mas quis ter certeza, então foi só mexer meus pauzinhos e, rapidamente, descobri tudo.

Ao fim da ligação com Dimitri, mandei que ele ficasse perto da Camila e me ligasse para que eu ouvisse a conversa deles em tempo real. Depois que descobri que Frederico foi ao consulado mais cedo, resolvi confrontá-lo pessoalmente, por isso fui em casa, ouvindo a conversa deles durante todo o trajeto.

O discurso dele não me enganou. O crápula não aceitou nosso casamento, ele apenas entendeu que não havia mais nada que pudesse fazer e preferiu se render e fazer as pazes com a filha. Entretanto, eu sabia que essa paz acabaria assim que ele encontrasse uma brecha para nos separar, mas isso nunca aconteceria.

Inácio foi almoçar em casa e ver a Nina, que não está muito bem. Ele me garantiu que não era nada demais, mas quis ir em casa para mimá-la um pouco.

— O pai dela já foi? — ele me perguntou, assim que entramos no carro para voltar para a empresa.

— Ele acabou de sair, por hoje estamos livres desse calo — respondi. — Nina está melhor?

— Ela está bem, só é difícil para ela ficar longe do marido gostoso por muito tempo, então eu venho na hora do almoço suprir essa carência — ele falou rindo, e eu ri também.

— Cala essa boca, convencido do caralho. Não sei quem é pior, você ou Raphael.

— Raphael é um nojo, não sei como minha irmã aguenta — Inácio disse rindo. — Ele é mais feio que fratura exposta, não sei como meus sobrinhos podem ser tão lindos. Aliás, eu sei, minha irmã é uma deusa.

— Pois é, Vincenzo deu sorte porque puxou a Nina — falei rindo para mexer com ele.

Enquanto conversávamos e ríamos, algo me chamou a atenção repentinamente: um carro em alta velocidade bateu no carro dos nossos soldados.

— Ah, caralho, fodeu! — falei.

Imediatamente, Inácio olhou para trás e entendeu o que estava acontecendo.

— Acelera, Lorenzo. Pelo carro, eles estão em uma quantidade maior, deve ter uns dez ali dentro — Inácio gritou, e eu acelerei, meu coração batendo forte com a adrenalina.

Tiros começaram a soar dos dois lados. Nossos carros eram blindados, mas a estrada era perigosa e um acidente ali poderia ser fatal. A situação fugiu ao nosso controle, porque os soldados não estavam dando conta dos bastardos e eles chegariam em nós a qualquer momento.

— Inácio, nós vamos reagir. Os soldados não vão conseguir. Embaixo do meu banco de trás tem uma Browning ponto 50, pegue-a.

Nós aumentamos nosso arsenal, depois que começamos a guerra com os russos, e essa era a minha favorita, uma metralhadora que podia disparar de 400 a 600 tiros por minuto, o que seria suficiente para abater uma aeronave caça ou perfurar a blindagem de qualquer carro. Ela é grande e pesada pra caralho, mas resolve o problema rápido.

Inácio soltou o cinto de segurança e foi pegar a metralhadora. Nossos perseguidores chegaram mais perto. Eles iam ultrapassar o carro dos soldados e chegar a nós, mas teriam uma surpresinha.

— Eu vou reduzir, se prepare — falei a Inácio.

Durante muito tempo, Inácio foi executor na máfia russa, então eu fiquei tranquilo em seguir na direção enquanto ele atirava nos bastardos.

— Eu não posso morrer, caralho — Inácio falou, quando alguns tiros atingiram nosso carro. — Sua irmã e meu filho me esperam.

Eu ia dizer que eu também precisava voltar para casa vivo, mas não tive tempo, pois o carro dos russos nos alcançou e bateu em nossa traseira.

— Inácio, seja rápido, vou abrir o teto solar — avisei.

— Vá em frente, cunhado — Inácio gritou e eu abri o teto.

— Agora! — gritei.

Ele se posicionou, com certa dificuldade por causa do tamanho e peso da arma, mas em seguida eu ouvi o som dos disparos da metralhadora. Aquele som era uma delícia, música para os meus ouvidos. Rapidamente, o carro de trás rodou na pista e ficou muito perto de cair de um penhasco.

Nós paramos mais à frente e descemos do veículo com cuidado, ainda usando-o como escudo. Logo os nossos soldados pararam e desceram também, com as armas em punho e cercando o carro dos inimigos. Quando eles examinaram tudo, fizeram sinal para nos aproximarmos.

Tinham mais ou menos uns dez homens, a maioria já mortos. A metralhadora fez do carro deles uma peneira, mas restaram uns três bastardos vivos; um dos nossos soldados também estava ferido.

— Isso é grave? — perguntei ao soldado, e ele balançou a cabeça negando. — Eu vou chamar reforços para arrumar essa merda, tirar essa bagunça da estrada antes que apareça alguém. Levem os três filhos da puta para o galpão e chamem um médico para garantir que continuem vivos até abrirem o bico. Nós vamos voltar para a empresa, pois precisamos nos organizar melhor, já que eles começaram a mostrar as garrinhas.

Depois de dar as ordens aos soldados, liguei rápido para Pietro resumindo o que tinha acontecido e pedindo o reforço, em seguida, Inácio e eu voltamos para o carro.

— Até que foi bem tranquilo — ele falou rindo, enquanto colocava o cinto de segurança.

— Graças a essa belezinha aí — falei, me referindo à metralhadora.

— E ao seu cunhado que foi um ótimo executor desde sempre e tem habilidade com esses brinquedinhos.

— Está fazendo graça agora, mas estava se cagando de medo de morrer — falei zoando, só pra não ter que dizer que pensei exatamente isso minutos atrás.

— Eu não tenho medo de morrer, tenho medo de deixar sua irmã e meu filho sozinhos no mundo — ele falou sério.

— Eles nunca estarão sozinhos, sempre terão nossa família. Pode morrer tranquilo.

— Vá se foder, filho da puta. — Meu cunhado riu, me fazendo rir também.

Depois disso, voltamos em silêncio para a empresa.



Naquela noite, eu estava em casa, deitado com Camila no meu peito. Tínhamos acabado de transar, e eu estava sonolento, enquanto ela estava super acordada.

— Por que você, às vezes, fica sonolento depois de gozar, e eu me sinto cheia de energia? — ela perguntou.

— Porque você sugou todos os meus aminoácidos, então minha energia foi para você — falei rindo, e abracei-a mais forte. O tempo tinha mudado, estava uma noite muito fria, apesar do aquecedor ligado. — Não estou sonolento por causa do sexo, hoje foi um dia longo e eu tenho dormido pouco, estou cansado.

Eu não contei a Camila sobre o incidente de mais cedo. Inácio pediu para não contarmos nada às meninas e todos concordaram em poupá-las. Eu costumava ser honesto com minha mulher, porque ela é uma mulher forte e não gosto de guardar segredo dela, mas se eu contasse corria o risco de ela falar algo com as outras esposas.

Ficamos um tempo em silêncio e, quando eu achei que ela dormiria, fui surpreendido por uma pergunta:

— Com quantas mulheres você já transou?

— Impossível fazer as contas — respondi sincero.

— Foram tantas assim, Lorenzo? — ela perguntou indignada, sentando bruscamente na cama.

— Camila, eu perdi a virgindade com 15 anos. Eu já transo há bastante tempo, não tenho como contabilizar.

— 15 anos? Você não presta! E ainda ficava cheio de pudor para cima de mim, porque eu só tinha 17 anos.

— Entenda uma coisa: nossa sociedade é escrota. Um garoto de 15 anos transando por aí, mesmo que seja com uma mulher mais velha, não escandaliza ninguém, mas uma menina de 17, sim. Além disso, seu pai é a porra de um juiz federal. Eu poderia ser acusado de pedofilia.

— E você sempre foi assim? — ela perguntou, se deitando novamente no meu peito.

— Assim como?

— Como é comigo.

— Eu não sei o que você quer dizer, mas sexo com amor é muito diferente. Eu sempre gostei de dar prazer às mulheres com quem me relacionava, nunca fui um cara egoísta, mas nunca fui muito bom com o depois. Eu fazia elas gozarem, gozava e, depois, eu só queria distância — respondi. — Eu não tinha paciência pra carinho ou conversas aleatórias e não gostava de dormir com ninguém. Sei que parece muito ruim o que eu vou dizer, mas depois que eu gozava, elas perdiam totalmente a graça. Sexo sem amor é

isso. Mas com você é tudo diferente, porque eu nunca me canso de você.

— Eu também nunca me canso de você. Cacete, você é o homem mais gostoso que eu já vi na vida, não tem como cansar. Você é bonito demais, aliás todos os homens da sua família são, mas você se destaca, é claro.

— Acho bom — falei brincando e beijando-a.

— Amor, com quem eu posso continuar meus treinos de defesa pessoal? — Camila emendou outro assunto. — Você anda sem tempo.

— Com ninguém, vamos continuar treinando nos fins de semana.

— Eu quero treinar durante a semana também, porque odeio malhar e essa é uma boa forma de me exercitar.

— É uma luta corporal, Camila. Eu não quero ninguém se agarrando com você para lutar.

— Que homem ciumento!

— Não é ciúme, é zelo — respondi. — Podemos dormir agora?

— Dorme você, velhinho. Eu estou super acesa! — ela respondeu debochada e atçou meu ego ferido.

— Ah, sua atrevida. Eu vou te mostrar o velhinho. Vem cá...

Capítulo 29

Camila

No sábado, nos reunimos para um almoço em família na casa da minha sogra. Era aniversário do meu sogro e, apesar de tudo o que estava acontecendo em relação à guerra com os russos, Lili disse que não podia deixar de comemorar. Lorenzo e eu fomos os últimos a chegar, porque eu sempre demorava a me arrumar e nos atrasava.

Quando chegamos, estava um falatório só. Um típico almoço familiar italiano. Num canto, Pietro segurava sua caçula no colo, Raphael ninava o bebê recém-nascido e Vincenzo estava no colo de Inácio enquanto as outras crianças corriam pela casa. Do outro lado, Amanda, Mia e Maria Eduarda riam e conversavam.

Fomos até meu sogro, demos os parabéns a ele e, em seguida, eu me juntei às meninas e Lorenzo ficou com o pai e os outros.

— Estou com fome. — Ouvi Nina falando, assim que me aproximei.

— Eu também, estou até enjoada de tanta fome — falei enquanto estava chegando, e elas me olharam. — Oi, meninas, será que vai demorar muito o almoço? Acordei tarde e não tomei café — expliquei.

Antes que alguma delas me respondesse, Lili entrou na sala chamando nossa atenção:

— Já que, finalmente, meu filho e minha norinha chegaram, podemos servir o almoço.

— Graças a Deus — Nina falou e já foi se levantando em direção à mesa.

Todos nós nos acomodamos à enorme mesa de jantar, decorada com pratos e guardanapos lindíssimos. Antes de começarmos a nos servir, Lili se levantou e bateu de leve o talher em sua taça.

— Sempre achei chique quando as pessoas faziam isso nos filmes — ela disse, com aquele seu jeito irreverente, e todos nós rimos. — Eu quero propor um brinde ao homem que me deu a vida mais perfeita que uma mulher pode desejar. Enzo chegou na minha vida e me deu motivos para sorrir. Outro dia, eu comentei com Camila uma frase que li, de um ator famoso, e ele dizia que “sorrir é um ato de resistência”. E foi exatamente isso que Enzo fez por mim. Meu marido me deu forças para sorrir, resistir e me deu esperança para acreditar e lutar por uma vida melhor. Ele me deu um lar, uma família, me tornou mãe, me fazendo conhecer o maior amor desse mundo. Eu sempre serei grata por tudo o que ele me deu. Um brinde ao meu lindo marido. Feliz aniversário, meu amor!

Lili levantou a taça, e todos nós a acompanhamos. Depois do brinde, nós aplaudimos quando ela correu para o Enzo e o beijou. Foi lindo. Uma lágrima escorreu pelo meu rosto, Lorenzo a limpou e beijou minha bochecha. Eu sabia a gratidão que minha sogra sentia pelo marido, porque nossas histórias eram parecidas. Lorenzo também me salvou de uma vida miserável.

— Foi tudo lindo e meu pai é realmente o cara, mas agora podemos comer? — Nina falou e nós rimos.

O almoço finalmente foi servido.



Eu nunca vi tanta comida na vida e também nunca comi tanto. Se antes eu estava enjoada por causa da fome, depois eu fiquei por causa do tanto de comida que misturei no estômago. Acho que nem os homens comeram tanto quanto eu.

Quando o almoço terminou, fomos todos para a área externa, onde foi servido um café. Eu estava há pouco tempo na família, mas

já sabia que isso era um costume entre eles. Eu estava adorando ter uma família grande.

Estávamos em vários grupos conversando, quando Nina chamou nossa atenção.

— Gente, eu tenho uma coisa para contar para vocês. Na verdade, é um desabafo — ela falou séria e olhou de cara feia para o marido.

Inácio, por outro lado, apresentava um sorriso debochado no rosto, maior do que o do gato no filme Alice no País das Maravilhas. Ela o ignorou e continuou a falar, olhando especificamente para Enzo.

— Inácio não presta, pai. Você estava certo! — ela falou em um tom dramático, como se estivesse prestes a chorar.

Naquele momento, fez-se um silêncio absoluto. Todos a olhavam atentos, então, ela completou:

— Ele me deu o golpe da barriga, eu estou grávida outra vez! — ela falou rindo e chorando ao mesmo tempo.

Em instantes, começou a confusão. As mulheres correram para abraçá-la, os homens foram parabenizar Inácio e eu fiquei no meu lugar, espantada. Eu achei que tivesse acontecido algo sério entre eles, mas ela fez esse suspense todo para contar que estava grávida. Lorenzo me abraçou por trás e eu me virei.

— Sua irmã é maluca.

— Totalmente. Não se espante. Acho que meu pai já estava até com a mão na arma para matar Inácio — Lorenzo falou rindo e eu ri também.

Lorenzo

Um mês depois

Estávamos reunidos no escritório de Pietro, apreensivos com o silêncio da Bratva, mas cientes de que era exatamente isso que eles queriam, nos desestabilizar. Estava tudo muito calmo. Depois do atentado contra mim e Inácio, nada mais aconteceu e nós sabíamos que isso estava longe de ser um bom sinal. Eu não via a hora dessa merda acabar, mas tinha noção de que estávamos longe disso.

Maria Eduarda e Nina não tinham dado trabalho quanto a isso, já que uma estava com um bebê recém-nascido e a outra, grávida. Por outro lado, Camila estava me agonizando. Ela tirou a habilitação e queria sair por aí dirigindo. Era estressante pra caralho ver minha mulher querendo viver e eu não poder permitir. Camila era uma mulher na flor da idade, apaixonada e curiosa, com sede de vida, mas infelizmente eu não podia proporcionar a ela metade do que gostaria.

Estava distraído, pensando nessa porra toda, quando o telefone de Inácio tocou. O que realmente me alertou foi ouvi-lo dizer:

— É o meu pai. — Todos nós o olhamos chocados. — Não! Gente, é o Iuri, o homem que me criou lá na Rússia. Façam silêncio, vou colocar no viva-voz — ele avisou e nós assentimos.

— Alô.

— *Oi, filho, você está bem? E sua esposa e sua criança?*

— Estamos bem, pai, não se preocupe.

— *Tenho que falar rápido, estou me arriscando. Se prepare, proteja sua família. Eles estão planejando um ataque à boate mais*

lucrativa de vocês. Uma tal de Sasha e seu amante Mattia estão ajudando. Já está tudo arranjado para essa noite. Eles vão matar todas as meninas que trabalham lá e quem mais estiver dentro. Tudo vai acontecer assim que a casa abrir. — O homem deu o recado e desligou sem se despedir, nos deixando com os nervos à flor da pele.

— Miseráveis! Covardes do caralho! — meu tio falou, fervendo de raiva. — Eles sabem que vão nos deixar putos matando mulheres inocentes, sem contar o prejuízo do caralho na Alcatraz.

— Eu sabia que a Sasha ia dar trabalho — Pietro falou, e eu sabia que ele estava certo. — Meu avô sempre nos ensinou que "onde se ganha o pão, não se come a carne". Eu aprendi, mas pelo visto você e Raphael não, já que os dois comeram essa puta.

Pietro me olhou puto, e eu fiquei com raiva de mim mesmo por saber que ele tinha razão.

— Mattia ainda trabalha para nós. Aquele rato do caralho terá uma morte lenta — meu pai falou puto.

— Chega de lamentações e vamos agir. Deixe que venham, e eles terão uma surpresinha — Romeu falou, e nós concordamos.



Organizamos tudo para agir naquela noite, instruimos nossos homens e preparamos a estratégia. Nós já sabíamos a forma como eles atacariam, pois Inácio trabalhou muito tempo para os russos e conhecia suas estratégias. Primeiro, alguns dos homens deles entrariam na boate disfarçados de civis e, no momento oportuno, começariam o ataque e os outros cercariam e invadiriam a Alcatraz, tomando conta de tudo.

O que os russos não sabiam, era que nós também teríamos muitos dos nossos homens disfarçados de clientes. Por mais treinados que os soldados da Cosa Nostra fossem, se não tivéssemos esperando esse ataque e tivéssemos só com a

segurança de sempre da boate, certamente aconteceria uma chacina.

Ficou combinado que apenas Raphael e eu chegaríamos, inicialmente, pois nós dois sempre estávamos à frente da Alcatraz e isso daria um ar de normalidade àquela noite. Os outros chegariam depois para não gerar desconfiança.

Nós atacaríamos por terra e ar, porque queríamos evitar que eles conseguissem invadir a boate. Aquela merda precisava acabar, eles tinham que entender, de uma vez por todas, que não eram páreo para a Cosa Nostra.

Foi difícil entrar na boate e olhar para a cara de Mattia sem poder pegar minha pistola e estourar a cabeça do filho da puta, traidor de merda. Aquela situação só me deixou com mais sangue nos olhos.

Assim que cheguei ao escritório da boate, peguei meu celular para ligar para Camila, pois ainda não tinha avisado a ela que chegaria muito mais tarde àquela noite. Se antes eu não esquentava com porra nenhuma, naquele dia meu peito ficou agoniado. Eu queria que aquela porra acabasse logo para eu voltar para os braços da minha mulher, mas a verdade era que a gente nunca sabia se ia voltar.

Desde a ligação do Iuri, o clima estava tenso entre nós. Cada um tinha muito a perder, então tínhamos fortes motivos para desejar voltar vivos para casa. Todos tínhamos esposa, mãe, irmã... Raphael estava com um bebê recém-nascido em casa — além das gêmeas —, Inácio estava com uma mulher grávida à sua espera, além de Vincenzo, Romeu com o pequeno Chase, Pietro com Noah e Julie... Enfim, morrer não era uma opção para nenhum de nós.

Ataques como aquele, principalmente em se tratando dos russos, que eram nossos inimigos mais perigosos, eram sempre uma roleta russa. A gente sabia que não dava para sair totalmente ileso de um confronto como aquele, então estávamos conscientes de que alguns homens morreriam, e não seria só do lado deles.

Apertei a discagem rápida do meu celular e tentei conter um pouco da raiva que eu estava sentindo, pois não queria que Camila percebesse nada. No segundo toque, a voz do anjo sussurrou no meu ouvido:

— *Oi, meu italiano mafioso e gostoso* — ela falou com sua alegria habitual.

— Oi, minha italianinha atrevida e gostosa. O que você está fazendo?

— *Estudando até você chegar. Hoje eu quero comemorar, afinal, agora sou uma motorista habilitada. Aliás, eu te mandei mensagem contando que fui aprovada na prova de direção e você sequer me respondeu* — ela falou, brava.

— Desculpa, amor. Eu li sua mensagem, mas não tive tempo de te responder. Hoje foi um dia cheio, mas eu prometo que vou te recompensar.

— *Vou aceitar a recompensa. Está tudo bem? Você já está vindo para casa?*

— Vai ficar tudo bem assim que eu te encontrar, mas eu não estou voltando para casa agora. Hoje precisarei trabalhar até mais tarde, nem me espere acordada.

— *Por que, Lorenzo?* — ela perguntou desconfiada.

— Muito trabalho, Camila. Às vezes acontece de precisar ficar até tarde, mas não se preocupe. Se não quiser ficar sozinha na nossa casa, vá para a casa da minha mãe ou da Nina, e eu busco você quando chegar.

— Eu não estou sozinha, Charlotte está aqui comigo. E eu não sinto falta de uma companhia, sinto falta de você. Venha logo para casa, não demore.

— Vou assim que eu puder, amor. Não se preocupe e, por favor, fique quietinha em casa, nem pense em sair do complexo. Promete?

— *Prometo se você prometer que vai voltar inteiro para mim.*

— Eu prometo. Agora eu preciso desligar. Eu te amo. Muito.

— *Eu também te amo.*

Terminei a ligação no instante em que Raphael entrou na sala.

— Que cara é essa? Cuidado, irmão, não saia andando por aí, principalmente em um lugar como esse, com essa cara de bunda. Vai que você encontra com um cara de pau por aí... — ele falou uma de suas piadas horríveis, e eu tive que rir.

— Cara, você é péssimo com piadas — falei, ainda rindo.

— É, eu sei, mas pelo menos te fiz rir. Agora, sério, aconteceu alguma coisa?

— Não, eu estava falando com a Camila.

— Ah, entendi. É foda mesmo. Espera só até você ter um filho, tudo é muito mais intenso. Apesar de que a Camila é quase uma filha para você, né, cara. Dez anos mais nova? — ele falou rindo.

— Vai se foder, Raphael — respondi rindo. — Falta meia hora para a casa abrir, está preparado?

— Já nasci pronto — meu primo respondeu. — Se te serve de consolo, Pietro aumentou a segurança no complexo. Isso me deixou mais aliviado, já que estaremos todos aqui. Não podemos deixá-las expostas, temos que pensar em tudo.

— Com certeza. Dimitri também já está avisado, mandei ele selecionar mais alguns homens para ficar, exclusivamente, fazendo a segurança da minha casa. Hoje precisamos estar mais vigilantes do que nunca.

— Bom, está tudo pronto, então agora é só esperar a hora — Raphael falou e eu assenti. Estávamos prontos para a ação.



A boate abriria em dez minutos. Estávamos todos com pontos de escuta para nos comunicarmos, então era só esperar o sinal para agirmos. Raphael e eu descemos para o bar, como costumávamos

fazer quando passávamos pela boate para ver como as coisas estavam. Minha adrenalina estava a mil.

A boate abriu e os clientes começaram a chegar — muitos deles eram nossos infiltrados. Tinham soldados nossos observando as câmeras para tentar localizar os possíveis contratados da Bratva. Eles não eram russos, com certeza, porque esses, nós reconheceríamos de longe.

Quando definimos nossa estratégia de ação, chegamos à conclusão de que não poderíamos tirar as meninas da boate para não chamar a atenção, por isso reduzimos o número delas e montamos um esquema para que, quando tudo começasse, elas rapidamente fossem levadas para um lugar seguro.

A boate abriu às 20h, já passava das 23h e nada tinha acontecido. Eu já estava começando a pensar que poderia ser uma armadilha do russo que avisou ao Inácio sobre o atentado, mas meu cunhado insistia que o cara nunca faria isso. Olhei meu celular pela milésima vez, para ver se havia alguma mensagem ou ligação de Dimitri, pois eu temia que os bastardos tivessem armado para nos tirar de casa e tentassem um acesso mais fácil ao complexo.

Estava prestes a telefonar para meu soldado, quando ouvi os primeiros tiros. O caos se formou em poucos segundos. Pessoas correndo e gritando para todos os lados, outras caindo mortas no chão. Eu pulei para trás do balcão, saquei minha pistola e comecei o ataque. A visibilidade estava comprometida por causa da luz baixa e da fumaça, mas de onde eu estava conseguia ver Raphael e alguns dos nossos soldados atirando.

Ali dentro, nós estávamos em maior quantidade, provavelmente o reforço maior deles viria de fora, mas se tudo desse certo, eles seriam atacados antes mesmo de entrar na Alcatraz. Tínhamos três helicópteros com metralhadoras aéreas trabalhando para nós e seria impossível não chamar a atenção da polícia, mas foi inevitável. No dia seguinte, lidaríamos com isso.

Meu pai e os outros estavam do lado de fora com os soldados. Não tínhamos garantia de nada, mas esperávamos que nosso plano desse certo. Os tiros diminuíram um pouco, então eu

aproveitei e mudei de lugar para ter uma visão melhor do ambiente. Quando olhei à minha esquerda, Raphael estava em uma luta corporal com um de nossos oponentes. Sem pestanejar, mirei e explodi a cabeça do filho da puta, livrando Raphael e o mundo do problema. O cheiro de sangue já era predominante na boate, mas isso não me incomodava.

De repente, meu pai e os outros entraram na boate, mas não estavam sozinhos, os russos estavam junto, provavelmente os que tinham sobrado da nossa recepção calorosa. Recarreguei minha pistola e parti para cima. Instantes depois, senti uma ardência no braço e percebi que tinha levado um tiro de raspão, ignorei e continuei meu ataque. Quando minha munição acabou, protegi-me para recarregar novamente a arma e percebi que Inácio era o único que não estava entre nós. Automaticamente, pensei em Nina e me preocupei.

— Onde está, Inácio? — perguntei a qualquer um, pela escuta.

— Calma que ele fará uma entrada triunfal. Ele foi apenas buscar um de nossos brinquedos — meu pai respondeu.

Eu sorri, satisfeito. *Agora a festa vai começar.* De repente, foi a voz do meu cunhado que soou na escuta.

— Protejam-se, estou entrando.

Só tivemos tempo de sair da reta para Inácio entrar, fazendo a festa com a Vulcan. A metralhadora dispara oitenta tiros por segundo. Foi lindo.

Os russos podiam até ser corajosos de entrar no nosso território para nos confrontar, mas eles não tinham nem 50% do nosso poder bélico. Nossas armas eram as mais modernas, afinal éramos os maiores fornecedores de armas no mundo. Eles vieram contando com o fator surpresa e se foderam, mais uma vez.

O cenário, tanto dentro quanto fora da boate, era de guerra. Eu já vi muita merda na vida, mas o cheiro forte de sangue, junto com as imagens dos corpos, muitos deles desfigurados e com órgãos expostos, não eram nada bonitas.

Nós vencemos novamente. Não sobrou ninguém para contar história, nem Mattia, felizmente. Alguns soldados já tinham ido atrás de Sasha, nós acertaríamos nossas contas em breve.

Capítulo 30

Lorenzo

O dia já estava clareando quando conseguimos organizar a bagunça. No final das contas, tivemos um saldo bem negativo, embora pudesse ter sido bem pior.

Minha camisa estava muito ensanguentada. Eu amarrei uma tira de pano no ferimento do braço, mas já tinha perdido muito sangue. Raphael ficou com o rosto bastante machucado da luta, Romeu torceu o punho e Inácio acabou deslocando o ombro e teve que colocá-lo no lugar por causa do impacto da metralhadora.

Infelizmente, uma das meninas foi atingida e não resistiu, também perdemos alguns de nossos homens, ainda sem um número exato. Como se não bastasse, tivemos que lidar com a polícia que chegou ao local algumas horas depois do ocorrido. Muitos deles estavam em nossa folha de pagamento, mas eles ainda tinham que manter a aparência.

Ao final da batalha, Pietro fez uma videoconferência com o capo da Rússia e, depois de muita merda dita, fechou um acordo. Enquanto alguns de nós conversavam, olhei no meu relógio que já eram 5h40 da manhã. Imediatamente, pensei em Camila.

— Eu vou para casa — anunciei e, aproveitando a deixa, Raphael, Inácio e Romeu também se levantaram.

— Melhor você ir ver esse braço, Lorenzo — meu pai falou.

— Eu estou bem, pai. A única coisa que eu preciso ver agora é a Camila — falei sincero.

— Que garotinho apaixonado — Romeu me zoou, e os outros riram. — Vamos embora, bonecas. Eu quero beijar a minha mulher e abraçar meu filho.

— Vocês não vão agora? — perguntei ao meu pai, quando passei por ele.

— Já estamos indo. Vá na frente — ele respondeu, e eu assenti.

Quando cheguei em casa, estava tudo silencioso. Camila com certeza estava dormindo, porque a casa nunca ficava tão silenciosa quando ela estava acordada. Segui até meu quarto, entrei devagar e me deparei com ela deitada de lado, dormindo. Minha mulher parecia um anjo.

Charlotte levantou de sua caminha e veio me receber, então fiz um carinho de leve na cabeça dela. Coloquei meu celular, carteira e chave do carro na mesinha de cabeceira e fui para o banheiro. Estava de costas, tirando a camisa, quando senti a presença de Camila e, ao me virar de frente, ela se jogou nos meus braços. Eu estava sujo de sangue e não queria encostar nela, mas não tive opção.

— Você demorou. Eu fiquei com medo — ela falou, ainda agarrada em mim.

— Está tudo bem, volte a dormir. Eu já vou pra cama ficar com você um pouquinho, mas antes, preciso de um banho.

Ela se afastou e me olhou. Percebi que ela se assustou quando viu o sangue na minha roupa, mas eu não tive tempo de explicar, ela ficou pálida e, em seguida, para o meu horror, seu corpo desmoronou. Camila desmaiou diante dos meus olhos... *Porra, se eu não tivesse aqui, ela poderia ter caído no chão e se machucado.* Peguei-a no colo, desesperado, e levei-a para a cama.

— Camila, acorda. O que aconteceu? — chamei-a, começando a entrar em pânico porque ela não deu sinal de vida. — Acorda, amor. Diz pra mim o que você está sentindo, por favor, acorda.

Será que foi o sangue? Comecei a ficar mais desesperado porque não tinha ideia do que fazer para acordá-la.

— Merda, merda, merda. Eu vou levar você para o hospital, vai ficar tudo bem — falei, como se ela pudesse me ouvir.

Corri para o *closet*, vesti uma camisa limpa e, quando ia pegar o celular para sair, ele tocou.

— Mãe, que bom que você ligou — falei aflito.

— *Por que, Lorenzo? Onde está seu pai? Te liguei porque ele não me atende.* — ela respondeu, também nervosa.

— Calma, não é nada com meu pai. A Camila desmaiou quando eu cheguei, eu vou levá-la ao hospital.

— *Calma, meu filho. Mulheres têm essas frescuras mesmo. Eu vou até aí, me espera.*

— Tudo bem, mas venha rápido.

Desliguei e sentei na cama, ao lado da minha garota. Segurei sua mão e ela não reagiu. Se a minha mãe não chegasse em cinco minutos, eu não esperaria. Pouco tempo depois, ela entrou no meu quarto e veio direto até mim, ao invés de focar na Camila.

— Lorenzo, o que foi isso no seu braço? Quem precisa ir ao hospital é você!

— Eu estou bem, mãe, minha preocupação é com a Camila. Se ela não acordar nos próximos 5 minutos, eu a levarei ao hospital. Isso não é normal.

— Calma, vamos despertá-la. Deve ter sido só uma queda de pressão, vamos levantar as duas pernas dela e, naturalmente, o fluxo de sangue voltará ao normal e ela vai acordar.

Fiz o que ela orientou e, enquanto eu segurei as pernas de Camila, minha mãe sentou ao seu lado e começou a chamá-la. Para o meu alívio, minha mulher foi despertando.

— Você está melhor, meu bem? — minha mãe perguntou, mas ao invés de responder, ela me procurou com os olhos. Eu me aproximei dela, ainda assustado com o desmaio repentino.

— Ei, o que você tem? Está tudo bem, eu estou aqui com você — falei baixo, segurando a mão dela.

— Eu estava preocupada com você — ela falou, ainda com a voz fraca. — Senti uma forte tontura e não lembro de mais nada..

— Provavelmente, você levantou muito rápido e teve uma queda de pressão, não é nada de anormal, sem contar que estava estressada pela noite mal dormida. Acho que nenhuma de nós dormiu bem essa noite — minha mãe falou, olhando para Camila, depois olhou para mim. — Sua esposa está bem, agora eu quero saber de você. Deixe eu ver esse braço.

Minha mãe sentou ao meu lado na cama e me puxou para mais perto.

— Não foi nada, mãe, Estou ótimo, só vou tomar banho e fazer um curativo. Você fica aqui com ela um pouco, por favor?

— É claro que sim. Vá tomar seu banho que eu faço o curativo quando você sair.

Nem precisava, porque eu já tinha feito aquilo milhões de vezes, mas a dona Lili era teimosa e não ia desistir. Apenas assenti e fui para o banheiro.

Eu estava cansado pra caralho, mas muito pior que o cansaço físico era o mental. Minha cabeça estava agitada. O medo que eu senti de morrer e deixar a Camila sozinha, foi novidade para mim. Mil cenários ruins passaram pela minha cabeça o tempo todo. Quem iria cuidar dela? O fraco do pai? Nada podia me acontecer e, felizmente, não aconteceu.

Eu estava aliviado por ter voltado vivo para casa, no entanto o desmaio da minha mulher me deixou tenso. Eu só ficaria realmente tranquilo quando um médico pudesse vê-la.

Quando saí do banheiro, minha mãe e Camila estavam rindo, com certeza cúmplices em algum crime.

— Do que vocês estão rindo? — perguntei desconfiado.

— Nada, bebê. Você sabe que a mamãe está sempre sorrindo sem motivos. Eu já acordo feliz. Vou deixar vocês descansarem, pois preciso sair para resolver algumas coisas. Volto depois para ver como vocês estão.

Minha mãe deu um beijo na Camila, em seguida se aproximou de mim, me deu um beijo também e avaliou o curativo que eu mesmo fiz no meu braço.

— Eu disse que faria o curativo, seu desobediente. Acha que só porque já é um homem feito não precisa mais ouvir a mãe? No dia que eu morrer, vocês vão sentir minha falta e...

— Não começa com esse papo, mãe. A senhora ainda vai viver muito, para de besteira.

Retribuí o beijo e me deitei na cama ao lado da Camila. Apenas naquele momento, eu comecei a sentir o cansaço chegando.

— Eu já vou, mas volto depois — ela falou e saiu rindo.

Com certeza, minha mãe estava aprontando alguma coisa. Assim que ela fechou a porta, abracei Camila e puxei seu corpo para perto de mim. Ela estava de lado, então eu me encaixei nela, sentindo seu cheiro gostoso.

— Senti sua falta — falei em seu ouvido e vi sua pele se arrepiar.

Minha mulher virou de frente para mim e me olhou séria.

— Vai me contar o que aconteceu? — ela perguntou.

— Nós recebemos informações seguras, ontem, de que os russos iriam invadir a Alcatraz, então fomos até lá esperar por eles. Nós lutamos, perdemos uma das meninas da boate e alguns soldados, mas acabamos com todos eles, não sobrou ninguém. Pietro contactou o capo da Rússia e o deixou ciente de que, se eles voltassem a nos atacar, nós reuniremos todas as nossas organizações e invadiremos a Rússia. Nós explodimos o laboratório clandestino deles aqui na Itália, e eles tentaram atacar nossa boate, então agora estamos quites.

Camila sempre gostava de saber tudo sobre o meu dia e tínhamos criado um ritmo só nosso de conversar sobre as coisas da máfia.

— E ficou por isso mesmo, eles vão mesmo sair do caminho de vocês?

— Pietro disse que ele poderia escolher entre seguir com sua vida lá ou continuar a guerra, aí o cara nos fez uma proposta...

— Que proposta? — ela perguntou, curiosa, antes que eu terminasse de falar.

— Eles querem uma quantidade enorme da nossa droga em preço de atacado. Ele disse que se o Pietro aceitasse, Rússia e Itália poderiam viver em paz.

— E o Pietro aceitou?

— Ele ficou de pensar. É uma decisão importante, porque não chega a ser uma aliança, mas ainda assim é um elo que será criado entre a Cosa Nostra e a Bratva que, durante muitos anos, foi nossa maior inimiga.

— Vocês têm que aceitar. Essa guerra precisa acabar, nós temos que viver em paz.

— Existe um código de honra na Cosa Nostra, Camila, não é assim tão simples. Embora Pietro seja o *Don*, essa é uma decisão muito grande para ele tomar sozinho. Nós reuniremos todos os capos para, juntos, tomarmos uma decisão.

— Quais capos? Quando será essa reunião?

— Acho que você já fez perguntas suficientes por hoje, melhor descansarmos um pouco.

— Então, a princípio o perigo maior passou? Nós não precisamos mais ficar presas em casa? — ela perguntou, se empolgando.

— O perigo nunca vai passar, mas sim, a ameaça maior está controlada. Se a decisão for favorável à Rússia, teremos tempos mais tranquilos.

— Ah, meu Deus, estou tão feliz! Eu quero sair por aí dirigindo, vivendo, experimentando...

— Calma aí, italianinha. Se acalme ou daqui a pouco você desmaia novamente. Aliás, descanse porque mais tarde vou levar você ao médico.

— Eu não vou a médico nenhum porque estou ótima. Sua mãe acha que é gravidez, então não tem motivo para pânico. Nós vamos ficar bem! — ela falou tudo de uma vez só, como se não fosse nada, e eu senti meu estômago agitar.

— O que você disse?

De repente, ela parou, se dando conta do que tinha dito e me olhou espantada.

— Droga, não era para eu ter dito nada. Sua mãe disse que vai trazer um teste para eu fazer, mas ela acha que estou grávida.

— E você está? — perguntei chocado.

— Sei lá, Lorenzo, esqueceu que nunca estive grávida? Levando em conta que o único método contraceptivo que estávamos usando era a fé, eu acho que posso estar — ela falou calmamente, me deixando sem palavras.

— Sua menstruação está atrasada?

— Está, mas ela nunca foi muito regular, então...

Camila

Naquele momento, quem parecia que ia desmaiar era o Lorenzo. A cara de choque com que ele estava me olhando me fez sentir vontade de rir, mas eu me controlei. Quando Lili me falou de sua desconfiança, meu coração disparou de nervoso, mas depois eu comecei a imaginar um mafiosinho correndo pela casa com Charlotte e meu coração se derreteu. Além disso, eu amava tanto, mas tanto o meu marido, que queria viver com ele tudo de maravilhoso que a vida pudesse me dar. Um filho nosso seria o maior amor da minha vida.

Lorenzo estava muito pálido quando se sentou na cama, me olhando, calado.

— Amor, você está bem? — perguntei.

— Acho que estou passando meio mal — ele falou, e esfregou o rosto.

— Isso tudo é medo de ser pai? Calma, ainda nem sabemos se é verdade.

— Vamos fazer um exame de sangue para ter certeza — ele sugeriu, mas ainda parecia atordoado.

— Sua mãe vai trazer o teste. Você precisa dormir um pouco, não dormiu a noite toda.

— Você acha que eu vou conseguir dormir? Impossível.

— Está bem, então vamos comer, pois estou com fome. Vou preparar nosso café da manhã — falei, dei um beijo nele, peguei meu celular e saí do quarto.

Quando cheguei à sala, liguei para minha sogra e contei que dei uma mancada e acabei contando a Lorenzo sobre as suspeitas dela. Falei que era melhor fazer o teste logo e tirar essa dúvida, pois ele havia ficado meio perturbado com a possibilidade de ser papai.

Lili já tinha solicitado o teste para a farmácia, que já devia estar a caminho, e ia cuidar do meu sogro, que tinha acabado de chegar, e ela viria, logo depois, para me ajudar.

Desliguei o celular, preparei nosso café da manhã e, quando terminei, montei uma bandeja enorme e levei para o nosso quarto. Lorenzo estava deitado na cama de barriga para cima, com o braço em cima dos olhos. Parei um minuto admirando-o, achando que ele estava dormindo, mas ele tirou o braço de cima dos olhos e me olhou com aquela cara de deus do sexo gostoso, sexy pra caramba. Estava tão distraída babando naquele peito musculoso que me assustei ao ouvir sua voz.

— Você não está com medo? — Ele não especificou, mas eu sabia exatamente do que estava falando.

Coloquei a bandeja de café da manhã em cima do aparador no quarto e voltei minha atenção para ele.

— Medo de quê? Eu sei que você estará comigo e cuidará de nós.

— Eu me sinto lisonjeado com a fé que você deposita em mim, mas nesse momento você está super calma e eu, apavorado.

— Estou vendo, mas não sei que medo é esse que você está.

— Não sabe? Porra, é um bebê, Camila! É assustador pra caralho.

Eu nem sabia se realmente estava grávida, e nós estávamos tendo essa conversa de uma maneira tão tensa e cheia de receios. Eu já estava ficando irritada.

— Por que você não pensou nisso antes de gozar dentro de mim sem camisinha? Lorenzo, eu nunca te enganei, você sabia que eu não estava tomando pílula. Você achou que a gente ia ficar o resto da vida transando sem se proteger e Deus operando o milagre na nossa vida? Olha para a sua família, todo mundo aqui parece coelho, cheio de filhos, com vários casos de gêmeos, inclusive. Você achou mesmo que com a gente seria diferente? Eu sabia que podia acontecer a qualquer momento e não me importei, justamente por isso não me desesperei quando sua mãe cogitou a possibilidade

da gravidez. Agora você fica me olhando com esses olhos arregalados, como se não soubesse que transar gera bebês. E outra coisa, reza para não vir gêmeos! — falei tudo de uma vez.

Lorenzo ficou sem palavras, abrindo a boca várias vezes para falar algo, mas desistindo. Depois de algum tempo, ele sentou na cama, esfregou o rosto e me olhou.

— Você está certa. Eu fui um irresponsável e era óbvio que isso aconteceria mais cedo ou mais tarde. Vamos fazer esse teste de uma vez.

— Sua mãe vai trazer o teste daqui a pouco — falei emburrada, e ele me puxou para sentar em seu colo.

— Tudo bem, vamos ter certeza antes de qualquer coisa. Agora, vamos comer porque o cheiro do seu café está delicioso — ele falou, e eu pulei do colo dele para pegar a bandeja.

— Finalmente, estou morrendo de fome.

Peguei a bandeja, sentei na cama novamente e nós comemos em paz.

Capítulo 31

Lorenzo

Um pouco mais tarde, minha mãe chegou à minha casa com uns cinco testes de gravidez diferentes. O susto inicial já tinha passado, mas eu ainda estava ansioso com a ideia de ser pai. Camila tinha razão em tudo o que me disse, afinal com a vida que levávamos era óbvio que uma gravidez poderia acontecer a qualquer momento, mas eu ignorei todos os riscos porque era completamente viciado nela.

Eu chegava em casa cansado, estressado e tudo o que eu queria era me perder na mulher que eu amava. Camila era meu remédio, minha necessidade, o ar que eu respirava. Eu nunca pensei que um dia fosse experimentar um amor assim, maravilhoso e perturbador pra caralho.

Camila pegou os testes e foi para o banheiro, mas nem se deu ao trabalho de fechar a porta; minha mãe e eu ficamos sentados na cama esperando. Minhas mãos estavam suando. Quando ela saiu do banheiro, eu não consegui decifrar o olhar dela e perguntei:

— E então?

Minha mulher andou até mim e me entregou o teste. Eu não entendia muito bem, mas tinha uma carinha feliz, então só podia ser positivo. Olhei para Camila e, vendo minha dúvida, ela sorriu e assentiu. Era real, eu ia ser pai!

Minha mãe começou a gritar, abraçou a Camila e as duas começaram a chorar. Eu ainda não estava conseguindo assimilar aquela nova realidade. Minha mãe se aproximou de mim, beijou meu rosto e me abraçou.

— Parabéns, meu filho! Você vai ser um pai muito lindo — ela disse, olhando fundo nos meus olhos. — Seu pai está vindo pra cá.

Eu sorri, ainda meio em choque. Poucos minutos depois, meu pai entrou no quarto e logo caminhou em minha direção. Ele me abraçou e foi apenas naquele momento que a minha ficha realmente caiu e uma emoção nova e desconhecida cresceu no meu peito.

— Parabéns, meu filho! Ser pai é maravilhoso — ele falou, sorrindo para mim e passando a segurança que ele sabia que, naquele momento, eu precisava.

Eu já era um homem feito, mas me senti novamente um menino. Lembrei-me de todas as vezes que eu precisei dessa segurança e meu pai sempre esteve lá. Lembrei-me do início, quando eu estava sendo iniciado na máfia e o pânico ameaçava tomar conta de mim e eu começava a me perder, eu ouvia a voz firme do meu pai falando *“Lorenzo, olha para mim. Olha para mim, filho. Eu estou aqui! Vai ficar tudo bem, eu estou aqui!”* E foi assim que eu superei todos os meus medos e me tornei quem eu era. Meu pai sempre estava lá por mim e isso me acalmava.

— Obrigado, pai — foi tudo o que eu consegui dizer.

Olhei para Camila, que estava parada ao lado da minha mãe, fui até ela e a puxei para mim. Ela se aninhou nos meus braços por alguns segundos, depois eu olhei em seus olhos e fui o homem que eu deveria ter sido desde o início.

— Obrigado, italianinha. Eu prometo que vou cuidar de vocês para sempre.

Minha mulher pulou no meu pescoço, me abraçou e me beijou. Eu não vi meus pais indo embora, mas quando me dei conta estávamos sozinhos no quarto e então eu fiz amor com a mãe do meu filho.

No dia seguinte

Acordei e, com cuidado, tirei Camila de cima de mim e fui tomar banho. Quando voltei para o quarto, minha mulher ainda estava com o sono pesado, então dei um beijinho nela e saí de casa.

Quando cheguei à empresa, a maioria dos capos já estavam lá, meu pai já tinha espalhado a novidade e todos me parabenizaram pela gravidez. Até o inútil do Aleksander, pai da Amanda, me deu os parabéns. A vontade que senti foi de mandar ele aprender a ser pai antes de tudo, mas me contive. Minutos depois, a reunião começou. Todos sabíamos que a decisão final seria do Pietro, mas ainda assim ele colocou em pauta a proposta que recebeu.

A decisão foi praticamente unânime entre os capos: vender nossa droga para os Russos e selar um acordo de paz. Não teríamos uma aliança com eles, mas também não continuaríamos em guerra. Itália e Rússia nunca seriam aliados, pois nós não os queríamos em nosso território, então a negociação aconteceria nos nossos termos. Confesso que eu me senti aliviado com a trégua, principalmente naquele momento em que meu filho estava a caminho.

Uma semana depois

Camila estava com a primeira consulta marcada para o dia seguinte e eu, ansioso para ver se estava tudo bem com minha mulher e meu filho. As mulheres grávidas normalmente engordam, no entanto Camila perdeu peso na última semana. Ela não conseguia comer nada, pois vomitava tudo logo depois que colocava qualquer coisa na boca e se sentia fraca e tonta na maior parte do tempo. Eu sabia que grávidas passavam mal, mas ela me parecia pior do que as outras e isso me deixou muito preocupado.

Minha mãe ficava com ela a maior parte do tempo enquanto eu estava trabalhando; felizmente Nina melhorou e não precisou tanto da minha mãe nesse período. Eu queria que Camila tivesse o mínimo de contrariedades, por isso fiquei aliviado ao saber que ela vinha rejeitando as ligações de Frederico. Eu, sinceramente, preferia mesmo que ele não soubesse ainda que ia ser avô. Pietra também tentou ligar para ela, mas eu contei o que aconteceu e Camila disse que não queria mais nem ouvir falar o nome dela.

A trégua com os russos trouxe um pouco de paz, no entanto eu jamais deixaria de estar vigilante com a segurança da Camila, muito menos com ela esperando meu filho. Eu só não consegui ficar completamente aliviado porque Sasha sumiu antes de ser pega. Nossos homens estavam atrás dela, mas ou ela sumiu da Itália ou estava muito bem escondida, porque ainda não encontraram nenhum rastro.

Passei na Alcatraz antes de ir para casa. A boate estava voltando a funcionar então eu quis ver como estavam as coisas. Achei que pudesse diminuir o movimento por causa do incidente da semana anterior, mas eu me enganei, pois a boate ainda nem estava aberta e já tinha uma fila do lado de fora.

Demorei menos de uma hora lá. Conversei com o gerente que assumiu tudo depois da saída da Sasha, acertamos os últimos detalhes e fui para casa. Eu estava ansioso para ver minha mulher e saber como ela estava.

Quando cheguei em casa, não vi Camila na sala. Subi e encontrei-a deitada na cama com Charlotte ao seu lado em sua caminha no chão. Minha mulher estava com os olhos fechados, então me sentei na cama, fiz um carinho de leve em seu rosto, e ela automaticamente abriu os olhos e sorriu para mim.

— Ei, como você está? — perguntei, dando um beijo em sua testa.

— Um pouco fraca. Nada para no estômago, mas eu sinto fome o tempo todo — ela respondeu, se sentou na cama e veio me abraçar, mas de repente se afastou com a mão tapando o nariz e a boca. — Lorenzo, você fumou?

— Não, claro que não — falei, a princípio sem entender.

— Você está fedendo a cigarro.

Camila se levantou e correu para o banheiro. *Merda!* Levantei-me e fui atrás dela, sem saber se era o melhor a fazer. Quando cheguei ao banheiro, ela estava com a cara enfiada no vaso, vomitando. Ameacei me aproximar, mas ela esticou a mão para me parar.

— Desculpa, amor. Eu passei na boate antes de vir para casa e a maioria dos funcionários lá fuma. Eu vou tomar banho.

Ela não respondeu, pois continuava vomitando. Eu tirei a roupa, coloquei-a enrolada em um canto longe dela e entrei no chuveiro para tentar tirar o cheiro que eu mesmo nem estava sentindo.

Me ensaboei bastante e quando terminei o banho, Camila já estava deitada novamente, encolhida na cama. Meu coração se apertou ao vê-la tão frágil. Aproximei-me dela, com medo de qualquer cheiro me incomodá-la, e me sentei na cama mantendo certa distância.

— Camila, isso não é normal. Eu sei que as grávidas enjoam, mas eu nunca vi nenhuma igual a você. Nina também está grávida e não fica desse jeito. Acho melhor irmos ao hospital.

— Lorenzo, se você tentar me tirar dessa cama agora, eu mato você. A consulta é amanhã e nós vamos saber se isso é

normal *amanhã*. Agora me deixa descansar, ou melhor, pega alguma coisa para eu comer que estou com fome — ela ordenou.

Fui até a cozinha, imediatamente, porque ela podia tudo. Por ela eu faria tudo!

Camila

No dia seguinte

Eu nunca pensei que ficar grávida fosse tão difícil. Eu estava totalmente sensível a qualquer cheiro, como se meu olfato estivesse muito mais aguçado. Eu sentia fome o tempo todo e tudo me enjoava, mas eu comia mesmo assim e depois vomitava. Logo eu que sempre amei comer e era inimiga das dietas, agora estava em uma dieta forçada e quase nada parava no meu estômago. Além dos enjoos, eu também salivava excessivamente. Nosso bebezinho já chegou tomando conta de tudo. Meu mafiosinho mostrou que veio para dar trabalho.

Acordei e, depois de vomitar até o que eu não tinha no estômago, tomei banho. Lorenzo levantou mais cedo e já estava arrumado para irmos à consulta. Quando saí do banheiro, encontrei-o sentado na cama segurando uma bandeja cheia de frutas. Meu marido mafioso era lindo sempre, mas quando trazia comida para mim, ele era irresistível.

— Tente comer, pelo menos, essas frutas — ele falou e eu queria mordê-lo de amor por se preocupar tanto comigo.

Comi o que consegui e saímos de casa. Enjoei no caminho para a clínica e quase vomitei em cima do Lorenzo, o que fez eu chegar lá me sentindo fraca e zozza. Lorenzo queria me carregar no colo, mas achei exagero e não quis, então ele me ajudou a descer do carro e nós entramos no hospital.

Assim que chegamos ao andar da obstetrícia, a recepcionista preencheu minha ficha e me encaminhou para a triagem, onde aferiram minha pressão, me pesaram e colheram meu sangue. O resultado dos exames de sangue ficariam prontos em meia hora e, logo em seguida, eu teria a consulta.

Aquele hospital mantido pela máfia era enorme e super moderno. A cada dia eu descobria que Lorenzo e sua família eram donos de quase toda a Itália.

Lorenzo e eu ficamos sentados na sala de espera, quase todo o tempo em silêncio. Trinta minutos depois, fui chamada pela médica.

— Bom dia, senhor e senhora Esposito, eu sou a doutora Clarice e estou aqui para ajudar vocês em tudo o que precisarem. É a primeira gravidez? — a simpática médica perguntou.

— Sim, é nosso primeiro bebê — respondi. Eu gostei dela.

— Certo. Então vamos lá, o exame de sangue que você fez sugere que o tempo de gestação está entre sete e oito semanas, mas só saberemos com exatidão no exame de imagem. Como você tem se sentido, Camila?

Relatei todos os meus dias para a médica, com os enjoos diários. A doutora Clarice me ouviu atentamente e depois olhou todos os meus exames. Ela não disse que era normal a forma como eu estava me sentindo, como eu esperava que fizesse. A médica ficou analisando todos os exames como se quisesse encontrar alguma coisa e isso me deixou apreensiva.

— Algum problema, doutora? — Lorenzo perguntou.

Clarice finalmente nos olhou e seu olhar não me transmitiu nenhuma tranquilidade.

— Por tudo o que você me relatou e pelo resultado de alguns exames, observo que você está com hiperêmese gravídica...

— Isso é grave? — Lorenzo perguntou, antes de a médica terminar de falar.

— Sim e não. Nos casos mais graves, a gestante precisa ser internada para receber soro e evitar uma desidratação, mas na maioria dos casos o que ocorre é o vômito excessivo e náuseas.

A médica nos explicou o que era essa condição, e tudo o que ela falava descrevia exatamente o que eu estava sentindo. Por fim, ela nos tranquilizou:

— Não se preocupem, pois são raros os casos em que esse problema afeta o desenvolvimento do bebê.

Eu fiquei mais aliviada.

— E como podemos cuidar disso, doutora? — perguntei.

— Dá para controlar os sintomas com uma dieta leve, fazendo refeições em menores intervalos de tempo e evitando o consumo de alimentos gordurosos e processados. Eu vou passar uma lista do que é permitido e o que se deve evitar. No seu caso, como houve perda de peso e algumas alterações clínicas e laboratoriais, recomendo que você seja internada para hidratação endovenosa e correção dos possíveis distúrbios.

— O quê? Ela terá que ficar internada? — Lorenzo perguntou, nervoso.

— É o procedimento recomendado, senhor Esposito — a médica respondeu.

— Podemos colocá-la no soro em casa? Eu compro os equipamentos e contrato uma enfermeira, isso não é problema para mim — Lorenzo sugeriu, e eu também preferia que fosse assim.

— Tudo bem. Eu vou providenciar tudo para que isso aconteça.

— Eu pago o que for necessário para que ela seja tratada em casa.

— Ótimo, senhor Esposito — ela disse. — Agora, vocês gostariam de ver o bebê de vocês?

— Estou ansiosa — falei sorrindo e Lorenzo beijou minha mão.

Fomos para uma outra sala e lá fizemos um exame endovaginal. Quando meu pequeno bebê apareceu na tela, meu coração se encheu de amor e eu senti que todo o sofrimento que eu estava passando com os enjoos, tonturas e fraquezas valeria a pena.

— Olha que bonitinho o nosso pedacinho de gente, amor — falei emocionada.

Lorenzo também estava sorrindo e aquele foi o sorriso mais lindo que já vi em seu rosto desde que nos conhecemos.

— É lindo e se parece com você. Doutora, já é possível saber o sexo? — ele perguntou.

— Ainda não, mas vocês podem pedir um exame de sexagem fetal com as amostras colhidas hoje.

— Nós queremos, com certeza! — falei empolgada.

— Tudo bem, eu vou fazer o pedido. O bebê está com aproximadamente oito semanas e já tem batimentos cardíacos — ela falou e aumentou o som do aparelho.

Eu ouvi pela primeira vez as batidas do coração do meu bebê e era o som mais bonito do mundo. Lorenzo sorria o tempo todo e beijava minha mão, claramente emocionado.

Quando terminamos o exame, a médica sugeriu que eu tomasse pelo menos um frasco de soro antes de voltar para casa, depois ela me liberaria para ser assistida em casa a partir do dia seguinte. Ela nos explicou também que era importante para eu me nutrir, restabelecer o volume líquido no meu organismo e elevar minhas reservas de eletrólitos, vitaminas, aminoácidos e calorias.

Com isso, nós aceitamos e, então, ela me encaminhou para um quarto e lá conectou o soro ao meu braço. Lorenzo ficou sentado em uma cadeira ao lado da cama e segurou minha mão durante o tempo que fiquei lá.

— Você prefere menina ou menino? — perguntei a ele.

— Eu prefiro que essa fase difícil da sua gravidez passe rápido e ele ou ela chegue cheio de saúde — Lorenzo respondeu. — E você, tem preferência?

— Minha única preferência é que ele nasça e cresça em um ambiente cheio de amor e alegria — eu falei, sincera.

Uma boa estrutura familiar e muito amor era fundamental para qualquer pessoa, então era exatamente isso que eu desejava para o meu mafiosinho.

— Isso nunca vai faltar para o nosso bebê, meu amor. Essa é uma das únicas certezas que eu posso te dar. Algumas pessoas

acham que dentro das famílias na máfia não existe amor e, claro, muitas famílias são assim, inclusive fora da máfia, mas não na minha família. Nina e eu crescemos cercados de amor e tivemos uma vida totalmente normal e feliz, até termos entendimento de quem a nossa família era. Dentro da nossa casa não se falava em morte, éramos uma família comum...

Eu não precisava ouvir a história de Lorenzo para sentir que tudo aquilo era real, porque eu via na forma como eles se olhavam e se protegiam. Havia muito amor naquela família. Ainda assim, eu sempre gostava de ouvi-lo falar.

— Quando eu cresci e entendi quem meu pai era, eu também senti medo. Eu tinha medo de que ele fosse trabalhar e não voltasse para casa, então quis ser iniciado o quanto antes para ajudá-lo, mas ele não permitiu antes dos meus dezoito anos. Quando eu comecei a treinar, percebi que além de todo o amor que eles sempre dedicaram a nós, que era incondicional e infinito, eles faziam tudo, absolutamente tudo, para me agradar.

— Eu sinto isso com você, todo o cuidado e atenção que você tem comigo, e vejo que seus primos, tio e cunhado também são assim em suas casas.

— Você tem razão. E eu lembro de pensar que era como se meus pais precisassem me recompensar por terem me gerado em um mundo tão hostil. Eu ia treinar e minha mãe ficava em casa chorando, mas quando eu voltava, ela tinha mandado fazer minha comida e sobremesa predileta e, assim que eu entrava pela porta, ela me enchia de beijos. Se eu estivesse com algum machucado, ela beijava cada um deles e chorava.

A essa altura, eu já estava toda chorosa, ouvindo a forma carinhosa com que Lorenzo falava sobre seus pais.

— Tenho certeza de que você e a Nina sempre foram muito amados, e ainda são.

— Eu sentia mesmo, todos os dias, o quanto eu era amado. A Nina até ficava com ciúmes, mas meu pai a mimava demais também. Eles tentavam nos recompensar de todas as maneiras

possíveis. Se dependesse da dona Lili, eu ainda estaria debaixo das asas protetoras dela. Quando eu avisei que ia me mudar e não moraria mais com eles, ela chorou e fez um drama enorme, parecia até que eu ia me mudar para outro país. — ele falou e sorriu para mim.

— Posso até imaginar. Nosso filho ainda nem nasceu e eu já sei que também chorarei muito no dia que precisar me afastar dele.

Lorenzo enxugou uma lágrima que começou a escorrer pela minha bochecha, me deu um selinho e colocou a mão sobre minha barriga.

— Quando eu soube que você estava grávida, eu me apavorei, mas bastou ver o meu pai e ele me abraçar para eu me sentir seguro. Tendo pais como Lili e Enzo, eu só posso fazer de tudo para ser um bom pai, porque eles me ensinaram da melhor forma, com exemplos.

Quando Lorenzo terminou de falar, eu tive ainda mais certeza de que eu era uma mulher de muita sorte.

Capítulo 32

Lorenzo

Algum tempo depois

Um quarto de hospital foi montado na nossa casa e eu contratei uma cozinheira especialista em nutrição para gestantes. Camila passou a ter a alimentação adequada, na hora certa e, apesar de ainda sentir muitas náuseas, ela passou a vomitar com menos frequência. A doutora Clarice ia à nossa casa uma vez por semana para examinar a Camila e nos tranquilizava, dizendo que estava tudo sob controle. Depois de algum tempo, minha mulher parou de emagrecer e ficou com a aparência menos abatida.

Eu saí para o trabalho com uma missão especial para o final do dia: buscar o resultado do exame de sexagem fetal e, finalmente, descobrir o sexo do nosso bebê. Cheguei à empresa, ansioso, passei na sala de Pietro para deixar o relatório do dia e, antes de sair, fui falar com meu pai.

— Estou indo para casa, mas antes vou passar no laboratório para pegar o resultado do exame para saber o sexo do seu neto — falei, sem conseguir esconder minha empolgação.

— Minha neta, Lorenzo. Nós dois sabemos que é uma menina — Meu pai me corrigiu.

— Nós dois? Você que cismou com isso — falei rindo.

— Não cisme, filho, é *karma*. Eu paguei, Raphael pagou e você, com certeza vai pagar. Não adianta lutar contra... — ele falou como se fosse a coisa mais certa do mundo.

— Bom, como eu não tenho a mesma certeza que você, eu vou aguardar o resultado do exame.

— Tudo bem, depois me ligue para dizer qual será o nome da minha neta — ele falou debochado, e eu saí rindo.

Cheguei ao laboratório e quando peguei o celular, vi que Camila já tinha me ligado duas vezes e me enviado várias mensagens. Eu ia fazer um pouco de suspense, então peguei o envelope com o resultado do exame e segui para casa, pois queria estar ao seu lado quando soubéssemos.

Dirigi o mais rápido que pude e, quando cheguei em casa, Camila me recebeu ansiosa e com um sorriso enorme no rosto.

— E então, teremos um mafiosinho ou uma italianinha? — ela perguntou, antes mesmo de me beijar.

— Primeiro, eu quero um beijo da mãe do meu filho.

— É menino?! — ela gritou no meu ouvido, porque usei o masculino para falar.

— Não, Camila.

— Ahhh, então é uma meninaaa!!!

— Calma, mulher! Eu ainda não sei, deixei para abrir junto com você.

Minha mulher se jogou para cima de mim, tentando pegar o envelope da minha mão, mas levantei o braço e, como ela era pequena, não alcançou.

— Lorenzo, abre logo!

— Primeiro o meu beijo.

Ela se deu por vencida e me beijou, primeiro lentamente, mas logo estávamos nos agarrando com vontade. Nossa vida sexual estava bem menos movimentada desde que ela começou a se sentir mal por causa da gravidez e as coisas estavam difíceis para mim, já que só de olhá-la, eu a queria, sempre.

Meu pau não era tão compreensivo quanto eu e já estava duro pra caralho quando eu resolvi encerrar nosso beijo para não comê-la naquele instante.

— Agora podemos abrir — falei rindo.

Puxei-a pela mão, sentei no sofá e ela sentou no meu colo. Quando entreguei o envelope para Camila, ela o abriu afoita. A folha tremia em suas mãos quando começamos a ler, até que no final identifiquei o resultado.

*A ausência de sequências amplificáveis do cromossomo Y na amostra de plasma materno indica que o feto é **Feminino**.*

Eu caí na gargalhada lembrando do meu pai, na mesma hora em que Camila me abraçou emocionada, repetindo que seria uma italianinha.

— O sacana do meu pai tinha razão. Eu vou ser pai de uma menina, que Deus me ajude, principalmente sendo sua filha, neta de dona Lili e sobrinha de Nina. Eu estou muito fodido — falei rindo e abraçando a minha mulher.

— Fique você sabendo que ela será uma menininha muito comportada, mas prepare a sua carteira, porque nós vamos gastar todo o seu dinheiro, meu amor — ela falou debochada.

— Tenho certeza disso — respondi rindo.

De repente, a porta da casa se abriu num supetão e eu me assustei.

— E então? Qual o sexo? — minha mãe perguntou, eufórica.

— Uma menina, sogra — Camila respondeu, pulando do meu colo e levando o exame para minha mãe ver.

As duas fizeram todo aquele ritual feminino de gritinhos, risadas e abraços, enquanto eu fiquei apenas observando.

— Bem que o Enzo falou, ele não erra uma! — minha mãe falou orgulhosa.

— O que eu não erro? — meu pai perguntou, entrando na minha casa.

— Lorenzo e Camila terão uma menina — minha mãe respondeu, sorrindo e batendo palma.

— Para mim não é novidade. Eu avisei! — meu pai disse, sentindo-se vitorioso.

Lorenzo

Alguns meses depois

A parte mais difícil da gravidez parecia já ter passado. Camila estava completando cinco meses de gestação e já sentia poucos enjoos, tinha engordado e estava com uma aparência muito mais saudável. Ela nunca esteve tão encantadora; minha filha também estava saudável e isso me deixou duplamente aliviado.

No período mais difícil, Camila não saiu de casa e, ainda assim, ficou estranhamente paciente. Ela estava totalmente envolvida com a maternidade. Minha mulher me surpreendia e me dava orgulho todos os dias, e eu tinha certeza de que, apesar de tão novinha, ela seria uma mãe incrível.

A paz na máfia não poderia ter vindo em hora melhor. Estávamos vivendo intensamente cada fase dessa nova vida, que era assustadora e, ao mesmo tempo, incrível pra caralho para nós dois. A primeira vez que nossa filha se mexeu no ventre da mãe, eu pensei que ia infartar porque um sentimento, aparentemente grande demais para caber no meu peito, se apoderou de mim. Tudo o que eu achava que sabia sobre o amor, um amor que eu nunca soube de fato externar, mas que aprendi vendo os meus pais e que recebi deles, parecia insignificante diante do que eu estava sentindo. *Não consigo nem explicar.*

Eu estava feliz pra caralho ao mesmo tempo que sentia em mim, todos os dias, o peso do medo e da preocupação quando a percepção de que eu não merecia nada daquilo me atingia.

Durante esse tempo, o Frederico estava quieto demais. Ele ainda não sabia sobre a neta, pois Camila não quis contar e eu fiquei aliviado com isso. Ninguém fora da máfia sabia, na verdade.

Aos olhos da Camila, o pai tinha apenas se conformado com nosso casamento, mas eu sabia que esse não era o caso. Ele estava armando alguma coisa.

Eu tinha homens no encalço do Frederico e, aparentemente, ele estava cuidando da própria vida: tinha reassumido seu cargo nos tribunais. Meus homens também relatavam que ele não estava mais bebendo e nem jogando. Meu sogro ainda mantinha contato com os Outlaws, pois foi ao moto clube duas vezes nos últimos meses, mas tinham sido visitas rápidas e eu não consegui saber do que se tratava.

Giovanni tinha assumido o comando dos Outlaws depois da morte de seu pai e, aparentemente, comandava de forma um pouco menos corrupta e covarde. Eu não confiava em Frederico e muito menos em Giovanni, mas enquanto eles não dessem um passo errado, eu manteria minha arma no coldre.

Havia um acordo entre a máfia e o moto clube, que era um senso comum: não chamar a atenção da polícia. Mesmo que muitos deles estivessem em nossa folha de pagamento, inclusive o delegado, nós tentávamos não chamar a atenção para não precisar deles. Giovanni não podia fazer merda em nosso território, e nós também resolvíamos nossas merdas sem fazer alarde. Isso vinha funcionando para nós, mas eu tinha certeza de que alguma merda estava sendo planejada.

Já era tarde da noite e Camila continuava na sala estudando, enquanto eu estava no meu escritório olhando as câmeras da Alcatraz. Depois da gravidez da minha mulher, eu ia pouco na boate, assim como Raphael. Nós fazíamos nosso trabalho de casa e tínhamos homens de confiança lá, caso precisássemos.

Sasha era outra dor na bunda, porque ela ainda não tinha sido encontrada. *Alguém a está escondendo, é fato.*

— Amor, vem cá — Camila gritou.

Eu fui até a sala e lá encontrei-a sorrindo e alisando a barriguinha.

— Está precisando de mim? — perguntei, sentando-me ao lado dela e, automaticamente, colocando a mão na minha filha.

— Sinta como ela está agitada hoje. Acho que estou gerando uma jogadora de futebol, porque já levei cada chute que pensei que ia quebrar minhas costelas.

Eu ri e coloquei minha outra mão sobre sua barriga. Nossa filha chutou animada.

— Será que ela puxou a quem, que não para um minuto? — falei sarcástico.

— Você, claro — ela respondeu cínica.

Antonella era uma bebê muito agitada, mexia todo o tempo. Minha pequena italianinha já demonstrava que ia nos dar trabalho, mas eu não via a hora de ela chegar para completar ainda mais meu mundo.



Estava na rua terminando uma cobrança com Romeu, quando meu celular tocou. Eu me afastei para atender.

— Fala, Pietro.

— *Lorenzo, eu preciso que você volte para a empresa, precisamos conversar.*

Pelo tom de voz dele, eu percebi que não era nada bom e me assustei.

— Aconteceu alguma coisa com Camila e Antonella?

— *Não, Lorenzo. Não tem nada a ver com sua mulher e sua filha. Venha logo, aqui conversaremos.*

Encerrei a ligação e fui falar com Romeu.

— Eu tenho que voltar para a empresa.

— Só falta mais um lugar para passar. Aconteceu alguma coisa?

— Pelo tom de voz de Pietro, imagino que sim. Você assume sozinho daqui, eu vou voltar.

Liguei novamente para meu primo e pedi que ele mandasse um carro com motorista para pegar Romeu, já que fomos juntos no meu carro até ali. Quando cheguei à empresa, fui direto para a sala do Pietro.

— O que aconteceu? — perguntei, sem rodeios.

— O delegado Tomasio esteve aqui para avisar que teve que reabrir o caso do civil que você matou na Alcatraz.

— Por que? Ele garantiu que eu não precisaria me preocupar com aquilo.

— Seu sogro está de volta à ativa, Lorenzo. Embora ele seja um fodido como exemplo, tem certa influência e pediu a reabertura do caso alegando que tem uma nova testemunha que precisa ser ouvida. Tomasio não teve como negar isso.

— Só tem uma pessoa que pode estar por trás disso e pode servir como testemunha, a puta da Sasha — falei, sentindo a ira se construindo em mim.

— Também pensei nela. Temos que encontrá-la antes que ela deponha contra você. Não podemos arriscar que esse caso vá a julgamento. Tomasio me garantiu que você poderá aguardar o julgamento em liberdade, mas se o caso chegar aos tribunais, Frederico tomará a frente e não te poupará.

Quando Pietro terminou de falar, eu queria sair dali e, com todas as minhas forças, matar Frederico, mas isso só pioraria a situação. Eu tinha que pensar friamente, mas tínhamos que encontrar Sasha antes de tudo.

— E tem mais... — Pietro falou, tirando-me de meus pensamentos. — O juiz te acusou de ter sequestrado a Camila, enquanto ela ainda era menor de idade, e de mantê-la em cárcere privado. Frederico alega que a filha se casou com você porque está sofrendo de Síndrome de Estocolmo.

— Você está de brincadeira comigo.

— Infelizmente não. Sua situação está bem complicada, Lorenzo. Eu já acionei nossos advogados e eles já estão estudando o caso.

— Obrigado, Pietro — agradei de coração. — Eu vou sair, preciso resolver um assunto.

— Lorenzo, não vá fazer nenhuma besteira. Mantenha a calma, que nós vamos resolver isso.

— Eu tenho certeza disso. Agora eu preciso ir.

Corri para minha sala e peguei tudo o que precisava. Embora eu soubesse que não deveria, entrei em contato com meus homens e soube que Frederico não estava no fórum, então fui direto para a casa dele. Minutos depois, quando toquei a campainha, a Anita me recepcionou.

— Onde está seu patrão? — perguntei, sem rodeios.

— Estou aqui.

Ouvi a voz do meu sogro e me virei, dando de cara com ele descendo as escadas.

— Eu sabia que receberia sua visita qualquer dia desses — ele falou presunçoso.

— Se eu fosse você, não cantava vitória antes do tempo...



Saí da casa de Frederico mais do que satisfeito depois da nossa encalorada conversa. Ele aprenderia da pior maneira possível a não me subestimar. Ele queria tirar Camila de mim, pois na sua cabeça doente, se me colocasse na cadeia, teria Camila de volta para ele. No entanto, ele não poderia estar mais errado, afinal minha mulher nunca o perdoaria se ele conseguisse o que queria.

Eu confiava na lealdade dela, de olhos fechados, assim como confiava na minha família. Em menos de quatro meses, minha filha chegaria ao mundo e eu explodiria a porra da Itália inteira se alguém me impedisse de estar lá.

Não voltei para a empresa depois da visita ao meu sogro, fui direto para casa, pois precisava ver Camila e conversar com ela. Assim que entrei, avistei-a na sala fazendo seus exercícios. Nós

tínhamos contratado uma personal trainer e ela estava ajudando minha mulher a se manter ativa e em forma durante a gestação.

Christiane Calixto era brasileira, foi muito bem recomendada e escolhida a dedo para cuidar da minha mulher. Camila estava adorando seus serviços. Minha mulher dizia que ela era simpática, amorosa e tinha um sotaque engraçado, que ela adorava. Camila ainda me fez prometer que quando nossa filha nascesse e tivesse maiorzinha, eu a levaria para conhecer o Brasil e, claro, eu faria isso por ela.

Na verdade, Camila sonhava em conhecer o mundo e dizia que, embora temesse o mundo lá fora por todas as maldades que já viu, ela ainda tinha sede de explorá-lo.

A doutora Clarice já tinha dado alta à minha mulher no que dizia respeito à hiperêmese gravídica, e desde então ela estava tendo uma gravidez totalmente saudável.

— Boa tarde — cumprimentei as duas e ambas se assustaram ao ouvir minha voz.

— Lorenzo, você parece um fantasma, ainda vai me matar de susto. Até Antonella pulou aqui na minha barriga — Camila falou, tentando parecer zangada, e eu ri.

Fui até ela, dei um selinho e alisei minha filha, como um pedido de desculpas às duas pelo susto.

— Chegou cedo, está tudo bem? — minha mulher perguntou desconfiada.

— Sim, tudo tranquilo. Não parem por minha causa, eu vou resolver algumas coisas no meu escritório — falei e saí, deixando as duas terminarem o treino.

Eu estava guardando alguns documentos importantes no cofre quando a Camila entrou.

— Terminamos, a Chris já foi. Está tudo bem mesmo?

— Tudo sob controle, nada com que você precise se preocupar.



Assim que acordei no dia seguinte, liguei para uma das nossas advogadas e pedi que ela me encontrasse na empresa para uma reunião urgente. Estava ansioso para conversar com ela e tentar resolver logo minha situação.

Tomei café da manhã com a Camila e fui para a empresa. Quando cheguei, passei primeiro na sala de Pietro, pois queria conversar com ele antes de expor meus planos para a advogada. Contei a ele tudo o que tinha em mente.

— E então, o que você acha? — perguntei, querendo saber sua opinião.

— É um plano muito bom, parabéns pela sua perspicácia. Você foi muito inteligente, Lorenzo.

— Quando se tem muito a perder, a gente passa a ser muito mais cauteloso. Eu não posso me dar ao luxo de que qualquer coisa aconteça comigo, porque Camila e minha filha precisam de mim por perto — respondi sincero.

O telefone da sala do Pietro tocou, avisando sobre a chegada da advogada e meu primo mandou que ela entrasse. Logo depois, Ana Terra Bourbon, uma das nossas advogadas, entrou na sala. Ela era a melhor advogada criminalista da Itália, senão do mundo, e trabalhava exclusivamente para nossa família.

— Bom dia. Em que posso ajudá-los? — ela perguntou, solícita como sempre.

— Doutora, acredito que a senhora já esteja a par da minha situação — fui direto ao assunto e ela assentiu. — Ontem, eu fui até a casa de Frederico Falcone, o juiz federal, que também é meu sogro, que está me processando. Nós tivemos uma conversa, ele deixou claro que só estava agindo de acordo com a lei e que essa era sua obrigação. Então, como o bom genro que sou, resolvi agradá-lo. Já que é assim que ele quer, faremos tudo dentro da lei. Eu quero processar o Frederico Falcone por conduta incompatível com o cargo que ele exerce e pedir sua exoneração.

— Certo — a advogada falou, cautelosa. — Baseado em que você faz essa acusação? Existem provas?

— Eu posso provar — falei satisfeito.

O sabor de ver o feitiço virar contra o feiticeiro animou o meu dia.

Capítulo 33

Lorenzo

Entreguei a cópia do meu *pen drive* a Pietro, ele conectou no computador e então a voz do juiz Frederico Falcone soou na gravação:

— *Eu sabia que receberia sua visita qualquer dia desses.*

— *Se eu fosse você, não cantava vitória antes do tempo... Você está me acusando de crimes que eu não cometi, mas o criminoso aqui é você, caro juiz.*

— *Eu vou colocá-lo atrás das grades e minha filha entenderá que eu apenas cumpri minha obrigação. Eu sou um juiz e cumpro a lei, já você é um marginal.*

— *Que lei? Eu não cometi crime algum. Você está inventando histórias e sabe que eu posso até te processar por calúnia e difamação — falei. — Já você é um bêbado fracassado que perdeu tudo o que tinha no jogo, pegou empréstimo com agiotas para pagar dívidas e não honrou as que contraiu. Por conta disso, eles queriam levar sua filha, menor de idade, como pagamento. E o que você fez? Foi até a polícia denunciá-los? Não! Você não podia manchar sua reputação, não é mesmo, Frederico Falcone? Sua carreira era mais importante do que a integridade física da sua filha.*

— *Cale a boca, seu marginal! Você não sabe do que está falando...*

— *Eu sei exatamente do que estou falando, porque encontrei a Camila sozinha pelas ruas, com frio e fome, assustada e indefesa, sendo atacada por dois marginais que queriam estuprá-la. Ela pode confirmar a história. E você, onde estava enquanto sua filha corria perigo ao fugir de casa com medo de ser levada como pagamento?*

Ela estava desesperada, me pediu ajuda, e eu a acolhi e levei-a para minha casa. Não cometi crime algum, tudo o que eu fiz foi protegê-la. Depois de um tempo, nós nos apaixonamos e, quando ela fez 18 anos, nos casamos. Onde está o crime nisso? Sua filha me ama, porque eu a trato como a princesa que ela é! Ela não tem Síndrome de Estocolmo e qualquer médico pode comprovar isso, a não ser que você suborne um médico, como fez com o doutor Fabrício. — Joguei tudo na cara dele. — Mais um de seus crimes, Frederico. Quer mesmo falar de lei comigo?

— Eu não sei do que você está falando. Eu não fiz nada disso!

— Você sabe exatamente do que estou falando e basta eu denunciar você e o doutorzinho, que eles vão investigar e descobrir a verdade. Além do mais, eu tenho como provar.

— Você está blefando, não tem como provar nada! Fabrício me deve um favor, por isso jamais iria depor contra mim, tão pouco Giovanni, que detesta você tanto quanto eu. Além disso, minha dívida com ele já está paga.

— Porque eu paguei, seu canalha!

— Me respeite, seu moleque. Eu vou te colocar na cadeia, e não sou o único que quer te ver lá. Você não tem como provar nada contra mim.

— Não seja tão ingênuo, Frederico, qualquer pessoa abre o bico ao ser ameaçada de perder a carreira. Eu precisei de cinco minutos para o Fabrício me contar toda a verdade sobre falsificar seu atestado médico dizendo que sua saúde estava muito frágil, quando na verdade você estava totalmente recuperado. Isso é crime, assim como um juiz federal se envolver em jogos e agiotagem. Que vergonha!

— Você não tem como provar nada, está blefando!

— Eu tenho tudo gravado. Fabrício confessou que você fez com que ele mentisse para a Camila dizendo que seu caso era grave, enquanto você estava vendendo saúde. Tudo o que você queria era separar sua filha de mim — falei. — Então, se não

acredita, pague para ver! Tente me prender, tente afastar sua filha de mim e então terá uma bela surpresa.

A gravação parou ali. Tinha muito mais coisas gravadas, mas eu decidi que era o suficiente para mostrar à advogada.

— Você realmente tem uma gravação com o médico? — ela perguntou.

— Tenho. Na época eu achei por bem gravar, pois um dia poderia ser útil. Eu estava certo — respondi.

Entreguei a Pietro outro pendrive que continha a gravação da minha conversa com o doutor Fabrício, ele colocou para a advogada ouvir, e ela o fez com atenção.

— Então, doutora Ana Terra, nós temos ou não material suficiente para entrar nessa guerra?

— É material suficiente para pedir uma exoneração, mas talvez não para mandá-lo para a cadeia. Nas gravações, você o atacou sem dar chance de ele te acusar, isso foi muito inteligente — ela respondeu. — Posso ficar com esses pendrives?

— São todos seus — falei. — São cópias, os originais estão bem guardados.

— Obrigada. Eu vou me reunir com os outros advogados e, em breve, entrarei em contato.

— Okay. Obrigado. — Agradei, ela se despediu e foi embora.

— Lorenzo, você não acha mais viável um acordo? Se Frederico levar adiante o processo em relação a Camila, isso não dará em nada, mas em relação à morte na Alcatraz, se ele realmente tiver testemunha, gerará uma dor de cabeça para nós. Se você processá-lo, ele manterá o processo contra você também — Pietro perguntou assim que a advogada saiu.

— Eu sei, cara. Vou deixar que os advogados montem o processo e, só então, conversarei com ele, mostrarei a petição e as provas. Frederico decidirá se vai querer comprar essa briga comigo. Se ele desistir, eu não levarei adiante, embora seja tentador pra caralho acabar com a carreira dele — respondi. — De qualquer

maneira, precisamos pegar a Sasha, porque só assim, mesmo que eu não o processe, nós o teremos nas mãos.

— Você foi muito sagaz. Essas gravações serão muito proveitosas para tirarmos de vez esse filho da puta do nosso caminho — Pietro falou satisfeito.

Camila

Era sábado e Lorenzo estava enfiado no escritório desde cedo. Eu tinha acabado minha sessão de massagem com o Clô e estava entediada. Graças a Deus as coisas tinham melhorado e os russos não eram mais uma ameaça, então eu queria aproveitar o fim de semana para irmos comprar algumas coisas para o enxoval da Antonella. Cansei de esperar e resolvi chamá-lo, mas quando cheguei perto da porta, o que ouvi fez meu coração disparar.

— *É isso mesmo, pai. Frederico abriu um processo contra mim. Ele está me acusando de ter sequestrado a Camila e de mantê-la em cárcere privado, alegando que ela sofre de Síndrome de Estocolmo. Como se não bastasse, ele também me denunciou pela morte do filho da puta lá na Alcatraz. Ele quer me ver preso, pois acha que, assim, Camila irá para o lado dele* — Lorenzo falou. — *Mas não se preocupe, eu já acionei nossos advogados...*

Eu não quis nem terminar de ouvir. Dessa vez, eu não ia deixar barato, nem ficar de braços cruzados vendo meu pai tentar colocar meu marido na cadeia. Sem pensar em nada, tomei minha decisão.

Peguei a chave do carro de Lorenzo em cima da mesa, meu sobretudo pendurado perto da porta — pois o dia estava muito frio — e saí de casa decidida. Fui até a garagem, entrei no carro com os vidros fechados e dei partida. Eu já tinha tirado minha habilitação e tinha dirigido algumas vezes durante esse tempo, mas sempre com a supervisão de Lorenzo. Sozinha, seria a primeira vez, mas eu me sentia segura para isso.

O desafio era passar pelo portão do complexo, mas o universo conspirou a meu favor. O carro de Raphael estava saindo quando eu cheguei ao portão, então, assim que ele passou, eu acelerei e passei também, aproveitando os portões abertos. Os

soldados nem tiveram tempo de ver quem estava ao volante. Não corri e dirigi com atenção, pois eu jamais colocaria a vida da minha filha em risco, mas eu poderia matar alguém com o tamanho da raiva que estava sentindo.

Meu pai ultrapassou todos os limites. Eu poderia relevar qualquer coisa que ele fizesse comigo, mas jamais o perdoaria por tentar arrancar de mim a pessoa que eu mais amava, além da minha filha.

Quando cheguei à casa do meu pai, estacionei o carro de qualquer jeito e entrei em casa sem tocar a campainha. Ele estava na sala, assistindo alguma coisa na TV, e se assustou quando me viu.

— Filha, você veio me ver.

— Não me chame de filha! Você não me respeita e só me dá desgosto.

— O que é isso, Camila? É isso que aquele marginal está te ensinando?

Mais uma vez ele tentou atacar Lorenzo e eu me descontroliei.

— Cale a boca! Quem você pensa que é para falar do meu marido assim? Eu não sou mais aquela garotinha em quem você mandava e desmandava, que abaixava a cabeça para tudo — gritei descontrolada e ele se assustou.

A gravidez estava me deixando com os nervos à flor da pele. De qualquer maneira, eu já estava cansada das maldades, do egoísmo e da falta de respeito do meu pai com as minhas escolhas.

— Você nunca falou comigo desse jeito, me respeita, menina!

— Me respeite, você! Deixe-me viver minha vida em paz. Pare de perseguir o meu marido, de tentar colocá-lo na cadeia e afastá-lo de mim. Você não entende? Eu amo o Lorenzo, e se o senhor tirá-lo de mim, eu nunca mais serei capaz de olhar na sua cara. Nunca mais! O senhor não precisa gostar dele, nem aceitá-lo como genro, apenas não interfira na nossa vida. Me respeite, respeite o meu casamento e o meu marido, o homem que eu escolhi. Estou feliz com o Lorenzo, e estou com ele porque o amo e nós vamos ter

um bebê — gritei e abri meu sobretudo, deixando minha barriga à mostra.

Meu pai arregalou os olhos, chocado.

— Você está... grávida? Porque nunca me contou? — ele perguntou pálido, ainda olhando minha barriga.

— É uma menina. A sua neta, assim como eu, precisa do pai dela por perto. Por favor, nos deixe em paz, não tire isso de nós!

Sem suportar mais, chorei copiosamente. Meu corpo todo começou a tremer, exausto de toda aquela briga. Eu só queria paz para ter a minha filha, não aguentava mais um pai negligente e alienado, que só pensava em si mesmo e em seu orgulho. Ele ameaçou se aproximar de mim, mas eu o parei.

— Não se aproxime. Eu não o quero perto da minha filha, quando tudo o que o senhor quer é fazer mal ao pai dela.

— Camila, por favor... — ele tentou argumentar.

Nesse momento, enquanto uma tontura forte me atingia, ouvi barulho de pneus de carro cantando e, em seguida, a porta da casa do meu pai sendo aberta violentamente. Quando olhei para trás, Lorenzo estava parado à porta e, então, tudo ficou escuro diante de mim.

Lorenzo

Minutos antes

Eu estava ao telefone com meu pai, contando a ele sobre o processo do Frederico, quando ouvi o barulho da porta da sala.

— Pai, espera um minuto.

Saí do escritório e não vi Camila na sala, chamei e não respondeu, a casa estava toda silenciosa.

Ao me virar para voltar ao escritório, olhei para o móvel e não vi a chave do meu carro.

— Não, não não. Puta merda!

Peguei minha arma, o celular e a chave de outro carro e saí de casa rápido. Cheguei ao portão e os seguranças confirmaram que viram meu carro saindo às pressas. Não parei para questioná-los porque, naquele momento, eu não tinha tempo.

Saí do complexo, tentando pensar para onde ela teria ido, e demorei menos de um minuto para organizar os fatos na minha cabeça. Ela tinha ouvido minha conversa com meu pai e tinha ido atrás de Frederico. *Merda!*

Eu nunca corri tanto na minha vida. Quando cheguei em frente à casa dele e vi meu carro parado, senti um misto de alívio e medo. Alívio por ela ter chegado em segurança, e medo do que poderia estar acontecendo lá dentro. Estacionei o carro de qualquer maneira, passei pelo portão e, ao entrar na sala e ver o rosto da Camila, eu soube que tinha algo errado.

Antes que eu pudesse me mexer, eu a vi caindo diante dos meus olhos e o ar praticamente parou de entrar nos meus pulmões. Corri e consegui ampará-la.

Deus, eu sei que não mereço, mas por favor... — implorei, mesmo não sendo muito amigo dEle. Com certeza eu não era um dos seus favoritos, mas Camila certamente era e minha filha era um anjo que sequer tinha nascido.

Olhei para o rosto da minha mulher e seus lábios estavam pálidos. Puxei seu corpo mole e abracei, meio desnortado, tentando pensar.

— Camila, amor, acorda. — Ela não reagiu.

Desesperado, peguei-a no colo e comecei a sair dali, com Frederico atrás de mim. Sem parar, porque minha prioridade era socorrer minha mulher naquele momento, dei meu aviso a ele:

— Se acontecer alguma coisa com a Camila ou com minha filha, você é um homem morto.

Não esperei resposta. Coloquei Camila deitada no banco de trás do carro e o mais rápido que pude, dirigi para o hospital. Cheguei à Urgência e entrei, com ela ainda desacordada em meus braços e o pavor tomando conta de mim a cada segundo. Uma equipe médica me cercou e, logo, uma maca apareceu.

— Coloque-a aqui, senhor. O que aconteceu? — um dos enfermeiros perguntou, enquanto verificava o pulso dela.

— Ela desmaiou... Estava sob uma situação de muito estresse e desmaiou, eu não sei direito — respondi, ainda desnortado e me sentindo fraco.

— Qual o tempo de gestação, senhor? — um deles perguntou.

— Vinte e quatro semanas. A doutora Clarice é a obstetra dela — respondi.

— Ótimo, porque ela está aqui no hospital. Chamem a doutora Clarice agora — o médico gritou para alguém e depois se dirigiu a mim. — Qual é o seu parentesco com a paciente?

— Eu sou o marido. Doutor, elas são tudo o que eu tenho de mais importante — falei, sentindo uma pressão horrível no peito.

— Espere aqui, senhor. Em breve eu volto com notícias — ele me avisou e se foi, levando minha esposa e minha filha para longe

de mim.

Camila era o meu combustível e, vê-la desacordada daquela forma, me fez sentir como se tivesse perdido toda minha força. Percebi, naquele momento, que minha vida girava em torno dela. Tudo entre nós aconteceu rápido demais, no entanto ela tomou conta de tudo em mim. *Eu que nunca achei que um dia fosse amar uma mulher, estou totalmente destruído ao pensar na possibilidade de que algo possa acontecer com elas.*

Eu estava sentado, de cabeça baixa e me sentindo derrotado, sem me importar com nada, desatento e vulnerável, quando senti alguém me olhando. Levantei a cabeça e vi Frederico entrando na sala de espera. Ódio, medo, fúria, tristeza, raiva... estava tudo misturado dentro de mim. Eu queria matá-lo, e ele, sem nenhum amor à vida, teve a audácia de vir andando em minha direção.

— Como ela está?

— Vá embora daqui — falei rosnando, tentando controlar meu instinto de acabar com ele ali mesmo.

— Ela é minha filha. Você não pode...

Ele nem conseguiu terminar de falar, porque minha resposta veio com um soco potente que acertou em cheio seu rosto, fazendo-o cair no chão com um baque e chamando a atenção de todos na sala de espera.

Algumas mulheres começaram a gritar e os seguranças se aproximaram, mas eles não eram loucos de tentar me tirar dali. Estávamos em um hospital sustentado pela máfia e todos os seguranças me conheciam, além disso, com a raiva que estava sentindo, eu mataria o primeiro que ousasse tentar me colocar pra fora.

— Senhor, por favor, se acalme — um deles falou, tentando amenizar a situação.

— Tirem esse covarde de perto de mim — falei, respirando fundo e tentando diminuir minha fúria.

O outro segurança ajudou Frederico a se levantar e levou-o para o outro lado. Enquanto isso, eu fui chamado na recepção para

preencher a ficha de Camila, depois sentei novamente na sala de espera, me sentindo sufocado com a demora das notícias.

Depois de um tempo, a doutora Clarice veio em minha direção, e eu me levantei, desesperado.

— Como elas estão? — perguntei nervoso, enquanto pela minha visão periférica detectava a aproximação de Frederico.

— Elas estão bem, senhor Esposito. Acalme-me, Sua esposa já acordou e quer vê-lo.

Capítulo 34

Camila

Não me recordo exatamente de como tudo aconteceu, mas minha última lembrança era de Lorenzo parado à porta da casa do meu pai. Naquele momento, eu acordei em um quarto de hospital e a doutora Clarice me explicou que desmaiei. Exames foram feitos em mim e na bebê, mas graças a Deus nada de anormal foi encontrado e a médica concluiu que o que tive foi causado pelo estresse.

— A senhora pode chamar meu marido, por favor? — pedi à doutora Clarice, depois que ela terminou todos os exames.

Ela assentiu, sorrindo amigavelmente para mim, e minutos depois Lorenzo entrou no quarto, totalmente assustado.

— Me perdoa por não ter chegado a tempo. — Foi a primeira coisa que ele disse quando entrou no quarto e segurou minha mão.

— Eu não tenho nada para perdoar, meu amor. Não precisa ficar nervoso, nós estamos bem — falei para tranquilizá-lo.

— Eu senti tanto medo. Quando percebi que você tinha saído de casa, eu tive um pressentimento ruim, sabia que algo ia acontecer. Por que você não me perguntou, Camila? Por que falou comigo ao invés de sair correndo para confrontar seu pai?

— Eu agi por impulso. Não aguento mais, Lorenzo. Não aguento mais meu pai tentando nos separar e prejudicar você, sem pensar nas consequências que isso vai ter na minha vida. Eu só queria que ele aceitasse minhas escolhas, mas se ele não puder aceitar, então tem que me respeitar.

— Você precisa pensar que não anda mais sozinha, amor. Agora você tem uma bebezinha indefesa dentro de você, e eu sei

que a minha obrigação é cuidar e proteger as duas, mas eu preciso que você colabore. Se acontecesse alguma coisa com vocês, eu não ia aguentar...

Cada palavra que saia da boca de Lorenzo estava carregada de dor e medo, e isso refletia diretamente no meu coração. Eu realmente fui imprudente. Lorenzo tinha razão.

— Me perdoe. Eu não vou mais fazer isso, prometo — falei, olhando em seus olhos para que ele entendesse que era a mais pura verdade.

— Tudo bem. Vamos esquecer isso — ele falou e beijou minha mão.

— Você acha que meu pai pode conseguir colocar você na cadeia? — perguntei, mas com medo da resposta.

— Camila, nada vai acontecer, a situação já foi resolvida. Seu pai tem o rabo preso e não pode fazer nada contra mim. Não se preocupe com isso agora, eu prometo que te conto tudo depois.

— Eu quero falar com meu pai. Ele está aí?

— O quê? Não, nem pensar! Eu quero seu pai longe de você e da minha filha — ele falou, ficando nervoso outra vez.

— Lorenzo, eu preciso colocar um ponto final nessa situação. Nada vai acontecer, porque você vai estar ao meu lado. Por favor.

Lorenzo fechou os olhos e, quando abriu, estava muito sério.

— Se eu permitir que seu pai entre aqui e ele falar alguma merda para você, eu vou matá-lo. Estou por um fio, a um segundo de explodir. Se você ainda teme pela vida dele, é melhor evitar nosso encontro.

— Eu preciso falar com ele, colocar um ponto final nisso para conseguir seguir adiante.

— Me peça qualquer coisa, menos isso. Ele vai magoar você, droga!

— Lorenzo, o que mais admiro em você é que sempre respeitou minhas escolhas, então por favor... — falei, também séria.
— Ele não vai, porque a partir de agora eu só espero o pior dele.

— Tudo bem, Camila. Vou pedir a alguém para chamá-lo — meu marido falou e saiu do quarto.

Lorenzo voltou segundos depois, parou ao lado da minha cama, segurou novamente minha mão e, com a mão livre, alisou minha barriga. Naquele momento, nossa filha mexeu na mão do pai, como se dissesse a ele para não se preocupar que ela estava bem. Nós sorrimos, mas logo o clima desapareceu, pois meu pai entrou no quarto.

Olhei para aquele homem que um dia julguei ser meu herói, uma referência para mim. Eu confiei que meu pai ia me amar e proteger pelo resto da vida, e me apoiar em todas as minhas decisões, mas me enganei. Senti vontade de chorar, mas não me permiti. Naquele momento eu percebi que aquele homem, parado à minha frente, não era meu pai, mas sim o juiz Frederico Falcone, que tem como objetivo de vida prender Lorenzo Esposito, doa a quem doer.

— Filha, como você está? — ele perguntou, aparentemente preocupado.

Lorenzo estava tenso ao meu lado, mas não largava minha mão. Não respondi à pergunta dele, pois tinha muito mais a dizer.

— Eu não quero que o senhor me procure mais. Estou grávida e preciso ter paz. Se o senhor não é capaz de aceitar o meu casamento, se não suporta meu marido, pai da minha filha, então não precisa mais gostar de mim também — falei decidida. — Quando minha filha nascer, ela vai saber que tem apenas uma avó e um avô: Liliane e Enzo Esposito, porque eu nunca vou contar à minha filha que ela tem um avô que odeia e faz tudo para destruir a vida do pai dela. Ela vai ser criada em um ambiente familiar e amoroso, longe do egoísmo, do falso moralismo e de todas as maldades do mundo. Minha filha só vai conhecer o amor. Então, por favor, se o senhor não é capaz de dar amor sem cobranças e exigências, Antonella e eu não precisamos da sua presença em nossas vidas.

— Antonella? — meu pai perguntou, com os olhos arregalados e um semblante triste. — Você vai dar o nome da sua

mãe para ela?

— Sim, pai, eu vou homenagear minha mãe, porque ela sim me amou até o último dia de sua vida. Eu sei que se ela estivesse aqui, se preocuparia em primeiro lugar com a minha felicidade e respeitaria minha decisão de ficar com o homem que eu amo. Agora, o senhor pode ir embora, por favor.

— Tudo bem, eu não quero que você fique nervosa. Eu vou embora. — ele respondeu e saiu.

Uma lágrima solitária escorreu do meu rosto e Lorenzo a secou.

— Está tudo bem — falei para tranquilizá-lo.

— Eu sei que você é uma menina forte, mas por favor, nunca mais haja sozinha e por impulso, não me exclua das suas decisões. Nós dois separados somos fortes, mas juntos somos imbatíveis. Nós dois, Camila, somos um só.

Lorenzo

A doutora Clarice nos garantiu que Camila e Antonella não corriam nenhum perigo. Ela disse que o desmaio foi ocasionado pelo estresse, pois o cérebro "desliga" quando a pessoa está sob muita pressão e aí ocorre a síncope. Pouco tempo depois que o infeliz do Frederico saiu do hospital, Camila teve alta e, aliviado, eu a levei para casa. Nosso final de semana foi tranquilo depois do incidente na casa de Frederico.

Na segunda-feira, tivemos a visita inesperada do delegado Tomasio. Dessa vez, com todos presentes, nos reunimos na sala de Pietro para saber como estava a situação do processo.

— Frederico retirou todas as queixas contra Lorenzo — ele falou, parecendo aliviado.

Eu não me espantei. Das duas uma: ou ele tinha resolvido, enfim, fazer algo de bom por causa da Camila e da neta, ou já sabia sobre o processo que eu estava abrindo contra ele. A doutora Ana Terra o procurara para comunicar, pois ela sugeriu que, antes que o processo fosse de fato iniciado, eu a autorizasse a ter uma conversa informal com ele. Como eu confiava na sua competência, autorizei.

— Então, não precisamos mais nos preocupar com isso — Pietro falou.

O delegado concordou e, enfim, pairou de um ar de mais tranquilidade entre nós.

Mais tarde, naquele mesmo dia, resolvi passar na Alcatraz. Fazia tempo que eu não ia lá e precisava ver pessoalmente como estavam as coisas, pois a movimentação na boate era muito alta. Cumprimentei os funcionários ao chegar e fui direto para o meu escritório. Estava analisando os relatórios mensais, quando me surpreendi com a entrada de Raphael.

— Você por aqui? Não acredito que abandonou o ninho — falei brincando, já que, desde o nascimento das meninas, ele raramente aparecia na boate.

Antes do meu primo casar, nós dois éramos os responsáveis pela Alcatraz e, na verdade, gostávamos de estar ali, mas depois da Maria Eduarda, a função ficou mais para mim porque eu era solteiro. Não me incomodava com isso, mas com a chegada da Camila na minha vida e como nenhum dos dois tinha mais a mesma disponibilidade, delegamos algumas funções a nossos dois gerentes e passamos a aparecer com menos frequência.

— Eu poderia te perguntar a mesma coisa — ele respondeu.

— Vim ver de perto como estão as coisas, mas também porque precisava respirar um pouco — respondi honestamente.

— Problemas no paraíso? — Raphael perguntou, sentando no sofá.

— Não, cara, ou melhor, não como você está pensando. Porra, eu sou fascinado pela Camila pra caralho e tudo entre nós aconteceu tão rápido, que nem sei como, mas não é nada com o fato de estar casado. A questão é que toda essa pressão constante no meu peito está me deixando agitado eu... às vezes me sinto um pouco sufocado. O medo de perder Camila e Antonella é tão grande que mexe com minha cabeça.

— Eu te entendo, cara. Já passei e ainda passo por isso. Maria Eduarda e meus filhos estão sempre em primeiro lugar. Esses dias o Ethan engasgou e eu fiquei apavorado. Eu tremia tanto que me assustei com essa reação do meu corpo, pois isso nunca tinha acontecido. A gente está acostumado com a dor, a raiva e o caos... Difícil mesmo é se acostumar com o amor e, depois que a gente aprende a amar, se acostumar com o medo e a insegurança. Nossos pais treinaram a gente para brigar, resistir à dor e matar, mas não nos ensinaram a lidar com o amor.

— É por aí. O amor incendeia mesmo tudo por onde passa e eu não quero mais viver sem esse calor — falei resignado.

Terminei os relatórios, passei um tempo conversando com o Raphael e depois voltei para casa. Entrei com a sala escura, mas logo a luz de um abajur se acendeu e eu vi Camila sentada no sofá. Ela se levantou e eu a observei linda, vestindo uma camisola preta,

longa e com uma fenda enorme na coxa. Ela estava extremamente sexy com a barriguinha bem evidente. Minha mulher caminhou até mim, parou na minha frente e, sem falar nada, colocou as mãos em volta do meu pescoço. Ela estava cheirosa e misteriosa.

— O que você quer, hein? — perguntei, puxando-a mais para mim, beijando seu ombro e olhando-a novamente.

— Eu quero você! — ela respondeu decidida.

— Quem não quer? — falei brincando.

Eu ganhei uma gargalhada, seguida por um tapa. Minha mulher se parecia com a Camila sapeca e cheia de vida outra vez.

— Elas podem até querer, você é que não pode querê-las também.

— Eu quero só você. Não tem espaço para mais ninguém. no meu coração e na minha vida Eu durmo e acordo pensando em você, italianinha.

— É? Isso é bom! Então, agora, cala a boca e faz seu trabalho.

— Atrevida! A sua sorte é que nossa filha está entre nós, senão eu ia te mostrar, de uma forma nada gentil, como eu faço bem o meu serviço — falei.

Eu a beijei, com toda minha fome, mas também com todo meu amor e devoção por aquela mulher que trazia luz e cor para meu mundo tão cinza.

Camila

Apesar de todo o caos, desde que descobrimos a gravidez, meu desejo por Lorenzo nunca mudou. No início, quando os enjoos eram mais constantes, eu não tinha tanta disposição como antes, mas nós ainda fazíamos amor todos os dias.

Nesse dia, quando ele me ligou avisando que passaria na Alcatraz antes de ir para casa, percebi que ele parecia cansado, mas aparentava ser um cansaço mental. Então, resolvi que, quando ele chegasse, eu o faria relaxar.

A forma como Lorenzo me beijou ao chegar em casa demonstrava o quanto ele realmente precisava disso. Ele me beijava na boca, no pescoço, no ombro, depois na boca novamente e suas mãos passeavam por todo meu corpo, me deixando quente e ainda mais louca por ele.

Meu marido afastou nossas bocas e me virou de costas para ele, conduzindo nossos corpos até chegar à parede, em seguida acariciou meus braços com os dedos, causando-me um arrepio delicioso. Ele esticou-os e me fez apoiar as mãos na parede, evitando prensar minha barriga.

Lorenzo beijou novamente meu pescoço, abaixou a alça da minha camisola, beijou meus ombros, e foi descendo mais minha roupa com cuidado. Ele passou-a pela minha barriga até o chão, me deixando totalmente nua; eu estava sem calcinha. Ele beijou minhas costas e foi descendo os beijos até minha bunda, abriu-a e passou sua língua ali. Não pude deixar de soltar um gemido sofrido, porque eu precisava muito dele dentro de mim.

Ele abriu mais minhas pernas e passou a língua desde a minha vagina até a minha bunda, arrancando-me um grito impaciente. Escutei, então, sua voz rouca de prazer, que só me deixou com mais tesão.

— Tão molhada, amor. Porra...

Meu marido mafioso continuou me lambendo, enquanto brincava com o dedo no meu clitóris, fazendo-me chegar ao limite e ter um orgasmo forte demais para aguentar ficar em pé.

Meu corpo ficou mole, então ele me pegou no colo e me levou para o sofá, colocando-me novamente de costas para ele e deixando minha bunda empinada. Para minha alegria, finalmente ele pegou seu pau, encaixou na minha entrada e entrou de uma vez só. Eu gritava de prazer e, quando ele começou a estocar dentro de mim, eu perdi o controle de vez.

Lorenzo me abraçou pela cintura, colando o peito nas minhas costas, e começou a meter em mim sem dó, com movimentos profundos. Eu conseguia sentir suas bolas batendo em mim e aquela era uma sensação deliciosa.

— Mais forte, amor — pedi, me mexendo, rebolando e querendo mais.

— Ela está mexendo tanto... — ele falou, preocupado com a Antonella. — Será que não a está incomodando? — ele perguntou.

— Não, ela está bem. Por favor, não pare. Mais forte... — pedi, colocando um dos meus braços para trás e segurando a nuca dele para puxá-lo mais para mim.

Ele fez o que pedi, metendo mais rápido, e eu gozei forte, gemendo loucamente e com o corpo todo trêmulo. Antes que eu pudesse me recompor, escutei sua voz rouca no meu ouvido:

— Quero gozar no seu cu.

— Goza, amor — eu respondi.

Então, ele saiu de dentro de mim e começou a entrar devagar na minha bunda. No início sempre doía, mas depois era delicioso.

— Ai — reclamei manhosa.

Comecei a relaxar quando ele levou a mão até meu clitóris e começou a me estimular. Então, ele entrou todo dentro de mim e, algumas estocadas depois, gozou, gemendo deliciosamente no meu ouvido.

Capítulo 35

Lorenzo

Algum tempo depois...

Estava no sofá, relaxando e tomando uma bebida, quando percebi uma movimentação maior no complexo. O relógio marcava 23h. Levantei, peguei minha arma no aparador e fui até a porta para ver o que estava acontecendo, enquanto Camila, com sua barriguinha linda e enorme de 35 semanas, estava sentada no outro sofá, estudando.

Quando me aproximei de Dimitri, três SUVs passaram por nós.

— O que está acontecendo? — perguntei, estranhando a pressa dos carros.

— Os gêmeos vão nascer. A senhora Nina entrou em trabalho de parto, e o senhor Inácio e seus pais foram com ela para o hospital. Vincenzo ficou sob os cuidados da senhora Melissa — Dimitri respondeu, sempre ciente de tudo.

— Porra, mas já?! Parece que foi ontem que Nina anunciou que estava grávida.

— O tempo voa, chefe. Daqui a pouco essa correria será com a senhora Camila.

— Nem fala nessa porra que me dá um frio na barriga — falei, virando as costas para entrar em casa.

Camila estava tão concentrada que nem percebeu que eu saí. Só quando liguei para o meu pai, para saber como a Nina estava, ela largou os papéis interessada e quase me deixou surdo.

— O quê? Os gêmeos já vão nascer? Eles estão adiantados...
— ela perguntou gritando, assustando a mim e a Charlotte que estava deitada perto dela.

Antes que eu respondesse, Camila começou a falar descontrolada:

— Meu Deus, amor, isso quer dizer que minha hora também já está chegando. Socorro, não sei se estou preparada. Estava conversando com as meninas e Maria Eduarda sugeriu que eu faça um parto natural, já que minha gravidez não é gemelar e não corre nenhum risco. Eu pensei que seria uma boa ideia, afinal quando eu estava com hiperêmese, você praticamente montou um hospital aqui. Poderíamos ver isso? Amanda falou que o parto da Julie foi muito complicado, que Pietro ficou maluco porque o trabalho de parto durou quase 12 horas. Então, estou com medo, não vou negar...

— Camila, respira! — falei, fazendo-a parar, porque já estava ficando zozinho com tanta informação. — Eu não acho uma boa ideia ter a bebê em casa, eu não me sinto seguro para isso, prefiro que você esteja no hospital para o caso de surgir alguma emergência.

— Não vamos ter nenhuma emergência, Lorenzo. Nós duas estamos ótimas.

— Eu sei, amor, mas acho que seria mais tranquilo se você aceitasse a cesariana. Já imaginou ficar em trabalho de parto por 12 horas?

Camila insistiu que queria o parto normal, para vivenciar a experiência completa. Eu precisava confessar que estava apreensivo com isso, pois não queria vê-la sofrendo, no entanto tudo o que eu podia fazer era apoiá-la em qualquer decisão que tomasse, era minha obrigação. Já não bastava tudo que ela passou sozinha no início da gravidez, pois, embora eu estivesse sempre por perto, ela era a única ligada naquele maldito soro, sentindo enjoos todos os dias.

— Eu não vou usar medicamentos no parto, pois não quero que nossa bebê seja forçada a sair. Ela vai chegar no momento dela

— Camila defendeu sua decisão.

— Tudo bem, amor. Eu entendo e te apoio, vai ser como você quiser — falei e me abraçou.

— Amanhã terá mesmo o jantar com os capos? — ela perguntou, mudando de assunto, com a cabeça deitada no meu peito.

— Sim, mas nós não vamos. Pietro vai com Amanda, e Raphael com Maria Eduarda — respondi e cheirei seu cabelo macio. Eu amava seu cheiro.

— Por que? Nós vamos sim, Lorenzo. Já estou cansada de ficar em casa.

— Camila, você já está quase parindo, não inventa. Eu já falei com Pietro que nós não vamos e ele entendeu.

— Lorenzo, eu estou ótima. A doutora deu a previsão do parto para daqui a uns vinte dias, eu quero sair um pouco dessa casa — ela respondeu e eu já sabia que ia começar a guerra.

— E você acha que esse jantar será super divertido?

— Não, mas eu quero ver gente. Por favor, vamos só um pouquinho... — ela pediu, fazendo aquela carinha de quando queria me vencer, e sempre conseguia.

— Tudo bem, mas não vamos demorar.

— Sim, senhor — ela falou e me beijou.



No dia seguinte, a ansiedade da Camila para sair de casa era tanta, que ela nem se atrasou. Pontualmente às 19h, ela estava descendo as escadas da nossa casa, linda pra caralho. Minha mulher estava com um vestido longo vermelho, com as mangas caindo nos ombros e um decote discreto evidenciando os seios agora muito mais fartos com a gravidez. Embaixo dos seios, o vestido tinha uma fita que o prendia justo e ficava larguinho na barriga, terminando numa fenda.

Minha italianinha estava extremamente sexy, e sua barriga protuberante só potencializou essa beleza. Ela estava perfeita, parecia uma mulher da realeza e de fato ela era minha rainha.

— Camila Esposito, você está de tirar o fôlego — falei.

— Você também está gostoso demais.

Eu ri e coloquei a mão em suas costas, guiando-a para a saída.

Chegamos ao local do evento, o *Castello di Tor Crescenza*, junto com Pietro e Amanda, Raphael e Maria Eduarda, Romeu e Mia. Descemos juntos dos carros e milhares de flashes explodiram em nossa cara. Nós sorriamos discretamente para manter as aparências, mas odiávamos aquela porra. Embora a presença dos paparazzis fosse constante em eventos como aquele, eu não me acostumava nunca.

Não só os capos estavam presentes no jantar, como também teríamos a presença do governador e de algumas autoridades locais. Estávamos próximo das campanhas eleitorais e era importante a máfia apoiar o governador que estava tentando a reeleição, para termos um aliado no governo, por isso investimos em sua campanha.

— Você disse que seria um jantar simples — Camila comentou, enquanto sorria para as fotos ao meu lado.

— É, eu menti.

— Agora você mente para mim, Lorenzo Esposito?

— Na verdade eu omiti por um motivo louvável. Queria preservar você e minha filha — falei e comecei a guiá-la para a entrada.

Antes que entrássemos, um repórter gritou:

— Lorenzo Esposito, para quando é o bebê? É menino ou menina?

Eu ignorei as perguntas e continuei entrando. Eu já não gostava de me expor, e colocar Camila e Antonella sob os holofotes, menos ainda. Paramos na entrada e logo atrás vieram os meus primos e seus pares. Várias pessoas vieram nos cumprimentar,

como quase ninguém conhecia Camila, certamente estavam curiosos.

As mulheres faziam questão de passar a mão em sua barriga, parabenizá-la e perguntar para quando era o bebê. Algumas já tinham visto minha mulher em outras ocasiões e a elogiavam. Quando nos livramos dos puxa-sacos, finalmente sentamos em uma mesa reservada para nós.

Assim que sentamos, Raphael soltou a primeira pérola da noite:

— Vejam a injustiça... Quando a nossa mulher está grávida, todas as outras passam a mão na barriga delas e dão os parabéns, mas nenhuma apalpa nosso saco e diz: “bom trabalho, garanhão”

Raphael era uma figura. Todos nós rimos, inclusive Maria Eduarda, que deu um tapa nele.

Depois de muitos cumprimentos, Camila quis ir ao banheiro e eu a levei e fiquei esperando à porta. Enquanto estava lá, Nicolo se aproximou.

— Lorenzo, parabéns pela sua filha. Todos os homens sempre querem ter um menino, mas ser pai de menina é maravilhoso, você vai ver — ele falou, sorrindo.

— Tenho certeza que sim — respondi, sem dar muita atenção para não estender o assunto, porque eu achava Nicolo muito forçado.

No instante seguinte, minha mulher saiu do banheiro.

— Camila, como a senhora está radiante grávida — ele falou novamente, forçando uma intimidade que não tinha. — Posso tocar? — ele perguntou, já levando a mão em direção à barriga dela.

Segurei seu punho e respondi secamente:

— Não, você não pode.

— O que é isso, meu jovem? É um sentimento fraterno. Eu tenho uma filha praticamente da idade da sua esposa e meu sonho é ver Graziela casada e com uma barriga tão linda assim.

— Então, quando sua filha estiver grávida, você passa a mão na barriga dela.

— Não seja tão possessivo, Lorenzo. Eu também já fui assim um dia...

— A resposta continua sendo *não*, Nicolo. Qual é a dificuldade para entender? — perguntei, perdendo a paciência.

— Amor, vamos sentar, essa barriga pesa — Camila me chamou, me puxando pelo braço.

Eu fui, antes que enchesse a cara de Nicolo de porrada. Minha paciência andava curta demais e eu estava especialmente irritado naquele dia, porque não queria estar ali.

Voltamos para a mesa e continuamos lá por um tempo. Todos vinham nos cumprimentar. Nossa família era muito influente e a presença rara de Pietro acabou se tornando o ponto alto da noite para aquele bando de puxa-sacos. Bernardo e Aleksander não estavam presentes, mas de resto todos os capos associados à Cosa Nostra estavam.

Demétrio chegou com Thomas e sentou com a gente. Certa hora, o governador veio até nossa mesa e nos convidou para uma reunião a portas fechadas para discutirmos estratégias.

— Os soldados ficarão próximos à mesa. Não saiam daqui para nada. Se precisarem ir ao banheiro, um deles irá acompanhá-las, para checar o banheiro e esperar por vocês à porta — Pietro falou assim que se levantou. A orientação foi para todas elas, mas ele olhou diretamente à esposa. — Entendeu, Amanda? — ele insistiu, já que ela não tinha respondido.

— Eu não vou sair daqui, amor. Prometo.

A expressão de Pietro suavizou, em seguida ele beijou a mão dela e saiu para chamar os soldados. Eu já tinha me levantado, mas me abaixei para ficar na altura de Camila, que estava sentada.

— Eu não vou demorar. Por favor, fique quietinha aqui. Você mesma disse que a barriga estava pesada, então não saia e fique descansando. Quando eu voltar, nós vamos embora porque não estou me sentindo bem aqui, certo?

— Tudo bem, amor. Quando você voltar, ainda estarei aqui.

Dei um beijo nela, pouco me fodendo para quem estava vendo, e me ergui. Pietro logo voltou com seis soldados, deu as instruções a eles, e nós fomos para a maldita sala de reuniões do castelo.

Camila

Assim que Lorenzo saiu, engatei em um papo com as meninas. Eu adorava cada uma, e elas se tornaram as irmãs que nunca tive. Estava sentindo falta da Nina, pois ela certamente já teria nos arrancado várias gargalhadas se estivesse ali, mas no dia seguinte, ela e os gêmeos teriam alta do hospital e, graças a Deus, iriam para casa.

— Merda, meu peito está vazando, meu filho deve estar com fome — Maria Eduarda reclamou, e eu saí dos meus pensamentos. — Assim que eles voltarem, vou chamar Raphael para ir embora. Deixei algumas mamadeiras cheias em casa, mas não quero arriscar, porque Ethan é guloso igual ao pai — ela falou e nós rimos.

— Raphael mamou até os três anos, sempre foi guloso mesmo — Mia comentou rindo.

De repente, meus olhos foram atraídos para a entrada do evento, e eu não pude acreditar em quem estava chegando. Para o meu horror, vi meu pai todo sorridente e de braços dados com Sasha. Meu coração disparou, tamanha a incredulidade. Na mesma hora, levantei-me cheia de ódio e caminhei até eles. Meu pai parou no lugar quando me viu indo em sua direção.

— Senhora Camila, aonde a senhora vai? Volte aqui — Dimitri me chamou desesperado.

Eu o ignorei e continuei andando, mas ele veio atrás de mim. Quando cheguei perto do meu pai, Sasha estava sorrindo. *Piranha*.

— Quando eu penso que o senhor não pode mais me surpreender de uma forma negativa, você me prova que estou errada. Que vergonha, você com essa mulherzinha invejosa e traiçoeira — falei calma, mas demonstrando toda minha decepção.

— Filha, não foi nada como você pensa. Sasha me contou toda a história, ela sofreu uma injustiça...

— Quando o senhor vai parar de deixar sua raiva pelo Lorenzo te cegar? Eu estava lá, pai, sei exatamente o que aconteceu. Se não fosse por Lorenzo, eu teria sido estuprada por culpa dessa mulher.

— Tudo aconteceu porque o seu marido te levou para onde não deveria. Aquele lugar não é para você, e ele demonstrou mais uma vez que não presta e não te ama — meu pai falou, atacando Lorenzo mais uma vez.

— O senhor não sabe do que está falando. Na verdade, eu nem deveria ter vindo aqui tirar satisfações com o senhor.

— Eu te compreendo, Camila. O Lorenzo é um cara extremamente sedutor e manipulador. Entendo sua satisfação, pois já estive no seu lugar, mas não se iluda, querida. Você é muito jovem, então ouça seu pai, ainda dá tempo...

Antes que a vadia terminasse de destilar seu veneno, eu levantei minha mão e, com toda a força do meu ódio, bati em sua cara, sem me importar de estar em público. Sasha não esperava por isso e quase caiu com a força do meu tapa. Meu pai me olhou chocado. Ele estava prestes a me repreender, quando Dimitri se aproximou, preparando-se para me defender se necessário.

De repente, as luzes do lugar se apagaram, deixando tudo um breu e provocando muitos gritos. Eu fiquei estática no lugar, sem saber o que fazer, quando senti um braço me puxar.

Lorenzo

Estávamos há menos de meia hora na sala de reuniões, e eu já estava incomodado, doido para terminar aquela merda e sair dali. O governador não parava de falar e percebi que, assim como eu, Pietro também estava impaciente. De repente, todas as luzes se apagaram, nos deixando num breu total.

Eu não conseguia enxergar um palmo diante do meu nariz e comecei a procurar a saída, quando ouvi Pietro gritar:

— Corram para as meninas, agora!

A porta se abriu e todos nós saímos juntos. Não dava para enxergar quase nada, e as pessoas estavam agitadas.

— Por que ainda não acenderam a porra das luzes de emergência? — Raphael falou perto de mim.

Nós dois corremos em direção à mesa em que as meninas estavam. Quando nos aproximamos, as luzes se acenderam e então eu vi todas as meninas sentadas com cara de assustadas.

Assim que nos notaram, elas logo se levantaram e vieram em nossa direção, mas meu coração parou quando vi que Camila não estava entre elas. Comecei a procurá-la por todos os lados, desesperado, mas nem sinal dela. Estava tão apreensivo que não vi Dimitri se aproximar.

— Aonde ela está? — gritei, segurando na gola da sua camisa.

— Eu não sei, senhor. Ela estava bem na minha frente, mas quando as luzes apagaram, ela sumiu.

— Como você deixou que a levassem, seu filho da puta? — gritei apavorado e soquei a cara de Dimitri, descontando nele todo o meu desespero. — Seu desgraçado, eu a deixei aos seus cuidados.

Segurei em seu pescoço, apertando. *Eu quero matá-lo... confiei nele, porra!*

— Lorenzo, larga ele! Vamos nos concentrar em achar a Camila — Raphael falou, segurando no meu braço.

Ele tinha razão, eu precisava encontrá-la. Soltei Dimitri e ele caiu no chão, mas logo se levantou.

— Fechem todas as saídas do castelo! Liguem para os outros e mandem fechar a estrada — Pietro ordenou aos soldados.

Ainda bem que ele estava ali, porque eu não tinha a menor condição de raciocinar naquele momento. O medo de perder minha mulher me deixou completamente atordoado. Eu ainda não a tinha procurado em todos os lugares do castelo, mas sabia que a tinham levado, eu sentia.

— Mandeí meus homens fazerem uma busca pelo Castelo. Thomas está com eles — Demétrio falou comigo, e eu assenti.

— A senhora Camila estava aqui com as outras mulheres, chefe, mas quando viu o pai chegando com a Sasha, ela se levantou e foi até eles. Eu fui atrás e estava ao lado dela, quando as luzes se apagaram e, então, ela sumiu.

Apenas quando ouvi o relato de Dimitri, eu os vi. Parados a apenas alguns metros de mim, estavam Sasha e Frederico. Em dois segundos, eu estava em cima dela, segurando em seu pescoço, impedindo-a de respirar.

— O que você está fazendo aqui, sua desgraçada? Você sabe onde ela está! Quem levou minha mulher? Fala, sua puta — gritei, ainda segurando no pescoço dela.

Frederico tentou tirar minhas mãos, e só soltei a Sasha porque parti para cima dele. Uma nuvem de fúria, ira e agressividade tomou conta de mim, então me lancei em cima de Frederico e nós dois caímos sobre uma mesa próxima, derrubando tudo no chão. Eu caí por cima dele e soquei seu rosto três vezes seguidas. Sentia-me completamente louco e desgovernado, eu queria matar alguém. *Eu posso até morrer, mas preciso que ela volte para mim.*

Senti mãos me puxando e logo ouvi as vozes de Romeu e Raphael:

— Lorenzo, calma, cara — Romeu falou.

— Nós precisamos de você para encontrá-la, se recomponha, irmão. Nós sabemos que é difícil, mas nossa prioridade agora é achá-la — Raphael disse.

Aos poucos, fui recuperando a razão e saí de cima do desgraçado, que se levantou com os supercílios, nariz e boca sangrando.

— Eu também estou desesperado, porra. Também quero encontrar minha filha — ele falou para mim.

— Não fale comigo, seu filho da puta! — gritei, apontando o dedo para ele e ameaçando ir para cima novamente.

Raphael e Romeu me seguraram.

— Me soltem, porra! Não vou matar esse filho da puta, embora eu queira muito — falei, me desvencilhando das mãos deles.

— Vamos, Lorenzo! Pietro está vendo as imagens das câmeras noturnas externas. Vamos até lá — Raphael falou.

Nós começamos a andar. Passei perto da mesa em que estávamos e Maria Eduarda, Amanda e Mia estavam sentadas, cercadas por inúmeros soldados, tanto nossos quanto de Demétrio.

— É melhor levá-las para casa — falei e apontei para as meninas, com medo de que mais alguma merda acontecesse.

— Nossos pais já estão vindo para cá com o helicóptero para buscá-las, é mais seguro — Raphael falou e eu assenti.

Minutos depois, entramos em uma sala cheia de monitores e eu cheguei no momento exato em que as imagens mostravam Camila sendo colocada dentro de um carro por dois homens armados.

Caí de joelhos no chão, fraco e quase sem poder respirar, exatamente como meus inimigos queriam. Levaram-na de mim, nada mais me importava.

Capítulo 36

Lorenzo

Depois de quase uma hora a portas fechadas com a minha família no escritório do castelo, eu saí para tomar um ar. A maioria das pessoas já tinham ido embora, inclusive o governador e Frederico. Fiquei aliviado, porque eu não conseguia ficar no mesmo ambiente que ele sem querer matá-lo.

Sasha, mais uma vez, desapareceu enquanto eu estava tentando matar Frederico no salão. O lugar estava tomado por soldados da Cosa Nostra e por detetives. Todos os nossos homens estavam lá, menos nossos soldados mais antigos e em quem mais confiávamos. Alguns deles tinham ido com as meninas no helicóptero, enquanto outros estavam no complexo para fazer a segurança delas.

Maria Eduarda, Mia e Duda não queriam ir embora, mas saíram do castelo chorando, muito preocupadas com Camila. Nós precisávamos nos concentrar em procurar minha mulher e, com elas por perto, nós não conseguiríamos pensar tranquilamente.

A sensação que eu tinha era de que não estava conseguindo respirar direito, pois uma sensação esmagadora dominou meu peito. Todos me pediam calma, mas era uma coisa impossível. Eu me sentia como um tanque de guerra, queria ir atrás de Camila, passando por cima e atirando em qualquer um que cruzasse meu caminho.

Eu sentia todo o controle da minha vida escorrendo pelo ralo, porque minha mente estava fodida pra caralho e meu coração apertado. Eu já estava acostumado com o caos, mas quando se tratava de Camila e Antonella, eu ficava insano. Eu não tinha

garantia nenhuma de que minha mulher e filha ainda estavam vivas e isso me deixou apavorado. *Tudo por causa do filho da puta do pai dela.*

Nunca senti remorso das muitas merdas que fiz na vida, porque sempre fiz o que tinha que fazer e segui com a minha vida sem dar um segundo pensamento a isso, no entanto, pela primeira vez eu consegui pensar no que sentiam as esposas, quando os maridos que eu matei não voltaram para casa.

Entretanto, em minha defesa, nós não matávamos vítimas indefesas só para irritar o nosso oponente, não éramos assim, covardes como a maioria. Nós cobrávamos a quem nos devia, mas, às vezes, a própria vida cobrava seu preço, porém a vida da Camila e do nosso bebê como preço a ser pago pelas minhas merdas era alto demais.

Eu não queria viver em um mundo sem minhas meninas, eu não podia. Porra nenhuma faria mais sentido, elas tinham que voltar para mim. *Elas são meu farol, meu lugar e minhas pessoas favoritas e indispensáveis no mundo.* Camila tinha uma maneira tão simples de ser feliz e de me fazer feliz. Afugentei meus pensamentos e me aproximei de Malone, um dos nossos soldados mais antigos.

— Alguma novidade? — perguntei.

— Infelizmente não, chefe — ele respondeu e eu assenti.

Comecei a me afastar e, quando estava prestes a sair do salão, Malone me interpelou:

— Chefe, aonde o senhor vai sem segurança?

— Não quero nenhum hoje. Eu não me importo mais, não faz diferença... — falei e saí dali o mais rápido que pude.

Entrei no meu carro e dei partida. Só percebi que era bem tarde quando cheguei próximo ao centro e o comércio estava praticamente todo fechado, apenas com alguns bares que funcionavam 24 horas abertos.

Escolhi o mais afastado, o que eu sabia que estaria mais vazio. Entrei, sentei no bar e pedi o primeiro uísque da noite. Vieram muitos depois e, apesar do álcool, minha percepção estava intacta e

minha adrenalina a mil, não tinha álcool que aplacasse a dor que a ausência de Camila estava me causando.

Percebi que tinha alguém me observando, então levantei, paguei minha conta e saí do bar. Tinha parado o carro um pouco mais afastado, onde as ruas estavam completamente desertas por conta do horário. Eu não precisei olhar para trás para saber que, de fato, estava sendo seguido. Continuei andando, fingindo distração e apressei um pouco os passos. Quem quer que fosse, estava apenas esperando a melhor oportunidade de me render, então eu dei isso a ele.

Em um movimento rápido e ansioso para mandar alguém direto para o inferno, peguei minha arma e, com ela em punho, virei, ficando cara a cara com meu perseguidor.

— O que você quer, seu filho da puta? — falei com a minha arma apontada para ele e a dele também apontada para mim.

— Achei que você era mais esperto, Lorenzo Esposito. Uma hora dessas na rua, sem nenhum soldado fazendo sua segurança? Que amador!

— Eu mato você em dois segundos, seu babaca! Antes de você piscar, eu atiro.

— Hoje não... — ele desdenhou.

Então, senti uma forte pancada na cabeça. Não foi o suficiente para me derrubar, mas o cara foi rápido e me segurou pelo pescoço, enquanto o outro me desarmou. Eles me revistaram, pegaram minha arma e, logo em seguida, um terceiro bastardo chegou e eu o reconheci na mesma hora.

— Leonardo?! — falei espantado. — Que porra é essa?

Existe uma coisa chamada instinto em todo ser humano e, quando a gente se importava muito com alguém, eles ficavam mais aflorados, deixando-nos em alerta.

Meus instintos sempre me alertaram sobre esse Leonardo, logo que o vi conversando com Camila naquele jantar. Eu sabia que tinha algo de errado com ele, mas ignorei meus instintos por achar que eram só ciúmes. Naquele momento eu soube que não era.

— É um enorme prazer te rever, Lorenzo. Obrigado por facilitar as coisas para mim, porque eu estava mesmo querendo te pegar. Eu não podia correr o risco de te deixar solto por aí, pois você encontraria a doce Camila e estragaria meus planos.

— Seu filho da puta! — Tentei me soltar, mas os outros dois caras, que também não eram pequenos, me seguraram com mais força.

— Um homem apaixonado perde toda a dignidade e, pelo jeito, a inteligência também. Impressionante! Você sabe, eu imagino, que a Camila tem uma boceta muito doce... Na época, eu não cheguei a experimentar, mas tenha certeza de que vou...

Leonardo não conseguiu terminar de falar, porque ao ouvir aquilo, cego de ódio e vendo tudo vermelho, eu consegui me soltar e me lancei para cima do babaca, acertando um soco em cheio no seu nariz. Como ele não esperava, caiu no chão. Eu ainda consegui dar um chute nele, mas fui pego novamente.

— Fica quietinho ou você morre — um dos caras colocou a arma na minha cabeça..

Eu parei. Não podia morrer e deixar Camila na mão desse miserável. O covarde se levantou, limpou o nariz e se aproximou de mim.

— Segurem ele! Não o deixem escapar dessa vez, seus idiotas.

Como os caras estavam me segurando, Leonardo acertou um soco no meu rosto, depois deu uma joelhada nas minhas costelas. Eu não reagi, não revidei e nem lamentei, pois estava acostumado com a dor. Não seria o soco daquele babaca que iria me derrubar e, quanto mais ódio eu sentia, mas resistente eu ficava.

— Vamos embora daqui antes que apareça alguém da família para resgatar o príncipezinho da máfia, mas antes, destruam o celular dele para evitar sermos rastreados.

Os homens pegaram meu celular e me levaram para um carro. Eu não lutei nem tentei resistir, pois sabia que eles estavam

me levando para onde Camila estava e isso era tudo o que me importava. Se eu morresse para salvá-la, morreria em paz.

Camila

Minutos antes

Estava sentada em uma cadeira velha com as mãos e pés amarrados, amordaçada. Mas antes que fizessem isso, eu os xinguei de todos os palavrões que me lembrei e os mordi tanto quanto consegui. Depois, a porta se abriu, e eu não pude acreditar ao ver Leonardo entrar. Era alguma pegadinha, só podia ser.

— Camilinha, meu amor. Você está linda assim, amarrada e amordaçada. Sabe, eu sempre tive umas fantasias desse tipo com você — ele falou e se aproximou de mim, tirando minha mordaça.

Eu queria gritar e falar tudo o que estava pensando, mas ele ia me amordaçar novamente, então fiquei quieta.

— Assim está melhor. Vamos conversar.

— Por que você está fazendo isso, Leonardo? Que mal eu te fiz?

— Seu único castigo é ter o pai que você tem. Você não fez nada, linda, mas eu tenho contas a acertar com Frederico Falcone e a melhor vingança que existe é fazê-lo sentir exatamente o que minha família e eu sentimos quando ele matou meu irmão.

— O quê? Do que você está falando?

— Lembra que eu te contei que sumi, na época em que nós íamos assumir nosso relacionamento, porque meu irmão sofreu um acidente e morreu? — ele falou cheio de ódio e eu assenti. — Eu menti. Não houve acidente nenhum. Seu pai matou meu irmão, ou melhor, mandou matar.

— Eu nem sabia que você tinha um irmão, na época. Por que meu pai faria isso?

— Pois é, quase ninguém sabia. Meu irmão estava tendo problemas com drogas, mas estava em tratamento. Ele chegou a ser pego com drogas uma vez, foi preso e condenado, pelo seu pai, a pagar uma fiança e prestar serviços comunitários. — Leonardo olhou para mim e sorriu, mas não era um sorriso de felicidade, e sim de deboche. — Nós éramos gêmeos, acredita?

— Então... você se aproximou de mim para se vingar do meu pai?

— Não — ele respondeu sem hesitar. — Eu nem sabia que você era filha do juiz e, até então, não tinha raiva dele porque a sentença do meu irmão não foi injusta, mas quando você disse que ia assumir nosso relacionamento, eu temi que ele soubesse de quem eu era irmão e fosse contra — ele respondeu. — E foi exatamente o que aconteceu. Antes mesmo de você contar ao seu pai sobre nós, ele descobriu e achou que seu namorado era o meu irmão, pois nós éramos idênticos. Ele mandou caçar meu irmão e os Outlaws bateram tanto nele que o mandaram para o hospital, em estado grave.

Ouvir aquilo me chocou profundamente, mas o Leonardo estava com ódio e não parava de falar. Fiquei atônita e sem saber como reagir a tudo que ouvia.

— Meu irmão ficou em coma durante algum tempo e, quando acordou e com muita dificuldade, ele me contou o que tinha acontecido, mas logo em seguida, sofreu mais uma parada cardíaca, entre muitas que já tinha tido desde que chegou ao hospital, e dessa vez os médicos não conseguiram salvá-lo. Ele morreu por minha culpa, porque eu me envolvi com você. A partir dali, eu jurei que me vingaria.

Os olhos de Leonardo brilharam nesse momento, e uma sensação horrível tomou conta de mim e meu corpo todo se arrepiou.

— Eu fiquei meses planejando pegar você e fazer exatamente o que seu pai fez com meu irmão, mas meus planos tiveram que ser adiados porque você sumiu no mundo com Lorenzo Esposito. Eu te procurei por todos os lugares, até que descobri seu paradeiro em

Seattle e mandei alguns homens para pegá-la, mas eles chegaram tarde. Pouco tempo depois, descobri que os babacas dos Outlaws também te queriam e tinham mandado homens atrás de vocês, mas seu maridinho se livrou deles. Percebi que ele era um oponente que merecia cautela, então recuei e tive paciência para esperar o momento certo de agir e aqui estamos — ele falou e sorriu para mim, como um maldito psicopata.

Eu estava ferrada.

— Chefe, temos uma informação valiosa — um cara falou, entrando na sala afobado.

Chefe? Quem é Leonardo, afinal? Meus questionamentos pararam assim que ouvi um nome que fez meu coração disparar.

— Fala logo de uma vez, caralho — Leonardo gritou impaciente.

— Lorenzo Esposito saiu sozinho e sem segurança, acabaram de nos informar. É a nossa chance.

— Presumo que ele já esteja sendo seguido? — ele perguntou, sorrindo diabolicamente, e o cara fez um gesto afirmativo com a cabeça. — Ótimo, vamos pegá-lo. Precisamos eliminar todos os riscos — ele falou com o soldado e, em seguida, se virou novamente para mim. — Camilinha, meu amor, a coisa vai ficar divertida agora. Acho que seu marido se juntará a você. Que maravilha, eu vou ser obrigado a matá-lo primeiro para conseguir seguir com meus planos.

Fiquei em choque. *Eles vão pegar Lorenzo! Meu Deus, o que será de nós?*



Eu não tinha noção de quanto tempo se passou até que ouvi um barulho e, em seguida, a porta abriu e os mesmos homens que me pegaram, entraram segurando Lorenzo. Leonardo vinha logo atrás. Tudo o que eu queria era correr até meu marido e ficar na

segurança de seus braços, mas mesmo amarrada, só de olhar para ele, meu coração tão desesperado se acalmou.

— Lorenzo — sussurrei, numa mistura de medo e alegria.

Apesar das circunstâncias, Antonella também começou a pular na minha barriga, como se sentisse a presença do pai e soubesse que estava salva.

— Calma, Camila. Eu estou aqui — ele falou, olhando para mim e para minha barriga.

O olhar do meu marido me transmitiu muito mais do que ele podia dizer. De alguma maneira, a presença de Lorenzo me trouxe alívio. Ele ia nos salvar, eu tinha certeza.

Os soldados jogaram-no no chão e, ainda com a arma apontada para sua cabeça, checaram as cordas que amarravam suas mãos.

— Achei que os mafiosos eram mais espertos, Lorenzo. Andando por aí, praticamente bêbado e sem nenhuma babá... — Leonardo falou, tentando provocá-lo.

— Ninguém pode me segurar quando eu quero fazer alguma coisa — Lorenzo falou, fingindo ignorar, mas eu sabia que ele estava morrendo de ódio por dentro.

— Cara, apesar de você ter sido arrogante comigo naquele jantar, meu problema não é com você, mas como você se meteu no meu caminho, eu vou ser obrigado a te matar — Leonardo falou.

Eu senti uma pontada na barriga. Fechei os olhos, respirei fundo e tentei me acalmar, por minha filha. Eu precisava ser forte para sair dali junto com Lorenzo, nós dois a salvo. Olhei para o rosto de meu marido e percebi que ele estava levemente inchado e que seu lábio inferior estava cortado. Meu coração doeu.

— Eu vou deixar os pombinhos um minutinho a sós para receber meu convidado. Aproveitem para se despedir. —

Leonardo saiu do cômodo emitindo uma alta risada sarcástica, trancando a porta e nos deixando a sós.

— Você está bem? Eles fizeram alguma coisa com você? — Lorenzo perguntou apavorado, assim que a porta foi fechada.

— Eu estou bem, eles nem encostaram em mim. Você é quem está machucado. Está doendo muito? — perguntei.

Lorenzo deu uma risadinha fraca antes de me responder.

— Não se preocupe comigo, isso aqui não foi nada. Esse idiota nem sabe bater igual a um homem. Eu vou tirar você daqui, só confie em mim.

Eu assenti. De repente, mais uma pontada atingiu a parte de baixo da minha barriga e eu fiz uma careta.

— Você está machucada? Por que essa cara de dor? — Lorenzo me perguntou preocupado.

— Eu estou bem, só essa posição que é incômoda para mim — menti para não deixá-lo mais nervoso.

— Aguenta só mais um pouquinho — ele me pediu.

— Você chegou a ver meu pai com aquela mulher? — perguntei.

— Vi e a gente caiu na porrada. Eu não suporto mais olhar para ele. Seu pai ultrapassou todos os limites se envolvendo com a Sasha para me atingir.

— O ódio que ele sente por você é maior que o amor que ele sente por mim — falei desanimada.

— Não fique triste. Eu não posso te livrar da falta de amor do seu pai, mas posso te amar por nós dois — Lorenzo falou e eu senti meu coração se aquecer.

— Se eu não estivesse amarrada, te beijaria agora — falei, tentando aliviar o clima para nós dois, mas Lorenzo não sorriu.

Pouco tempo depois, a porta se abriu e Leonardo entrou novamente, com um sorriso cínico no rosto. Dois homens o acompanhavam. Ele mandou que um deles trouxesse uma cadeira e que colocasse Lorenzo sentado. Em seguida, amarraram as mãos e os pés do meu marido à cadeira. Meu coração começou a bater descontrolado, com medo do que eles poderiam fazer.

Leonardo parou na frente de Lorenzo e falou sarcástico:

— Tenho uma visita para vocês.

Em seguida, Sasha entrou no cômodo, me fazendo tremer de ódio.

Capítulo 37

Camila

— Olá, casal. Que alegria encontrar vocês aqui. Camila, meu bem, o que você acha de eu ser sua madrasta? Eu vou adorar! — a víbora falou, sorrindo.

— Debocha, piranha. Você só está fazendo isso porque eu estou amarrada aqui. Se eu estivesse solta, já estava em cima de você, estapeando essa sua cara de piranha velha.

Sasha não resistiu à provocação, veio para cima de mim com tudo e me acertou um tapa na cara. Meu ódio era tanto que eu nem senti dor, mas me assustei quando Lorenzo fez um barulho aterrorizante, como um animal ferido. Ele se levantou com cadeira e tudo e, mesmo com os pés e mãos amarrados, se lançou contra Sasha, derrubando-a no chão e caindo por cima dela.

Meu marido deu uma cabeçada nela que gritou com a mão na boca, em seguida Leonardo e os dois homens o tiravam de cima dela.

— Eu vou te matar, Leonardo. Vou matar vocês dois — Lorenzo falou com a voz sombria.

— Pare de fazer promessas que não pode cumprir, meu caro — Leonardo debochou.

— Eu nunca deixo de cumprir minhas promessas.

Sem que ninguém esperasse, Lorenzo deu um impulso forte com o corpo, lançando-o junto com a cadeira para o chão, fazendo-a quebrar com seu peso e o impacto.

A partir daí, tudo aconteceu muito rápido e, antes que Leonardo e os outros homens tivessem tempo para reagir, Lorenzo

pegou um pedaço de madeira da cadeira e bateu violentamente no rosto de um dos caras que tentou se aproximar, jogando-o longe.

Lorenzo já tinha me contado que fora muito bem treinado por seu pai, tio e também por outros lutadores, mas eu nunca o tinha visto em ação. Ele parecia uma máquina. Totalmente concentrado na luta, seu rosto transparecia toda sua fúria.

Com a frieza de um animal faminto que procura sua caça, meu marido se livrou do outro cara. Leonardo até tentou imobilizá-lo por trás, mas ele se soltou facilmente e derrubou-o no chão. Os dois começaram a lutar e, em pouco tempo, Lorenzo acertou uma série de socos em Leonardo, deixando-o desacordado no chão. Em seguida, ele veio até mim e começou a me soltar. Meu marido desamarrou meus pés, depois minhas mãos, por último me levantou da cadeira e me olhou.

— Você está bem? — ele perguntou.

Eu balancei a cabeça confirmando. Lorenzo estava com a respiração ofegante, todo suado, a camisa suja e o rosto com uma expressão preocupada.

— Vamos sair daqui. A essa altura eles já devem estar chegando.

Eu ia perguntar a quem ele se referia, mas não deu tempo. Um barulho nos deixou em alerta e, quando olhamos para trás, Sasha apontava uma arma para nós. Imediatamente, Lorenzo me colocou atrás dele.

— Não se mexam ou eu mato os dois — ela nos ameaçou, segurando a arma com as mãos trêmulas.

Em um segundo de descuido, Lorenzo avançou nela e tentou tomar a arma de suas mãos. Sasha voou para cima dele e eles acabaram se embolando em uma luta corporal. Quando eu olhei para o chão, a arma estava próxima a mim, então não pensei duas vezes, peguei-a e apontei para Sasha.

— Lorenzo, saia da frente — gritei com a arma apontada para eles e ambos se assustaram.

— Camila, não! Me dá essa arma, deixa que eu faço isso. — Ele tentou me impedir, afastando-se de Sasha, que me olhava de olhos arregalados.

Movida pelo ódio que sentia, eu engatilhei a pistola e apertei o gatilho três vezes, matando aquela mulher que, na primeira oportunidade que tivesse, tentaria me matar novamente. O corpo de Sasha caiu no chão e eu comecei a tremer.

Lorenzo pegou a arma da minha mão e me abraçou, e eu escondi meu rosto em seu ombro, tentando me acalmar. Achei que estava tudo acabado, mas de repente, meu marido ergueu o braço e eu ouvi os disparos. Leonardo tinha acordado e Lorenzo atirou, matando-o antes que ele tentasse alguma coisa contra nós.

— Vamos embora. Você já passou por coisas demais hoje, eles já vão chegar para arrumar essa bagunça — ele falou me olhando.

De repente, ouvi carros freando bruscamente do lado de fora. Com medo, eu me encolhi nos braços de Lorenzo, mas ele me acalmou.

— É a nossa família, eles vieram ajudar — ele falou

Logo vi os rostos conhecidos de meu sogro, Matheo, Pietro, Raphael, Romeu e alguns soldados invadindo a casa com as armas em punho.

— Porra, agora que vocês chegam? — Lorenzo falou com um sorriso no canto da boca.

— O sinal do rastreador estava fraco pra caralho — Pietro respondeu.

— Você está um trapo — meu sogro falou, olhando Lorenzo e rindo.

— Eu tive que me virar sozinho, era impossível não estragar meu penteado. — Lorenzo falou rindo, e os outros riram também, olhando os corpos no chão. — Aliás, Camila me ajudou, foi ela quem matou a Sasha — ele falou, me olhando com um misto de admiração e preocupação.

— Minha nora não é perfeita? — Enzo falou e realmente parecia orgulhoso.

— Senhor e senhora Smith — Raphael brincou. — Embora esse sobrenome pertença, de fato, à minha mulher.

De repente, mais dois tiros foram ouvidos e eu me assustei.

— Ops... Tinha um que ainda estava respirando, achei melhor não arriscar — Romeu falou tranquilamente, depois de ter atirado na cabeça do único cara que Lorenzo não tinha matado.

— Arrumem tudo, por favor. Eu vou levar Camila para casa, porque ela já passou por muita merda hoje — Lorenzo falou e todos assentiram.

— Nós trouxemos seu carro, lá tem água, algumas toalhas e material de primeiros socorros, caso vocês tenham se machucado — Enzo nos avisou.

Eles pensam em tudo, é impressionante. Saímos de lá e, quando entramos no carro, eu quis saber como tudo tinha acontecido.

— Eles já sabiam que você estava aqui?

— Foi tudo combinado. Eu me deixei ser capturado, porque sabia que eles iriam me trazer até você, era o jeito mais rápido de te encontrar. Depois conversamos sobre isso, você ainda está tremendo e passou por muita coisa. Acho melhor levá-la ao hospital.

— Eu só quero ir para casa — respondi sincera. — Não estou feliz em ter matado aquela mulher, mas se eu não a matasse, em outro momento ela me mataria — falei, sentindo o corpo tremer ainda mais com o peso daquelas palavras.

— Você tinha que ter me deixado resolver, não precisava carregar esse peso nas costas. Para mim, seria só mais uma. Mas não se culpe, amor, tudo o que você fez foi para nos defender — ele falou carinhoso e passou a mão pelo meu rosto.

— Só me leva para casa. — eu pedi.

Então, Lorenzo deu partida no carro, deixando aquele pesadelo para trás.

Lorenzo

Minha cabeça estava muito agitada, eu não conseguia parar de pensar em tudo o que tinha acontecido. Sentia-me aliviado de ter Camila sã e salva ao meu lado, mas estava preocupado de que tudo o que aconteceu a deixasse traumatizada. Não era fácil matar uma pessoa pela primeira vez, e apesar de ela parecer bem, eu sabia que sua consciência a cobraria. Camila não tinha sido treinada para ser uma assassina, como eu. Ela era boa, tinha um coração bom e certamente tudo o que aconteceu iria afetar seu psicológico de alguma forma.

Sasha morreria de qualquer maneira, se não fosse pelas mãos da Camila, seria pelas minhas. Aquela piranha procurou por isso e, mesmo sendo uma mulher, eu não sentiria qualquer remorso.

Não foi difícil acabar com Leonardo e seus dois cachorrinhos. O cara era totalmente amador, nunca seria páreo para mim. Difícil foi lidar com o pavor que senti quando vi Camila amarrada naquela cadeira e, depois, o meu ódio aumentou em proporções extremas quando Sasha bateu na minha mulher. Eu seria capaz de matar um exército com o ódio que estava sentindo.

Nós ainda estávamos longe de casa quando ouvi um gemido doloroso. Olhei para o lado, e Camila estava pálida, me encarando.

— O que foi? — perguntei, assustado com sua expressão.

— Eu acho que minha bolsa estourou — ela falou e olhou para o meio de suas pernas. Até o tapete do carro estava todo molhado.

— Não pode ser, ainda está cedo. Não pode ser...

— Estourou, Lorenzo. Eu tenho certeza! — ela falou nervosa, me deixando mais nervoso.

— Vamos para o hospital — falei.

De repente, ela deu um grito e percebi sua barriga se contraindo de uma maneira assustadora.

— Lorenzo, eu estou tendo contrações muito fortes, não vai dar tempo, estamos muito longe do hospital — ela falou com o rosto vermelho, e eu fiquei apavorado.

— Vai dar tempo sim, não fala isso. Fecha as pernas, não deixa ela sair — falei, assustado pra caralho.

— Eu não tenho esse controle — ela gritou.

Em seguida, Camila respirou fundo, tentando se acalmar, mas outro grito escapou de sua boca, me deixando gelado.

— Eu senti umas cólicas leves e fisgadas mais cedo, mas achei que não era nada, agora estou sentindo uma pressão lá embaixo, não vai dar tempo de chegar ao hospital! — ela falou, chorando.

— Vai dar tempo sim — falei e acelerei ainda mais o carro.

Mais dez minutos dirigindo, e o grito que Camila deu quase me fez bater o carro. Minhas mãos tremiam tanto que estava difícil segurar o volante.

— Lorenzo, eu estou sentindo muita dor, não vou aguentar. Ela quer nascer. Para esse carro agora!

— Não, não, não! Aguenta mais um pouco, amor. Você é forte, fecha as pernas, não deixa ela sair.

— Eu não quero ser forte, porra, estou morrendo de dor, está insuportável! Pare esse carro agora e me ajude, pelo amor de Deus! — ela gritou, desesperada.

Eu parei o carro no acostamento, sem saber o que fazer direito, aéreo e nervoso pra caralho.

— Amor, como posso ajudar? Eu não sei o que fazer... — perguntei, perdido.

— Ela vai nascer, Lorenzo. Eu sei que vai. Nós precisamos fazer isso sozinhos. Pegue as toalhas e forre o banco de trás, depois pegue a água e o kit de primeiros socorros — Camila me orientou, controlando seu desespero.

Tremendo pra caralho, liguei o pisca-alerta do carro e peguei tudo o que ela falou. Forrei o banco de trás, empurrei meu banco

para frente para ganhar espaço, coloquei o kit e a água no chão e fui até o lado do passageiro. Abri a porta, peguei Camila no colo com cuidado e a levei para trás. Ela deitou e eu afastei o banco do carona para frente também. Como meu carro era espaçoso, isso facilitou um pouco.

— E agora o que eu faço? — perguntei, quase sem conseguir respirar, porque estava totalmente desorientado.

Eu costumava ser um cara sagaz, como os outros falavam, mas naquele momento, eu me sentia um garoto perdido.

— Olhe para mim — Camila falou ainda deitada e puxou meu rosto para olhar para ela. — Você vai conseguir, eu confio em você. Nossa filha quer nascer e nós dois juntos a fizemos, então agora nós vamos ajudá-la a chegar ao mundo. Você vai conseguir... — ela não conseguiu terminar de falar, porque outra contração veio e ela gritou apertando meu braço.

Seu lindo rosto estava retorcido de dor, e eu já estava totalmente desesperado, vendo seu sofrimento.

— Amor, eu não sei como fazer isso. Eu nunca vi um parto, nem na internet — falei, quando ela afrouxou um pouco o aperto no meu braço.

— Eu também não, mas nós vamos conseguir. Nossa filha vai nascer e vai dar tudo certo — ela falou, tentando me acalmar. — Agora, levante meu vestido e tire minha calcinha.

Segui as instruções que Camila foi me dando. Depois de tirar a calcinha, peguei o álcool do kit de primeiros socorros, passei nas mãos e, no meio desse processo, outra contração e mais um grito de dor. Porra, parecia que eu ia desmaiar, nunca senti um nervoso tão grande na minha vida. Era horrível vê-la sofrendo daquela forma e não poder fazer nada.

Camila já estava toda suada, com a maquiagem borrada e o cabelo todo grudado na testa e no pescoço; eu estava igual, minha camisa colada no corpo e o suor escorrendo na minha testa e mãos.

Estava olhando para ela, ainda sem reação, quando senti um tapa forte atingir meu rosto.

— Lorenzo, acorda, cacete! Você está pálido! Não ouse desmaiar e me deixar aqui sozinha. Fique firme. Um homem que faz o que você faz não pode ser um frouxo logo agora.

Ela tinha razão, como sempre. Eu precisava reagir, então respirei fundo e me posicionei no meio de suas pernas.

— Tudo bem, eu consigo, vamos fazer isso — falei, sem muita certeza, mas tentando passar segurança para ela.

Outra contração veio e ela gritou, mas dessa vez fez força. Peguei uma outra toalha limpa e me preparei. Mais algumas contrações e gritos, e eu já conseguia ver a cabeça da minha filha.

— Ela está chegando, amor. Estou vendo a cabecinha dela — falei, sentindo uma emoção gigante no peito e uma vontade absurda, que eu nunca tinha sentido na vida, de chorar.

Mais uma contração, mais um empurrão e, então, o milagre aconteceu diante dos meus olhos... o meu milagre. Antonella escorregou de uma vez só, me deixando chocado, e eu a amparei com a toalha. Minha filha estava toda ensanguentada e suja. Ela logo começou a chorar, mostrando a força que tinha.

Fiquei maravilhado e sem palavras. Limpei um pouco o rostinho dela, envolvi seu corpo na toalha, e ela se acalmou um pouco. Era realmente uma emoção indescritível, como todos diziam. Olhei para o rostinho do meu bebê e ela parecia estar me olhando também, seu chorinho já mais fraco. Dei um beijinho em sua cabecinha, não me importando com os vestígios de sangue e líquidos do parto.

— Calma, amor. Papai está aqui — falei baixinho, e ela ficou quietinha.

Estava encantado olhando para ela, quando ouvi a voz fraca de Camila.

— Eu quero vê-la — ela me pediu, chorando.

Eu entreguei nossa filha, embrulhada na toalha, e minha mulher a colocou deitada em seu peito.

— Vou levá-las para o hospital, vocês precisam ser examinadas e tem que ver o que faz com o cordão umbilical — falei.

O rosto de Camila voltou a ficar tranquilo e sereno. Ela acenou para mim, sem deixar de olhar nossa filha.

Desci do carro, fechei as portas e vi faróis se aproximando. Coloquei a mão na minha arma e esperei, mas logo reconheci o carro do meu pai. Ele parou, desceu correndo e veio em minha direção, preocupado porque viu minha camisa toda suada e suja de sangue.

— O que aconteceu? Cadê a Camila? — ele me perguntou aflito, e eu sorri.

— Sua neta nasceu, pai. Eu que fiz o parto.

— Você está de brincadeira comigo? — ele falou com um sorriso enorme e me abraçou. — Elas estão bem? Eu quero ver.

— Depois, pai. Agora eu preciso levá-las ao hospital, mas elas estão bem — falei, entrando no carro.

— Eu vou com vocês.

Meu pai foi em direção ao carro dele e nós seguimos para o hospital.

Capítulo 38

Lorenzo

Quando chegamos ao hospital, Camila e Antonella foram encaminhadas para o centro cirúrgico para terminar os procedimentos. Depois de lavar e vestir as roupas do hospital, eu pude acompanhá-las. O cordão umbilical foi cortado e Camila levou alguns pontos. Depois, foram feitos alguns exames na minha filha, e levaram minha mulher para o quarto para descansar. Meu pai já tinha organizado toda a segurança do hospital.

O dia já tinha amanhecido quando minha mãe chegou ao hospital com roupas para Antonella, Camila e eu. A enfermeira ajudou Camila a tomar banho, depois minha mãe e meu pai ficaram no quarto com ela, enquanto eu tomava o meu.

Apesar de todo o estresse e de não ter dormido a noite toda, eu me sentia revigorado. A felicidade do nascimento da minha filha, mesmo que naquelas circunstâncias, e de vê-la saudável eram maiores que qualquer problema. A enfermeira compareceu ao quarto para nos informar que Antonella estava ótima e, em pouco tempo, iria para o quarto. Eu mal podia acreditar que as coisas tinham terminado tão bem, depois de tudo o que aconteceu.

Um tempo depois, nossa filha chegou, já limpa e vestida. Então, eu tive o prazer de vê-la direito pela primeira vez, e ela era perfeita demais, branquinha como eu e, quando abriu os olhinhos, pude ver que também eram azuis como os meus, e não verdes como os da mãe.

Minha mãe e meu pai disseram que ela parecia comigo quando era bebê, e eu fiquei todo orgulhoso. Meus pais ficaram um bom tempo babando minha filha, depois vieram tio Mattheo, tia

Melissa, Mia, Amanda e Maria Eduarda. Certa hora, todos foram embora e ficamos só nós três. Antonella dormia tranquilamente no meu peito e Camila, vencida pelo cansaço, dormiu depois de aumentar nossa filha.

Olhando Camila dormir serenamente, parei para pensar no momento do parto e me dei conta de que nenhum homem no mundo tinha a metade da força de uma mulher. Nós nunca seríamos capazes de dar à luz em um momento como aquele, cheio de sufoco, e logo depois sorrir tranquilamente, como Camila fez minutos depois ao pegar nossa filha no colo pela primeira vez.

Pela expressão que vi no rosto da minha mulher, a dor que ela sentiu com as contrações e o parto deveria ser muito pior do que levar um tiro, no entanto pouco tempo depois, ela já tinha um sorriso brilhante em seu rosto de boneca. A cena se repetiu enquanto ela amamentava nossa filha pela primeira vez. Essa lembrança, mesmo quando eu já estivesse muito velho, seria sempre presente.

Beijei a cabecinha cheirosa da minha filha e a coloquei no bercinho, depois fui até Camila, dei um beijo em sua testa e me deitei no sofá ao lado da cama para tentar descansar um pouco. Quando eu estava começando a cochilar, um chorinho sentido me acordou. Pelo visto, Antonella queria mamar outra vez. A noite estava apenas começando.



No dia seguinte, Camila e minha filha tiveram alta. Nossa casa estava toda enfeitada com flores e balões cor-de-rosa para recebê-las, e todas as mulheres da família estavam nos esperando, inclusive Nina, que também estava de resguardo.

Camila adorou a recepção, pois amava ser o centro das atenções, e Antonella, que parecia ser igual à mãe, passou de colo em colo sem chorar. Julie ficou encantada com a priminha, então dei a ela a ideia de pedir ao papai um irmãozinho. *Quero só ver a cara de Pietro quando ela falar.*

As mulheres tomaram conta de tudo, e eu até gostei. Estava exausto, pois tinha dormido muito pouco nas últimas duas noites e também queria conversar com os caras sobre tudo o que aconteceu depois que eu saí do castelo. Aproveitei que Camila tinha companhia de sobra, tomei banho e me arrumei para sair. Quando cheguei à sala, elas estavam no pique, rindo e conversando, e as crianças correndo pela casa. Fui até Camila, que estava amamentando nossa filha, para me despedir.

— Você vai sair? — ela perguntou surpresa.

— Eu vou até a empresa resolver umas coisas.

— Lorenzo, você está de licença paternidade! Vai sair e me deixar aqui sozinha com a sua filha nos peitos? — ela perguntou brava, e eu ri.

— Sozinha, Camila? A casa está cheia — respondi. — E eu não vou trabalhar, apenas vou dar um pulo rápido lá enquanto você tem companhia.

Dei um beijo na minha mulher e o outro na cabecinha do meu bebê. Ela me olhou de cara feia, eu ri e saí de casa. Quando cheguei na empresa, soube que estavam todos reunidos na sala de Pietro e fui direto para lá.

— Bom dia! — cumprimentei a todos.

— O que você está fazendo aqui? Achei que você tinha fraldas para trocar — Romeu me zoou.

— Camila está cheia de ajudantes, todas as mulheres estão lá — falei e me sentei. — Eu precisava vir aqui, quero saber como tudo terminou.

No dia do sequestro, quando nos reunimos a sós na sala de reuniões do Castelo, Pietro, tio Matheo e meu pai disseram que estavam desconfiados de que havia um traidor entre nós e que, provavelmente, era um dos soldados mais novos.

Quando selecionávamos novos homens, sempre corríamos o risco de contratar um rato no meio. Quem sequestrou a Camila naquela noite sabia exatamente onde estaríamos e o momento certo de apagar as luzes para levá-la, sem nenhum de nós por perto.

Não existia coincidência, era certo que havia um informante entre nós e suspeitávamos quem era. O cara estava sempre o mais próximo que podia de nós e atento às conversas, então passamos a observá-lo há algum tempo.

Na noite do sequestro

Sala de reuniões do castelo

— *Eu acho que, se eles tiverem a oportunidade, vão me levar também, pois sabem que eu vou ficar atrás da Camila até encontrá-la. Então, acho que a maneira mais rápida de encontrá-la é deixando que me peguem e, de quebra, descobriremos se o traidor é quem realmente desconfiamos — falei decidido.*

— *Eu acho muito arriscado, Lorenzo — meu pai se opôs.*

— *Eu vou com rastreador e vocês vão logo atrás nos resgatar. Dependendo de quem for, eu até dou conta sozinho.*

— *E qual é o plano? — Pietro perguntou.*

— *Antônio, nosso suposto traidor, está aí fora com o Malone. Eu vou sair daqui, deixando que percebam o quanto estou na merda e que vou sair sem nenhuma segurança. Se Antônio for mesmo o rato, ele vai avisar aos outros que estou dando sopa sozinho por aí, e eles me pegarão. Quando isso acontecer, dou um jeito de acionar o rastreador e vocês saberão que fui pego. Então, vocês o pegam e vão até onde estou.*

— *É um bom plano — Pietro comentou.*

Mesmo sob os protestos do meu pai, nós colocamos o plano em prática. Eu pus o micro rastreador no meu cordão e, na hora certa, foi fácil acioná-lo, principalmente porque eu previ que iam me pegar antes mesmo deles chegarem até mim.

Tudo saiu melhor do que o esperado. Embora eles tenham demorado a chegar, Leonardo era um amador e foi fácil demais acabar com ele, mesmo sem nenhuma ajuda. E o melhor: eu tinha uma mulher foda pra caralho que matou a Sasha.

Enfim, matamos dois coelhos com uma cajadada só.

Momento atual

— Eu quero saber onde Antônio está. Quero um tempo com ele — falei.

— Ele está preso em um de nossos galpões — Pietro respondeu. — Tire seu tempo, Lorenzo, deixaremos a melhor parte para você. Vá lá e termine o serviço.

Eu agradeci. Antes de voltar para casa eu resolveria esse problema.

Contei a eles todos os detalhes do que tinha acontecido no dia do sequestro, antes de eles chegarem, e eles também me contaram o que eu perdi.

— De toda essa história, o que mais me impressionou foi você ter feito o parto da sua filha. Cara, eu não imagino o desespero que você passou. Dentro de um hospital e com todos os recursos já é aterrorizante, imagina dentro de um carro? — Raphael falou.

— Foi realmente assustador. Eu nunca fiquei tão nervoso em toda minha vida, mas não fiz nada, cara, eu só amparei minha filha. Todo o trabalho foi da Camila. Eu nunca deixo de me impressionar com a força da minha mulher, aliás com a força de todas as mulheres — falei, lembrando do rosto contorcido de dor da minha mulher.

— Eu me lembro de pensar a mesma coisa da sua mãe, quando descobri as maldades que o maldito do seu avô fazia com ela — meu pai falou.

— Nem me fale em pai maldito que eu lembro de Frederico. Eu não quero vê-lo na minha frente, não consigo olhar mais para ele. O miserável estava tendo um caso com a mulher que armou para a filha dele ser estuprada, além disso a Camila me contou o que motivou Leonardo a querer se vingar. No final, foi tudo culpa dele.

— O que aconteceu? — Pietro perguntou e eu contei toda a história que Camila havia me contado — O que colocou Camila em perigo não foi o fato de ela estar casada comigo, foi a covardia do

maldito do pai dela — falei, fervendo de ódio, como sempre ficava quando me lembrava dessa história.

— Nós temos que confrontar o Frederico sobre isso. Ele precisa saber suas responsabilidades sobre o que aconteceu — Tio Matheo falou.

— Não tenho condições de chegar perto dele e não matá-lo. Apesar de tudo, Camila não quer que eu mate o pai, então eu não posso encontrá-lo agora.

— Deixa que eu resolvo isso, vou fazer uma visitinha a ele hoje — meu pai respondeu, sorrindo.

O que quer que meu pai faça a ele não será culpa minha, Camila terá que entender — pensei satisfeito.



Quando cheguei ao galpão, Antônio estava sentado e amarrado a uma cadeira, com o rosto já desfigurado.

— Oi, Antônio. Acho que você está impossibilitado de enxergar bem, mas sou eu, Lorenzo Esposito, marido da Camila, a mulher que você ajudou a sequestrar. Eles iam matá-la e ela estava grávida da minha filha, você sabia disso? — falei, sarcástico, e ele não me respondeu.

Puxei uma cadeira para me sentar de frente para ele, peguei a mão dele que ainda estava inteira e puxei para junto de mim a mesinha com as ferramentas que nós gostávamos de usar para fazer um carinho nos nossos inimigos.

— Vamos fazer assim, cada vez que você me ignorar, eu quebro um dos seus dedos — propus. — Tinha mais alguém daqui trabalhando com você?

Ele me ignorou novamente, então olhei para dois dos meus soldados que estavam lá e os chamei; eles vieram imediatamente.

— Segurem a mão dele aqui em cima da mesa.

Me endireitei na cadeira, peguei meu alicate favorito, posicionei em seu dedo mindinho e, sorrindo, apertei-o. O barulho do osso se quebrando foi audível. Antônio soltou um grito e tentou se esquivar, mas os soldados mantiveram sua mão no lugar.

E assim eu me diverti por um bom tempo, até que tive certeza de que ele agiu sozinho e que não tínhamos mais nenhum traidor entre nós. Antônio já não suportava mais a dor e desmaiou algumas vezes, mas eu não ia deixá-lo descansar. Ele foi acordado e as torturas recomeçaram.

— Me mate logo, seu desgraçado! — o homem implorou.

— PARA DE IMPLORAR, PORRA! — gritei. — Eu odeio homem frouxo. Você não se importou de saber que eles iam levar minha mulher, que iam matá-la e que ela estava grávida. Eram duas vidas, uma mulher e uma criança indefesas. No entanto, você me traiu e facilitou para que a levassem, entregando-a de bandeja para o inimigo, seu desgraçado de merda. Minha mulher não tinha culpa de nada, o problema do Leonardo era com Frederico. Então, agora eu vou deixar você definhando até morrer, lentamente — esbravejei.

Eu me virei para os soldados e ordenei:

— Deixem o bastardo sangrar até a morte, ele não deve passar de hoje.

Eles assentiram, e eu saí de lá me sentindo, parcialmente, vingado.

Só tinha uma pessoa que ainda não tinha pagado pelo que fez, Frederico Falcone. O caso dele era mais complicado, porque eu amava a filha do desgraçado. De alguma maneira, a hora dele também ia chegar.



Quando cheguei em casa, as meninas já tinham ido embora e apenas minha mãe tinha ficado com Camila.

— Você demorou! — Camila reclamou, assim que me viu entrar pela porta.

— Desculpa, amor. Tinha algumas coisas pra resolver, mas prometo que agora eu sou todo seu e da Antonella.

— Meu também! — minha mãe falou, ciumenta.

— Seu também, *mama*. Acalmem-se, meninas, e organizem uma fila, tem Lorenzo para todas. Se organizar direitinho, ninguém fica sem — falei brincando e elas riram.

— Já que você chegou, filho, vou ver a Nina. Sua tia Melissa ficou com ela hoje para eu ficar aqui.

— Tá bom, mãe. Obrigado — agradei. — Eu vou tomar banho e ninguém me tira mais de casa hoje.

— Não vai me dar um beijo? — Camila perguntou, quando viu que eu já ia subir.

— Estou sujo da rua, vou tomar um banho rápido e já volto.

Minutos depois, quando desci, minha mulher estava aumentando nossa filha, enquanto Charlotte dormia preguiçosa em sua caminha no chão. Sentei perto delas e olhei Antonella sugando esfomeada o peito da mãe.

— Essa menina puxou você em tudo. Olha isso, ela ama meus peitos.

— Nós temos bom gosto — falei e segurei a minúscula mãozinha que logo apertou meu dedo.

A esfomeada terminou de mamar e Camila me pediu para colocá-la para arrotar, enquanto ela tomava banho. Deitei aquele pequeno corpinho no meu peito e dei tapinhas leves em suas costas, até que ela arrotou e dormiu. Peguei o carrinho que estava na sala e coloquei-a nele. Assim que a deitei, ela chorou.

Peguei-a novamente e ela, logo, ficou quietinha. Segundos depois, Antonella dormiu. Mais uma vez, fiz a tentativa de colocá-la no carrinho e ela chorou. Olhei para aquela carinha perfeita e, antes mesmo de pegá-la, ela se aquietou. Quando ameacei deixá-la deitada, ela começou a chorar.

— É impressão minha ou a senhorita é manhosa como sua mãe? Você só tem dois dias de nascida!

Ela ficou me olhando quieta e, em seguida, vi o pequeno beicinho se formando naquela boquinha perfeita, idêntica à minha, e ela abriu o berreiro.

— Tudo bem, bebê. O papai pega. Não chore assim, que você parte meu coração.

Mais uma vez, aconcheguei-a em meus braços e beijei sua cabecinha. Ela ficou quietinha. Antonella parecia um anjo, sua boca, nariz, olhos e queixo, tudo era idêntico ao meu.

— Desse tamanhinho e já manda em mim. Estou ferrado com duas mulheres mandonas em casa — falei e ri de mim mesmo.

Não tinha jeito, elas já tinham me dominado.

Capítulo 39

Camila

1 mês depois

Estávamos reunidos, almoçando na casa dos meus sogros. Vincenzo corria pela casa, os gêmeos Bella e Vito estavam dormindo em seu carrinho duplo e Antonella dormia no carrinho dela. Sentamos à mesa e, assim que eu coloquei o primeiro garfo de comida na boca, Antonella chorou. Ela estava super manhosa e a culpa era nossa.

— Ela parece ter um despertador. E eu estou morrendo de fome — falei, lamentando.

— Deixa que eu pego. — Lorenzo se ofereceu, já levantando.

Meu marido pegou Antonella no colo, levando-a para a mesa com ele. Meu bebê já tinha crescido, estava bem gordinha e cheia de dobrinhas.

— Acordou, boneca da vovó? — Lili mexeu com minha filha, e ela se derreteu. — Ela é a cara do Lorenzo — minha sogra falou o que eu ouvia todos os dias, e eu não podia negar, porque realmente era verdade.

Lorenzo colocou nossa filha sentada em seu colo e conseguiu comer. *Às vezes eu acho que ele tem mais jeito com ela do que eu.* Quando a levamos na consulta com o pediatra, ele segurou Antonella durante todo o tempo e ela parecia adorar o colo do pai; eu só a pegava para dar de mamar. Nos finais de semana, no complexo, quase sempre ele que a carregava no canguru. Nossa filha adorava andar pendurada no pai.

Terminamos nosso almoço e estávamos comendo a sobremesa quando o celular de Lorenzo tocou. Pela sua expressão, eu sabia que algo tinha acontecido.

— O que houve? — perguntei, assim que ele desligou.

— Seu pai está aí no portão e insiste em falar com você — ele respondeu, me olhando como se esperasse por uma resposta.

Meu pai ligou, insistentemente, no último mês, mas eu não o atendi. Estava vivendo a fase mais feliz da minha vida com meu marido e minha filha e eu não queria que nada tirasse nossa paz. Entretanto, eu sabia que não poderia evitá-lo para sempre, por isso decidi encarar logo o problema de frente.

— Vamos deixar que ele entre — respondi e vi que Lorenzo não gostou do que ouviu.

Ele fechou os olhos, respirou fundo e se levantou com Antonella no colo.

— Vamos recebê-lo na nossa casa — ele falou, saindo.

Eu peguei as coisas da nossa filha e fui atrás dele.

— Você está chateado? — perguntei, assim que entramos em casa.

Ele não me respondeu. Lorenzo pegou o celular e fez uma ligação autorizando a entrada do meu pai, depois que o revistassem. Em seguida, ele me olhou e respondeu o que eu já sabia:

— É claro que estou chateado, eu não confio no seu pai. Você tem motivos para perdoá-lo, porque, apesar de tudo, ele é seu pai, Camila. Contudo eu não tenho e só consigo vê-lo como um inimigo. Nunca esquecerei tudo o que ele fez, nunca. Você não imagina o esforço que estou fazendo para recebê-lo aqui, no mesmo ambiente da minha filha.

— Eu te entendo e concordo. Também não perdoei meu pai, mas não adianta fugir para sempre, uma hora serei obrigada a encará-lo. — falei.

— Você não é obrigada a nada, e eu estou aqui para garantir isso. Você só fala com ele se quiser — ele disse, categórico.

— Eu quero falar com ele — falei, com o coração apertado.

— Tudo bem, mas não peça para deixar vocês sozinhos, pois eu não vou sair.

Um silêncio tenso se formou entre nós, até que a campainha tocou e eu fui atender. Lorenzo estava em pé no canto da sala, balançando levemente o corpo, com Antonella quietinha em seu colo. Assim que abri a porta para o meu pai e indiquei que ele entrasse, seus olhos foram direto para a minha filha.

— Filha, desculpe vir aqui na sua casa, mas eu precisava ver você e conhecer minha neta.

— Senta, pai — respondi, friamente.

Ele se sentou, e eu me sentei no sofá em frente a ele. Lorenzo continuou em pé, olhando para nós como um falcão.

— Camila, nem sei por onde começar. Eu fiz tanta estupidez, que não tem perdão. Eu fiquei cego e não consegui aceitar sua escolha de vida. Quando sua mãe morreu, eu fiquei perdido, sem saber o que seria de mim e, por isso, fiz uma merda atrás da outra. Quando Giovanni e o pai quiserem levá-la, eu enlouqueci e saí desesperado em busca de um empréstimo, mas antes que eu conseguisse qualquer coisa, eles me prenderam no moto clube e só me deixaram sair depois de muito tempo. Antes de me soltarem, eles me contaram que Lorenzo Esposito tinha sequestrado você e isso me deixou mais maluco. Fui direto até a empresa da família do seu marido e exigi que te trouxessem de volta, mas você me ligou e disse que queria ficar com ele. Isso foi um golpe muito duro para mim.

Eu ameacei protestar, mas ele levantou a mão e continuou:

— Você há de convir que seu marido e eu estamos em lados totalmente opostos. Eu me neguei a acreditar que você estava realmente apaixonada por um... enfim, quando te reencontrei, depois de acordar no hospital, o médico me contou que você estava casada e eu o convenci a mentir por mim. Também não nego que fui ao consulado tentar anular seu casamento. Quanto à Sasha, ela me procurou, inventando uma série de mentiras nas quais eu quis

acreditar. Ela se ofereceu para me ajudar a colocar seu marido na cadeia e eu aceitei. Então, a pedido meu, os Outlaws a esconderam durante todo esse tempo.

— Além de tudo isso, como você pôde mandar matar o irmão do Leonardo, pai. Meu Deus, você devia ser a lei, proteger as pessoas e não matá-las.

— Eu achei que ele era um viciado em drogas e queria tirá-lo da sua vida, mas minha intenção era só dar um susto no cara. Eu sei que agi errado, de qualquer maneira — ele falou, de cabeça baixa, parecendo envergonhada e sem coragem de fazer contato visual comigo, mas não me comoveu.

Sequei uma lágrima que desceu pelo meu rosto e, antes que eu falasse qualquer coisa, ele retomou a palavra.

— Eu não espero que você me perdoe agora, mas te peço que, pelo menos, pense nessa possibilidade. Não me prive de ver minha neta.

Dessa vez ele levantou a cabeça e falou, olhando na direção de Lorenzo, que mantinha a mesma expressão impassível no rosto.

— Posso vê-la de perto?

Lorenzo segurou nossa filha mais firme, como se para protegê-la, então eu fui até ele e fiz menção de pegá-la.

— Camila... — ele me advertiu, quando peguei Antonella.

— Confie em mim — pedi e levei nossa filha comigo.

Meu marido veio atrás de mim e sentou ao meu lado no sofá. Ele parecia um leão prestes a atacar qualquer ameaça à sua cria.

— Essa é a Antonella, pai. Ela nasceu no dia em que fui sequestrada. O Lorenzo que me resgatou, mais uma vez, depois fez o parto da nossa filha.

Joguei na cara do meu pai tudo o que ele tinha causado, e ele apenas assentiu, como se já soubesse daquilo. Em seguida, meu pai olhou para Lorenzo.

— Obrigado por todas as vezes que você estava lá quando eu fracassei com a minha filha — meu pai agradeceu a Lorenzo, mas

meu marido não respondeu.

Antonella ficou um pouco inquieta, provavelmente querendo mamar.

— Será que eu posso deixá-los um pouquinho à sós sem se matarem? Eu vou apenas trocar a fralda dela e amamentá-la — perguntei, em tom de brincadeira, mas estava falando sério.

— Vá tranquila, filha — meu pai respondeu.

Eu me levantei e saí.

Lorenzo

Camila saiu da sala e a minha vontade era, no mínimo, de enforcar Frederico tamanho o ódio que eu sentia. O discurso dele não tinha me convencido em nada.

— Eu entendo que você me odeie, pois também odiaria se estivesse no seu lugar— ele falou como se lesse meus pensamentos.

— Você me odeia de qualquer maneira.

— Eu não te odeio mais, só não aprovo seu estilo de vida.

— Não estou esperando sua aprovação. Nós dois somos igualmente podres, a diferença é que, ao contrário de você, eu não me escondo atrás de um título.

— Nós temos algo em comum, rapaz. Teremos que nos tolerar, pelo bem da Camila e da minha neta.

— Eu já tolero você, Frederico, acredite em mim. Se não fosse por Camila, você já estaria morto. O seu discurso de pai arrependido não me comoveu nem um pinga, eu continuo não confiando em você.

— Você agora também é pai, deveria me entender.

— Justamente por isso, agora estarei muito mais atento e cauteloso. Então, espero que você nunca mais magoe a Camila e nem faça nenhuma estupidez que coloque a vida dela ou da minha filha em risco. Se isso acontecer, Frederico, eu esqueço que você é pai dela e te mato. Essa é a sua última chance — falei. — Você não tem que ser meu amigo, gostar de mim, ou sequer precisa me tolerar. Você só precisa respeitar o meu casamento, minha mulher e minha filha. Desde que não faça nenhum mal a elas, ficará tudo bem.

— Eu jamais tive a intenção de fazer mal à minha filha. Tudo o que fiz sempre foi pensando no bem dela.

— De boas intenções, o inferno está cheio! Você não é idiota, sabe bem o que fez. Você não vai conseguir me separar da Camila e nem me colocar na cadeia, então, ou você desiste de uma vez por todas ou você some das nossas vidas, porque eu nunca mais permitirei que você magoe minha mulher. Ah... e se você sequer tiver um pensamento errado em relação à Antonella, eu acabo com você.

Ele não respondeu, ficou apenas quieto e me olhando. Eu sabia que essa não era uma situação confortável para ele, mas o homem não era louco de me afrontar mais uma vez, porque sabia que eu só queria um motivo, só mais um motivo para matá-lo.

— Prontinho! Essa mocinha aqui já se alimentou e está de fraldas limpas. Demorei muito? — ela perguntou, nos olhando.

— Nem um pouquinho, amor — respondi.

Ela veio até nós e sentou novamente ao meu lado no sofá.

— Posso pegá-la um pouco? — Frederico perguntou.

— Não! — respondi no automático.

— Lorenzo, por favor... — Camila pediu.

— Tudo bem — respondi e respirei fundo, tentando engolir meu descontentamento.

Camila entregou Antonella para o pai segurar. O homem pareceu realmente encantado com a neta.

— Então você se chama Antonella, como a sua vovó? — ele brincou com ela e minha filha, tão inocente, sorriu.

— Ela é linda. Se parece com o pai — ele falou, sem nos olhar.

Frederico ficou um tempo com a neta e, finalmente, decidiu que era hora de ir.

— Posso visitá-los mais vezes? — ele perguntou a Camila.

— Pai, eu nunca vou esquecer as coisas que o senhor fez. O seu ódio por Lorenzo foi maior que o seu amor por mim. Você me traiu, me decepcionou e me magoou muito — Camila falou, com toda sinceridade. — Estou te dando uma nova chance, espero que o

senhor não me decepcione outra vez. Não se esqueça de que, quando tenta fazer algum mal ao Lorenzo, que é o homem que eu amo e o pai da minha filha, automaticamente você está fazendo mal a mim. Se o senhor finalmente puder respeitar meu marido e meu casamento, então poderá fazer parte novamente da minha vida e da vida da minha filha.

— Tudo bem, filha, eu já entendi. Vocês não vão se arrepender. Até logo — ele se despediu de Camila e Antonella e foi embora.



Camila

5 meses depois

— Bom dia, amor da mamãe — falei com a minha filha quando cheguei em seu bercinho e vi que ela já estava acordada.

Antonella abriu o sorriso mais lindo do mundo para mim, como sempre fazia. Peguei meu bebê no colo e ela começou a procurar meu peito, gulosa igual ao pai. Sentei na cadeira do quarto e amamenteei-a. Antonella já tinha seis meses e era a bebê mais simpática que já vi na vida. Ela estava sempre sorrindo.

Quando Lorenzo chegava era uma festa. Se ela estivesse no meu colo quando ele viesse falar conosco, ela se jogava para ele. Quando estava deitada e ele chegava perto, ela levantava a barriguinha para o pai pegá-la. Às vezes, quando ele precisava trabalhar no escritório de casa, ele a levava junto.

Eu amava ver pai e filha juntos, estava cada dia mais apaixonada por minha família. Quando Antonella nasceu, as coisas foram bem difíceis, pois ela dormia pouco à noite, só queria colo e chorava bastante. Nós ficávamos exaustos. Algumas vezes eu tive vontade de chorar junto com ela, porque me achava uma péssima mãe, mas Lorenzo estava lá para me apoiar, dizer que eu era uma mãe incrível e que juntos nós conseguiríamos.

Apesar de ter Lorenzo e disso me dar forças, todos os dias, para continuar, nunca senti tanta falta da minha mãe na minha vida! Queria que ela estivesse ali para dividir aquele momento comigo, para me guiar e amparar, para dizer que tudo aquilo era normal e ia passar.

Enquanto os olhos de todos estiveram voltados para Antonella, eu sabia que os da minha mãe estariam voltados para

mim, cuidando, me ajudando nos dias em que eu chorei porque meus seios estavam rachados ou quando minha filha não parava de chorar e eu achava que meu leite não era suficiente para alimentá-la.

Lili esteve presente em muitos momentos, além de me ajudar com Antonella, me ajudava na organização da casa, orientava a cozinheira com uma alimentação forte e saudável para mim, tomava conta da neta para eu dormir um pouquinho durante o dia. Ela sabia o quanto era duro se tornar mãe e eu a amava muito e era muito grata por tudo o que fez por mim, se desdobrando para cuidar de Nina e de mim como uma mãe amorosa e incansável.

Lorenzo se desdobrava entre o trabalho, a filha e eu. Ele me ajudava em tudo, era o melhor marido e pai do mundo, mas eu percebia que, às vezes, ele ficava tão exausto e perdido quanto eu, afinal também era pai de primeira viagem.

Depois de uns minutos mamando, minha filha largou o peito, e eu levantei com ela para preparar seu banho. Lorenzo normalmente me ajudava, mas ele já tinha ido trabalhar, então eu teria que me virar sozinha.

Quando terminei de dar banho em minha filha e vesti sua roupinha, ouvi meu celular tocar. Peguei para atender e no visor apareceu o nome de dona Anita, a ajudante do meu pai. Ela já trabalhava lá há um bom tempo, sempre muito solícita, então começamos uma amizade. Eu raramente ia à casa do meu pai, mas ela me atualizava sobre sua saúde, alimentação e rotina.

— Bom dia, dona Anita — cumprimentei-a. — Tudo bem por aí?

— *Bom dia, Camila. Por aqui tudo bem. Estou te ligando para lembrar que hoje é aniversário do seu pai. Ele virá almoçar e tirar a tarde de folga. Queria saber se você e a bebê querem vir almoçar aqui.*

— Meu Deus, eu sou uma péssima filha! Tinha me esquecido completamente. Eu vou aí, mas não fala nada, deixa eu fazer uma surpresa para o meu pai.

— *Tudo bem, minha filha. Ele vai ficar muito feliz. E você não é uma péssima filha, muito pelo contrário, é maravilhosa.*

— A senhora que é. Obrigada por me avisar.

Nos despedimos e eu desliguei, já pensando na parte mais difícil: contar meus planos para o Lorenzo. Ele ainda não confiava no meu pai e eu não tirava a razão dele, mas nesses últimos meses meu pai fez de tudo para provar sua mudança. Ele era todo derretido com a Antonella, vinha à minha casa sempre que podia e fingia não perceber os olhares afiados e desconfiados do meu marido, que nunca saía de perto de nós enquanto durasse a visita. *Eu sinto que ele morre de ciúmes de ver como Antonella gosta do avô.*

Liguei para meu marido e fui atendida no primeiro toque.

— *Fala, mulher da minha vida.*

— Com uma recepção calorosa dessas, eu fico até sem palavras.

— *Onde está a outra mulher da minha vida? Vocês estão bem?*

— Sua filha está bem aqui no meu colo e nós estamos ótimas.

— *Que bom. E o que você quer me dizer e está enrolando?*

— Não estou, você apenas não me deu oportunidade, sendo tão fofo.

— *Eu vou aceitar o título de fofo porque ninguém está nos ouvindo, mas para todos os efeitos, eu ainda sou um homem muito perigoso* — ele falou, me arrancando uma gargalhada.

— Amor, hoje é aniversário do meu pai.

— *Parabéns para ele, que a idade traga mais hombridade.*

— Eu quero almoçar na casa dele com a Antonella. Anita nos convidou.

— *Camila, melhor não.*

— Lorenzo, é o aniversário dele e o Dimitri também vai. Não estamos sofrendo nenhuma ameaça.

— *Eu não gosto de saber que você e minha filha ficarão no mesmo ambiente que seu pai e longe dos meus cuidados. Sempre dá merda.*

— Eu sei, amor, mas vai dar tudo certo. Eu não posso faltar, a gente nunca sabe o dia de amanhã, meu pai já é velho e...

— *Tudo bem, Camila. Eu vou sair mais cedo do trabalho e busco vocês lá. Além de Dimitri, vou mandar mais alguns soldados.*

— Obrigada, amor. Eu te amo.

— *Eu também amo vocês.*

Desliguei o telefone feliz, fui me arrumar e, em seguida, arrumei Antonella para sairmos. Quando cheguei à porta de casa, me assustei com o número de soldados que estavam nos esperando, mas não reclamei. Entrei em um dos carros, junto com o motorista e Dimitri, e os soldados entraram em outro.

Quando chegamos à casa do meu pai, dona Anita estava terminando o almoço. Ela abriu a porta para nós e entrou correndo para ver as panelas que ainda estavam no fogo. Dimitri e os outros ficaram esperando no carro do lado de fora. Quando já estava tudo pronto, inclusive a mesa arrumada, nós ouvimos o barulho do carro do meu pai. Me escondi com Antonella para fazer uma surpresa. Ouvi seus passos e, logo em seguida, sua voz.

— Anita, cheguei. Tem dois carros estranhos lá fora, você viu?
— ele comentou, desconfiado.

— Eu não vi nada, senhor.

— Hum, o cheiro está delicioso. Trouxe um vinho para nós — meu pai falou meio meloso e eu fiquei chocada.

Estava rolando alguma coisa entre esses dois. Achei melhor aparecer, antes que eu saísse dali traumatizada.

— Surpresa! — gritei, aparecendo na cozinha com Antonella, e meu pai deu um pulo de susto.

— Meu Deus, que susto! Quer matar seu pai?

— Se assustou porque estava fazendo coisa errada. Não era isso que você falava? — perguntei debochada e me surpreendi

quando vi que ele ficou vermelho.

Achei melhor parar de perturbar meu velhinho e me aproximei para lhe darmos os parabéns.

Capítulo 40

Camila

Almoçamos juntos e, depois, a dona Anita apareceu com um bolo que ela tinha feito. Nós cantamos parabéns e Antonella adorou a farra, tinha aprendido a bater palminhas, então nos acompanhou.

Algumas horas depois, eu já estava mesmo pensando em ir embora, quando bateram à porta.

— Senhora, o chefe tentou ligar para o seu celular, mas a senhora não atendeu. Ele mandou avisar que está vindo buscá-la. Deve estar chegando.

— Meu celular está só vibrando, eu não escutei. Obrigada, Dimitri, eu vou me despedir e já vou sair.

Meu pai e dona Anita me acompanharam até o carro, e nós nos abraçamos. Meu pai estava com Antonella no colo e, quando fui pegá-la, notei um pequeno ponto de luz vermelha em sua testa. Levei milésimos de segundos para me dar conta do que era aquilo e tudo aconteceu rápido demais.

Ouvi o barulho de um carro cantando pneus e olhei de onde vinha. Era o carro de Lorenzo, em alta velocidade. Ele jogou o carro em cima de um homem que estava com a arma apontada para o meu pai e o atropelou.

No mesmo momento em que foi atingido, o homem conseguiu efetuar o disparo. Dimitri correu até onde eu estava e fez uma espécie de escudo humano, protegendo a mim e a Antonella. Dona Anita gritou, e nesse momento eu vi meu pai caindo no chão, mas não havia sangue em sua cabeça ou rosto. Antonella começou a chorar e Dimitri a me puxar.

— Senhora, preciso tirar vocês daqui agora. Venha!

— O meu pai levou um tiro — falei, começando a chorar.

De repente, ouvi os gritos de Lorenzo dando ordens aos outros soldados.

— Ele está fugindo, vão atrás dele, porra.

Os soldados que estavam ali entraram no carro e saíram cantando pneus, perseguindo um outro veículo, provavelmente do comparsa do homem que tinha atirado no meu pai e estava caído no chão, aos pés de Lorenzo.

— Dimitri, venha aqui. — Lorenzo gritou.

O soldado correu até lá e Lorenzo falou alguma coisa com ele, mas eu não consegui ouvir. Depois, meu marido se aproximou de mim.

— Vocês estão bem? — ele falou, nos examinando.

— Nós estamos, mas meu pai levou um tiro e precisa de ajuda — falei, tremendo muito. Antonella começou a se jogar para o pai.

— Filha, fique com a mamãe, papai precisa ver seu avô.

Lorenzo foi até meu pai e Antonella chorou novamente. Eu me aproximei também, ainda meio aérea com tudo o que tinha acontecido.

— O tiro pegou de raspão — Lorenzo falou, já ajudando meu pai a se levantar.

O braço do meu pai estava sangrando, mas realmente parecia superficial.

— Melhor o levarmos a um hospital — sugeri.

— Eu estou bem, caí mais pelo susto. Seu marido tem razão, o tiro pegou de raspão — meu pai falou.

— Vão para dentro de casa, eu vou ver se o filho da puta que atirou está morto — Lorenzo disse.

— Eu vou com você — meu pai respondeu.

— É melhor você entrar e fazer um curativo. Precisa limpar o ferimento e estancar o sangue — meu marido aconselhou.

— Ele tem razão, Fred, vamos cuidar disso primeiro. Venha, vamos lá dentro, seu genro cuidará de tudo — dona Anita falou.

Mesmo contra sua vontade, meu pai entrou, e eu fiquei.

— Eu vi a mira na testa do meu pai, eles queriam matá-lo. Se você não tivesse jogado o carro em cima daquele homem, meu pai agora estaria morto — falei, aflita.

— Eu também vi. Infelizmente, o comparsa dele fugiu e esse aqui está morto. Se os soldados não conseguirem pegar o outro, nunca saberemos quem fez isso. Entre com ela, Camila, eu já volto — ele falou, mas Antonella se jogou novamente no colo do pai e dessa vez ele a pegou.

— Oi, amor — ele falou, beijando a cabeça da filha. — Papai está um pouquinho ocupado agora, então vai com a mamãe, já já eu fico com você.

Lorenzo deu um beijo na bochecha dela e me entregou-a.

Lorenzo

— Ele está morto — Dimitri falou, assim que me aproximei.

— Tire o corpo daqui e entre em contato com os soldados para ver se eles conseguiram pegar o bastardo que estava dirigindo o carro. Eu vou entrar e falar com Frederico.

Quando entrei, o juiz estava sentado no sofá e a mulher, fazendo curativo nele; Camila estava sentada perto com Antonella no colo. Fui até eles, me sentei no sofá da frente e fui direto ao ponto.

— Você faz ideia de quem tentou te matar? — perguntei.

— Fica difícil saber, tenho tantos inimigos. Pode ser qualquer um — ele respondeu, resignado com aquela realidade.

— O homem que atirou em você está morto, meus homens foram atrás do outro.

— Obrigado, Lorenzo, você salvou minha vida. Se você não tivesse agido, aquele homem teria acertado o tiro e eu estaria morto. Eu devo minha vida a você — ele falou e, pela primeira vez na vida, achei que estava sendo sincero.

— Não precisa agradecer. Eu não posso suportar a ideia de ver Camila sofrendo e sei que se o matassem, isso aconteceria — falei sincero. Não fiz por ele.

— Te agradeço por isso. Fui muito ingrato com você, nunca te agradei por cuidar da minha filha quando eu não pude e por ser capaz de pensar mais nela do que nas suas próprias vontades. Fico feliz que ela tenha você.

Antes que eu respondesse, meu celular tocou.

— Fala, Dimitri.

— *Chefe, pegaram ele.*

— Ótimo, desarmem-no e tragam para cá.

Desliguei o telefone e olhei para Frederico.

— Pegaram o homem. Agora é só descobrir quem foi o mandante. Meus métodos são diferentes dos seus, você sabe. Eu posso fazer isso nos meus termos ou posso entregá-lo e você resolve o assunto. — Dei as opções a ele.

— Te agradeço muito, mas pode deixar que a partir daqui eu resolvo.

— Tudo bem, meus homens vão trazê-lo e ele é todo seu.

Eu me levantei e olhei para Camila, num aviso silencioso de que estava na hora de ir embora. Antonella estendeu os bracinhos para mim e eu a peguei. Camila se levantou e foi se despedir do pai.

— O senhor tem certeza de que não precisa ir ao hospital? — ela perguntou.

— Tenho sim, filha. Eu estou bem. Agora eu só quero descobrir quem está por trás desse atentado e resolver logo isso — ele respondeu, e ela o abraçou.

Frederico veio até mim e estendeu sua mão. Eu quase não apertei. Camila olhava atentamente a cena e Antonella estava com a cabecinha deitada no meu ombro. Pensei somente nelas. Minha mulher e minha filha amavam aquele homem, então só por elas eu apertei aquela mão.

Lorenzo

Um mês depois

Camila levantou cedo para fazer prova online em meu escritório. Enquanto isso, eu fiquei olhando nossa filha. Antonella era um bebê calminho, não dava trabalho, não era pirracenta e nem precisava, porque bastava ela ensaiar um beicinho e eu já estava fazendo tudo o que ela queria.

Eu ainda estava deitado e minha filha estava na cama comigo; eu cheio de sono e ela, cheia de energia. No dia anterior eu tinha chegado em casa tarde, pois tive que ir a Alcatraz conversar com as novas meninas que haviam chegado. Quando cheguei, ela já estava dormindo, apesar de Camila dizer que ela fez força para me esperar. Minha consciência pesou tanto que eu acordei minha filha e Camila quase me matou. No final das contas, minha mulher me obrigou a ficar com ela até dormir novamente, o que só aconteceu às 03h da manhã.

Sabendo que ela não me deixaria dormir mais, levantei da cama com ela e fui até o banheiro da suíte, fazer minha higiene matinal. Antonella olhava tudo atentamente, já estava muito esperta. Descemos e fui procurar a mãe dela. Quando cheguei à sala, ela estava saindo do escritório.

— Você acordou, meu amor? — ela perguntou, transbordando de amor como sempre, principalmente quando era com Antonella.

Eu sabia que ela estava falando com nossa filha, mas respondi mesmo assim, fazendo charme.

— Acordei, meu amor! — falei debochado e ela riu. — Esqueci que você agora tem outro amor. — Completei, fingindo estar magoado.

— Agora eu tenho dois amores e ainda tem a Charlotte, nossa segunda filha, e a mais velha. Acordou ciumento hoje, papai? — ela falou para me provocar.

— Porra, Camila. Já falei para você não me chamar assim, porque quando uma coisa tão santa sai da sua boca se torna sexy pra caralho e eu fico louco para te comer. E nesse momento, nossa filha está aqui entre nós me impossibilitando. Antes eu curtia a brincadeira, mas agora eu sou pai de verdade, você não pode me fazer ver dessa forma esse adjetivo sagrado, tenho medo de Deus me castigar.

— Você é um pai maravilhoso, Deus não vai te castigar.

— Bem, eu já fui meio cafajeste um dia, tenho medo do *karma* — falei. — Antonella vai para um convento aos 18 anos.

— Me poupe, Lorenzo, com 18 anos eu estava me casando com você!

Nem deixei Camila alimentar o assunto, porque ele era um pesadelo para mim.

— Eu não quero falar nisso — interrompi.

— Tudo bem, vamos mudar o assunto. Meu pai ligou, ele quer vir ver a Antonella hoje.

— Porra, só assunto brabo. Seu pai não tem casa mais não?

— Deixa de ser implicante. Vocês estão em trégua, não estrague tudo — ela falou.

Minha mulher passou os dois braços em volta do meu pescoço e Antonella, que ficou no meio, reclamou. Nós rimos.

— Eu vou ligar e dizer para ele vir mais tarde — ela falou dengosa.

— Tudo bem, Camila, que seja.

Ela me deu um beijo e saiu, feliz da vida. Minha mulher estava nas nuvens desde que o pai dela e eu demos uma trégua. Depois daquele atentado que ele sofreu e eu cheguei a tempo de impedir, o homem vivia tentando manter a paz.

Nós descobrimos que o mandante tinha sido Francesco, o próprio irmão do Frederico e, desde então, ele estava novamente preso. Eu ainda não confiava no meu sogro, ainda queria matá-lo se pudesse, mas estava relevando porque Camila e minha filha o amavam.

Giovanni era outro em quem eu não confiava e sempre mantinha meus homens à espreita, mas enquanto ele não desse um passo na minha direção, ficaria vivo. Eu tinha uma família e, portanto, preferia evitar uma guerra desnecessária.

Naquela mesma noite

Estava deitado na cama, esperando Camila, quando ela saiu do banheiro igual a um foguete. Ao olhar para o seu rosto, percebi que ela estava chorando e me assustei. Na mesma hora, levantei e fui até ela.

— Amor, o que aconteceu? Por que você está chorando? — ela não respondeu, chorou mais ainda me deixando nervoso. — Camila, olha para mim — falei, segurando o rosto dela. — O que aconteceu? Me diz!

— Nunca mais, Lorenzo... Nunca mais você vai chegar perto de mim com essa sua metralhadora de mira perfeita. Nunca mais você vai me tocar! — ela falou, me deixando mais assustado e desnorteado.

— Do que você está falando? Está louca?

— Estou ficando louca, Lorenzo Collins Esposito, e é tudo culpa sua! Nossa filha só tem seis meses, Lorenzo, só seis meses! — ela gritou na minha cara e começou a chorar novamente.

— Não estou entendendo nada, Camila. Você está de TPM?

— Antes fosse! — ela gritou, ainda mais alto. — Eu estou grávida, Lorenzo, grávida novamente!

— O quê? — perguntei, realmente chocado. — Você não estava tomando as pílulas?

— Estava, mas teve que ser uma mais fraca, porque estou amamentando. Aí vem você, com essa sua bazuca fértil, e me engravida outra vez!

Eu fiquei sem palavras. *Porra, mais um bebê!*

— Amor, eu nem sei o que dizer, mas não vou te pedir desculpas por ser uma máquina sexual! — falei, tentando quebrar o clima tenso.

— Está achando graça? Fique sabendo que você não me toca mais até esse bebê nascer. Do jeito que você é, Lorenzo, se a gente fizer sexo, você coloca mais um aqui dentro e eu acabo tendo gêmeos. Fica longe de mim! — ela falou.

Eu não aguentei e tive que rir, mas ela se manteve séria e brava.

— Ué, você disse que queria ter cinco filhos, lembra? E você sabe que eu faço todas as suas vontades — falei brincando e ganhei um tapa.

Depois, mesmo com ela fazendo birra, eu a abracei e a segurei forte em meus braços para que ela soubesse que não precisava temer nada, nunca mais, porque eu sempre estaria ao seu lado. *Caralho, eu vou ser pai de novo!* Capítulo 41

Camila

Algum tempo depois

Quando Antonella fez um aninho, meu menino nasceu. Descobrir a gravidez dele foi um susto enorme, porque minha filha só tinha 6 meses. No início, fiquei meio surtada, mas depois recebi tanto apoio do Lorenzo e dos meus sogros, que eu me senti pronta para qualquer coisa. Meu marido era o tipo de homem que me consolava só com sua presença, então não foi tão desesperador. Théo nasceu em uma noite com muita neve, e a Itália estava um caos. Por pouco, Lorenzo não fez o segundo parto da vida dele.

Eu lutei para colocar o nome “Théo James, o quatro” a gravidez inteira, mas Lorenzo não deixou. Eu era muito fã da saga Divergente, completamente apaixonada pelo personagem do Theo. Tive que concordar que “quatro” era um nome estranho, até para nós dois, então cedi e disse que queria que fosse Théo, em homenagem ao nome do próprio ator.

Lorenzo não queria de jeito nenhum, preferia um nome italiano mais tradicional, já eu não gostava mais de nenhum nome italiano para colocar em um filho além do que já tínhamos usado na nossa primeira filha, que era o mesmo nome da minha mãe. Então, usei minha tática infalível: na hora do parto, com ele me vendo sofrer com as dores, eu joguei e ele concordou. Naquele momento, na verdade, ele concordaria até em mudar o próprio nome para Théo. Eu sabia disso, então eu aproveitei.

— Amor, gostaria de poder fazer alguma coisa por você — ele falou, segurando minha mão entre uma contração e outra.

— Tem uma coisa que você pode fazer — falei suada e quase chorando de tanta dor, aproveitando a chance.

— O quê? Me diz que eu faço qualquer coisa!

— Registra nosso filho como Théo — gritei, apertando forte a mão dele, quando mais uma contração me rasgou.

— Tudo bem, vai ser Théo! — ele disse, sem pensar duas vezes.

Eu teria rido, vitoriosa, se não tivesse sentindo uma dor desgraçada. E assim, como Lorenzo era incapaz de não cumprir uma promessa, nosso bebê foi registrado do jeitinho que eu queria.



Quando Antonella estava prestes a fazer 2 anos e Théo 1 aninho, eu fui ao shopping escolher meu vestido para a festa deles. Deixei os dois em casa com a minha sogra e a babá e fui com Dimitri. Quando entrei em uma das lojas, não acreditei na minha sorte ao encontrar com a piranha da Pietra, que tenta roubar homens gostosos alheios. Eu nunca engoli a piranhagem que ela fez comigo e não pude acertar as contas com ela, porque não tive oportunidade, não até aquele momento. Fui até o corredor onde ela estava e a surpreendi.

— Achei que essa loja era mais bem frequentada — falei alto. Ela deu um pulo e me olhou assustada, assim como a vendedora que a atendia.

— Engraçado, eu pensei a mesma coisa — ela falou debochada.

— Eu nunca duvidei da sua capacidade para ser piranha, Pietra, mas achei que ao menos fosse uma puta mais esperta. Você achou mesmo que o meu homem ia querer você? Se enxerga, vagabunda!

— Cuidado, Camila, você está muito confiante. Você só sabe a versão que o seu marido te contou, nunca quis me ouvir. Não confie tanto nos homens.

— Eu confio em mim, em primeiro lugar. Sei que tendo uma mulher como eu, meu marido nunca iria querer você. Não um

homem como Lorenzo, o *meu* homem.

— Cuidado, amor, não se sinta tanto, principalmente depois de parir dois pivetinhos...

Não a deixei terminar de falar. Ela podia abrir aquela boca suja para falar o que quisesse de mim e até do Lorenzo, mas dos meus filhos não. Antes que ela pudesse prever, minha mão já estava socando aquela cara de vagabunda. Eu não perdi meu tempo com puxões de cabelo e arranhões e mostrei logo quem era Camila Esposito, a mulher de um mafioso fodão que a tinha ensinado a lutar.

Com o primeiro soco, ela já caiu no chão e a vendedora começou a gritar. Pulei em cima dela e dei outro soco. Dimitri me segurou, tirando-me de cima dela. A vendedora a ajudou levantar, e enquanto ela chorava, eu ria.

— Me solta, Dimitri! Eu vou ensinar essa piranha a não falar dos meus filhos.

— Se acalme, senhora, vai acabar matando a mulher — ele pediu, chocado.

— Tudo bem, você está certo. Pode me soltar que eu já estou mais calma — falei sonsa.

Eu sabia que não podia com a força dele, então fingi que me conformei para ele me soltar, porque eu ainda não tinha terminado com aquela piranha. Assim que ele me soltou, voei em cima dela novamente e nós caímos por cima dos manequins e araras da loja. Rolamos no chão, fazendo uma bagunça danada, quebrando algumas coisas e derrubando muitas outras.

Dimitri tentou me segurar, mas eu estava agarrada ao cabelo de Pietra e ninguém poderia me tirar. Um tempo depois, quatro seguranças do shopping chegaram e eu fui obrigada a soltá-la, antes que acontecesse uma tragédia. Tudo isso deu uma merda do caralho porque os homens nos levaram para a sala de segurança do shopping e disseram que iam chamar as autoridades, já que a vaca ficava gritando que eu tentei matá-la e exigia que chamassem a polícia.

Pietra estava toda arranhada e descabelada, chorando. Dimitri não soube o que fazer, já que estávamos em público, então ele pegou o celular e ligou para Lorenzo. O homem estava louco comigo, e eu não conseguia parar de rir quando olhava para a cara toda arranhada daquela piranha, me chamando de psicopata.

Os seguranças chamaram a polícia, Dimitri chamou Lorenzo e Pietra ligou para alguém, enquanto estávamos todos na sala de segurança. A polícia foi a primeira a chegar e tudo foi relatado, inclusive com a vendedora da loja testemunhando contra mim. Eu quase fui presa, mas tudo mudou quando meu segurança mencionou que eu era esposa de Lorenzo Esposito e que ele ficaria muito chateado se levassem a mulher dele presa. Os policiais desistiram da ideia, mas ficaram lá esperando o Lorenzo chegar.

Quando meu marido entrou na salinha minúscula, todo lindo e poderoso, com sua imponência de sempre, percebi que os outros homens se sentiram intimidados, pois ajeitaram suas posturas para recebê-lo.

— Boa tarde — ele falou com sua voz grossa e um semblante austero.

Em seguida, meu marido desviou os olhos em minha direção, e até eu me senti intimidada. Levantei e fui para junto dele, me sentindo confiante. Quando encostei nele, abracei-o e ele, ainda sério, beijou minha testa.

— Eu quero ir embora, estou preocupada com nossos filhos — falei, tentando amolecer um pouquinho Lorenzo, pois eu sabia que ele estava muito zangado.

Antes que meu marido me respondesse, o policial se meteu.

— Senhor, a sua esposa agrediu aquela mulher — o policial falou, antes que meu marido me respondesse.

Lorenzo o rebateu, automaticamente, demonstrando toda sua impaciência com a situação.

— Foi uma briga entre mulheres. Por que vocês ameaçaram prender minha mulher? Eu não vejo motivo para isso! — ele falou seco e o homem se retesou.

— Ela machucou a outra senhora.

— Minha mulher estava armada? — Lorenzo perguntou, puto.

— Não — o policial respondeu, cauteloso.

— Então, não vejo motivo para todo esse alarde. Foi uma briga justa, venceu a melhor. Vocês não deveriam estar ocupados com coisas mais importantes do que uma briga entre duas mulheres? — ele perguntou aos policiais, sem dar tempo para que respondessem, e se dirigiu à vendedora ali presente. — Eu vou pagar o prejuízo da sua loja, pode tratar tudo com meu segurança. Agora, eu vou levar minha mulher para casa, porque eu tenho que trabalhar e já perdi tempo demais aqui com essa besteira. Vamos, Camila.

Lorenzo esticou a mão para mim, eu a segurei e nós saímos dali. Ninguém ousou falar nada.

O meu homem nasceu para o crime. Deus o abençoe! Ele era todo poderoso e imponente, eu tinha sorte.

Lorenzo

Desde que entrei na sala de segurança do shopping, percebi que Camila estava doida para rir. Ela sabia que eu estava puto, mas não se importava.

— Pode desfazer essa cara de deboche. Você tem noção do problema que poderia ter arrumado?

— Amor, eles nem questionaram nada depois que você chegou — ela falou, rindo.

— Eu estava trabalhando e tive que largar tudo para vir te buscar, Camila. Eu estava no meio de uma reunião importante, quando Dimitri me ligou para avisar que minha mulher estava detida no shopping por ter agredido outra mulher — falei puto, mas ela continuou com cara de deboche.

Eu sabia que no dia em que ela encontrasse Pietra, não deixaria barato, mas o pior foi perceber que Dimitri, apesar de toda a preocupação, ficou orgulhoso do feito da minha mulher. O tom de sua voz ao me contar os detalhes não me deixou dúvida de que ele apoiava Camila.

— Eu já falei com você que, na época, coloquei-a em seu devido lugar, você não precisava fazer nada.

— Claro que eu precisava! Você acha que eu sou mulher de deixar passar uma coisa dessas, Lorenzo? Aquela puta mexeu com meu homem! — ela gritou, perdendo os ares de riso, pois sempre ficava muito irritada ao falar nesse assunto.

— O seu homem já tinha deixado claro para ela que era só seu. Você não precisava se preocupar — falei para acalmá-la. Eu não gostava de vê-la nervosa.

— Vingança é um prato que se come frio, Lorenzo. Eu só esperei o momento certo para acertar minhas contas com ela. Você

viu a cara da vagabunda? Ela ficou parecendo o Chuck, cheia de vergões na cara — Camila falou e riu alto.

Minha mulher era louca e forte pra caralho. Ela não teve nenhum arranhão, enquanto Pietra ficou destruída. Cheguei a sentir orgulho da encenqueira, mas não falei nada, claro.

— Impossível não ver, a mulher estava péssima.

— Ainda ficou chorando. Frouxa! Na hora de dar em cima do homem das outras é esperta, mas para encarar outra mulher, ficou chorando.

— Agora chega, né?! Já se vingou, deixa a mulher em paz.

— Talvez...

— Camila!

— O quê, Lorenzo? Deixa eu me divertir um pouquinho... Só você que pode?

Eu só olhei para ela, nem respondi. Minha mulher era a mistura do ser humano mais interessante e também mais louco que já conheci.

Lorenzo

Seis meses depois

Coloquei Antonella para dormir e saí do quarto dela aliviado, porque ela deu trabalho para dormir; Camila estava colocando Théo para dormir também. Eu amava os meus filhos, mas nossa rotina era cansativa pra caralho. Nos dias em que eu estava mais cansado era quando eles davam mais trabalho. Antonella ainda não tinha 3 anos e Théo, ainda ia fazer 2. Nós tínhamos dois bebês em casa.

Entrei em nosso quarto e Camila ainda não tinha voltado. Mal deitei na cama, ela entrou no quarto com Théo no colo. O moleque estava com os olhos totalmente acesos, sem sono nenhum.

— Toma, ele não quer dormir e eu tenho outras coisas para fazer. Coloca ele para dormir, já que você é o pai — ela falou, já me entregando nosso filho, que me olhava sorrindo, e entrou no banheiro parecendo nervosa.

— O que está acontecendo com a sua mãe, cara? E por que você não quer dormir? — perguntei para ele, que me olhava com uma cara de sapeca.

— *Mimi* não, *papa* — ele falou decidido e fofo.

O moleque era a minha cara, assim como Antonella. Camila ficava puta porque todo mundo dizia, e ela via, que os dois pareciam comigo.

— *Mimi* sim, *bambino*. Papai está muito cansado e a mamãe já está ficando brava. Você não notou? Aliás, sua *mama* anda muito estranha.

— *Mama* — ele repetiu.

Eu me levantei da cama, peguei-o no colo, fui para o quarto dele e coloquei-o no berço.

— Papai vai contar uma história para você dormir.

Peguei um dos livros que Camila comprou e comecei a ler a história dos três porquinhos para ele. No meio da história, ele dormiu.

Fiquei olhando meu filho dormir e pensando no caminho que já tínhamos percorrido e o quanto amadurecemos depois que nos tornamos pais.

Nossa maior dificuldade foi com Antonella, pois por sermos pais de primeira viagem, nada saía como o planejado. Muitas vezes, quando tentávamos fazer nossa filha parar de chorar, Camila chorava junto e eu ficava perdido vendo minhas duas garotas daquele jeito.

Ficamos ansiosos para nossa filha dar seu primeiro passinho, depois nos assustamos ao vê-la já correndo e percebemos como o tempo estava passando rápido. Às vezes, a gente não tinha ideia do que estávamos fazendo, mas eu aprendi que o amor de um pai não cabe nas certezas. Ela fazia eu me sentir fantástico, e a forma como ela me olhava demonstrando o quanto confiava em mim, era surreal.

Depois chegou o Théo, meu garotão. Eu achava que era completo, mas quando meu filho nasceu, eu me senti pleno. Quando olhei para aquela carinha enrugada, chorando logo depois do parto, eu quis chorar também. Senti uma emoção louca. No parto de Antonella, eu estava anestesiado pela adrenalina e nervoso pra caralho, então não tive tempo de assimilar muita coisa, mas no parto de Théo eu senti o amor mais cru e real correndo pelas minhas veias. Eu era pai de dois e, porra, eu nem sabia, mas isso era tudo o que eu queria para minha vida.

Voltamos para casa e, então, tínhamos dois bebês para cuidar. Contratamos uma babá, minha mãe também ajudava muito, mas a maior responsabilidade era nossa. Eu fazia absolutamente tudo por eles, ajudava Camila em tudo, sem machismo e sem frescura; e eles me retribuía com amor. Bastava eles me olharem e sorrirem para mim com aquelas boquinhas banguelas, que eu sentia que todo o cansaço valia muito a pena.

Eu aprendi a traduzir olhares e ouvi tanto "eu te amo" de duas pessoinhas que ainda nem sabiam dizer nenhuma palavra, que isso

compensava todo o trabalho que eles davam.

Meu filho dormiu. Liguei o abajur do quarto, peguei a babá eletrônica, apaguei a luz e, devagar, saí do quarto dele e fui para o meu. Quando cheguei lá, Camila ainda estava no banheiro. Estranhei, fui atrás dela e, quando entrei, ela estava de costas, parada em frente a pia e de cabeça baixa.

Aproximei-me dela, abracei-a por trás, beijei seu pescoço e senti ela ficar tensa. Estranhei e olhei para seu rosto no espelho, ela estava chorando.

— Lorenzo, não me toque. Me deixa em paz! — ela falou com raiva, antes mesmo que eu pudesse questioná-la.

Assustei-me com aquela rejeição. Estava acontecendo alguma coisa e, por mais que todo mundo tivesse o direito a ter seus momentos, eu não iria deixar que ela me excluísse.

— O que está acontecendo? Eu não vou sair daqui e deixar você assim, chateada. Eu sou seu marido e estarei sempre onde você estiver, é quase um direito constitucional. Ficou maluca?

— FIQUEI, EU REALMENTE ESTOU MALUCA! — ela gritou, me assustando.

— Fala baixo, porra! Vai acordar as crianças. Foi difícil pra caramba fazê-las dormirem — falei e notei que a expressão dela mudou de raiva para tristeza. Ela arrebentou meu coração de verdade. — Amor, o que foi? — perguntei.

Virei-a para mim. Dessa vez, ela não me rejeitou, pelo contrário, se agarrou a mim e chorou ainda mais, me deixando assustado.

— Camila, o que está acontecendo? Olha para mim, amor. Me fala — pedi nervoso, vendo a agonia dela.

Camila não respondeu e só chorava. Então, peguei-a no colo e levei-a para nossa cama. Deitei junto com ela e deixei que chorasse tudo o que queria. Quando ela finalmente se acalmou e me olhou, meu coração doeu. Ela estava com os olhos inchados e muito vermelhos.

— O que foi, Italianinha?

— Eu estou grávida novamente, Lorenzo. GRÁVIDA, cacete!
— ela respondeu, e eu esperava muitas coisas, menos isso.

Eu engoli em seco, quase sem acreditar que tinha ouvido direito. *Putá merda, agora sou eu que quero chorar.*

— Fala alguma coisa — ela pediu.

— Eu não sei o que dizer. Você não estava usando o DIU?

— Estava ou estou. A essa altura, eu já nem sei mais onde ele está, o bebê deve ter comido. E você não tem um pau, Lorenzo, tem uma varinha mágica, não é possível! Varinha não, porque aí não tem nada no diminutivo, mas mágica é, com certeza! A gente nunca mais vai transar, porque você tem um exército de espermatozoides invencível aí nesse saco — ela falou tudo rápido.
— O que eu estou falando? Sou a primeira a não aguentar um dia longe dessa sua máquina de produzir bebês. Merda, nós estamos tão ferrados!

Eu a olhava, achando que poderia ser piada, mas ela estava séria. Se eu mesmo não estivesse em choque, teria rido.

— Você tem certeza, fez o exame de sangue?

— Fiz o de farmácia, mas eu sei que estou grávida, já conheço a sensação. O que nós vamos fazer, Lorenzo? Três filhos?
— ela me perguntou sentida, já querendo chorar outra vez, e eu a abracei forte antes de responder.

— Nós vamos ter. O que mais podemos fazer? Vai dar tudo certo, nós vamos nos sair bem — falei, sem ter certeza nenhuma do que estava falando, mas com a certeza de que precisava acalmá-la.

Depois de chorar mais um pouco abraçada comigo na cama, Camila dormiu. Eu, no entanto, não consegui. *Três filhos, um atrás do outro... Putá merda!*

Epílogo

Lorenzo

5 anos depois

Eu estava trabalhando quando meu celular tocou. Meu coração gelou.

— Alô.

— *Senhor Lorenzo Esposito, é a Beatrice, diretora da escola da sua filha Antonella. O senhor poderia vir buscá-la e comparecer à diretoria para que possamos conversar um minuto?*

— Minha filha está bem?

— *Está tudo bem, mas houve uma briga entre ela e outra menina. Antonella levou uma advertência.*

— Estou indo.

Desliguei a chamada, peguei minhas coisas e saí com meu soldado.

As crianças estudavam nessa escola há dois anos. Como as coisas estavam em paz na máfia, nós quisemos trazer um pouco de normalidade à vida deles. É claro que nós patrocinávamos essa escola e tudo era rigorosamente controlado, inclusive a ficha de cada funcionário foi analisada minuciosamente.

Soldados faziam a segurança do colégio durante todo o tempo que eles estavam lá, e em toda a escola havia câmeras que podiam ser acessadas por todos nós em tempo real. A escola era perto da empresa, então diante de qualquer situação, eles ligavam primeiro para um de nós.

Quando cheguei ao colégio, fui direto à diretoria procurar Beatrice que, como sempre, me recebeu de forma simpática e exagerada.

— Bom dia — falei ao entrar na sala dela. — O que aconteceu?

— Bom dia, senhor. Eu o chamei porque Antonella demonstrou um comportamento bastante agressivo e brigou com uma menina, que saiu toda arranhada.

— Qual foi o motivo da briga?

— Nenhum motivo justifica a violência, senhor — ela automaticamente respondeu.

— Minha pergunta não foi essa — falei enfático.

— Eu não cheguei a perguntar, fiquei nervosa quando vi a outra menina machucada — ela respondeu sem graça.

— Minha filha não é uma criança violenta, muito menos agressiva. Ainda que o melhor caminho não seja esse, eu quero saber exatamente o que aconteceu e por qual motivo ela agiu dessa forma. Antonella é bem educada e bondosa, alguma coisa provocou seus instintos.

— Eu vou pedir para buscarem-na e nós perguntaremos — a mulher respondeu, ainda desconcertada, vendo que eu estava puto.

— Onde está o pai da outra criança?

— Nós ainda não o contactamos. A menina está na enfermaria passando antisséptico nos arranhões.

Eu tinha certeza de que existia uma explicação para aquilo. Antonella era uma menina tranquila, bem educada, calma, estava acostumada a conviver com outras crianças e se dava muito bem com os primos. Aquilo não era habitual. Eu estava puto que ninguém tentou escutá-la, ninguém tentou saber seus motivos.

A diretora saiu da sala nervosa e foi buscar minha filha. Ela já tinha percebido minha insatisfação com tantas suposições e nenhuma certeza. Se eu desconfiasse que minha filha estava sofrendo algum tipo de preconceito ali, onde deveria aprender sobre tolerância e respeito, essa Beatrice estava acabada. Minutos depois, minha filha chegou ao lado da diretora, andando de cabeça baixa.

Ao me ver, pareceu se sentir aliviada. Ela ergueu a cabeça e caminhou em minha direção toda linda, com a elegância de uma

princesa, que de fato ela era. Assim que chegou perto, eu me levantei da cadeira, abaixei para ficar na mesma altura que ela, abracei-a e beijei suas bochechas vermelhas e gordinhas. Depois, sentei-a na cadeira e, olhando em seus olhinhos idênticos aos meus, percebi que eles pareciam assustados.

— Bom dia, meu amor. Primeiro, quero que saiba que o papai não está aqui para te julgar. Eu quero que você me conte tudo o que aconteceu. O que levou você a tomar essa atitude ruim? Não precisa ter medo, pode falar a verdade.

Ela balançou a cabeça, concordando e parecendo um pouco envergonhada. Segurei sua mãozinha, que estava cruzada em seu colo, e continuei olhando para ela de maneira carinhosa, incentivando-a a falar.

— Papai, a Donatella é ruim. Ela zombou da minha amiga Bianca, que não pode andar. A Donatella falou coisas más para ela e eu não consegui me segurar. Isso já aconteceu outras vezes, a gente contou para a tia e ela não fez nada. O senhor pode até me colocar de castigo e dizer que isso foi errado, mas eu não me arrependo, pelo contrário, no momento estou me sentindo fabulosa — ela falou com o narizinho em pé e, naquele momento, vi a Camila nela.

Morri de orgulho e quis rir, mas me segurei. Eu nem sabia que minha filha conhecia a palavra “fabulosa”, certamente ouviu a mãe dizer.

— Calma, filha, nós vamos resolver tudo.

Olhei para a diretora que estava vermelha, e ela se apressou em se justificar.

— Nós nunca tivemos ciência dessa discriminação.

— Vocês investigaram? Por que você não traz as outras duas meninas aqui e resolvemos essa história?

As duas meninas foram chamadas e eu descobri que Donatella era filha de pais ricos, assim como Antonella. Já Bianca, uma das novas bolsistas da escola, era cadeirante e sofria preconceito.

Uma das exigências para patrocinarmos a escola era que fossem ofertadas bolsas para crianças carentes. Na época, eles alegaram que esse não era o perfil do colégio e que seria complicado misturar as crianças de pais ricos com as de pais menos favorecidos. Nós não cedemos e, com a ameaça da retirada do patrocínio e garantia a eles de um cheque bem gordo todo mês, eles atenderam nosso pedido.

Quando as outras duas meninas chegaram à diretoria, eu tive certeza de que Bianca estava, claramente, sendo discriminada. Fiquei puto pra caralho, principalmente sendo pai, aquilo me deixou furioso. A outra menina, Donatella, não negou que estava implicando com a coleguinha menos favorecida, ficando calada a maior parte do tempo. Quando foi questionada sobre o que minha filha e Bianca relataram, ela apenas confirmou de cabeça baixa. Eu não a culpava, pois era apenas uma criança, provavelmente a culpa era da criação que recebia.

Exigi que os pais das crianças fossem chamados. Os pais de Bianca chegaram primeiro e relataram que a menina, constantemente, chegava em casa deprimida, mas que os pais não reclamaram antes com medo de que a menina perdesse a bolsa. Garanti a eles que atitudes seriam tomadas. Bianca estava sofrendo preconceito não só pelas atitudes da coleguinha, como também pela direção da escola que não se importava em apurar os fatos por causa de sua diferença social.

A Amanda era assistente social e minha mãe e as outras mulheres da família estavam sempre envolvidas em assuntos assim, lutando contra a fome e o preconceito, então eu as colocaria à frente dessa situação para que toda a injustiça fosse resolvida.

No final de tudo, eu garanti aos pais de Bianca que ela não perderia a bolsa e nem sofreria mais preconceito dentro da escola. Eles me agradeceram muito e eu me surpreendi quando a menina se aproximou em sua cadeira de rodas, me estendeu a mãozinha e, quando eu segurei, ela apertou e sorriu, agradecendo.

Eu carregava o mal comigo, mas aquela garota era novinha demais para intuir o perigo, para entender que aquele ato de

bondade era nada perto de tantas maldades que eu já fiz na vida. Eu nunca faria mal a uma criança, no entanto não me sentia digno da simpatia delas, pois eu não era um cara bom e apenas me tornei mais humano depois que fui pai.

Bianca foi embora com os pais, e eu tive uma conversa séria com a diretora, deixando claro que as mulheres da minha família entrariam em contato para uma reunião com toda a direção do colégio e só depois seria resolvido se continuaríamos a patrocinar a instituição.

Ao sair da sala, segurando a mão de Antonella, ouvi algumas vozes exaltadas no corredor da escola.

— O que você fez dessa vez, garota? Você só me dá problema! Você acha que eu vivo à sua disposição? Eu tive que largar tudo e vir aqui por insistência da diretora. A inútil da sua mãe, como sempre, não atendeu o celular, provavelmente está presa em algum salão de beleza.

Eu conhecia aquela voz e não podia acreditar na porra da coincidência. Não era possível que aquele infeliz fosse o pai da menina. Pensando bem, fazia muito sentido se fosse.

Por instinto, peguei Antonella no colo, continuei meu caminho e, quando me aproximei deles, percebi que a Donatella estava chorando. Eu já sabia que Giovanni tinha se casado e tido uma filha que era um pouco mais nova do que a minha. Eu nunca deixei de ter alguém de olho nele, mesmo que, aparentemente, ele tivesse deixado de lado a fixação em Camila.

Quando ele percebeu minha presença se assustou.

— Está me seguindo, Lorenzo Esposito? Até na escola da minha filha... — ele falou debochado.

Eu tinha muita merda a dizer a ele e descobri, naquele momento, que minha vontade de matar o filho da puta não tinha passado, mesmo depois de tantos anos. Mas nós estávamos com nossas filhas e eu não faria uma merda.

— Desde que você fique fora do meu caminho e, principalmente, do caminho da minha família, continuará tudo em

paz. Você é menos do que nada para mim, Giovanni, eu ignoro totalmente sua existência. Tente, pelo menos, ser um bom pai para a sua filha — falei.

Não dei tempo para ele responder. Fui para o carro com Antonella, joguei a chave para o Guido, que me esperava lá fora, coloquei minha filha no banco de trás e sentei ao lado dela.

— Papai, você não gosta do pai da Donatella? — ela perguntou, me encarando com seus olhinhos curiosos.

— Eu não acho ele uma boa pessoa — respondi, resumidamente, porém sincero.

— Donatella puxou a ele, então.

— Não, filha. Ela ainda é uma criança. Provavelmente, ela não tem bons exemplos em casa, mas você pode tentar ajudar. Tente não julgá-la, antes de tudo. Talvez você possa se aproximar um pouco dela e influenciá-la com seu lindo coraçãozinho. As pessoas boas merecem nosso amor, mas as pessoas ruins precisam dele — falei. — Isso se aplica a crianças, é claro. O mundo dos adultos é completamente diferente. Tente entender porque ela é assim e talvez você possa mostrar a ela que esse não é o melhor caminho.

— Eu vou pensar. Ela é chata, mimada, encrqueira e perversa.

— Perversa? Quem te ensinou essa palavra?

— Eu ouvi por aí.

— A senhorita está muito espertinha — falei brincando. — O papai está muito orgulhoso de você, não por ter batido na menina, mas por ter se importado e combatido o preconceito e a injustiça — falei, tocando com meu dedo indicador, delicadamente, em seu narizinho. — Mas, da próxima vez, lembre-se de que você tem seu pai e sua mãe. Sempre que você vir algo que ache que é errado, conte para nós e vamos resolver juntos. Não pode sair por aí batendo nas outras crianças, meu amor.

— Tudo bem, papai — ela respondeu e me abraçou. Eu puxei-a para o meu colo e a enchi de beijos. Eu era pai de uma

princesa muito perfeita.

Camila

— “Sejas uma boa mãe e não mates seus próprios filhos” —
Inventei um versículo bíblico e respirei fundo, buscando forças em Deus para não surtar. — Deus, por que me ouviste? Era brincadeira quando eu dizia que queria cinco filhos.

Continuei meu papo íntimo com Ele, buscando calma. Minha mãe sempre me dizia que as palavras tinham poder e só então entendi que era verdade, pois eu sempre disse que queria cinco filhos e eu os tive. Eu, minha boca grande e meu juízo pequeno.

— Esse pedido, o Senhor não precisava atender! — falei novamente, tentando me acalmar antes do surto.

Depois da gravidez inesperada de Edward, eu engravidei mais duas vezes, de Gael e por último do meu caçula, Louis, um atrás do outro. Nenhum método contraceptivo funcionava comigo, era algo surreal. Meu sogro sempre nos zoava dizendo: “Vocês não brincam em serviço, é um fora e outro dentro”.

Nos últimos cinco anos, realmente foi assim, mas eu daria um basta naquilo, não tinha jeito. Eu faria uma cirurgia de laqueadura.

Olhei para a sala sem saber se ria ou se chorava, porque estava acontecendo uma guerra entre os meus 3 meninos e o bebê. *Meu Deus, tadinho do meu bebê!* Louis estava sentado em seu andador, coberto de farinha e só com os olhinhos de fora. Todo inocente, ele sorria e observava os irmãos. Eles estavam tão entretidos na guerra que nem me viram chegar na sala.

Antonella estava na escola, Lorenzo tinha ido trabalhar. Eu estava em casa, sozinha com os meninos, e só saí por cinco minutos para ir ao banheiro. Pedi a Théo, que era o mais velho dentre eles e que não tinha ido para a escola porque a professora estava doente, para olhar os irmãos por um minuto e, quando eu

voltei, encontrei todos eles cobertos de farinha, em uma guerra na sala da nossa casa.

— Théo, Edward e Gael Falcone Esposito, PAREM COM ESSA GUERRA AGORA! — falei firme, mas sem gritar, pois odiava levantar o tom de voz para eles.

Os três congelaram em seus lugares e me olharam.

— Mamãe, foi o Théo que começou! — Edward, que tinha apenas 5 anos, acusou o irmão.

— Eu não quero saber quem começou! Quero que vocês subam para tomar banho agora e, depois, vocês limpem toda essa bagunça que fizeram. Olhem para o seu irmãozinho, coitado.

Olhei para Louis, que me olhava sorridente, sem entender nada. Eu não sabia se ria ou chorava daquela imagem.

— Vão agora! — dei a ordem e eles saíram correndo para o andar de cima.

Louis esticou os bracinhos em minha direção, pedindo colo. Fui até ele e, quando olhei aquela carinha enfarinhada, aproveitei que minha gangue de pequenos mafiosos tinham saído da sala, não aguentei e caí na gargalhada. Louis riu junto comigo.

Quando coloquei meu caçula no colo, a porta da nossa casa se abriu e Antonella entrou seguida por Lorenzo. Meu marido logo arregalou os olhos ao se deparar com nosso montinho de farinha no meu colo.

— Por que meu filho está coberto desse pó branco? — ele falou e se aproximou de mim, me dando um selinho e beijando a cabecinha de Louis.

Eu me abaixei e beijei nossa filha, antes de responder.

— Porque eu saí um minuto de perto dos seus filhos e eles começaram uma guerra de farinha — falei e olhei novamente para o meu bebê.

— E onde estão os outros?

— Foram para o banheiro. Inclusive, eu preciso ir atrás deles para verificar se estão tomando banho direito — falei, suspirando.

Esses pestinhas me cansam demais.

— Amor, eu avisei que uma babá era pouco, mas você não quis me ouvir. Imprevistos como o de hoje acontecem e a gente fica na mão. Você ainda escolheu uma senhorinha, é claro que ela poderia adoecer a qualquer momento.

— Lorenzo Esposito, eu já te falei que nunca vou terceirizar a educação dos nossos filhos. Quem vai cuidar e criá-los somos eu e você, portanto uma babá é mais do que suficiente — esbravejei. — E claro que escolhi uma mais velha, ou você acha que eu botaria uma garotinha aqui dentro de casa para ficar babando você? Nunca, meu amor!

— Tudo bem, deixa que eu vou verificar o que eles estão fazendo no banheiro. E me dá esse aqui que vou dar banho nele também — Lorenzo falou, pegando Louis, e subiu para ver os meninos.

Olhei para Antonella e percebi que tinha algo errado.

— O que foi, bebê? Por que você está com essa carinha? Conta pra mamãe — perguntei, puxando-a para o sofá coberto de farinha.

Minha filha me contou tudo o que tinha acontecido e eu fiquei orgulhosa.

— Você agiu certo. Eu deveria te dizer que bater na menina foi errado, porque esse é meu papel de mãe, mas na verdade eu acho que foi bem feito — falei baixinho. — Não conte para o seu pai que eu falei isso.

Antonella desmanchou a carinha triste e se aconchegou em mim.

— Da próxima vez você fala com a professora e, se ela não fizer nada, você conta para a mamãe quando chegar em casa, tá bem?!

— Tudo bem, mamãe.

Lorenzo

Era sábado e estávamos todos reunidos no complexo. As mulheres tinham organizado um almoço em comemoração ao dia dos pais e até Frederico passou por lá com Anita.

Eles estavam oficialmente juntos e Camila estava muito feliz com a madrastra, pois a mulher era um anjo e estava cuidando do traste do pai dela. Nós continuávamos em trégua. Ele não aceitava a vida que eu levava, mas não se metia e respeitava a decisão da filha de ter me escolhido, além disso, ele não se metia nos meus negócios, ao passo que eu não me envolvia na vida dele. Nossa relação era fria e eu estava bem com isso.

Devo admitir que ele é um bom avô para os meus filhos e tem sido um bom pai para minha mulher.

As mulheres estavam agitadas para lá e para cá, como sempre, e nós estávamos sentados em uma grande mesa que tinha sido montada na área externa, onde as crianças corriam e brincavam, exceto Louis, que ainda não sabia andar e estava sentado no seu carrinho ao meu lado.

— Lorenzo, sinceramente, para de fazer filho, cara. Vocês estão descontrolados! — Raphael falou sarcástico, olhando para mim, enquanto eu pegava o brinquedo que Louis tinha jogado no chão.

— Eu não tenho culpa de ser uma máquina.

— Se Lorenzo continuar assim, eu vou até me preparar, porque estou ligeiramente desconfiado de que ele está montando sua própria máfia para tentar me tirar do poder — Pietro entrou na brincadeira.

— Até você, Pietro? Estou fodido com vocês.

— Máfia, eu não sei, mas uma creche, ele está montando com certeza — tio Matheo falou.

— Deixem o meu filho em paz, ele não tem culpa de ser tão viril. Na verdade, a culpa é minha, já que ele puxou a mim — meu pai falou orgulhoso. — E você, Raphael, é o que está mais fodido, porque tem duas meninas e só o Ethan, bem mais novo, para te ajudar a vigiá-las. Lorenzo, pelo menos, fez quatro meninos pra ajudar com a Antonella.

— Eu estou contando com a ajuda dos primos, já estou treinando o Noah, que é o mais velho — Raphael falou, sem se deixar abater.

Eles continuaram discutindo minha virilidade extraordinária, e eu me distraí quando vi Camila saindo de casa com uma travessa enorme de comida para colocar na mesa. Ela ficou ainda mais incrível e poderosa depois da maternidade e estava cada dia mais linda, segura e decidida; todas as qualidades que eu sempre amei nela.

Minha mulher também estava cada dia mais insuportavelmente convencida, mas isso era porque sabia quem ela era e o que ela podia! Sempre poderosa em cima do seu salto de 15 cm, ela sabia que no nosso lar, na minha vida e no meu coração, era ela quem mandava.

Nós discordávamos algumas vezes, outras brigávamos, mas éramos totalmente parceiros, na vida e no crime, como ela gostava de brincar. Todas as decisões sobre nossa família eram tomadas em conjunto, de acordo com as necessidades dos nossos filhos, em primeiro lugar, e depois com a nossa.

Camila conseguia ser perfeita em tudo e ser tudo ao mesmo tempo, como naquele momento. Ela estava maravilhosa, com um vestido longo florido e um decote discreto, mas que deixava seus seios, ainda inchados de leite, incríveis, e suas curvas ainda mais perfeitas depois das gravidezes. *Gostosa pra caralho!*

Uma mulher incrível, uma mãe amorosa e incansável. Eu babava nela pra caralho e, porra, era ciumento ao extremo. Gostaria

que ela usasse roupas que a deixasse menos tentadora, mas segurava meu lado machista, porque eu queria vê-la sempre feliz, nunca oprimida. Eu jamais iria ofuscá-la por causa do meu ciúme neurótico.

Quando eu era solteiro, a minha casa era sempre um ambiente silencioso e estéril, tudo muito limpo e organizado. Mesmo que eu mal ficasse em lá e não mexesse em nada, minha mãe mantinha tudo em ordem e, de vez em quando, a faxineira vinha.

Depois de casado, quando eu entrava em casa me deparava com brinquedos por toda a parte, crianças correndo — Charlotte correndo junto com eles —, e silêncio era a última coisa que eu encontrava. Às vezes, eu me estressava com nossa rotina, porque o trabalho ficava pesado em algumas épocas e, em casa, meus filhos exigiam muito da minha atenção; o bebê recém-nascido dormia pouco e os maiores tinham uma pilha infinita.

Camila nunca quis muitas babás cuidando dos nossos filhos e eu, apesar de querer diminuir o desgaste dela, também não gostava da ideia, então tínhamos apenas uma, e eu ficava cem por cento junto com Camila cuidando dos nossos filhos, sempre que estava em casa.

Eles davam muito trabalho, nos deixando de cabelo em pé, bagunçando toda a casa. Não conseguíamos ter sequer um minuto de silêncio, então eu tinha meus momentos... *Não me arrependo por tê-los, não tem como um pai pensar algo assim, mas confesso que já me senti esgotado e perdido em muitos momentos.*

Camila não, ela nunca!

Camila era totalmente perfeita e diferenciada. Ao invés de ficar reclamando de seu corpo depois das gravidezes, ela me fez contratar definitivamente aquela pessoal brasileira, Christiane Calixto. Também me fez montar uma academia em casa pois podia ficar mais perto e de olho nas crianças.

Todas as semanas, a clínica de estética praticamente vinha até minha casa para cuidar dela. Camila também dizia que fechamos a fábrica e, assim que Louis parasse de mamar no peito,

ela ia colocar silicone. Na minha opinião, ela continuava perfeita e linda, mas minha mulher era vaidosa e estava constantemente se cuidando.

Eu nunca fui um cara que sonhava com uma casa repleta de filhos. No início da fase adulta, jamais pensei sobre o assunto. Eu sempre fui sexualmente muito ativo, mas nunca desejei ser pai. Todos da família sempre diziam que uma hora o desejo chegaria, e eu não discutia, mas também não acreditava nisso.

No entanto, o contexto de uma relação estável e o desejo de fazer a mulher que eu amava feliz e realizada me fizeram mudar de ideia a partir do primeiro teste positivo que recebemos. A primeira gravidez foi intensa, provocou variações hormonais severas na Camila, hiperêmese gravídica, entre outras coisas. Além disso, na gravidez da Antonella a gente teve medo de absolutamente tudo. Eu queria poder carregar Camila no colo 24 horas por dia, tinha medo que ela caísse e se machucasse ou machucasse o neném, tinha medo de tudo. Na primeira vez, até o pânico de acontecer um aborto era assustador. Nas seguintes, eu já me senti mais relaxado, embora estivesse sempre vigilante.

Todos os partos foram normais, pois Camila não quis cicatriz. Apesar de dizer que a dor do parto era infernal, durava pouco, já a cicatriz, seria para o resto da vida. Eu sofria igual a um filho da puta, vendo-a sofrer. De todas as dificuldades da paternidade, essa era sem dúvida a mais difícil, já que nós, os pais, não podíamos fazer nada além de dar um apoio moral.

Pensando nisso, quando Camila decidiu fazer a cirurgia de laqueadura assim que Louis começasse a se alimentar sem ser apenas pelo leite materno, eu também tomei uma decisão.

Não foi fácil, pois meu orgulho, ego masculino e até um certo machismo precisaram ser jogados de lado. Eu pensei muito e precisei ser muito bem resolvido. Por último, conversei com meu pai e ouvi o que precisava.

— É o mínimo que você pode fazer por ela. E isso não vai te tornar menos homem, muito pelo contrário.

Naquele momento, eu compreendi que meu orgulho não era maior que meu amor por ela, nada no mundo era.

Eu sabia que se um dia essa minha decisão vazasse para a máfia, eu seria julgado, porque no nosso mundo, os homens se sentiam superiores às mulheres e achavam que certas atitudes demonstravam fraqueza. Eu não pensava assim, fazia minhas escolhas por mim mesmo. *Estou pouco me fodendo para o que vão pensar.*

Meu pai me ensinou uma coisa que nunca esqueci. Ele sempre dizia: *"Lorenzo, qualquer que seja sua escolha, que seja sua. Nunca se permita ser julgado pelos caminhos que decidiu trilhar, ainda que eles desafiem o senso comum"*. Eu carregava isso comigo.

Quando contei a Camila minha decisão, soube que tinha tomado a correta, porque a reação dela me tirou qualquer dúvida que ainda pudesse restar.

— Amor, eu andei pensando... — falei em uma noite, enquanto ela passava mais um de seus inúmeros cremes no corpo.

— Pensando no quê? — ela me perguntou, sem me dar muita atenção.

— Você foi tão corajosa, teve todos os partos normais para evitar cicatrizes, mas agora decidiu fazer uma cirurgia... — Antes que eu terminasse de falar, ela me cortou.

— É claro que sim, Lorenzo. Se eu não fizer, a gente não vai parar de ter filhos nunca mais. Eu amo ser mãe, mas cinco já é um número mais do que suficiente. Você já viu que nada dá certo com a gente. Eu engravidei tomando pílula, usando DIU... Nada é capaz de parar esses soldadinhos mafiosos que saem dessa sua metralhadora apetitosa. Então, eu vou precisar colocar um colete à prova de balas! — ela falou brincando.

— Talvez seja mais fácil tirar a munição da minha arma.

Minha mulher parou de passar o creme e me olhou.

— Como assim?

— Não é justo você passar por uma cirurgia, quando sofreu tanto para evitar uma cicatriz. Vai ser muito doloroso para você se recuperar do parto e da cirurgia, então eu decidi fazer uma vasectomia. Estive lendo sobre isso e vi que é um procedimento muito simples.

De todas as reações que eu imaginei que Camila teria, jamais imaginei aquela. Ela simplesmente desabou a chorar e não conseguia parar. Camila chorou muito, me deixando assustado, até que finalmente resolveu falar.

— Eu tenho tanta sorte — ela falou entre soluços. — Tenho o melhor homem do mundo ao meu lado. Eu nunca pensei que você pudesse ser tão perfeito. Vem cá, meu herói bandido.

Eu ainda estava perdido nos meus pensamentos quando ela se aproximou de mim e, depois de beijar a bochecha de Louis, se sentou no meu colo.

— Camila, se você ficar mais cinco minutos sentada aí, tenho certeza de que vai engravidar novamente — Raphael falou, arrancando risadas de todos, inclusive de nós dois.



Tivemos um dia dos pais muito agradável e tranquilo. Nesse momento das nossas vidas, minha casa estava silenciosa, e eu sempre era o último a dormir.

Entrei no meu quarto depois de me certificar de que os meninos estavam dormindo e olhei minha mulher esparramada na nossa cama. Quem a olhava tão calma dormindo, não imaginava o foguete que ela era. Fiz um carinho de leve em seu rosto para não acordá-la e me lembrei de quando a conheci.

Camila me parecia uma menina totalmente indefesa, mas bastou abrir a boca para eu perceber que de indefesa ela não tinha nada.

Em um segundo, ela não era ninguém e, no seguinte, se tornou meu tudo. Em um segundo, ela era proibida para mim, no

outro, era completamente minha. Em um segundo, ela era a filha de um juiz e no outro, a mulher de um mafioso.

Camila era minha mulher, mãe dos meus cinco filhos, todos feitos de amor, com o grande amor da minha vida.

Camila Esposito era a deusa absoluta do meu coração.

Fim



Leitora compulsiva, escritora por amor.

Formada em Farmácia bioquímica, carioca, 38 anos, ama ler e estar mergulhada no universo literário.

Seu romance de estreia foi publicado online em uma plataforma digital no ano de 2018, conquistando milhares de leitores, o que culminou na realização do sonho de publicar seu livro em ebook na Amazon e a inspirou a escrever ainda mais. Atualmente, alcançou mais uma conquista que foi publicar a versão física dos dois primeiros livros da série Chefes da máfia, que podem ser adquiridos no site da autora.

Até o momento, possui mais 7 romances, e desses, 4 são spin-off de sua obra inicial.

Sua maior motivação como escritora é a satisfação de poder levar um pouco de alegria e leveza para o dia a dia de seus leitores.

Acompanhe a autora:

Wattpad: www.wattpad.com/user/AryNascimentoAutora

Instagram: www.instagram.com/arynascimento_autora

Site: www.arynascimento.com